



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Thalita Nicolau Freire

Características de famílias notificadas por negligência infantil: padrões de cuidado e fatores associados

Ribeirão Preto  
2021



THALITA NICOLAU FREIRE

**Características de famílias notificadas por negligência infantil: padrões de cuidado e fatores associados**

**Versão original**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marina Rezende Bazon

Ribeirão Preto  
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Freire, Thalita Nicolau

Características de famílias notificadas por negligência infantil: padrões de cuidado e fatores associados, 2021.

253 p. : il : 30 cm

Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Bazon, Marina Rezende

1. Negligência Infantil; 2. Maus Tratos Infantis;
3. Fatores de Risco;

Nome: Freire, Thalita Nicolau

Título: Características de famílias notificadas por negligência infantil: padrões de cuidado e fatores associados

Dissertação apresentada à Filosofia, Ciência e Letras  
de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para  
a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Psicologia em Saúde e  
Desenvolvimento

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/2021

#### Comissão Julgadora

Prof.(a) \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.(a) \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_



ESTE ESTUDO FOI DESENVOLVIDO JUNTO AO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL (GEPDIP)

Apoio financeiro:

O desenvolvimento deste estudo contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mediante a concessão de bolsa de mestrado, processo número 88887.461801/2019-00, com vigência de agosto de 2019 a novembro de 2021.







## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marina Rezende Bazon, pelo direcionamento e pelas ricas discussões sobre o tema, que muito contribuíram para meu maior entendimento sobre este assunto, que tanto me interessa, e para a realização deste trabalho.

Aos conselheiros tutelares, que me acolheram e me ensinaram do dia a dia dos serviços de proteção, e também das dificuldades que enfrentam no exercício de suas funções, e que, apesar de tudo, buscam se atualizar e atuar da melhor forma possível.

Às famílias que aceitaram participar da pesquisa, pelo tempo dispendido e pela receptividade em tratar de assuntos tão delicados.

Ao Eduardo, pela enorme ajuda na coleta de dados.

Aos meus amigos e colegas do GEPDIP, pelas discussões, auxílios e pelo apoio ao longo dessa jornada.

Aos meus amigos de fora do GEPDIP, pelo apoio emocional e incentivo constantes.

Ao apoio concedido a esta pesquisa pela CAPES, processo número 88887.461801/2019-00

E à minha família, pelo suporte ao longo de toda minha trajetória acadêmica, por acreditarem em meu potencial, e por incentivarem meu gosto pela pesquisa.



## RESUMO

Freire, T. N. (2021). *Características de famílias notificadas por negligência: padrões de cuidado e fatores associados*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A negligência é uma forma prevalente de maus-tratos a crianças/adolescentes, associada a diversas consequências negativas ao desenvolvimento infantil. Ela é, entretanto, ainda pouco estudada. As pesquisas internacionais cresceram significativamente nos últimos 20 anos, mas no Brasil o interesse acadêmico pelo tema é incipiente. Assim, sua compreensão, bem como importância se veem afetadas e, por conseguinte, não se percebe projetos ou planos/políticas específicas, a exemplo do que se nota com as outras formas de maus-tratos (os abusos físico e sexual, por exemplo). O presente estudo visou colaborar com a produção de conhecimento sobre esse fenômeno, norteando-se pelo objetivo de caracterizar famílias notificadas por negligência ao sistema de proteção, visando melhor conhecer este fenômeno no contexto sociocultural brasileiro. Lançando mão de uma definição operacional e de indicadores baseados em evidências científicas, visou-se caracterizar as famílias quanto aos padrões de cuidado dispensados aos filhos e a mecanismos considerados fundamentais à negligência: vinculação familiar e acesso/disponibilidade a apoio social. Foram coletados dados junto a 14 participantes, representando 14 famílias notificadas nos Conselhos Tutelares de Ribeirão Preto–SP. Essas responderam oralmente, na forma de uma entrevista, aos seguintes instrumentos: Questionário para Caracterização Socioeconômica e sobre Eventos Adversos na Família; *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales IV*; Questionário de Apoio Social; Lista de Verificação Comportamental (CBCL); Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada sobre Práticas de Cuidado/Criação dos Filhos e Desenvolvimento Infantil. Os dados coletados com a Entrevista sobre Práticas de Cuidado, especificamente, permitiram o preenchimento do *Child Neglect Index* (CNI), cujo objetivo é avaliar tipos e severidade da negligência. A avaliação caso a caso, segundo as categorias do CNI, foi feita de forma independente, por dois pesquisadores, que os agruparam, a partir de altos níveis de concordância, em dois grupos: com indicadores consistentes de negligência (ICN) (n = 5) e com indicadores não consistentes de negligência (INN) (n = 9). A partir desse agrupamento, foi realizado um estudo de casos múltiplos para caracterização das famílias nos mecanismos mencionados e em outras variáveis de interesse. Nas famílias do grupo ICN observou-se vinculação familiar frágil, com descrições negativas dos filhos pronunciada, assim como distanciamento afetivo, além da experiência de pouco apoio social. Quanto ao grupo INN, os indicadores de vinculação e de apoio social percebido foram melhores. Observou-se que, em grande parte, as notificações no grupo INN aconteceram em contexto de disputa de guarda. Os grupos ainda se diferenciaram no tocante à violência intrafamiliar (mais recorrente, porém mais normalizada em ICN), assim como na percepção da ação do órgão de proteção (mais negativa/intrusiva no grupo INN). O estudo faz questionar a pertinência da aplicação do rótulo negligência para uma parte das famílias estudadas e aporta subsídios que confirmam a importância dos mecanismos vínculo e apoio social. Apesar dos limites do estudo, baseado em autorrelatos, com uma amostra reduzida, ele deixa claro a necessidade de se estabelecer protocolos de avaliação consistentes, frente às notificações, para que os aspectos relevantes às intervenções psicossociais sejam identificados. Investigações com amostras maiores, com triangulação de métodos, devem ser implementados, para se avançar nesta direção.

**Palavras-chave:** Negligência Infantil; Maus Tratos Infantis; Fatores de Risco



## ABSTRACT

Freire, T. N. (2021). *Characteristics of families reported for child neglect: standards of care and associated factors*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Neglect is a prevalent form of child maltreatment, associated with several negative consequences child development. It is, however, still understudied. International research has grown significantly over the last 20 years, but in Brazil academic interest in the subject is incipient. Thus, its understanding, as well as its importance, are affected and, therefore, specific projects or plans/policies are not seen, as is observed with other forms of maltreatment (physical and sexual abuse, for example). The present study aimed to collaborate with the knowledge production about this phenomenon, guided by the objective of characterizing families notified for neglect at the protection system, aiming to better understand this phenomenon in the Brazilian sociocultural context. Using an operational definition and indicators based on scientific evidence, the aim was to characterize families in terms of the standards of care provided to their children and mechanisms considered fundamental to neglect: family bonding and access/availability to social support. Data were collected from 14 participants, representing 14 families notified in the Guardianship Councils of Ribeirão Preto-SP. They responded orally, in the form of an interview, to the following instruments: Socioeconomic Characterization and Adverse Events in the Family Questionnaire; Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales IV; Social Support Questionnaire; Behavioral Checklist (CBCL); Semi-Structured Interview Guide on Child Care/Raising Practices and Child Development. The data collected with the Care Practices Interview, specifically, allowed the completion of the Child Neglect Index (CNI), whose objective is to assess types and severity of neglect. The case-by-case assessment, according to the CNI categories, was carried out independently by two researchers, who grouped them, based on high levels of agreement, into two groups: with consistent indicators of neglect (ICN) ( $n = 5$ ) and with inconsistent indicators of negligence (INN) ( $n = 9$ ). From this grouping, a multiple cases study was carried out to characterize the families in the mentioned mechanisms and in other variables of interest. In the families of the ICN group, a fragile family bond was observed, with pronounced negative descriptions of the children, as well as affective distance, in addition to the experience of little social support. As for the INN group, the indicators of attachment and perceived social support were better. It was observed that, for the most part, the notifications in the INN group took place in the context of a custody dispute. The groups still differed in terms of intrafamily violence (more recurrent, but more normalized in ICN), as well as in the perception of the actions of the protection agency (more negative/intrusive in the INN group). The study questions the relevance of applying the label negligence for a part of the studied families and provides subsidies that confirm the importance of the bond and social support mechanisms. Despite the study limitations, based on self-reports, with a small sample, it makes clear the need to establish consistent assessment protocols, considering the notifications, so that aspects relevant to psychosocial interventions are identified. Investigations with larger samples, with triangulation of methods, must be implemented in order to advance in this direction.

**Keywords:** Child neglect; Child Maltreatment; Risk factors



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese dos fatores de risco e protetivos à negligência de crianças/adolescentes na família .....	28
Tabela 2 – Casos de negligência por Conselho Tutelar: Processo de seleção de casos a serem contactados .....	35
Tabela 3 – Casos de negligência por Conselho Tutelar: perdas ao longo do processo de contato e número final de participantes/casos acessados .....	35
Tabela 4 – Caracterização sociodemográfica das famílias no Grupo ICN .....	48
Tabela 5 – Renda <i>per capita</i> máxima nas famílias no Grupo ICN .....	49
Tabela 6 – Condições de moradia e satisfação com o bairro e apoio social no Grupo ICN .....	49
Tabela 7 – Níveis de negligência observados para o Grupo ICN .....	54
Tabela 8 – Grau de equilíbrio quanto à coesão nas famílias das participantes no Grupo ICN .....	58
Tabela 9 – Problemas de comportamento observados quanto aos filhos de 6 a 18 anos no Grupo ICN .....	60
Tabela 10 – Problemas de comportamento observados quanto aos filhos de 1 ano e meio a 5 anos no Grupo ICN .....	61
Tabela 11 – Níveis de apoio social percebidos pelas participantes no Grupo ICN .....	63
Tabela 12 – Caracterização sociodemográfica das famílias no Grupo INN .....	69
Tabela 13 – Renda <i>per capita</i> máxima nas famílias no Grupo INN .....	71
Tabela 14 – Condições de moradia e satisfação com o bairro e com o apoio social no Grupo INN .....	72
Tabela 15 – Níveis de negligência observados para o Grupo INN .....	76
Tabela 16 – Grau de coesão e satisfação familiar das participantes no Grupo INN .....	77
Tabela 17 – Problemas de comportamento observados quanto aos filhos de 6 a 18 anos no Grupo INN .....	80
Tabela 18 – Problemas de comportamento observados quanto aos filhos de 1 ano e meio a 5 anos no Grupo INN .....	82
Tabela 19 – Níveis de apoio social percebidos pelas participantes no Grupo INN .....	84





## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
1.1 O conceito de negligência .....	19
1.2 Negligência e pobreza .....	22
1.3 Fatores de risco à prática negligência .....	25
1.4 O presente estudo: justificativa .....	29
1.5 Referencial teórico .....	30
1.6 Objetivos .....	31
<b>2 MÉTODO</b> .....	<b>33</b>
2.1 Delineamento do estudo .....	33
2.2 Seleção dos casos e caracterização das participantes .....	34
2.3 Instrumentos .....	36
2.4 Procedimentos de coleta de dados .....	43
2.5 Procedimento de análise dos dados .....	44
2.6 Aspectos éticos .....	46
<b>3 RESULTADOS</b> .....	<b>47</b>
3.1 Caracterizando e compreendendo as famílias do grupo com indicadores consistentes de negligência – Grupo ICN .....	47
3.1.1 Caracterização sociodemográfica geral .....	47
3.1.2 Teor das notificações .....	52
3.1.3 Padrões de cuidado/proteção dispensados aos filhos: categorias/tipos de negligência e sua severidade .....	53
3.1.4 Vinculação familiar .....	57
3.1.5 O desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes – indicadores de problemas internalizantes e externalizantes .....	59
3.1.6 Relações sociais .....	63
3.1.7 Temas e fatores de risco .....	64
3.2 Caracterizando e compreendendo as famílias do grupo sem indicadores consistentes de negligência – Grupo INN .....	68
3.2.1 Caracterização sociodemográfica geral .....	68

3.2.2 Teor das notificações .....	73
3.2.3 Padrões de cuidado/proteção dispensados aos filhos: categorias/tipos de negligência e sua severidade .....	75
3.2.4 Vinculação familiar .....	77
3.2.5 O desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes – indicadores de problemas internalizantes e externalizantes .....	79
3.2.6 Relações sociais .....	84
3.2.7 Temas e fatores de risco .....	85
<b>4 DISCUSSÃO .....</b>	<b>91</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>115</b>
Anexo A – Carta de aprovação do comitê de ética em pesquisa com seres humanos .....	115
Apêndice A – Questionário para caracterização socioeconômica e de eventos adversos na família .....	117
Apêndice B – Roteiro de entrevista semi-estruturada sobre práticas de cuidado/criação dos filhos .....	121
Apêndice C – Estudos de caso individuais .....	125

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O conceito de negligência

A negligência infantil é uma das formas de maus-tratos de maior prevalência na sociedade (Pasian, Faleiros, Bazon & Lacharité, 2013); porém, é a menos estudada no âmbito acadêmico e, por conseguinte, é a menos compreendida. Nessa esteira, há desafios que envolvem a negligência desde a sua conceitualização, sendo que a existência de fragilidades nesse plano impacta ações relativas a sua identificação e consubstanciação, ou seja, a uma avaliação segura das situações assinaladas, na comunidade, como tal, de modo a classificá-las adequadamente.

Tomando a definição proposta pela UNICEF (2014) como um exemplo, tem-se que a negligência seja uma “falha em prover necessidades básicas da criança *quando há condições de fazê-lo* [itálico nosso]”, propondo a existência de cinco categorias: **negligência física** (faltas em prover necessidades básicas como alimentação, moradia e vestimenta adequada); **negligência psicológica ou emocional** (faltas em oferecer apoio emocional, amor e atenção); **negligência da saúde** (faltas em prover cuidados médicos essenciais); **negligência educacional** (faltas em prover condições adequadas ao bom desempenho escolar das crianças, por ausência de ajuda e/ou de supervisão); e o **abandono infantil** (UNICEF, 2014). Trata-se de uma definição ampla de negligência, que oferece uma concepção geral, mas “difícil de se implementar” (Dubowitz, Black, Starr, & Zuravin, 1993, p. 11), na medida em que deixa em aberto a questão de quais comportamentos/ações poderiam/deveriam ser considerados no escopo de cada modalidade, oferecendo ampla margem para interpretações, que podem variar segundo cada observador. Nesse tocante, tem-se, ainda, a influência da cultura sobre aquilo que se considera ou não negligência; ou seja, o aceitável e o inaceitável, em termos de cuidado e de proteção infantil, pode variar topograficamente de acordo com a cultura, o que dificulta a proposição de uma definição nosológica universalmente aceita (Glaser, 2011).

Tendo essa questão em vista, qual seria o comportamento esperado dos pais/responsáveis quando se define, por exemplo, que a negligência emocional envolve faltas em oferecer apoio emocional? Que comportamentos são considerados “oferecer apoio emocional”? Na visão fenomenológica de Bronfenbrenner, a forma como o ambiente é percebido (e nele se incluem as interações dos membros implicados nas relações com a pessoa em desenvolvimento) tem maior importância para o desenvolvimento que o ambiente em si, enquanto realidade objetiva (Bronfenbrenner, 1979). Dessa forma, como a pessoa em

desenvolvimento percebe as atitudes e as ações parentais, do seu ponto de vista, pode concorrer para que experiencie a situação como desamparo (a signifique negativamente), ou não. Apesar da percepção, tem-se também as considerações sobre quais ações (ou falta delas) tem potencial para impactar negativamente o desenvolvimento infantil, sendo que isso ainda varia de acordo com a fase de desenvolvimento da criança. Deixar uma criança de seis anos sozinha, em casa, para qualquer que seja a atividade, mesmo que seja para uma legítima, como trabalhar, pode ter consequências negativas muito graves para a criança; portanto, seria uma situação passível de ser classificada como negligência. O mesmo, contudo, não se aplicaria se a situação envolvesse um adolescente saudável, dadas as diferenças quanto às capacidades e necessidades desenvolvimentais (Crouch & Milner, 1993).

Apesar das dificuldades apresentadas pelas definições conceituais amplas, Dubowitz e colaboradores (1993) as consideram superiores às definições mais restritas de negligência. Para os autores, as definições mais restritas, focadas em omissões de cuidados parentais como por exemplo “falha em prover ou permitir cuidado necessário de acordo com recomendações de um profissional da saúde competente para uma lesão física, doença, condições médicas ou de dano” (U.S. Department of Health and Human Services, 1988, como citado em Dubowitz et al., 1993, p. 11), implicam, em geral, em uma culpabilização de um dos membros da família e dão pouca importância aos fatores contextuais que influenciam sua ocorrência (Dubowitz et al., 1993). LaFantaisie, St-Louis, Bérubé, Milot e Lacharité (2020) reiteram esse posicionamento, criticando as teorias individualizantes que acabam por tornar os pais (e na maioria dos casos, apenas as mães), os responsáveis pela negligência, sem levar em conta os outros fatores envolvidos em sua ocorrência, como os contextuais e ambientais. Essa tendência à culpabilização das mães é um aspecto extremamente relevante, ao qual se deve atentar. Ainda que se discuta a negligência em termos de qualidade de relações entre a criança /o adolescente e os seus ‘pais’ (nesse caso, ambos os pais), há uma supernotificação “de mães”, provavelmente derivada de crenças de que o cuidado com as crianças é uma função exclusivamente materna, equiparando, assim, o conceito de “família negligente” ao de “mãe negligente” (Mata, Silveira, & Deslandes, 2017). Isso é ainda mais passível de acontecer quando se lida com famílias monoparentais chefiadas por mulheres, situação em que a mãe se vê sozinha como única responsável pelos cuidados com a criança (Mata et al., 2017). Nesse caso, o afastamento do pai (genitor) dos filhos, e sua autodesresponsabilização com relação à parentalidade, não é, muitas vezes, nem mesmo reconhecido como uma forma radical de negligência (o abandono).

A negligência, via de regra, remete “ao que está faltando”, em termos de cuidado e de proteção (diferentemente daquilo que se focaliza quando o objeto de interesse são os abusos).

Este aspecto torna mais difícil sua identificação e consubstanciação. Como ato de omissão, os profissionais que atuam nessa área precisam estar alertas para o que “não é feito” pelos pais/responsáveis, a fim de “diagnosticar” uma situação como negligência, sendo muito mais difícil identificar e nomear a ausência de ações ou de comportamentos parentais, e demonstrar que a “ausência” está causalmente ligada a danos significativos (efetivos e/ou potenciais) à criança / ao adolescente, particularmente relacionados ao desenvolvimento bio-psico-social (na forma de atrasos).

Alguns subtipos de negligência são mais fáceis de identificar que outros. Parkinson, Bromfield, McDougall e Salveron (2017) apontam que as formas de negligência mais facilmente identificadas são aquelas em que são observadas consequências claras e óbvias como, por exemplo, acidentes e lesões causadas por falta de supervisão, problemas de saúde e absenteísmo escolar. Contudo, a maioria das consequências da negligência manifesta-se a médio e longo prazo. Por conta do tempo que geralmente transcorre entre “o cuidado negligente” e a manifestação de suas consequências, boa parte dos casos se torna difícil de consubstanciar e acaba perdendo prioridade frente aos outros tipos de maus-tratos, nos serviços de proteção (Parkinson et al., 2017).

Em efeito, a negligência quase sempre envolve situações crônicas, que não são fáceis de identificar a partir de incidentes específicos (Hildyard & Wolf, 2002); essas podem ser situadas em um contínuo cujas extremidades são um cuidado extremamente adequado (ou necessidades infantis totalmente respondidas) e um cuidado totalmente inadequado (ou necessidades infantis absolutamente não respondidas). Assim, depreende-se que é muito difícil estabelecer o ponto em que o cuidado passa de aceitável à inaceitável, de modo a poder ser concebido como negligente (Dubowitz et al., 2005).

Todos esses desafios relacionados à avaliação (identificação e consubstanciação) de situações notificadas como negligência implicam em dificuldades ao acompanhamento psicossocial dos “casos”, visando à modificação dos padrões de cuidado infantil, na família, quando se decide pela sua necessidade. Não é raro haver baixa adesão dos pais/responsáveis aos programas de acompanhamento e às tarefas propostas, sendo comum que eles não sigam as orientações e não cumpram os combinados estabelecidos (Jones & Logan-Greene, 2017; Sykes, 2011), seja porque nem mesmo apreendem o fato de haver uma avaliação negativa de suas práticas (Martins, 2006; Sykes, 2011), seja porque, ao apreender esse sentido da avaliação, não a aceitam e se sentem injustiçados, comparando-se a pais/cuidadores envolvidos em abusos que, em suas percepções, seriam piores (Sykes, 2011).

De maneira objetiva, Dubowitz e colaboradores (1993) propõem que a definição de negligência deve ser estabelecida independentemente daquilo que a possa ter causado, tendo como base os impactos no desenvolvimento infantil, considerando que eles são os mesmos independentemente dos fatores que levaram à situação de negligência. Em síntese, os autores concebem que a negligência “(...) ocorre quando as necessidades básicas da criança não são atendidas, *independentemente da causa* [itálico do autor]. ‘Necessidades básicas’ incluem moradia, alimentação, cuidado com a saúde, vestimenta, educação, proteção e acalento (*nurturance*) adequados” (Dubowitz et al., 1993, p. 12). Como *adequados* eles definem como “suficientes de forma a não causar dano ou risco significativo de causar dano” (p. 12).

Apesar de correto o conceito de que, independente da causa, a negligência tem potencial para produzir ou produz certos prejuízos no desenvolvimento infantil, não levar em conta os fatores associados à sua manifestação impõem, em geral, um problema de natureza prática, por ocasião da elaboração e da implementação de programas de intervenção adequados, além de também dificultar a devida e aprofundada compreensão desse fenômeno. Nesse sentido, a definição proposta pela UNICEF (2014), que concebe a negligência como “falha em prover necessidades básicas da criança quando há condições de fazê-lo”, parece melhor, pois ajuda a focalizar a qualidade das interações familiares, depois de ponderar o peso de outros fatores que podem impactar o provimento das necessidades das crianças, o que ajuda a prevenir erros de avaliação, como os que podem ocorrer em situações limítrofes, nas quais negligência e pobreza parecem confundidas.

A negligência é um fenômeno frequentemente associado à pobreza (ou mais especificamente à miséria), o que dificulta o seu diagnóstico, em certas realidades socioculturais, pois alguns de seus indicadores típicos na criança (como má alimentação/nutrição, vestimenta inadequada, etc.), podem, na verdade, ser decorrentes da condição socioeconômica da família que afeta indistintamente todos os seus membros (Bazon, Faleiros & Pasian, 2013). Por conta disso, incluir a ideia de que a negligência remete àquelas situações em que na família há condições de atender às necessidades básicas da criança, mas essas deixam de ser atendidas, é fundamental para identificá-la adequadamente.

## **1.2 Negligência e pobreza**

Por definição, não podem ser consideradas negligência situações decorrentes de dificuldades socioeconômicas (UNICEF, 2014). Entretanto, uma pesquisa recente demonstrou

que mães consideradas negligentes possuíam empregos menos qualificados e, conseqüentemente, salários mais baixos, quando comparadas a mães de que se suspeitava de negligência, mas que não haviam sido notificadas aos Conselhos Tutelares e, principalmente, quando comparadas a mães em relação às quais não havia suspeita de negligência (Pasian, Benitez & Lacharité, 2020). Nessa pesquisa, 57% das mães consideradas negligentes e 50% das suspeitas de negligência realizavam trabalhos manuais contra 20% das mães não suspeitas de negligência. Quanto a trabalho especializado, nenhuma das mães negligentes ou suspeitas de negligência possuíam cargos especializados e 15% das mães sem suspeita de negligência o possuíam (Pasian et al., 2020). As diferenças no tipo de trabalho/emprego refletem os diferentes níveis escolares das mães participantes e, conseqüentemente, as diferenças salariais entre elas, ainda que todas tenham sido recrutadas em um mesmo bairro/região (Pasian et al., 2020).

Mata e colaboradores (2017) discutem que os comportamentos considerados adequados quanto aos filhos remetem a um ideal concebido a partir daquilo que é mais característico de uma determinada camada social. Tudo que é diferente e se afasta deste “ideal” de prática pode ser considerado negligência pelos órgãos responsáveis por garantir os direitos de crianças e adolescentes. A dúvida levantada põe em questionamento se as famílias consideradas negligentes o são de fato - sobretudo as de camadas pobres da população -, ou se a avaliação sofre interferência de preconceitos de classe social, associados a uma comparação entre o comportamento parental idealizado e esperado, tendo por referência práticas próprias de uma classe social, e os comportamentos possíveis, contextualizados, muitas vezes, em meios bastante adversos (Mata et al., 2017). À título de exemplo, pode-se citar a decisão de não deixar os filhos irem à escola em função da distância entre escola e residência e/ou por dificuldades relacionadas ao transporte adequado/eficiente, para isso (Mata et al., 2017). Em termos de consequência, esse ato é similar ao da ausência de preocupação com a frequência escolar dos filhos, ou a chamada “negligência escolar”. Entretanto, quem seria o agente negligente no primeiro caso: os pais/responsáveis, que não levaram os filhos à escola ou o Estado por não prover condições adequadas para que isso ocorresse? Essa discussão não é recente, e já havia sido feita por Newberger (1990, como citado em Dubowitz et al, 1993), assim como por Dubowitz e colaboradores (1993), ao apontarem para a dificuldade de se aceitar (apesar de ampla evidência científica) que fatores sociais influenciam os maus-tratos infantis.

Como apontam Ruiz-Casares e colaboradores:

Em contextos de pobreza generalizada e serviços de apoio com recursos inadequados, a questão do que constitui negligência parental vs. governamental

adquire particular relevância e sugere o uso da negligência como um substituto da resposta falha do Estado, enquanto clama por indicadores de bem-estar infantil individual e em outros níveis (Ruiz-Casares, Lacharité & Martin, 2020, p. 365)

No Brasil, a atribuição de responsabilidade aos pais/cuidadores, pela negligência, desconsiderando os fatores socioeconômicos, não é incomum. Segundo alguns especialistas, esse fenômeno inclusive se intensificou com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (Fonseca & Cordarello, 1999), devido ao enfoque adotado pela lei, na cultura jurídica que se privilegiou no País, de focalizar os direitos dos indivíduos e/ou grupos específicos – no caso crianças e adolescentes – e não os da coletividade, como é o caso da família. Nesta esteira, as violações dos direitos das crianças e adolescentes, decorrentes de falhas nas respostas às suas necessidades, ainda que associadas a dificuldades materiais da família, e não à sua inapetência para cuidar e/ou educar, têm como *locus* privilegiado de “avaliação e cobrança” os pais/responsáveis. Assim, se favorece ações de criminalização e penalização da pobreza, devido à incorreta identificação e intervenção em casos de negligência.

Conforme escrevem Fonseca e Cordarello (1999):

A passagem do ‘problema sócio-econômico’ para a ‘negligência’ revela uma mudança de enfoque na visão da infância pobre e da sua família no Brasil. Se em 1985 considerava-se que motivos como ‘mendicância’, ‘maus tratos’, ‘desintegração familiar’ e ‘doenças do menor’ eram decorrência direta de ‘problemas sócio-econômicos’, hoje, mais do que nunca, a família pobre, e não uma questão estrutural, é culpada pela situação em que se encontram seus filhos. É ela que é ‘negligente’, maltrata as crianças, as faz mendigar, não lhes proporciona boas condições de saúde, enfim, ‘não se organiza’. Em suma, parece que a família pobre – e não o ‘Poder Público’ ou ‘a sociedade em geral’ – é o alvo mais fácil de represálias. Cria-se então uma situação particular em que a noção de ‘criança cidadã’ leva como complemento quase inevitável a de ‘pais negligentes’ (Fonseca & Cardarello, 1999, p. 107)

Dada a natureza complexa desta forma de maus-tratos, é necessário que ao analisar uma situação em que se suspeite de negligência, se tenha cuidado com preconceções sobre cuidado infantil, baseadas em ideais de classe social, levando em conta os diversos fatores que podem estar envolvidos, e não apenas fatores pessoais/individuais atinentes aos pais/responsáveis (ou às mães), considerando as relações que se processam na família e da família com o entorno comunitário.



### 1.3 Fatores de risco à prática negligente

A negligência infantil é a forma de maus-tratos mais comumente notificada aos órgãos de proteção em diferentes sociedades (Pasian, Faleiros, Bazon, & Lacharité, 2013). No Brasil, estatísticas disponibilizadas pelo Disque 100 apontaram que, apenas no primeiro semestre de 2019, foram realizadas 57.279 denúncias de negligência infantil pela plataforma, contra 34.325 denúncias de abuso psicológico, 26.551 de abuso físico e 10.046 de abuso sexual (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, n.d.).

Em função da frequência de notificações, houve, internacionalmente, aumento no número de investigações científicas sobre negligência, a partir da década de 1990, embora o volume de pesquisas sobre este tema permaneça menor que aquele sobre os abusos, especialmente o físico e o sexual. Parte dos estudos realizados até aqui se dedicaram a identificar fatores de risco especificamente associados à negligência infantil, principalmente em uma perspectiva ecossistêmica (Belsky, 1980, 1993), de forma a reforçar a importância de identificar e de realizar intervenções de prevenção e de tratamento precoces. Investigações mais recentes enfatizam os fatores situados no microsistema “família” (relacionados aos filhos, aos pais e ao contexto imediato) e no exossistema (atinentes às dificuldades e aos recursos no entorno comunitário) devido ao peso relativo que as variáveis situadas nesses sistemas têm na variabilidade do problema (Muldner, Kuiper, Put, Stams, & Assink, 2018).

No microsistema, no que respeita às características das crianças, tem-se “problemas de comportamento”, internalizantes e externalizantes, deficiências físicas ou mentais (Jones & Logan-Greene, 2016; Simmel, Merrit, Kim, & Kim, 2017), “ser do sexo masculino” (Simmel et al., 2017) e temperamento difícil/negativo, especialmente entre crianças de 06 meses a 04 anos (Clément, Berubé, & Chamberland, 2016). Estas variáveis estão significativamente associadas à negligência, aumentando as chances dela se manifestar, provavelmente por conta do aumento do estresse parental que podem gerar (Clément et al., 2016).

Em uma visão bioecológica, os problemas de comportamento e o temperamento difícil dos filhos, especificamente, são fatores extremamente relevantes quando se leva em conta que o desenvolvimento infantil se processa essencialmente na e pela relação da criança/adolescente com os outros integrantes de seu microsistema. As díades formadas são consideradas contexto de interação e de desenvolvimento recíproco (Bronfenbrenner, 1979b). A qualidade dessas interações determina a qualidade do desenvolvimento dos integrantes nessas díades (Bronfenbrenner, 1979b). Assim, os desafios representados por características negativas da

criança/adolescente ao estabelecimento de relação positiva com o(s) cuidador(es) explica a importância das variáveis supra citadas e sua influência no aumento das chances de ocorrência de maus-tratos.

No que respeita às características dos pais/responsáveis, destacam-se os fatores: abuso de substâncias (Simmel et al., 2017; Clément et al., 2016), problemáticas de saúde mental (Simmel et al., 2017; Bartlett, Raskin, Kotake, Nearing & Eastbrookes, 2014; Cozza et al., 2019; Clément et al., 2016), índices elevados de estresse parental e parentagem inadequada (Simmel et al., 2017), assim como história de negligência e abusos na própria infância (Bartlett et al., 2014; Bartlett, Kotake, Fauth & Eastbrooks, 2017; Jones & Logan-Greene, 2016; Simmel et al., 2017). Um dado interessante, encontrado por Clément e colaboradores (2016), quanto aos diferentes fatores de risco associados à negligência, concernindo possíveis diferenças entre mães e pais, é de que os fatores de risco associados às mães giram em torno de questões relativas à saúde mental delas, enquanto os associados aos pais relacionam-se ao fato de terem que conciliar trabalho e família e questões de ordem financeira. Isso se deve, possivelmente, a questões atreladas às expectativas quanto aos *papéis* de homens e de mulheres com relação à parentagem, e à dinâmica familiar como um todo, sendo às mulheres atribuído o papel de cuidado direto e efetivo na criação dos filhos (Mata et al., 2017), e aos homens o de provedor, sobretudo no quesito material/financeiro.

No que concerne à família em seu conjunto, enquanto microsistema, tem-se o estresse econômico (Bartlett, et al., 2014; Clément et al., 2016; Jones & Logan-Greene, 2016; Morris et al., 2019; Lloyd & Kepple, 2017), a infidelidade conjugal (Cozza et al., 2019), a violência doméstica entre os cônjuges (Bartlett et al., 2014; Jones & Logan-Greene, 2016; Antle et al., 2007), e as disfunções familiares (Cozza et al., 2019; Zhao, Bi, Chen, Wu, & Sun, 2018). Com relação a esta última variável, conforme indicam os autores citados, tem-se desentendimentos entre os membros da família, infidelidade e problemas quanto aos métodos de criação dos filhos (Cozza et al., 2019) e o funcionamento familiar (Zhao et al., 2018), analisado por meio do instrumento *Family Adaptation, Partnership, Growth, Affection, and Resolve (APGAR) Scale* (Smilkstein, 1978) adaptado à população chinesa, que avalia dimensões do funcionamento familiar: adaptação (como os recursos são compartilhados), parceria (como as tarefas e decisões são divididas e a satisfação com a solução de problemas, assim como a comunicação entre os membros da família), crescimento (satisfação com a liberdade disponível na família para a mudança de papéis sociais), afeto (como são compartilhadas as experiências emocionais) e decisões (como são compartilhados o tempo e o dinheiro entre os membros da família) (Smilkstein, 1978).

No exossistema, destacam-se a falta de apoio social (Bazon, Mello, Bérghamo, & Faleiros, 2010; Clément et al., 2016; Jones & Logan-Greene, 2016; Simmel et al., 2017), principalmente durante a pré-adolescência e a adolescência dos filhos (Clément et al., 2016; Simmel et al., 2017) e residir em uma comunidade caracterizada pela desvantagem social (Morris et al., 2019). Neste tocante, a taxa de criminalidade do bairro nem sempre se mostra relacionada à negligência, tendo os fatores socioeconômicos da família maior influência na ocorrência desta forma de maus-tratos do que as características do entorno comunitário (Morris et al., 2019).

As pesquisas quanto a fatores protetivos à prática negligente são escassas (Jones & Logan-Greene, 2016). Apesar disso, há fatores descritos na literatura que efetivamente atuam como proteção aos efeitos da exposição a situações de risco. Focando variáveis no microsistema, algumas características infantis, ainda que não mitiguem as chances de sofrerem negligência, podem contribuir para que as consequências dessa forma de maus-tratos tenham menor impacto, tais quais a presença de habilidades de competência social e de autorregulação, autoestima e funcionamento adaptativo, por permitirem a essas crianças maiores chances de acesso a apoio de outras pessoas após a ocorrência da situação de maus-tratos (Austin, Lesak, & Shanahan, 2020). Todavia, vale sublinhar, conforme colocam Austin e colaboradores (2020, p. 4) que “assim como nenhuma criança é responsável por contribuir com seu risco de maus-tratos, nenhuma criança é responsável por prevenir suas experiências de maus-tratos”.

Ainda no microsistema, no tocante a características dos pais, tem-se boas estratégias de *coping* (Zamir, 2021; DePanfilis, 2006), habilidades de regulação emocional, apoio parental e estilo de apego seguro (Zamir, 2021), religiosidade (DePanfilis, 2006). No tocante à família como sistema, a biparentalidade – um casal cuidador – constitui-se como um fator protetivo (Kuluk, Allard, & Stewart, 2021), assim como a estabilidade econômica e relações pais-criança adequados (DePanfilis, 2006)

Focando o exossistema, tem-se relações adequadas com a comunidade (DePanfilis, 2006), especialmente em termos de coesão social, a partir da “confiança mútua entre os vizinhos” e da disponibilidade desses vizinhos em intervirem se necessário (Austin, Lesak, & Shanahan, 2020, p. 5), disponibilidade de apoio social (Blumenthal, 2015; Austin, Lesak, & Shanahan, 2020), incluindo acesso a serviços públicos de saúde, educacional, social e de proteção (Austin, Lesak, & Shanahan, 2020). Uma síntese dos principais fatores de risco e proteção, associados à negligência, no âmbito do micro e do exossistemas estão descritos na tabela a seguir.

Tabela 1 – Síntese dos fatores de risco e protetivos à negligência de crianças/adolescentes na família

	Microssistema: criança	Microssistema: pais	Microssistema: família	Exossistema
Fatores de risco	Problemas de comportamento, internalizantes e externalizantes Deficiências físicas Deficiências mentais Ser do sexo masculino Temperamento difícil/negativo	Abuso de substâncias Saúde mental Estresse parental Parentagem inadequada História de negligência e abusos na própria infância	Estresse econômico Infidelidade conjugal Violência doméstica Disfunções familiares	Falta de apoio social Bairro em desvantagem social Fatores econômicos
Fatores protetivos	Competência social Habilidade de autorregulação Autoestima Funcionamento adaptativo	Estratégias de <i>coping</i> adequadas Habilidade de regulação emocional Apoio parental Estilo de Apego Seguro Religiosidade	Casamento Estabilidade econômica Boa relação pais-filhos	Apoio social Relação com a comunidade Disponibilidade de serviços no bairro

Fonte: Elaborado pela autora

Essas pesquisas, especialmente as realizadas acerca dos fatores de risco, em sua maioria, analisaram a negligência infantil tendo por base dados concernindo a figura das mães. Pensando nas influências de terceiras ou mais pessoas na relação diádica mãe-filho, Bronfenbrenner já propunha que a presença de outros membros no contexto onde está situada a díade gera efeitos de segunda ordem sobre ela; esses efeitos podem tanto facilitar a interação – como seria o caso do apoio social, enquanto fator protetivo (DePanfilis, 2006), incluindo o encorajamento, por parte da rede, à própria parentagem – quanto diminuir a qualidade da interação da díade (Bronfenbrenner, 1979a) – como seria o caso das disfunções familiares e da violência doméstica.

No que concerne às consequências para o desenvolvimento infantil, diferentes efeitos negativos se mostram associados à negligência, embora esses dependam da idade da criança/adolescente e de suas necessidades desenvolvimentais mais prementes, ao longo do período no qual se considera que foi negligenciada (Crouch & Milner, 1993). De modo geral,

um histórico de negligência mostra-se associado ao desenvolvimento de obesidade (Pignatelli, Wampers, Loriedo, Biondi, & Vanderlinden, 2017), à dificuldade em lidar com sentimentos intensos (Ricciutello et al., 2012; Siegel, 2012) e regulá-los (Ricciutello et al., 2012), a uma maior dificuldade em reconhecer e processar emoções positivas (Young & Widom, 2014) e diferenciá-las de expressões de medo, tristeza e raiva (Pollack, Cicchetti, Hornung, & Reed, 2000).

Vale destacar que para cada categoria de negligência existem consequências específicas. A negligência física pode gerar desenvolvimento de comportamentos violentos em adolescentes do sexo masculino (McGuigan, Luchette, & Atterholt, 2018), assim como uso de substâncias psicoativas, e níveis elevados de sintomas internalizantes, relativos à depressão e ao estresse pós-traumático, quando associada à negligência emocional (Cohen, Menon, Shorey, Le, & Temple, 2017). Quanto à negligência emocional, experiências severas dessa forma de maus-tratos se mostram fortemente relacionada à ansiedade social excessiva em pacientes esquizofrênicos (Velikonja et al., 2019) e não esquizofrênicos (Spinhoven et al., 2010), ansiedade generalizada (Schimmenti & Bifulco, 2015; Wright, Crawford, & Castillo, 2009), depressão (O'Mahen, Karl, Moberly, & Fedock, 2015; Wright et al., 2009, Spinhoven et al., 2010) e quadros de dissociação (Wright et al., 2009). A negligência de supervisão se mostra mais associada a transtornos relacionados ao uso excessivo de álcool na adolescência (Clark, Thatcher, & Maisto, 2005) e obesidade (Knutson et al., 2009). Negligência educacional, por sua vez, está associada ao aumento da prevalência de problemas de comportamento na escola, necessidade de aulas de reforço, suspensão e fracasso escolar, com reprovações/repetências (Chapple & Vaske, 2010).

#### **1.4 O presente estudo: justificativa**

Dada a magnitude do problema representado pela negligência e das prováveis consequências a ela atreladas, pode-se dizer que mais investimento deve ser feito em investigações que a focalizem, especificamente. Pode-se inclusive afirmar que a própria definição conceitual de negligência remete mais propriamente a uma mera categorização de situações de negligência, sem grande valor heurístico (Maciel & Cruz, 2009), não se dispondo de uma definição operacional amplamente aceita, que possa efetivamente ser utilizada por pesquisadores e profissionais da prática. Assim, trata-se de uma questão em aberto, que dificulta bastante a comparação dos achados em diferentes estudos e, por conseguinte, um avanço significativo quanto à compreensão, à explicação e à intervenção em negligência. O que se tem,

na verdade, é a “realidade” dos casos notificados e classificados/registrados como “negligência” nos sistemas de proteção. Em efeito, boa parte dos estudos parte dessa definição pragmática de negligência, que se opera no âmbito da comunidade e dos sistemas de proteção. Debruçar-se sobre essa “realidade” para descrevê-la de modo sistemático parece imperativo para, daí, depreender elementos que possam ajudar na discussão acerca desse fenômeno.

O presente estudo pretende colaborar com isso, estudando casos notificados/registrados como “negligência” na realidade brasileira, levando em conta o(s) contexto(s) nos quais estão inseridos. Em efeito, pretende-se contribuir para ampliar a compreensão deste fenômeno, a negligência de crianças e adolescentes, no âmbito da família, estudando “casos” notificados ao sistema de proteção. O objetivo é caracterizá-los no tocante aos padrões de cuidado/proteção dispensados por pais/cuidadores responsáveis aos filhos, assim como no tocante à exposição das famílias a fatores de risco proximais, apontados na literatura como mais significativos. As questões principais, a nortear a proposta, são: Os casos notificados e registrados como “negligência” remetem a quais categorias de negligência? Há muita variação entre os casos em termos de gravidade? A quais fatores de risco estão expostas as famílias assinaladas como negligentes? McSherry (2007) aponta que, para a negligência ser levada mais a sério na sociedade, um primeiro passo é aumentar a consciência relativa à existência do fenômeno e sua compreensão. Isto pode aumentar a sensibilidade ao problema e ajudar os profissionais que atuam na proteção infantil a desenvolverem um retrato claro do “cenário da negligência” e também a verificar e confirmar notificações de negligência (p.612).

## **1.5 Referencial teórico**

Para autores como Lacharité, Éthier e Nolin (2006), o desafio de identificar e de intervir em negligência gira em torno da necessidade de lidar concomitantemente com três aspectos, em si complexos: (1) as necessidades infantis, (2) as respostas oferecidas às necessidades infantis e (3) a relação entre a satisfação das necessidades e o desenvolvimento infantil. Assim, definições operacionais de negligência devem levar em conta o eixo das omissões parentais associadas à falta de respostas às necessidades da criança e o do desenvolvimento integral desta, ou melhor, o da “qualidade” do desenvolvimento integral da criança. Tal proposta também se insere em uma perspectiva bioecossistêmica (Belsky, 1980, 1993). Essa perspectiva ajuda a esclarecer que a produção do fenômeno, em toda a sua complexidade, deve-se ao inter-jogo de forças biológicas, psicológicas, socio-relacionais e culturais, cujas conexões/transações remetem a processos que são invisíveis (Belsky, 1980; Garbarino & Collins, 1999). Em

conjunto, os fatores de risco (em transação com os de proteção, quando existentes) fomentariam tais processos.

Lacharité e colaboradores (2006) oferecem uma sistematização concernente à etiologia da negligência infantil, propondo a existência de dois mecanismos distintos, atuando, entretanto, de modo articulado para a manifestação do problema em uma família: um relativo a perturbação da relação entre as figuras responsáveis (pais/cuidadores) e a criança, caracterizada pela baixa frequência dessas interações (e, em havendo interação entre essas figuras e a criança, as condutas recíprocas seriam principalmente negativas/coercitivas); outro relativo a uma perturbação da relação entre a família e a coletividade à qual pertence (seu entorno), caracterizada, principalmente, pelo isolamento funcional das figuras responsáveis (pais/cuidadores) e da criança. No plano das perturbações nas interações entre os responsáveis – o(s) cuidador(es) – e a criança, pode-se supor a existência de uma problemática na vinculação familiar e, especialmente, na vinculação cuidadores-filhos, ao menos nos casos de negligência mais graves/crônica. No plano das perturbações nas interações entre a família e o seu entorno, pode-se também supor a existência de uma problemática na vinculação social da família, com seu gradual isolamento. Investigações sobre essas proposições aportam evidências sobre sua validade ecológica (Polansky, Gaudin, Ammons, Davis, 1985; Lacharité et al., 2006; Bazon et al., 2010). Esse modelo contextualizado da negligência orientará o presente estudo.

## 1.6 Objetivos

A investigação proposta tem como objetivo geral caracterizar famílias notificadas por negligência ao sistema de proteção (Conselhos Tutelares), visando melhor conhecer este fenômeno no contexto sociocultural brasileiro. Os objetivos específicos são:

a) Caracterizar as famílias notificadas, ou seja, os “casos de negligência”, em termos de padrões de cuidado/proteção dispensados aos filhos;

a.1) A partir dessa caracterização, descrever as famílias no tocante às seguintes variáveis:

- Categorias/tipos de negligência (supervisão, alimentação, higiene, saúde física, saúde mental, educação e desenvolvimento) e severidade<sup>1</sup>;

---

<sup>1</sup> As categorias que serão analisadas são aquelas contempladas no instrumento que será empregado no estudo, *Index Negligência*.

- Fatores de risco específicos para a negligência, no plano das características do contexto, no das características dos cuidadores e no das características da criança;

b) Caracterizar as famílias notificadas, ou seja, “os casos de negligência” no que se refere aos mecanismos relacionados ao desenvolvimento da negligência, segundo o modelo proposto por Lacharité, Éthier e Nolin (2006), por meio da avaliação dos indicadores “vinculação familiar” e “isolamento social dos cuidadores”.

c) Identificar a existência de subgrupos na amostra em termos de severidade da negligência;

c.1) Havendo subgrupos formados por “casos” semelhantes entre si, mas significativamente diferentes de outros “casos”, verificar a existência de diferenças significativas entre eles no plano da exposição aos fatores de risco e no dos mecanismos relacionados ao desenvolvimento da negligência;

A consecução desses objetivos permitirá apreender a realidade dos “casos” notificados e registrados nos Conselhos Tutelares como negligência, e confrontá-la àquilo que coloca a literatura científica sobre o fenômeno da negligência, em termos de categorias e de severidade, bem como em termos de indicadores de risco/proteção e de mecanismos associados.



## 2. MÉTODO

### 2.1 Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, de casos múltiplos, descritivo, de caráter exploratório, e transversal. Os estudos de caso múltiplos são uma estratégia de pesquisa empregada principalmente para compreender-se o “por que” e o “como” ocorrem os fenômenos de interesse (Yin, 2002), descrevendo inicialmente caso a caso as informações relevantes e, posteriormente, discutindo esses casos de maneira conjunta, com o intuito de comparar os diferentes casos acerca dos fenômenos de interesse.

Um estudo de caso pode ter caráter holístico ou integrativo (*embedded*). Tomando como exemplo o objeto de interesse da presente pesquisa, pode-se dizer que o estudo é holístico se o seu objetivo for, por exemplo, compreender de maneira global famílias notificadas por negligência. Quando é integrativo, o objetivo é investigar diferentes características/variáveis relevantes, incluídas numa temática guarda-chuva (Yin, 2002). No presente estudo adotou-se a abordagem integrativa, pela qual se buscará investigar o vínculo familiar, o apoio social e os problemas de comportamento nas crianças/adolescentes, de famílias notificadas por negligência aos órgãos de proteção a crianças e adolescentes.

Como forma de complementar e enriquecer os estudos de caso, os dados qualitativos também foram tratados por meio da Análise Temática. Ainda que Braun e Clarke (2006) discutam que a análise temática “deveria ser considerada uma metodologia de pesquisa por si mesma” (p. 78), e não apenas uma ferramenta de análise de dados, ela pode fornecer um detalhamento importante e enriquecedor aos estudos de caso. Braun e Clarke definem “tema” como algo que “captura sobre os dados, em relação com a(s) pergunta(s) de pesquisa, e que representa algum nível de resposta ou significado padronizado dentro de um conjunto de dados” (2006, p. 82). O tema pode ser elaborado a partir de uma análise teórica ou indutiva. De um lado, a abordagem teórica tem como força motriz as questões teóricas que guiam o estudo e permite uma “análise mais detalhada de algum aspecto dos dados” (Braun & Clarke, 2006, p. 84). Por outro lado, uma abordagem indutiva “significa que os temas identificados estão fortemente ligados aos dados em si” (Patton, 1990, como citado em Braun & Clark, 2006, p. 83) e por isso, não seriam direcionados às perguntas de pesquisa originais, possibilitando uma análise mais detalhada dos dados de modo geral (Braun & Clarke, 2006).

As pesquisas com delineamento descritivo têm como principal função caracterizar os fenômenos em estudo, respondendo, para isso, a cinco questões: *o que* é o fenômeno de

interesse em descrições mensuráveis (que, no caso do presente estudo, pode ser como a negligência infantil, no âmbito doméstico se manifesta topograficamente, os tipos / as categorias e os níveis de severidade); *quem* compõe a população que é afetada por esse fenômeno (no caso, pode ser as características das famílias notificadas por negligência quanto a fatores socioeconômicos, exposição a fatores de risco e proteção, nível de vinculação entre os membros da família e isolamento social); *onde* ele ocorre (no caso, pode ser as condições de moradia e as características do bairro); *quando* ocorre (no caso, pode ser a verificação da idade das crianças/adolescentes no momento da notificação, por exemplo). No mais, o delineamento descritivo ajudará a levantar hipóteses quanto às possíveis causas do fenômeno (ainda que não permita determinar, com certeza, causalidade) (Grimes & Schulz, 2002).

Dentre os cinco tipos de pesquisa que podem compor uma pesquisa descritiva (estudo de caso, estudo de casos múltiplos, pesquisa de levantamento, estudo correlacionais ecológicos e pesquisa transversal) (Grimes & Schulz, 2002), foi escolhido o estudo de casos múltiplos, realizado a partir de um recorte transversal. A pesquisa transversal tem como característica principal analisar a(s) amostra(s), em um único momento, no tocante às variáveis de interesse (Grimes & Schulz, 2002). Seu limite refere-se ao fato de não permitir determinar a articulação temporal entre as variáveis privilegiadas, no sentido de aferir relações de causa e efeito (Grimes & Schulz, 2002).

## **2.2 Seleção dos casos e caracterização das participantes**

Foram selecionados “casos registrados” nos três conselhos tutelares no município de Ribeirão Preto-SP, como “negligência”, entre janeiro de 2020 a janeiro de 2021. Os critérios para a seleção foram: o cuidador envolvido na notificação ter mais de dezoito anos; a criança envolvida residir com o cuidador apontado como negligente; a residência da família ser na cidade de Ribeirão Preto; a descrição da notificação condizer com indicadores de negligência<sup>2</sup> ou o próprio Conselheiro Tutelar ter classificado o caso como procedente; as informações de contato estarem disponíveis para consulta no pré-registro (ou a “pasta”) do Conselho Tutelar; existir um número de telefone para contato, no registro do Conselho Tutelar.

Vale esclarecer as duas formas de registros existentes nos Conselhos Tutelares, mencionadas: um pré-registro dos casos atendidos e as pastas. No pré-registro, os casos ganham um código e anotam-se informações sobre o tipo de violação de direitos, nome do responsável

---

<sup>2</sup> Criança deixada sozinha sem supervisão, evasão escolar, problemas médicos notificados como decorrentes de negligência.

pela criança/adolescente, nome da criança/adolescente e Conselheiro responsável, assim como faz-se alguma descrição da situação que motivou a notificação. Essa descrição contém os identificadores dos casos que se tornam “pastas”, porque passam a ser acompanhados pelo Conselho Tutelar. As pastas referem-se a uma espécie de dossiê. Nessas ficam armazenados os documentos relevantes de cada caso, os dados da notificação, informações sobre a família, contato e o registro do(s) atendimento(s) realizado(s). A quantidade de casos registrados no pré-registro (usado para contabilizar a quantidade de casos), entretanto, não corresponde à quantidade de “pastas” encontradas para a coleta das informações de contato e da situação motivadora da notificação; portanto, ter acesso à “pasta” foi critério incluído, a *posteriori*, para a seleção de casos.

Mediante esse procedimento de seleção e acessibilidade aos adultos relacionados aos “casos”, foi composta uma amostra de conveniência, com todos os participantes que puderam ser contactados e que aceitaram colaborar com a pesquisa. A Tabela 2 descreve os números de casos registrados como “negligência” e o processo de seleção em vista aos critérios adotados e disponibilidade de dados de contato.

Tabela 2 – Casos de negligência por Conselho Tutelar: processo de seleção de casos a serem contactados

	Casos Registrados	Improcedentes	Criança não reside com o cuidador	Contato indisponível	Pasta indisponível	Casos selecionados
CT1	64	5	5	4	6	43
CT2	64	3	10	2	5	42
CT3	57	8	6	4	10	28
Total	185	16	21	10	21	113

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 3 descreve as perdas de potenciais participantes em função de eventos/condições de contato.

Tabela 3 – Casos de negligência por Conselho Tutelar: perdas ao longo do processo de contato e número final de participantes/casos acessados

	Casos selecionados – potenciais participantes	Telefone inexistente	Ligação não atendida	Contato não era do cuidador notificado	Reside em outra cidade	Não aceitou participar	Casos acessíveis – entrevistas agendadas
CT1	43	11	17	2	0	5	8
CT2	42	3	13	2	4	13	8
CT3	28	5	9	2	0	7	5
Total	113	19	39	6	4	25	21

Fonte: Elaborado pela autora

Do total de 21 casos com os quais se conseguiu contato e aceite inicial dos participantes, cinco casos não integraram a amostra, pois as entrevistas precisaram ser canceladas por conta

do aumento de casos de COVID-19 na cidade de Ribeirão Preto, e a entrada da cidade na fase vermelha do Plano São Paulo (Governo do Estado de São Paulo, n.d.). Assim, a coleta de dados foi realizada com 16 participantes (representando 16 casos). Após essa etapa, contudo, dois “casos” foram excluídos da amostra final. Um deles porque se entendeu, durante a coleta de dados, que a criança já não mais residia com a genitora notificada. Outro porque a coleta de dados não foi completada, uma vez que precisou ser interrompida, faltando a aplicação de três instrumentos, sendo que a participante não aceitou dar continuidade à coleta em um outro dia.

Assim, por fim, 14 participantes colaboraram com o estudo, representando 14 “casos notificados por negligência”, nos Conselhos Tutelares da cidade: quatro do Conselho Tutelar 1 [CT1], seis do Conselho Tutelar 2 [CT2] e quatro do Conselho Tutelar 3 [CT3]. Como de praxe, é importante considerar que cada Conselho Tutelar atua numa região geográfica da cidade, de modo a cobrir seu território, por completo. Todas as participantes são do sexo feminino. Todas elas eram as genitoras das crianças/adolescentes envolvidos nas situações descritas na notificação feita aos Conselhos Tutelares, classificadas como negligência. Sua média de idade, no período da coleta, era 36,5 anos ( $dp = 5,34$ ), variando de um máximo de 47 e um mínimo de 32 anos. A média de idade com que haviam tido o primeiro filho foi de 22,5 anos ( $dp = 5,33$ ), variando de um máximo de 32 a um mínimo de 14 anos.

### 2.3 Instrumentos

Para a coleta de dados foram empregados cinco instrumentos. Esses são descritos a seguir.

#### a) Questionário para Caracterização Socioeconômica e de Eventos Adversos na Família.

Esse instrumento foi elaborado no GEPDIP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial -, ao qual está vinculado este projeto. Este tem por base um outro, produzido por Torre (2016), e visa levantar informações sobre o respondente (idade, estado civil, escolaridade, endereço e contato) e outras que permitem a caracterização sociodemográfica da família (composição, situação conjugal, condições da habitação, atividades laborais/renda). Ele inclui o Critério Brasil, para aferição da classe econômica da família (ABEP, 2014), atualizado para a presente pesquisa com o Critério Brasil de 2021 (ABEP, 2021). Também aborda questões relativas à satisfação com o bairro de residência e investiga alguns eventos estressores na família como: problemas de saúde física e/ou mental (existência de pessoas deficientes e/ou dependentes de cuidados na família); consumo de álcool

e/ou outras drogas; histórico de violência entre os adultos e criminalidade/envolvimento com polícia/justiça (Apêndice A).

b) Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada sobre Práticas de Cuidado/Criação dos Filhos e o Desenvolvimento Infantil. Elaborado para esta pesquisa, também no contexto do GEPDIP, este visa auxiliar no levantamento de informações pertinentes, com indicação de perguntas e de observações passíveis de serem feitas durante a realização da entrevista, pertinentes ao preenchimento do Index Negligência (descrito a seguir) (Apêndice B).

c) Index Negligência (*Child Neglect Index*). Esse instrumento foi elaborado por Trocmé (1996). A versão utilizada para essa pesquisa é a versão adequada ao contexto sociocultural brasileiro, por Pasian, Bazon, Pasian e Lacharité (2015). Trata-se de um crivo/check-list descritivo de situações de cuidado/negligência, focalizando as seguintes categorias/tipos de negligência: supervisão, alimentação, higiene, saúde física, saúde mental, educação e desenvolvimento. Este instrumento tem como base a definição de negligência proposta pela legislação de Ontário, Canadá, que estabelece a negligência em termos de danos físicos ou emocionais:

- (2) Nenhuma pessoa responsável por uma criança deve,
  - (a) infligir abuso à criança;
 ou
  - (b) ao falhar em cuidar e prover ou supervisionar e proteger a criança adequadamente,
    - (i) permitir que a criança sofra abuso, ou
    - (ii) permitir que a criança sofra abuso de uma condição mental, emocional ou desenvolvimental que, se não remediada, possa comprometer seriamente o desenvolvimento da criança. (*Child and Family Services Act*, 1984, p. 664)

O Index negligência é um instrumento criado para funcionar como ferramenta de consubstanciação de casos notificados como negligência, por meio de uma definição operacional dessa forma de maus-tratos, definindo e exemplificando os tipos de negligência em função de uma gradação em 04 níveis de severidade, em contraposição ao enunciado, primeiramente, como sendo o comportamento de cuidado adequado/esperado:

#### 1) **Supervisão**

- a. Adequada: São tomados cuidados para se assegurar a segurança da criança, o cuidador conhece as idas e vindas da criança e suas atividades, limites claros enquadram as atividades.
- b. Criança ocasionalmente exposta a uma situação que poderia lhe causar um dano moderado (ex: criança de idade escolar deixada ocasionalmente sozinha, cuidadores que

não vigiam as idas e vindas de um adolescente que volta ocasionalmente tarde da noite para casa).

c. Criança frequentemente exposta a situações que poderiam lhe causar um dano moderado ou há uma fraca possibilidade de que a criança possa sofrer um dano sério (ex: criança de idade escolar deixada frequentemente sem supervisão, bebê deixado ocasionalmente sozinho enquanto dorme)

d. Criança frequentemente exposta às situações que poderiam lhe causar um dano sério (ex: abandono, lar utilizado como ponto para aplicação de drogas, medicamentos deixados ao alcance da criança, criança deixada solta em uma vizinhança perigosa, criança frequentemente exposta a situações perigosas)

## **2) Nutrição/Alimentação**

a. Adequado: Refeições regulares e nutritivas asseguradas.

b. Refeições irregulares e frequentemente não preparadas, mas o funcionamento da criança não é afetado.

c. Refeições irregulares e frequentemente não preparadas e o funcionamento da criança é afetado (ex: a criança está frequentemente com fome e há dificuldade de se concentrar na classe).

d. Oferta de nutrição inadequada, existe um grande risco da criança sofrer de desnutrição (ex: leite diluído dado ao bebê).

e. A criança manifesta os sintomas clínicos de desnutrição: consulta médica ou dieta é solicitada (ex: perda de peso, anemia, desidratação).

## **3) Vestimenta e Higiene**

a. A criança está limpa e vestida apropriadamente.

b. Vestimenta e higiene inadequados, mas isso não parece afetar o funcionamento da criança.

c. Vestimenta e higiene inadequados que limitam o funcionamento das crianças (ex: não pode ir para fora porque falta vestimenta, é isolado dos amigos por causa de sua higiene ou aparência).

d. Doença que levou a necessidade de um tratamento médico devido a uma vestimenta ou higiene inadequada (ex: infecção séria devido às trocas inadequadas de fralda, desordem intestinal).

## **4) Cuidados de saúde física**

a. Adequado: Cuidados médicos de base fornecidos.

b. Cuidados médicos preventivos não fornecidos/realizados (ex: falta de exames de rotina regulares).

c. Cuidados médicos não fornecidos para machucados ou doenças que causam uma dor que poderia ser evitada.

d. Cuidados médicos não fornecidos/realizados para machucados ou doenças que causam uma dor que poderia ser evitada atrapalhando o funcionamento da criança (ex: falta crônica da escola devido a uma doença não tratada).

e. Cuidados médicos não atendidos para machucados ou doenças que poderiam levar a um dano permanente ou morte (ex: vômitos ou diarreia do bebê levam a desidratação).

#### **5) Cuidados de saúde mental**

a. Adequado: Os cuidadores antecipam as necessidades emocionais das crianças e respondem.

b. Há uma resposta inconsistente ao sofrimento emocional (ex: apenas resposta a uma situação de crise).

c. Serviços ou tratamentos não atendidos em resposta ao sofrimento emocional, criança apresenta um risco importante de problemas emotivos ou de comportamentos severos (ansiedade, depressão, isolamento, comportamentos auto-destrutivos ou agressivos, atividade criminal em menores de 13 anos).

d. Serviços ou tratamentos não são atendidos em resposta ao sofrimento emocional, a criança apresenta severos problemas emotivos ou de comportamento.

#### **6) Cuidados educativos e desenvolvimentais**

a. Adequado: Há resposta às necessidades desenvolvimentais e educativas da criança.

b. Respostas inconsistentes às necessidades desenvolvimentais e educativas da criança (ex: estimulação limitada do bebê, criança poderia se beneficiar de uma ajuda especializada em uma ou duas áreas, criança com dificuldades acadêmicas devido à baixa frequência escolar).

c. Serviços ou tratamentos não atendidos em resposta a um problema de aprendizagem ou de desenvolvimento identificados (ex: cuidadores/pais recusam ajuda especializada para a dificuldade de aprendizagem diagnosticada).

d. A criança sofre ou sofrerá de um atraso sério/permanente atribuído a uma falta de atenção a suas necessidades desenvolvimentais/educativas (ex: cuidadores recusam tratamento para um atraso de altura-peso não orgânico identificado). (Trocmé, 1996, pp. 153)

Para cada tipo de negligência, conforme o mencionado, é possível pontuar em quatro níveis de seriedade, segundo a seguinte escala: entre 0 e 24 pontos – adequado; entre 25 e 49 pontos – inconsistente; entre 50 e 59 pontos – inadequado; 60 pontos ou mais – seriamente inadequado. A pontuação geral se dá pela soma da categoria de negligência de maior pontuação, acrescida de uma pontuação relacionada à idade da criança focalizada na análise. Podem, portanto, ser acrescidos 20 pontos quando a análise referir-se a crianças de 0 a 2 anos de idade; 15 pontos quando referir-se a crianças de 3 a 5 anos; 5 pontos quando referir-se a crianças de 6

a 12 anos de idade. No caso de adolescentes (12 anos ou mais) não são acrescidos pontos ao escore total. Quanto maior a pontuação total, maiores os níveis de negligência.

Para preencher o Index Negligência, utilizam-se os dados coletados com os diferentes instrumentos. No presente estudo, utilizou-se prioritariamente os dados coletado por meio da Entrevista Semi-Estruturada sobre Práticas de Cuidado/Criação dos filhos e o Desenvolvimento Infantil, em se considerando também alguns dados de observação, realizada por ocasião da coleta de dados, realizada nas residências das participantes.

d) Questionário de Apoio Social (QAS). Esse foi elaborado a partir do Medical Outcomes Study – MOS, por Sherbourne e Stewart em 1991 (como citado em Chor, Griep, Lopes, & Faerstein, 2001) e adaptado para o Brasil por pesquisadores do Estudo Pró-Saúde (Chor et al., 2001). O instrumento baseia-se no conceito de apoio social proposto por Bowling (1997), Sherbourne e Stewart (1991) e Cohen e Wills (1985) (citados por Chor et al., 2001), que se refere ao grau com que relações interpessoais correspondem satisfatoriamente, em termos de disponibilidade e de qualidade, a determinadas funções. O instrumento pressupõe a existência de diferentes facetas do apoio social: a emocional (expressões de afeto positivo, compreensão e sentimentos de confiança), a de informação (disponibilidade de pessoas para obtenção de conselhos e orientações), a afetiva (demonstrações físicas de amor e afeto por parte das pessoas do seu entorno), a de interação positiva (disponibilidade de pessoas para relaxar e se divertir) e a material (provisão de recursos práticos e ajuda material) (Griep, Chor, Faerstein, Werneck, & Lopes, 2005).

Outro conceito que o instrumento aborda é o de rede social, entendida como teias de relações sociais que circundam o indivíduo. O objetivo do instrumento é, portanto, avaliar a rede e o grau com que facetas do apoio social são percebidas como satisfatórias pelo indivíduo. A versão do QAS adaptada por Chor et al. (2001), que será utilizada no presente estudo, é composta por 24 perguntas, sendo as cinco primeiras relativas à rede social e as restantes, ao apoio social. Para as perguntas relativas ao apoio social, há cinco opções de resposta em uma escala do tipo Likert: nunca (1), raramente (2), às vezes (3), quase sempre (4), sempre (5). As perguntas relativas à rede social, por seu turno, solicitam que os participantes relatem o número de pessoas em quem confiariam para conversar “sobre quase tudo” e também solicitam que respondam se participam ou não de atividades comunitárias e com que frequência.

Em 2018, Zanini, Peixoto e Nakano (2018) propuseram uma normatização com referência aos itens, por meio do procedimento Mapa de Item-Pessoas, a partir de dados coletados de 998 brasileiros, de ambos os sexos e com idades entre 12 e 73 anos. A partir dessa proposta, foram elaborados pontos de corte para interpretação dos níveis de apoio social nas



diferentes esferas avaliadas pelo instrumento. Para apoio *emocional/informação*, foi considerado um nível baixo, escores entre 0 e 12; moderado, escores entre 13 e 28; alto, escores iguais ou maiores a 29 pontos. Para *apoio social material*, foi considerado um nível baixo, escores entre 0 e 6 pontos; moderado, entre 7 e 13; alto, escores iguais ou maiores a 14. Para *Interação Social*, foi considerado um nível baixo, escores entre 0 e 6; médio, entre 7 e 13; alto, escores iguais ou maiores a 14. Por fim, para apoio social do tipo *Afetivo*, foi considerado um nível baixo, escores entre 0 e 4; médio entre 5 e 10; alto, escore maior ou igual a 11. Esta proposta de normatização foi utilizada para a interpretação dos dados coletados com este instrumento.

e) Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales - IV (FACES-IV). Elaborada por Olson (2010), a escala tem como objetivo avaliar a funcionabilidade familiar. No presente estudo será a usada versão adaptada e validada para a população brasileira por Santos, Bazon e Carvalho (2017). Ela baseia-se no Modelo Circumplexo do Sistema Familiar (Nogales, 2007), levando em consideração três componentes estruturantes das relações familiares: a) coesão (grau de estreitamento dos laços familiares – variável que será utilizada como indicador da vinculação familiar), b) flexibilidade (capacidade da família em fazer mudanças quanto à liderança, papéis, regras e negociações) e c) comunicação (habilidades de comunicação utilizadas no sistema familiar, sendo essa habilidade elemento facilitador das alterações/movimentos das outras duas dimensões). O FACES-IV é composta por 62 afirmações respondidas em uma escala do tipo *Likert*, de cinco pontos. A escala é composta por seis subescalas, sendo duas “equilibradas” – avaliam os níveis saudáveis de coesão e flexibilidade – e quatro “desequilibradas” – avaliam os extremos de coesão e de flexibilidade, que indicam aspectos problemáticos do funcionamento familiar. As duas subescalas equilibradas são denominadas “coesão familiar equilibrada” e “flexibilidade familiar equilibrada” e geram informações acerca dos “níveis saudáveis de coesão e flexibilidade na família” de forma que, quanto maiores os índices em ambas as escalas, mais saudável o sistema familiar (Olson, 2010, p. 21). As duas subescalas desequilibradas para coesão são denominadas “desengajada” e “emaranhada” e as duas subescalas desequilibradas para flexibilidade são denominadas “rígida” e “caótica” e, da mesma forma, quanto maiores o níveis em cada uma das subescalas desequilibradas, menos saudável o sistema familiar, sendo o “ideal” altos níveis nas escalas equilibradas, e baixos níveis nas escalas desequilibradas. Para a presente pesquisa, foram utilizadas as subescalas referentes à coesão (tanto as equilibradas quanto as desequilibradas) e a referente à satisfação familiar.

A exemplo, alguns itens que compõe as escalas utilizadas: para coesão equilibrada, tem-se “os membros da minha família se interessam pela vida uns dos outros” e “os membros da minha família gostam de passar parte de seu tempo juntos”; para coesão desengajada, tem-se “os membros da minha família parecem evitar ter contato uns com os outros quando estão em casa” e “em minha família nós raramente fazemos coisas juntos”; para coesão emaranhada, tem-se “os membros da minha família se sentem pressionados a passar a maior parte do seu tempo livre juntos” e “os membros da minha família são muito dependentes uns dos outros”. Por fim, quanto à satisfação familiar, exemplos de itens incluem “o quão satisfeito você está com a quantidade de tempo que vocês passam juntos como uma família” e “o quão satisfeito você está com a qualidade da comunicação entre os membros da sua família”.

O cálculo realizado com os dados obtidos em cada subescala gera um escore geral de Coesão e Flexibilidade, com valores de 0 a 10, interpretado da seguinte forma: quanto mais alto o valor acima de 1, mais equilibrado é o sistema familiar e possivelmente, mais positiva as relações entre os membros da família; quanto menor o escore abaixo de 1, mais desequilibrado é o sistema familiar em cada dimensão.

Estes escores, denominados *Cohesion Ratio*, *Flexibility Ratio* e *Total Circumplex Ratio* devem ser utilizados apenas para fins de comparação entre diferentes participantes e sistemas em contexto de pesquisa acadêmica (Olson, 2010), como é o caso da utilização do *Cohesion Ratio* no presente estudo.

f) Lista de Verificação comportamental (Child Behavior Checklist- CBCL). Elaborado no fim da década de 70 por Achenbach (1991) e traduzido e adaptado culturalmente para o contexto brasileiro por Bordin, Mari e Caeiro (1995), este instrumento tem como objetivo avaliar o grau de competência social e problemas de comportamento de crianças e adolescentes (1 1/2 a 5 anos; 6 a 18 anos) de acordo com a percepção de seus pais/cuidadores. O CBCL de 6 a 18 anos é composto por 138 itens, dos quais 20 avaliam a competência social da criança e 118 avaliam os problemas comportamentais. As opções de resposta aos itens variam de acordo com uma gradação que vai de “não ocorre” até “muito freqüente”. A correção do CBCL fornece um perfil da criança a partir de 11 escalas individuais: três de competência social (Atividades, Sociabilidade e Escolaridade), cuja soma dá origem a Escala Total de Competência Social, e oito de problemas de comportamento (Retraimento, Ansiedade/ Depressão, Queixas Somáticas, Problemas com o Contato Social, Atenção, Pensamento, Comportamento de Quebrar Regras e Comportamento Agressivo), cuja soma constitui a Escala Total de Problemas de Comportamento. Ainda, há as escalas de Internalização (soma das escalas de Retraimento,

Ansiedade/Depressão, Queixas Somáticas) e Externalização (soma das escalas de Comportamento de Quebrar Regras e Comportamento Agressivo). O CBCL versão para crianças de 1 ½ a 5 anos, de 103 itens, possui apenas a Escala Total de Problemas de Comportamento, que inclui as escalas de Internalização e Externalização.

## 2.4 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada diretamente pela pesquisadora e por um assistente devidamente treinado, em dia e horário estipulado pela participante, em contato telefônica, em sua residência. No contanto presencial, precedia-se novamente à apresentação pessoal e da pesquisa, solicitando, neste momento, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, buscava-se estabelecer um *rapport*, visando um clima favorável à coleta de dados e, na sequência, procedia-se à aplicação de todos os instrumentos, na seguinte ordem: 1) Questionário para Caracterização Socioeconômica e de Eventos Adversos na Família; 2) Entrevista Semi-Estruturada sobre Práticas de Cuidado/Criação dos filhos e o Desenvolvimento Infantil; 3) *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales IV (FACES-IV)*; 4) Questionário de Apoio Social; 5) Lista de Verificação Comportamental (Child Behavior Checklist- CBCL), uma para cada filho da participante, com menos de 18 anos, que morasse com ela / com a família em análise. A escolha de aplicar a Lista de Verificação Comportamental com todos os filhos menores de 18 anos, e que morasse com a família se deu por conta de a Entrevista Semi-Estruturada coletar informações de todos os filhos, permitindo com isso a análise das relações da cuidadora com cada um deles. Por ser a Lista de Verificação Comportamental um instrumento que analisa individualmente os problemas de comportamento de cada filho, decidiu-se pela aplicação dessa, como meio de melhor avaliar o desenvolvimento de cada filho e, eventualmente, identificar diferenças em problemas de comportamento.

Vale mencionar que todos os instrumentos, mesmo os estruturados, foram aplicados na forma de uma entrevista, sendo as respostas das participantes anotadas pelos pesquisadores. Embora o número de instrumentos seja significativo, a maior parte deles é de fácil aplicação e requer poucos minutos para serem respondidos. As exceções são o Questionário para Caracterização Socioeconômica e de Eventos Adversos na Família e a Entrevista Semi-Estruturada sobre Práticas de Cuidado/Criação dos filhos e o Desenvolvimento Infantil, pelo fato de remeterem a questões abertas. De toda forma, o tempo requerido para a coleta de dados, com cada participante, variou conforme a quantidade de filhos, ficando entre duas e quatro horas.

## 2.5 Procedimento de análise dos dados

Foram utilizados dois métodos de análise de dados: o estudo de casos múltiplos (Yin, 2002, 2017) e a análise temática (Braun & Clarke, 2006). O estudo de casos múltiplos, descrito anteriormente, foi empregado como forma de compreender cada família e, dentro disto, a relação cuidador-criança/adolescente, de modo contextualizado, utilizando como estratégia de análise a “construção explicativa”, de acordo com a proposta de Yin (2017), integrando os dados clínicos obtidos a partir da análise dos instrumentos padronizados e os dados dos relatos das participantes, que reforçavam ou refutavam alguns dos indicadores dos instrumentos estruturados no tocante aos mecanismos associados à prática de negligência (vinculação familiar e apoio social). Assim, os dados coletados com instrumentos estruturados foram todos corrigidos de acordo com suas normas técnicas e os dados coletados com os instrumentos abertos – o Questionário de Caracterização e a Entrevista Semi-Estruturada – foram tratados qualitativamente.

A Análise Temática, por sua vez, foi utilizada como forma de apreender novos elementos (temas latentes) presentes nos relatos das participantes, a nível individual, para compreender questões presentes em cada família participante que não necessariamente estivessem relacionadas às hipóteses originais do trabalho. A opção por sua utilização deu-se a partir da observação, ao longo da coleta de dados, de questões prevalentes nos relatos das famílias que excediam as questões associadas às práticas parentais investigadas, principalmente nas famílias em que não foram observados indicadores de negligência. A partir dessa análise a nível individual, foi possível perceber semelhanças e diferenças entre as participantes no tocante a variáveis ambientais presentes em seus contextos sociais que possibilitaram uma visão mais ampla da complexidade das experiências às quais essas mães estavam sujeitas, e os impactos que estas podem ter na própria prática parental. As categorias temáticas foram criadas para cada participante, individualmente, a partir dos dados/relatos obtidos por meio da aplicação do Questionário de Caracterização e da Entrevista-Semi Estruturada, cujas transcrições totalizaram 473 páginas, variando de 23 a 56 páginas por participante, dispostas em formato A4, em documento *word*, fonte *Times New Roman* tamanho 12, com espaçamento simples. Tais categorias compõem os estudos de caso individuais, descritos no Apêndice A.

O processo de transcrição e análise dos dados coletados com o Questionário de Caracterização e com a Entrevista Semi-Estruturada ocorreu da seguinte forma: inicialmente, a transcrição das duas entrevistas foi realizada separadamente, primeiro pelo assistente de

pesquisa, depois pela pesquisadora, de forma a revisar as transcrições, comparando-as aos áudios originais, e adequá-las em termos de indicadores de entonação e formatação, e levantar possíveis dados relevantes para análise.

A partir da finalização da segunda transcrição, as entrevistas foram analisadas caso a caso com o objetivo de preencher o Index Negligência e, dessa forma, aferir os níveis de negligência observados nos relatos de cada participante. A partir desta informação, os dados de cada participante foram então separados em dois grupos: **grupo caracterizado por indicadores consistentes de negligência (Grupo ICN)** e **grupo caracterizado pela ausência de indicadores consistentes de negligência (Grupo INN)**. A classificação foi realizada de modo independente pela pesquisadora e por um outro pesquisador, também psicólogo, com experiência em atendimento clínico de crianças vítimas de maus-tratos. As pontuações de cada caso, em cada um dos diferentes tipos de negligência, conforme previsto no Index Negligência, atribuídas por cada pesquisador foram comparadas na sequência, de modo a obter o índice de concordância *kappa*, entre os pesquisadores, quanto à categorização das participantes. Foi também calculado o Coeficiente de Correlação Intraclasse, para medir o nível de concordância entre os pesquisadores quanto às pontuações em cada subtipo de negligência observado. Essas análises demonstraram um alto nível de concordância (Landis & Koch, 1977) entre os avaliadores ( $k = 0,84$ ,  $p = 0,001$ ). Foram atingidos também níveis excelentes (Koo & Li, 2016) de concordância entre os avaliadores quanto às pontuações atribuídas a cada subtipo de negligência para cada família ( $icc = 0,94$ ,  $p < 0,001$ ). Com isso, pode-se dizer dos 14 casos em análise, que em cinco deles havia indicadores consistentes de negligência e eles compuseram o Grupo ICN. Os outros casos ( $n=9$ ) não apresentaram indicadores consistentes de negligência e, por isso, compuseram o Grupo INN.

A partir dessa classificação e da familiarização com os dados, as entrevistas das 14 participantes foram codificadas sistematicamente, ponto a ponto, de maneira a destacar trechos interessantes para análise, tanto os que se relacionavam com as variáveis de interesse – para compor o estudo de casos múltiplos – quanto os trechos interessantes para análise temática. Para ela, após esta etapa, os diferentes trechos foram agrupados e foram criados temas preliminares para análise. Em seguida, os trechos codificados foram revisados e re-codificados ou re-agrupados de acordo com a necessidade. Novos temas puderam emergir a partir dessa revisão dos temas preliminares. Em seguida, os trechos que compunham os temas foram novamente analisados, com o intuito de observar possíveis relações entre os temas, a nível ainda individual.

## **2.6 Aspectos éticos**

O projeto de pesquisa foi encaminhado, analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto – USP (Anexo A). Os participantes foram recrutados a partir das informações acessadas nos Conselhos Tutelares da cidade (n=3), e só integraram o estudo após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram explicitados os objetivos da pesquisa, o tipo de dado que seria coletado e a forma de participação. Além disso, lhes foi assegurado o sigilo das informações obtidas, com relação às suas identidades, e a possibilidade de desistência a qualquer momento da coleta, sem qualquer tipo de prejuízo para o participante.

## **3. RESULTADOS**

Conforme o já anunciado, a análise permitiu a composição de dois grupos de famílias/casos, em função dos indicadores presentes (ou ausentes) de diferentes formas de negligência, segundo a avaliação realizada por dois pesquisadores independentes tendo por base os critérios do Index Negligência: **grupo caracterizado por indicadores consistentes de negligência (Grupo ICN)** e **grupo caracterizado pela ausência de indicadores consistentes de negligência (Grupo INN)**. Esses serão descritos, a seguir, nas categoriais analíticas e temas que se depreenderam da análise temática.

### **3.1 Caracterizando e compreendendo as famílias do grupo com indicadores consistentes de negligência - Grupo ICN**

#### **3.1.1 Caracterização sociodemográfica geral**

A tabela 4 descreve os dados sociodemográficos e a configuração das famílias envolvidas nas notificações por “negligência” que compuseram este grupo (n=05), aqui representadas pelas participantes<sup>3</sup> Juliana, Claudia, Vanessa, Helena e Camila. É possível notar que as famílias agrupadas em ICN possuem, de maneira geral, baixa renda, sendo esta, aparentemente, atrelada ao nível de escolaridade das participantes.

---

<sup>3</sup> A todas as participantes e aos demais membros da família mencionados foram atribuídos nomes fictícios.

Tabela 4 – Caracterização sociodemográfica das famílias no Grupo ICN

Famílias	Composição Familiar Atual	Idade	Escolaridade	Situação Empregatória	Renda Familiar	N. de Crianças/ Adolescentes na Casa
Juliana	Ela própria	32	Ensino Médio Completo	Emprego formal	Até 2 salários mínimos	2
	Isabela	7	2º Ano do Fundamental	-		
	Theo	4	Creche	-		
Claudia	Ela própria	36	Ensino Médio Incompleto	Desempregada	Não informado	3
	Juliano (pai de Laura)	38	Fundamental Incompleto	Emprego informal		
	Miguel	10	5º Ano do Fundamental	-		
	Gabriel	6	1º Ano do Fundamental	-		
	Laura	3 meses	-	-		
Vanessa	Ela própria	45	Fundamental Completo	Emprego informal	500 reais mensais	1
	João Pedro	19	Ensino Médio Incompleto	-		
	Valentina	16	1º Ano Ensino Médio	-		
Helena	Ela própria	47	Fundamental Incompleto	Autônoma	Até 1 salário mínimo	1
	Rodrigo	17	Fundamental Incompleto	Desempregado		
Camila	Ela própria	33	Fundamental Incompleto	Desempregada	Até 1 salário mínimo	2
	Henrique (Marido, pai de Julio)	38	Ensino Médio Completo	Autônomo		
	Danilo	14	8º Ano Fundamental	-		
	Julio	3 meses	-	-		

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela 5 descreve a renda máxima *per capita* nas famílias, tendo como base o valor estipulado como o máximo de cada categoria, para fins de comparação aproximada de dinheiro disponível para cada participante. É preciso ter em mente, porém, que por não se ter o valor exato da renda de cada família, a renda *per capita* pode ser menor do que a apresentada aqui. Os dados apresentados foram organizados de forma crescente quanto à renda *per capita* máxima possível.



Tabela 5 – Renda *per capita* máxima nas famílias no Grupo ICN

Participante	Membros da família	Renda máxima	Renda <i>per capita</i>
Claudia	5	Não informado	-
Vanessa	3	500*	166,6
Camila	4	1.100	275,0
Helena	2	1.100	550,0
Juliana	3	2.200	733,0

\*Valor exato relatado pela participante.

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à moradia, no Grupo ICN denotaram-se diferentes níveis de satisfação. Cada participante indicou uma opinião: muito satisfeita (n = 1), satisfeita (n = 1), parcialmente satisfeita (n = 1), insatisfeita (n = 1) e muito insatisfeita (n = 1). Em relação ao bairro, duas se disseram satisfeitas e o restante se dividiu nos demais níveis: parcialmente satisfeita (n = 1), insatisfeita (n = 1), muito insatisfeita (n = 1). Nenhuma delas se disse ‘muito satisfeita’ em relação a seu bairro. Quanto ao apoio social da vizinhança, duas afirmaram poder contar com os vizinhos “às vezes”, duas relataram não poder contar com os vizinhos e uma disse não saber se poderia ou não contar com os vizinhos. Os dados referentes à moradia e satisfação com o bairro e apoio social da vizinhança estão descritos na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6 – Condições de moradia e satisfação com o bairro e com o apoio social no Grupo ICN

Participante	Moradia	Quantidade de Cômodos na Casa	Grau de Satisfação com a Moradia	Grau de Satisfação com o Bairro	Pode Contar com Apoio Social da Vizinhança?
Juliana	Própria	<b>3:</b> 1 quarto, 1 banheiro (nos fundos da casa da mãe; cozinha é compartilhada)	Satisfeita	Satisfeita	Às vezes
Claudia	Própria	<b>6:</b> 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro, 1 quatinho no fundo	Parcialmente satisfeita	Parcialmente satisfeita	Não sabe
Vanessa	Própria	<b>5:</b> 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Insatisfeita	Satisfeita	Não
Helena	Própria	<b>5:</b> 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Muito satisfeita	Insatisfeita	Não
Camila	Cedida	<b>6:</b> 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro, 1 quarto nos fundos	Muito insatisfeita	Muito insatisfeita	Às vezes

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à composição familiar, as famílias no Grupo ICN são, em geral, reconstituídas, e os filhos frutos de diferentes relacionamentos. Os genitores/pais das crianças mais novas

eram, em geral, o relacionamento atual; portanto, estavam em contato com os filhos. Os genitores/pais das crianças/adolescentes mais velhos, em grande parte, não se faziam presentes nas vidas dos filhos:

também o pai deles só prestou para fazer, mas prestar pra, pra, pra cuidar dele ele nem quis cuidar também, só, só fez e não... não ajudou a cuidar, não, não, não deu as coisa para ele. Ele [pai dos filhos] tava dando o dinheiro, a pensão pros menino, mas depois que ele... que ele tava trabalhando ele tava dando dinheiro pros meninos, mas agora que ele saiu ele parou, aí eu tô tentando... é... não assim, eu não tô entrando mais [em] contato com ele, aí depois que... é... eu não sei com quem que eu peguei o contato dele, não sei se foi com pai dele ou com a mãe dele, eu acho que foi com o pai dele, eu já tinha o contato do pai dele no celular, eu já tinha o número, aí eu peguei e entrei em contato com ele e perguntei da pensão do menino. Aí agora até hoje ele não tá dando pensão pros menino. (Claudia)

Ai ele... ele nem, nem, nem ficou sabendo que eu tava grávida, só ficou sabendo dela depois que a menina nasceu e aí ela já tava grandinha, que eu fui morar com o pai dos menino assim, aí ele perguntou “ah, como tá a menina lá?”, ele nunca nem viu a filha dele aí, ele falo, eu peguei e falei pra ele “tá bem né”, aí depois, depois disso ele não... ele não perguntou mais nada. (Claudia)

Aí até teve o dia que eu encontrei com ele para cima, aí ele me deu dinheiro, “ai dá esse dinheiro aqui pra sua menina lá”, ele não fala nem que é filha dele que ele não sabe que a, que a minha filha é filha dele “Ai toma esse dinheiro aqui dá pra ela” eu peguei, eu dei, peguei o dinheiro da mão dele né, pra também ela também não queria, “ai eu nem quero, quero nem ver ele pintado na minha frente, não quero nada dele” aí depois que eu mostrei o dinheiro para ela (risos), ela pegou e aceitou esse dinheiro também. (Claudia)

***O pai deles ajudou durante a gravidez, depois que eles nasceram?***

Ah um pouco, ele ajudou um pouco, mas não em muitas partes né, em muitas parte ele não ajudou em nada não, porque depois que eles começou a crescer ele pegou e afastou. Afastou do menino aí... aí não veio mais aqui. (Claudia)

***Ele ainda tem contato com o Rodrigo [filho]?***

O Rodrigo nem conhece. (Helena)

***E o pai da criança como que ele reagiu [à notícia da gravidez]?***

No começo é... ah, aceitou? Ele não... quer dizer... ele também não... não tinha futuro, é um sem futuro não tinha nem como reagir né, nem... não foi o primeiro também dele porque ele já tinha outro. Ah, tá aí.

***E o Leonardo tem contato com esse pai?***

Não. (Camila)

Algumas vezes, esse distanciamento paterno foi imposto pelas próprias mães, como forma de proteção aos filhos:

O pai dela [Isabela, filha mais velha, primeiro casamento] também eu sei que tem esse, esse reflexo de quando o pai dela veio atrás de mim ele [Theo, do atual casamento] tinha um aninho, ela tinha uns cinco ano? Quatro. E ele foi atrás de mim com facão pra mi matar porque na época ele tava com uma outra mulher já, ele mora com ela, ele morava na favela aí e ele tava mexendo nas droga do povo, o povo descobriu bateu nele. De vez em quando, quando ela ia na vó dela ele via ela, mas eu não deixei mais, proibi de deixar, que ele tava muito machucado. (Juliana)

As primeiras gestações, na maioria dos casos, ocorreram quando as participantes eram bastante jovens, no contexto de relacionamentos ocasionais (não estáveis-duradouros). Os filhos dessas relações não residiam com as participantes, como nos casos dos filhos mais velhos de Cláudia e Camila, que residiam com outros familiares, e no da filha mais velha de Vanessa que, após anos de conflitos, mudou-se para outro Estado, quando atingiu a maioridade:

Assim, a primeira gravidez minha era... foi da Alice que eu tava com dezesseis ano, mas aí eu... eu tive com... com um homem que vendia cadeira aqui, mas também ele não... ele não quis também... é... como fala?... é... aí gente como fala, registrar a menina, aí ele cabô num registrano, aí tava perguntano pra mim “ah será que essa menina é minha filha memo, que não sei o que”, aí eu falei “ai, saber se a menina é sua filha só fazeno o exame”, mas ele sumiu, depois que ela, que ela, que ele... aí eu também num, num, num tinha a cabeça boa né eu fui, ele me chamou pra ir lá na casa dele lá eu peguei e fui, arrumei essa... a minha filha com ele, aí eu... aí daí depois dessa ele, que que ele... arrumou um filho comigo ele sumiu, ele não apareceu mais pra, pra, assim pra, pra, pra fazer esse... exame de... é... de teste, de coiso. (Cláudia)

***Como foi quando você engravidou da sua primeira filha?***

Da minha primeira filha? Foi assim, eu namorei um, rapaz eu tinha 17 anos. E na primeira saída engravidei dela, mas aí meus pais não queriam aceitar, fui até jogada pra rua sobre meu pai entendeu? Então eu sofri bastante. Mas graças a Deus depois deu tudo certo. (Vanessa)

A mais velha já não mora mais comigo, graças a Deus mora lá em [outro Estado]. (Vanessa)

***E como que foi quando você engravidou do filho mais velho?***

Foi difícil porque eu era bem nova.

***Quantos anos você tinha?***

14.

***Você lembra o que você sentiu quando ficou sabendo?***

Ah eu... levei pra frente, eu decidi ter ele né, como muitas tiram né. E tive ele.

***E o pai da criança como que ele reagiu?***

No começo é... Ah, aceitou? Ele não... quer dizer... ele também não... não tinha futuro, é um sem futuro não tinha nem como reagir né, nem... não foi o primeiro também dele porque ele já tinha outro. Ah, tá aí. (Camila)

Assim, pelo menos um dos filhos já não residia com a família de origem (com sua genitora), especialmente os mais velhos. Em todos os casos, a mudança de residência aconteceu como decorrência de uma tomada de decisão de um terceiro – familiar –, a qual a mãe se submeteu, como forma de proteção às crianças de situações consideradas negativas:

Ela [Alice, filha mais velha] tava morando aqui comigo, ela, ela morou aqui até uns... uns quinze... até um não até uns dez, onze ano, aí ela falou assim pra minha irmã “ai mãe é... eu acho que eu vou... Vou morar lá, vou lá pra casa da Rafaela” que a minha irmã [Rafaela] falou assim “ah eu não vou te deixar a Alice mais com você mais não, porque eu sei que você se, se, cê vai por a menina em mal caminho” que como vinha uma menina aqui atrás dela, uma tal de Aline, aí ela... ela achava que eu... deixava a menina pra rua o dia inteiro. Essa menina ficava atrás de homem também, aí ela falou “eu vou levar a Alice comigo assim eu cuido dela lá, eu vou criar ela... se ela quiser lá morar comigo ela vai” aí ela pegou e foi. (Cláudia)

***Quando que [o Davi, filho mais novo] foi morar com a sua irmã?***

Ah praticamente... desde quando ele nasceu. Ele morou uns tempo comigo, mas ele foi morar com a minha irmã mais por causa disso, por causa daqui sabe e tal... muita droga na porta, e meu filho [mais velho, preocupado na notificação] começou a envolver com isso, então minha irmã falou “não, deixa o Davi aqui pra ele não crescer né, vendo essa situação”. E aí resolveu ficar lá e foi ficando, ficou. E tá lá, até hoje. (Helena)

[Conheceu o pai de Danilo] Que era mais velho, aí por fim fomo morar junto, aí vivi 11 ano com ele. Aí teve o Danilo e o Lucas. O Lucas morreu, com 6 meis né. Que os dois eu tive com o pai deles, um só. E o Danilo é o primeiro, o Lucas se tivesse vivo hoje era pa tá com 13, e o Danilo com 14. Mas um morreu. Aí devido que ele morreu, eu acabei entrando em depressão, larguei... Aí... larguei mão, aí o Leonardo [filho mais velho, de outro relacionamento] foi pa minha tia, a irmã da minha mãe, tinha oito ano. O Danilo foi po pai, né, o pai pediu a guarda e eu entrei nas droga, né que... e vivi uns três longos anos por causa disso. Aí cabeí saindo. (Camila)

**3.1.2 O teor das notificações**

De modo geral, as participantes que compõe o Grupo ICN descrevem situações – como sendo o motivo das notificações – que envolveram risco à integridade física e/ou psicológica dos filhos. Em geral, essas situações estão associadas ao uso de substâncias psicoativas pelas próprias participantes ou pela criança/adolescente sob sua responsabilidade, e à falta de supervisão de natureza social (das idas e vindas das crianças/adolescentes no espaço público):

Por causa da Isabela porque eu surtei, cheguei a, uma vez que eu fiquei tão ruim que eu surtei que eu coloquei fogo na casa. Não foi dentro da casa, foi no quintal da casa, eu tava sentada no sofá e transtornada, eu tomava remédio, tava desinibida, tinha misturado com droga e eu acabei surtando do nada, tinha um álcool ali, peguei e joguei, botei fogo, sentada lá. Sabe quando depois que você para que você vê que da um choque de realidade que cê acorda que cê vê o que cê fez, o menino tava dormindo, o [marido] não tava em casa, tava trabalhando, então isso. (Juliana)

Ah foi por causa do Rodrigo [filho] mesmo, por causo da, uma época ele bebeu, aí precisou de ficar interna..., foi parar lá na UPA, e o Conselho precisou de, interferir, no Conselho Tutelar né, aí eles chegaram até vir aqui em casa, pra conversar. (Helena)

Eu fui [notificada], mais por causa dos povo aqui da rua. Os povo ficava assim, ficaram falando assim dos menino, dos menino assim, que eles ficava saindo muito pa rua, ele tem horas que ele não brinca aqui, ele que ele qué brincá lá do outro lado da rua. Lá no... lá na rua do gaisero, sabe? Então... Aí, povo aqui da rua falo um pouco que os menino não fica brincano na rua, fica lá do outro lado. (Claudia)

Porque que que nem eu te falei, do fato de eu ter saído do HC, falaram que quando o menino nasceu que fizeram teste, que no sangue dele contava que tinha droga, né. Até a médica falou que se eu tirasse ele de lá era só com a presença da minha mãe, ah falou um monte, ela quis humilhar nós pra te falar a verdade. Veio um monte de segurança e... aí, a partir desse momento a Conselheira Tutelar começou a ir na minha casa. Eu acho que é por causa disso. Veio lá do hospital isso daí. (Camila)

Uma participante descreve uma situação – como causa da notificação – mais próxima do que poderia ser classificado como abuso psicológico (e não negligência). Esta participante

explicou os eventos e o seu próprio comportamento como reações extremadas a problemas de comportamento dos filhos e à intromissão de vizinhos:

Então, esse negócio de fui notificada é o que eu te falei, é os vizinho, essas coisa que não tem o que fazer, pegaram e ligaram lá e falaram de negligência, mas não foi negligência, foi o dia que eu peguei, eu não sei, eu não lembro o que ela [filha mais nova, adolescente, preocupada na notificação] fez de errado, eu fui falar com ela e eu eu comecei gritar, acho que eles achou que eu tavo matando ela né, que eu tenho mania, pode perguntar pros vizinho, eu tenho mania mesmo. Quando eu tô brava eu não sei falar baixo, não adianta. Se eu não gritar parece que aquilo vai me dar um trem. E eles fala que eu fui... a moça do conselho tutelar falou que fui notificada por negligência. Pra mim negligência é quando você abandona um filho, deixa o filho passar fome, né, espanca, amarra o filho igual aquele do jornal - você viu, de onze ano? - *aquilo* é uma negligência. Um... uma casa que não tem higiene, né. Então eles fala, ela fala que ligaram lá falando que é de negligencia que me chamaram lá por negligência, eu fiquei indignada. (Vanessa)

À exceção de Camila, todas as participantes reconheceram a notificação e a atuação do Conselho Tutelar como legítima e positiva:

Ai achei ótimo, achei ótimo que ele [o filho] foi lá, que eles deram um monte de exame nele, que ele ficou os três dias lá, né, então eu achei que foi bom. (Helena)

Ah achei nada. Não tava, tava em si, consciência, acho que eu fiz isso meio que impulso e eu tenho que pagar pela consequência que eu fiz, eu acho que os atos da gente tudo gera uma consequência. (Juliana)

Eu achei, das parte deles aqui, do povo, tá certo né. Meu marido também fala que não é bom deixa os menino fica ino muito pa rua. Que agora o povo do Conselho Tutelar tá pegando no pé né agora, ele fala que não é muito pra mim fica deixano eles pa rua. (Claudia)

Ah eu gostei, eu gostei porque eles dão ajuda né, eles não tá ali pra atrapalhar a gente né, eles tá ali pra ajudar também. (Vanessa)

Ah... É que nem eu te falei, ele só veio pra me encher o saco, porque quando eu preciso eles não me ajuda. (Camila)

### **3.1.3 Padrões de cuidado/proteção dispensados aos filhos: categorias/tipos de negligência e sua severidade**

A Tabela 7 apresenta os dados referentes aos níveis de negligência observados, a partir das pontuações no *Index negligência*, e se considerando os relatos obtidos acerca dos cuidados parentais, para cada um dos filhos. É possível observar que, de modo geral, a prática negligente não se restringe a apenas uma forma de negligência, e estas variam de intensidade de filho para filho.

Tabela 7 – Níveis de negligência observados para o Grupo ICN

Família	Filhos	Idade	Supervisão	Nutrição	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação
Claudia	Miguel	10	60	40	0	60	20	60
	Gabriel	6	60	40	50	60	20	20
	Laura	3 meses	0	0	20	0	n.a	0
Juliana	Isabela	7	60	0	0	20	45	0
	Theo	4	60	0	0	20	0	0
Vanessa	Valentina	16	45	0	0	0	45	20
Helena	Rodrigo	17	60	25	0	0	50	60
Camila	Danilo	14	25	50	0	20	45	60
	Julio	3 meses	0	0	0	0	n.a	0

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que a forma mais comum, com pontuações mais altas, indicativas de níveis mais severos de negligência, é a de supervisão (Tabela 7). Esta é definida, neste nível, como:

“a criança frequentemente exposta a situações que poderiam lhe causar um dano sério (ex: abandono, lar utilizado como ponto para aplicação de drogas, medicamentos deixados ao alcance da criança, criança deixada solta em uma vizinhança perigosa, criança frequentemente exposta a situações perigosas)” (Trocmé, 1996, p. 153)

A negligência de supervisão se apresentou das mais diferentes formas. Para algumas, a negligência de supervisão esteve presente no não controle das idas e vindas dos filhos, especialmente quando mais novos, bem como no não impedimento/evitamento de acesso deles a drogas e álcool, quando adolescentes:

Eu fui [notificada], mas por causa dos povo aqui da rua. Os povo ficava assim, ficaram falando assim dos menino, dos menino assim, que eles ficava saindo muito pa rua, ele tem horas que ele não brinca aqui, ele que ele qué brincá lá do outro lado da rua. Lá no... lá na rua do gaisero, sabe? Então... Aí, povo aqui da rua falo um pouco que os menino não fica brincano na rua, fica lá do outro lado. Foi onde meu marido falou “ah, é... se cê não deixa os moleque brinca dentro de casa, deixa os moleque fica saindo pra rua, uma hora, quando o conselho tutelar ficar sabeno, eles vai acabar pegano e levando eles lá pro conselho de lá, eles vai tirar seus filho”. Aí eu tenho que tá falano com o Miguel pra ele, é, ficar brincano só aqui na rua, mas ele não, ele não escuta a gente. Que a gente fala pra ele brinca aqui na rua, ele qué brincar lá do outro lado da rua, brincar lá no gaisero, onde que a mãe da (ininteligível) trabalha. Ele não quer brinca aqui na rua, ele que brinca... Aí o Gabriel também. Tem hora que eu não... eles tipo assim, tava eu o Miguel ia lá brincar com ele, ele descia lá pra baixo sozinho também. Tem gente que reclamava também que eu deixava o Gabriel solto, pa rua, mas ele ficava indo lá pra baixo sozinho também. Aí agora... agora os povo do conselho tá no meu pé agora.

***E você fez alguma coisa para eles pararem de ir lá, de sair? Você tem feito ele ficar aqui?***

Ah eu não... Falando pra ele é a mesma coisa que tá falano com as parede. Ele não... eu vou fala pra eles, eles não... ele não... é... não brinca só aqui, ele qué brinca pro outro lado. (Claudia)

***Como que o Miguel vai e volta da escola?***

Ai ele ia sozinho. Ele ia pa escola sozinho, como ali a esquina ali é meio perigoso, ele atravessa a rua assim mesmo. Atravessava, mas ele olhava assim pro sinaleiro assim. Tem hora que ele atravessa, mas atravessa sem olhar na rua. Aí ele vai, ele pega e sobe lá pa, pa escola. (Claudia)

Porque se eu cobrar muito dele [filho: Rodrigo] a gente não vive bem. Então assim... Ele sai, ele chega, ele sai, ele chega, e deixa assim sabe? Mais assim... quando ele tá trabalhando, a semana que ele tá trabalhando é ótimo, que ele trabalha o tempo todo né. Mas não tando trabalhando ele fica no meio dos menino né, fazendo as coisa errada. Coisa errada que eu falo não é que ele tá... Eu não posso, em horas nenhuma eu posso nunca assim aceitar, que ele fala assim “ah não mas ele não tá tão assim”, mas tá. Então eu não aceito. Por isso que eu falo coisas errada. Mas não que ele *rouba*, que ele mata, ou que ele tá um traficante, não é isso. Não, ele fica fazendo... ele é de menor, então... vem um, o bonitão, o chefão lá o bonitão lá que acha que manda no mundo inteiro aí vem, oferece pra ele “ah vai, vende essa droguinha aqui pra mim” ou “vai, leva ali pra mim” e eles acaba fazendo né. (Helena)

A negligência de supervisão se caracteriza também pela ampla exposição das crianças à violência doméstica e ao uso de substâncias psicoativas/drogas pelos adultos (nos casos, os próprios pais), e pelo fato de colocar a vida das crianças em risco, por conta de seu uso abusivo:

A minha mãe já [a denunciou ao Conselho Tutelar]. Por causa da Isabela, porque eu surtei, cheguei a, uma vez que eu fiquei tão ruim que eu surtei que eu coloquei fogo na casa. Não foi dentro da casa, foi no quintal da casa, eu tava sentada no sofá e transtornada, eu tomava remédio, tava desinibida, tinha misturado com droga e eu acabei surtando do nada. Tinha um álcool ali, peguei e joguei, botei fogo, sentada lá. Sabe quando depois que você para que você vê que da um choque de realidade que cê acorda que cê vê o que cê fez, o menino [Theo] tava dormindo, o Ricardo [atual parceiro, pai de Theo] não tava em casa, tava trabalhando, então isso. (Juliana)

A gente [ela e o atual parceiro] bebia também, eu fui usuária de droga, então juntou tudo, então foi onde que eu comecei a surtar, dá umas crise de surto eu surtava na hora você não sabe o que ta fazendo aí depois você fica “nossa eu não acredito que eu fiz isso”. Surtá de agredir meu marido, de fugi de casa, de não saber pra onde que eu tava depois, então sabe quando dá uns colapso assim? (Juliana)

Ah, não tem, não vou falar pra você, não vou mentir pra você, uns quatro meses. A última vez que eu usei droga mesmo. Não era aquela quantidade falar *excessiva*, igual eu já tive uma época que usava muito, na época que eu era casada com o pai dela [Isabela], era muito, todo dia, eu fiquei assim uns sete anos direto, todo dia. Parava uns dois dias e ia lá de novo. (Juliana)

Ela [Isabela] também sofria quando era pequenininha, ele [ex-marido] tinha muita convulsão, aí eu tentava ajudar, aí ele brigava comigo, no outro dia ele pegava o pau, teve uma amiga da minha irmã que uma vez ele [me] pegou de mangueira, com essa menina no colo. Várias e várias vezes, muitas e muitas vezes. No caso do [atual parceiro] não é que ele me agrediu, eu agredia ele, acho que eu tava tão transtornada, eu perdia a noção do que eu tava fazendo. Ele me segurava pra eu não machucar porque eu ficava... transtornada. E às vezes eu acabava agredindo ele, ele me segurava pra não me machucar, pra eu não me machucar eu acabava machucando ele. (Juliana)

Em seguida, tem-se a negligência em relação à educação e em relação à saúde mental. A negligência educacional, em um nível severo (pontuação igual ou maior de 60) remete a situações nas quais “a criança sofre ou sofrerá de um atraso sério/permanente atribuído a uma

falta de atenção a suas necessidades desenvolvimentais/educativas (ex: cuidadores recusam tratamento para um atraso de altura-peso não orgânico identificado)” (Trocmé, 1996, p. 154). Já a negligência de saúde mental, conforme os níveis mais altos no grupo (pontuações 50 e 45), remetem a situações, por definição, em que “serviços ou tratamentos não são fornecidos em resposta ao sofrimento emocional, a criança apresenta severos problemas emotivos ou de comportamento” e “serviços ou tratamentos não fornecidos em resposta ao sofrimento emocional, criança apresenta um risco importante de problemas, emotivos ou de comportamento, severos (ansiedade, depressão, isolamento, comportamentos auto-destrutivos ou agressivos, atividade criminal em menores de 13 anos)” (Trocmé, 1996, p. 154).

Focalizando cada filho (criança/adolescente) nas famílias do Grupo ICN, destacou-se que a falha no cuidado dizia mais respeito aos filhos mais velhos sob responsabilidade da família (não necessariamente, portanto, os filhos mais velhos das participantes), em comparação aos mais novos, estando a falta de supervisão, ou a fraca supervisão, relacionada a situações que oferecem riscos de natureza social (no contexto da própria família e/ou no contexto do entorno comunitário), e não a situações oferecendo riscos físico-ambientais (como acidentes/quedas, por exemplo), talvez, mais pertinentes em se tratando de crianças pequenas. Denota-se, assim, uma problemática que parece se desenvolver conforme as crianças/adolescentes se desenvolvem impondo às famílias desafios relacionados à sua socialização.

Nesse tocante, é preciso, indicar que as crianças mais novas, convivendo com as famílias, eram frutos dos relacionamentos atuais das participantes. Nos casos em que os genitores dessas crianças ainda se relacionavam maritalmente com elas, percebeu-se indicação de sensação de maior apoio, desde a gestação:

*Vocês passam muito tempo juntos [ela e o filho mais novo, recém-nascido], vocês fazem muita coisa juntos?*

O dia inteiro (risos) é o filho que eu mais fiquei, porque antes tinha né, a família do pai deles, tinha a minha mãe, então ficava, agora com esse não, é só eu e ele. (Camila)

As minhas gravidez não foram boas. A não ser essa. Essa também foi uma surpresa (risos), porque já fazia treze ano que eu não tinha filho, aí... eu fiquei com pai dele em um mês se aparece, aí eu tava grávida já. Mas aceitou, a família aceitou... *essa* gravidez foi a mais tranquila que eu tive. Agora dos outros não, dos outros eu passei muito nervoso. (Camila)

Ele [Theo] é super obediente, super tranquilo, diferente da Isabela. Acho que foi as gravidez né. A minha gravidez dele foi muito tranquila, o pai dele teve muita paciência, me ajudou bastante. (Juliana)



De modo geral, negligências atreladas a cuidados com alimentação, higiene e saúde física não foram prevalentes nessas famílias, reiterando que o problema central parece relacionar-se aos desafios de socialização. Os cuidados básicos, portanto, não se constituem em uma questão problemática nessas famílias, ainda que estejam presentes negligências severas de outra natureza.

As negligências de supervisão, a emocional e a educacional parecem estar muito atreladas às dificuldades em reconhecê-las como básicas, entendendo a importância de oferecer respostas a elas, para o desenvolvimento humano saudável. Essa dificuldade é, aparentemente, sustentada pela interpretação que fazem quanto à ausência de consequências, uma vez que não “há marcas visíveis” (prontamente perceptíveis e/ou diretamente conectadas aos comportamentos parentais), diferentemente daquilo que se observa em situações de negligência alimentar, por exemplo, com um conseqüente quadro de desnutrição, ou em situações de negligência com a saúde física, com um conseqüente adoecimento, situações mais fortemente dependentes da baixa idade dos filhos.

Aí depois ele [Rodrigo] parou também de estudar. Quando ele, depois que o Davi nasceu, o Rodrigo desenvolveu assim, igual leite no fogo, ele mudou completamente a vida dele. Aí foi naonde ele começou a desviar pro mundo errado das droga. (Helena)

Ah tem hora que eu fazia [lição de casa]. Tem hora também eu nem... (risos) eu nem tava se preocupando fazer lição com ele, que ele também não esforça pra fazer também. Ah eu não vou ficar preocupando com lição também não. Ele não esforça também pra fazer lição, eu vou ajudar? (Claudia)

### 3.1.4 Vinculação familiar

Conforme modelo teórico adotado, um dos mecanismos subjacentes à negligência de crianças/adolescentes, na família, seriam frágeis relações entre seus membros, podendo-se falar de fraca vinculação familiar. A subescala de Coesão do FACES-IV foi, em uma primeira instância, considerada para avaliar o nível de vinculação nas famílias, na percepção das participantes. Para os dados obtidos a partir desse instrumento, foi-se calculada a razão (*ratio*) proposta em seu manual, para identificar o grau de coesão percebidos pelas participantes. Este cálculo leva em conta tanto a escala equilibrada de coesão, quanto as duas desequilibradas (desengajada, emaranhada), de forma a gerar um valor, de 0 a 10, que indica o quão funcional ou disfuncional é a dinâmica familiar nas áreas avaliadas – neste caso, o grau de equilíbrio da coesão familiar. Dessa forma, 1 representaria o mínimo de funcionalidade saudável, e, quanto maior o valor acima de 1, mais equilibrada a coesão familiar. Da mesma forma, quanto mais

abaixo de 1, mais desequilibrada a coesão familiar. Esses valores encontram-se descritos na Tabela 8 a seguir. A partir dela, é possível perceber que, ainda que hajam níveis saudáveis de coesão percebidos pela maioria das participantes, estes são ainda estão mais próximos a 1. Para Claudia, é possível perceber uma coesão familiar desequilibrada.

Tabela 8 – Grau de equilíbrio quanto à coesão nas famílias das participantes no Grupo ICN

	Ratio
Claudia	0,69
Vanessa	1,01
Juliana	1,5
Helena	1,53
Camila	1,64

Fonte: Elaborado pela autora

Pelos dados qualitativos, denota-se uma fragilidade maior nas relações dos cuidadores com os filhos. No caso dos genitores/pais, conforme já mencionado, não há, em alguns casos qualquer interação; por conseguinte não há vínculo. No caso das genitoras/mães/participantes, observando-se um afastamento emocional (e também físico, em alguns casos) que se processou no tempo.

***Vocês costumam fazer alguma coisa juntos?***

Nada, mais nada junto. Já fizemos muito, mas quando ele era criança [hoje, Rodrigo tem 17 anos]. Até os 10 ano ele dormia na minha cama comigo, juntinho comigo, aquele carinho... hoje ele não tem muito pingo de carinho, não tem um... Não faz nada comigo. Tem carinho assim né, se ele vê eu chorando, se ele vê eu doente, se ele vê alguma coisa assim aí ele vem, fica mais próximo, mas... o resto, só rua. (Helena)

Afastamento que se expressa claramente na dificuldade de demonstração de afeto positivo.

É, sobre isso eu conversei cá moça lá do Conselho Tutelar, a assistente social, não, não costuma não, não costuma abraçar, não costuma beijar, essa fase foi só quando era pequeno mesmo. Hoje... Eu tenho vergonha de fazer isso. (Vanessa)

(...) ela fala que eu não gosto dela por causa do Theo, porque eu tenho mais convivência com o Theo do que com ela, mas não é bem isso, é porque eu acho que ela ainda não sabe o que eu passei e eu acabei um tempo, de ela fazer tanta arte que eu nem queria ficar com ela, eu falei isso pra minha mãe, ela falou “não, eu vou te ajudar”. Mas não é que eu não queria é porque eu tava passando por uma fase muito difícil que eu não tava em condição. Ele mamava no peito, eu não aguentava mais aquilo também, até eu conseguir tirar. Então foi difícil pra mim. (Juliana)

***O que você faz quando vê ele [Danilo] triste?***

Eu ia, abraçava ele, tentava, mas ele não se abre, sabe? Ele não abaixa a guarda, então... Fica difícil também, porque eu não fui criada assim também sabe, de... minha

mãe ser carinhosa também, conversá, então... É uma coisa, como que cê vai dar pra outra pessoa se você não teve também? (Camila)

Nesta esteira, não se denotam muitas atividades realizadas em conjunto, sendo o tempo compartilhado com os filhos, com os quais a relação parece mais frágil, bastante reduzido ou inexistente.

*Eu. Eu. Eu.* Entendeu? (risos). Mas quando eu saio pra algum lugar, churrasco, essas coisa, eu chamo ela pra ir comigo. O moleque não vai, ele não gosta de festa. Mas quando eu vou fazer alguma coisa eu costumo chamar ela, entendeu? (Vanessa)

Então, que nem eu te falei, o Danilo eu não tive muito contato, com o Leonardo [filho mais velho que não reside com ela] já fazia muita coisa [enquanto moraram juntos, até os oito anos dele] (Camila)

***Você costuma brincar com ele?***

Não. Não, ele brinca assim sozinho. Quando ele, ele quer... quando ele não tem nada pra brincar ele vai lá e pega os brinquedos, pra brincar. Fica aqui em cima da cama brincando de carrinho, quando ele não quer ele pega assim, sai pra rua, vai lá pro, é brincar com os menino lá pra rua lá. (Claudia)

***Vocês costumam fazer alguma coisa juntos, você e o Miguel?***

Não... (Claudia)

O não-compartilhamento dos interesses dos filhos também evidencia a frágil ligação com os filhos.

***Você costuma ver o que ele posta nesses lugares?***

Não, eu sei que ele é um youtuber, que ele faz vídeo aí, nem sei.. eu um dia eu fui pô mas eu... ai eu nem me interesse por essas coisa. (Camila)

### **3.1.5 O desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes – indicadores de problemas internalizantes e externalizantes**

Com vistas a dispor de indicadores do desenvolvimento psicossocial das crianças/adolescentes, nas famílias avaliadas, procedeu-se à aplicação do CBCL, considerando cada criança/adolescente, em particular. As pontuações atribuídas pelas participantes em relação a seus filhos encontram-se dispostas nas tabelas apresentadas adiante.

A Tabela 9 descreve os problemas de comportamento observados pelas participantes em relação aos filhos de 6 a 18 anos. A partir dela, é possível notar níveis clínicos de problemas de comportamento totais para todos os filhos, de todas as participantes, nesta faixa etária. Foram observados também a percepção de níveis clínicos (Claudia, Vanessa e Camila) e limítrofes (Helena) de problemas de comportamento internalizantes para a maioria das participantes, principalmente de cunho retraído/depressivo e ansioso/depressivo. Os problemas de

comportamento externalizantes são percebidos em menor intensidade, em sua maioria a nível limítrofe (Juliana, Vanessa e Camila), tendo sido observado a níveis clínicos somente para o filho mais velho de Claudia e para o filho de Helena. Tais problemas parecem mais associados – ainda que em menor intensidade – a quebra de regras. Quanto a outros problemas, tem-se níveis clínicos de problemas sociais (filho mais velho de Claudia, filha de Juliana e filho de Camila); níveis clínicos (Claudia, Juliana e Camila) e limítrofes (filho mais novo de Claudia, filho de Vanessa) de problemas de pensamento; e níveis clínicos (Juliana, Helena) e limítrofes (Camila) de problemas de atenção. Por fim, quanto à escala de competência, observa-se altos níveis de dificuldades quanto a competência na realização de atividades, a nível clínico, na percepção da maioria das participantes (Claudia, Vanessa, Helena e Camila). A competência escolar não pôde ser avaliada para o filho mais novo de Claudia e para a filha mais velha de Juliana porque ambos haviam completado 6 anos há pouco tempo e não haviam ainda iniciado seus estudos no ensino fundamental. Para Rodrigo, filho de Helena, a mesma subescala não pôde ser avaliada por ter Rodrigo evadido da escola. Por conseguinte, para essas crianças/adolescentes não foi possível calcular o nível total de problemas na área de competência. Para aqueles em que foi possível calculá-la, observam-se níveis clínicos na subescala de competência para o filho mais velho de Claudia (associado a níveis clínicos quanto a realização de atividades e de competência escolar) e para o filho de Camila (associado a níveis clínicos quanto a realização de atividades e de competência social).

Tabela 9 – Problemas de comportamento observados quanto aos filho de 6 a 18 anos, no Grupo ICN

	Claudia		Juliana	Vanessa	Helena	Camila
	Miguel	Gabriel	Isabela	Valentina	Rodrigo	Danilo
	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>
<b>Escala de competência</b>						
Atividades	25**	20**	40	27**	25**	25**
Social	43	41	35*	41	37	24**
Escolar	27**	-	-	43	-	55
Total	24**	-	-	28	-	23**
<b>Escala internalizante</b>						
Ansioso/Depressivo	67*	53	57	72**	65*	74**
Retraído/Depressivo	73**	68*	52	89**	78**	100**
Queixas somáticas	64	70**	61	59	54	58
Total	71**	67**	58	73**	69*	76**
<b>Escala externalizante</b>						
Quebra de regras	70**	53	59	60	69*	67*
Comportamento agressivo	65*	57	60	63	58	52
Total	67**	56	60*	62*	66**	60*
<b>Outros</b>						
Problemas sociais	70**	60	70**	61	63	72**
Problemas de pensamento	70**	67*	71**	69*	63	87**
Problemas de atenção	64	59	73**	52	86**	67*
<b>Problemas Totais</b>	72**	65**	67**	67**	69**	74**

\*Nível limítrofe \*\*Nível clínico

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos filhos com menos de seis anos, tem-se apenas o filho mais novo de Juliana, ao qual não foi atribuído qualquer problema de comportamento, como é possível perceber a partir da Tabela 10 a seguir.

Tabela 10 – Problemas de comportamento observados quanto aos filho de 1 ano e meio a 5 anos, no Grupo ICN

	Juliana Theo <i>t</i>
<b>Escala internalizante</b>	
Emocionalmente reativo	50
Ansioso/Depressivo	59
Queixas somáticas	50
Retraído	50
Total	47
<b>Escala externalizante</b>	
Problemas de atenção	51
Comportamento agressivo	50
Total	41
<b>Outros problemas</b>	
Problemas para dormir	51
Problemas totais	45

\*Nível limítrofe \*\*Nível clínico

Fonte: Elaborado pela autora

De modo geral, as participantes descreveram problemas de comportamento relacionados a todas as áreas avaliadas (competência, comportamentos internalizantes, comportamentos externalizantes, e outros problemas de comportamento), sendo estes problemas a níveis maiores, clínicos, quanto à competência social e a problemas internalizantes: os de competência, principalmente quanto à realização de atividades; os internalizantes, sobretudo no tocante a comportamentos do tipo ansioso/depressivo e retraído/depressivo. Além de problemas sociais, problemas de pensamento e problemas de atenção também se destacaram. A níveis limítrofes/quase clínicos, tem-se os problemas externalizantes do tipo quebra de regras.

Interessantemente, nos relatos espontâneos sobre os filhos, as participantes sublinhavam mais problemas de comportamento que poderiam ser classificados como externalizantes. Essas descrições, contudo, não são corroboradas nas pontuações do CBCL. Apenas num dos casos, verificou-se uma pontuação, em nível limítrofe, de problemas de comportamento externalizantes, na forma de comportamentos agressivos. Ao que parece, os “problemas de comportamento” que emergem nos relatos das participantes do Grupo ICN, advém de um viés de interpretação das participantes/mães, que tendem a perceber os filhos por um prisma negativo, como tendo características negativas intrínsecas – portanto, imutáveis – que para elas, inclusive, justifica o distanciamento emocional.

ele guarda muita coisa pra ele, ele não... ele não se abre, ele falou com meu marido, um dia nói foi comer lanche, aí meu marido falou pá ele: “vai lá pedir o lanche”, ele falou, na cara do meu marido, “não acho necessário conversar”, então como você vai descobrir o que que ele qué? Nóis ficou sem entender sabe, “não é necessário conversar”, lógico que é! Hoje em dia é necessário pá tudo, se você vai no médico você vai ter que conversar, se você vai comprar alguma coisa você vai te que conversar, meus filhos eu acho que é louco, é paranoico também. (Camila)

Ah, falar a verdade eu nunca vi o Rodrigo triste. Ele é um menino assim sabe, que não tem sentimento. Acho que nem sentimento tem porque ele pode ver a gente chorando... às vezes quando ele tá chorando ele chega, pergunta, mas ele não é muito de ficar triste não, eu nunca vi o Rodrigo triste não. Ainda bem né. Se fica, ele tá guardado dentro dele, que ele não transmite muito assim. (Helena)

(...) muita das vezes, na época que eu fiquei muito doente que ela [Isabela] veio pra cá com a minha mãe pra minha mãe ajudar, ela [avó] praticamente estragou a Isabela, mimou demais, então depois foi morar com a gente não era a mesma coisa, era desobediente, não queria fazer as coisa, não queria obedecer, aí eu perdia a paciência, às vezes eu acabava agredindo ela por ela fazer essas coisa e não me obedecer. (Juliana)

Reitera-se que a atribuição das causas dos “problemas de comportamento”, tais como percebidos, a características negativas intrínsecas às crianças/adolescentes, não se aplica a todos os filhos indistintamente. Aliás, essa atribuição varia conforme os níveis de negligência avaliados para cada filho. Os filhos para os quais se verificou níveis mais elevados de negligência são, em geral, comparados, em termos de comportamento, aos irmãos que desfrutariam de maior cuidado, sendo assim desfavorecidos na avaliação materna – seriam mais difíceis, mais problemáticos. Esta percepção parece subsidiar o distanciamento emocional (e por vezes físico) e, ao mesmo tempo, justificá-lo.

Ele [Theo] é mais companheiro que a Isabela, ela me abandona, ele não. (Juliana)

Ele [Theo] é super obediente, super tranquilo, diferente da Isabela. (Juliana)

***Como ele reage quando você deixava ele na escola?***

Ele vai de Van. É tranquilo, nunca deu trabalho. A Isabela já deu, ele não. (Juliana)

É, mas os meus, o Leonardo [filho mais velho que não reside com ela] quando tinha três meis eu dava [comida sólida], aceitou bem, só o Danilo que não. O Lucas também, que morreu, também comia bem. O Danilo veio na contramão de tudo. É um filho assim, me deu trabalho, me dá trabalho. (Camila)

Ah eu acho que a Isabela né, essa desobediência dela, essa fase, ela é muito preguiçosa, ela faz xixi na cama até hoje, sabe. Eu tenho que levantar de madrugada, “Isabela você fez xixi?” “não mãe” e desobediente, eu levanto ela à força porque se não ela faz xixi na cama. Isso me incomoda. Fala gente a gente não fazia isso, Theo com dois anos já não usava mais fralda. Ela usou até quatro anos! (Juliana)

### 3.1.6 Relações sociais

Conforme modelo teórico adotado, outro dos mecanismos subjacentes à negligência de crianças/adolescentes, na família, teria relação com o seu isolamento social, tendo por base frágeis relações dos seus membros com pessoas/apoios na família estendida e na comunidade. Nessa perspectiva, focalizar a percepção do apoio social disponível, de diferentes naturezas, pode ser um indicativo de maior ou menor isolamento social. Buscou-se aferir esse mecanismo por meio dos dados obtidos por meio do QAS, em uma primeira instância, como descrito na Tabela 11 a seguir. A partir dela, é possível perceber uma variação entre os níveis de apoio social percebidos, em diferentes áreas, variando de participantes em que o apoio social foi percebido em níveis baixos e moderados (Helena) e apenas moderados (Claudia), a níveis moderados e altos (Vanessa e Juliana) e altos (Camila). De modo geral, a disponibilidade de apoio do tipo material foi a mais deficitária, percebida em níveis baixo para Helena, moderados para Claudia, Juliana e Vanessa e altos para Camila.

Tabela 11 – Níveis de apoio social percebidos pelas participantes no Grupo ICN

	Claudia	Juliana	Vanessa	Helena	Camila
	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore
Material	9*	13*	7*	6	18**
Emocional/Informação	23*	23*	21**	24*	35**
Afetivo	9*	13**	12**	8*	14**
Interação social positiva	11*	14**	13*	6	14**

\*Moderado      \*\*Alto

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar dos altos níveis de apoio social percebidos por algumas das participantes, houve ainda indicação paralela de uma sensação de sobrecarga atrelada aos cuidados dispendidos aos filhos. Em suas percepções, essa sobrecarga atrapalharia a realização de outras tarefas de seu interesse:

***Quando precisa de algum tipo de ajuda, considera que pode contar com as pessoas que moram na vizinhança?***

Não. E outra que eu não tenho coragem também. Corro atrás da Assistência Social. Igual eu, acabou a despesa, né, a comida. Eu ligo pra Assistente Social e peço. Odeio pedir, mas... Eu tenho filho, né? A gente tem um filho a gente faz qualquer coisa, então... Eu penso, eu ligo pra Assistente Social e peço. Mas eu nunca também gostei de pedir pra vizinho sabe? Acho uma situação chata. E mesmo se for pedir também nós morre de fome né, que uns eu falo o amor de muitos esfriou assim, as pessoas

hoje se deixa levar muito por dinheiro né, bem materiais, entendeu? Então igual eu falei, amor mais não existe. Acabou, são poucos né, que têm sentimento. Então não existe. (Vanessa)

*Quando precisa de algum tipo de ajuda, considera que pode contar com as pessoas que moram na vizinhança?*

Não!

*Por que assim, você acha?*

Aqui ninguém ajuda ninguém. Nem quem é de fato pra ajudar tá ajudando, quem dirá vizinho. (Camila)

Se tivesse mais tempo pra desenvolver mais a confeitaria, porque eu tenho eles, se eu tivesse mais tempo pra pegar que nem eu não pego sábado e domingo, só de dia de semana pra poder falar “não” [vou fazer] ou pegar uns bico pra fazer. Dá pra fazer, mas aí o que eu faço com eles? Eu já fiquei muito tempo da minha vida fazendo isso, principalmente quando ela [Isabela] era pequenininha, eu trabalhava de sábado, domingo, feriado, não tinha dia nenhum. E quando nasceu o Theo a mesma coisa, trabalhava de sábado domingo feriado, não tinha folga, agora de segunda-feira, mas aí a folga eles também ia pra escola e eu fazia as coisa de casa, então... infelizmente não dava tempo de nada. (Juliana)

Ressalta-se, portanto, que os maiores níveis de negligência se apresentaram relacionados aos menores níveis de apoio social percebido. Quando os apoios parecem existir, esses não seriam no nível desejado/necessário, de acordo com as participantes.

### 3.1.7 Temas - fatores de risco

Da análise temática, alguns aspectos relevantes, atinentes a fatores de risco associados à negligência, emergiram. Destaca-se, primeiramente, a presença de **problemáticas de saúde mental**. Uma dessas problemáticas refere-se ao **uso de substância psicoativas**, já mencionado, pelos adultos responsáveis pelos cuidados das crianças, notadamente a mãe/participante. O uso de substâncias como fator de risco para negligência, entretanto, parece desempenhar papel diferente em cada caso. A notificação de Juliana, mãe de Isabela e Theo, ocorreu a partir de um episódio em que pôs os filhos em risco ao colocar fogo em um colchão, por estar sob o efeito de drogas. Para Juliana, a problemática de uso e abuso de substâncias se deu a partir do relacionamento com seu ex-marido, muito antes de conceberem Isabela, tendo durado por vários anos, atravessando as duas gestações (a de Isabela e, posteriormente, a de seu irmão mais novo, Theo, com o atual parceiro, também usuário de drogas). Segundo seu relato, teria parado o uso de substâncias quatro meses antes da coleta de dados, por conta da notificação ao Conselho Tutelar.



A notificação de Camila, mãe de Leonardo, Danilo e Julio, deu-se pelo fato de se ter encontrado traços de droga no sangue de seu filho mais novo, Julio, de três meses, ao nascer, em exame feito na maternidade, tendo ela afirmado ter consumido álcool durante a gestação:

porque, que nem eu te falei, do fato de eu ter saído do [hospital], falaram que quando o menino nasceu que fizeram teste, que no sangue dele contava que tinha droga, né. Até a médica falou que se eu tirasse ele de lá era só com a presença da minha mãe, ah falou um monte, ela quis humilhar nós pra te falar a verdade. Veio um monte de segurança e... aí, a partir desse momento a Conselheira Tutelar começou a ir na minha casa. Eu acho que é por causa disso. Veio lá do hospital isso daí. (Camila).

Segundo Camila, o início de seu consumo de drogas se deu há aproximadamente treze anos, a partir do falecimento de seu terceiro filho, Lucas, aos seis meses de idade, como uma forma de lidar com depressão:

[Conheceu o pai de Danilo] Que era mais velho, aí por fim fomo morar junto, aí vivi 11 ano com ele. Aí teve o Danilo e o Lucas. O Lucas morreu, com 6 meis né. Que os dois eu tive com o pai deles, um só. E o Danilo é o primeiro, o Lucas se tivesse vivo hoje era pa tá com 13, e o Danilo com 14. Mas um morreu. Aí devido que ele morreu, eu acabei entrando em depressão, larguei... Aí... larguei mão, aí o Leonardo foi pa minha tia, a irmã da minha mãe, tinha oito ano. O Danilo foi po pai, né, o pai pediu a guarda e eu entrei nas droga, né que... e vivi uns três longos anos por causa disso. Aí cabei saindo. (Camila)

Segundo Camila, ela não teria mais feito uso de drogas, desde o nascimento do bebê, recebendo este um cuidado adequado, segundo os indicadores avaliados no presente estudo. A falha identificada nos cuidados, a partir da investigação realizada, estaria mais propriamente relacionada a seu filho do meio, que havia voltado a residir com a mãe há três meses do momento da coleta, depois da morte do pai em decorrência da Covid-19.

Apesar da problemática de uso abusivo de substâncias, essas participantes se diferem das demais em muitos aspectos, mas, principalmente, pelo apoio social percebido (altos, em todos os tipos, para Camila, e moderados e altos, para Juliana), encontrado, principalmente, na figura do atual cônjuge. Nesses dois casos, também, o cuidado dispensado aos filhos mais novos pareceu bastante adequado – denotando-se preocupação com o bem-estar dos filhos e com seu desenvolvimento, com eles, observou-se também maior proximidade afetiva. A falha nos cuidados caracterizaria, conforme já sublinhado, a interação com os filhos mais velhos (fruto de relacionamentos anteriores ao atual). As diferenças observadas quanto às práticas e o envolvimento parental dessas duas mães, em comparação às demais que compõe o grupo ICN, parecem indicar que o uso de substâncias como problemática de fundo ao padrão negligente que se manifesta com relação a um dos filhos, configura um subgrupo peculiar, para o qual os

mecanismos associados, segundo o modelo teórico - fraco vínculo familiar e isolamento social - não parecem ser tão decisivos, enquanto para os filhos mais velhos, parece associada a um maior distanciamento afetivo.

Além do uso de substâncias, outras problemáticas de saúde mental se destacam. A **depressão**, e a **ansiedade** a ela associada, parecem presentes para algumas das cuidadoras.

Porque quando eu engravidei dela eu tive depressão assim pós-parto, por causa do sofrimento, apanhei a gravidez dela, eu planejei, mas o pai queria que eu tirasse né, foi indesejada por parte dele. (Vanessa)

Eu tomo remédio né, pra depressão. Tomo. Eu tomo. Então precisa de medicamento. Eu tomo. (Vanessa)

Que a minha filha de 27 anos [que mora em outro Estado], quando ela foi assim... ai é até chato da gente falar né, que quando eu fui conhecer esse pai dos meus filho assim, eu já tinha ela, ela tinha um aninho né, eu já tinha ela, aí ele, quando ela tinha 5 ano ele veio tentar abusar dela. Aí com 12 ano ela veio me falar, aí entrei em depressão, tomo um monte de remédio hoje, e ela começou a me dar um monte de problema. (Vanessa)

agora eu to descobrindo essa... essa é, essa depressão, mas é, é coisa que deu depois de alguns problemas que eu tive, depois de alguns problemas pessoais acho que eu criei essa, essa depressão. (Juliana)

Não vou falar que a depressão é aquela que eu tenho vontade de me matar, não vou, igual nesses casos aí que tem acontecido muito. Era coisa de tristeza, angústia, que hora que cê fala assim não tenho mais de viver, mas não é uma coisa que cê fala tem uma coragem de ir lá e se matar, não tenho, igual meu tio fez, a minha tia fez, isso eu acho que não. (Juliana)

Eu tenho muita ansiedade, eu tomo remédio pra ansiedade. Qué dizer, eu deveria tomar né, mas...

***Você não conseguiu [atendimento psiquiátrico]?***

Consegui. Mas é porque o remédio que eu tomo, que eles me deu, me deixa muito sonolenta e... eu tomava na gravidez. Na gravidez eu tomava e eu podia dormir o dia inteiro, eu tava grávida né, mas agora não. Fui tentar tomar, até a minha sogra tem hora que solta, porque... por causa dele [Julio]. Então eu não tomo. Mas eu tenho ansiedade. E a minha ansiedade acho que tá virando depressão, que tem hora que parece que me sufoca. (Camila)

A análise temática também lançou luz ao **papel desempenhado pelos padrastos**, nos rearranjos familiares. Enquanto em alguns casos, eles parecem desempenhar um papel que funciona como **fator protetivo**, mediando e incentivando um relacionamento positivo das mães com os filhos de outros relacionamentos, em outros eles parecem desempenhar um papel que funciona como **fator de risco**, atuando como fonte de estresse, e amplificando tratamento desigual das crianças/adolescentes na família, quando não eles mesmos agindo diretamente em diferentes formas de maus-tratos, especialmente abusos físicos e emocionais.

**[fator de proteção]** Ele tenta criar ela de uma forma porque ela não teve pai, ela tinha dois ano e meio quando eu fui morar com ele, ele quis assumir isso pra ajudar, é... a criar ela, porque se ele tava criando é como se fosse pai dela. (Juliana)

Meu marido falava pra mim conversar [com Danilo], eu não sou de conversar, eu não tenho paciência, pra conversar. (Camila)

**[fator de risco]**

***O que você acha que o Gabriel tinha que comer mais?***

Ele tinha que comer mais é legumes, mais essas coisa assim. Meu marido também não compra, e eu que vou ter que receber, tsc, falar assim como eu to pegando meu auxílio [emergencial, por conta da pandemia da Covid-19], eu não sei se vai voltar agora o auxílio, vai voltar esse mês de fevereiro. Se eu começar eu... eu vou ter que comprar os legumes, eu vou ter que comprar os legumes para ele, pra comprar fruta, essas coisa pra ele. Que agora ele [Juliano, marido] falou assim que quando a nenê crescer ele vai começar comprar as coisa pra ela, ele não vai deixar pegar, e eu vou ter que comprar a mesma coisa que ele for comprar assim danone, que eu sei que eles [Miguel e Gabriel] vai começar pedir danone também...

ele [Juliano, o atual marido] falou que... ele tá tá, vai vai comprar as coisas ... e vai começar é, por trinco na geladeira, pra ele [Miguel e Gabriel] não tá abrindo a geladeira toda hora, querendo pegar as coisa ... (Claudia)

Ai como meu marido fala assim, “Claudia, você tem que largar a mão de ser boba, que é, saber pra rua todo mundo sabe, todo mundo sabe, saber nadar todo mundo sabe, você tem que deixar ele aprender sozinho, ele aprender limpar a bunda, aprender tomar banho” ... “cê, cê, cê não dá uns tapa, agora quando ele faz as coisa você não dá um tapa nele, cê não reage com eles.” Aí porque ele fala assim que eu tenho problema de cabeça, que, que eu fico deixando os moleque fazer o que quer, aí eu não... ah como eu tava falando eu não gosto de ficar batendo, se for pra mim falar eu falo, mas bater eu não gosto de ficar batendo. (Claudia)

teve um dia aqui meu marido pegou um pau assim que o meu filho começou é... como falar? Desrespeitar ele, aí ele deu uma paulada na bunda dele, aí ele chegou a sentir dor na, na, na bunda assim, até ficou deitado umas horas assim no chão, aí eu falei “Juliano, não bate mais nos menino não que você não é pai deles”. Meu pai nunca bateu na gente de pau! Aí ele falou assim “Ai, mas bater de pau não mata ninguém não” (Claudia)

Nessa esteira, destacou-se também a **violência familiar**. Não foram incomuns relatos acerca da experiência de exposição à violência, desde a infância, na família de origem, perdurando até os dias atuais, dentro da própria família nuclear, principalmente por parte dos cônjuges. Tal violência inclui, em muitos casos, o período gestacional, e atravessa as próprias práticas parentais. Observa-se, portanto, uma transgeracionalidade da presença de violência intrafamiliar.

aí ele [atual marido] falou que, que já, já, apanhou de pau da, da mãe dele, já apanhou de pau de mangueira, de monte de coisa. Ele falou assim que ele apanhou de pau que a cabeça dele ficou até a marca também, que ele perdeu até cabelo no meio da cabeça. Aí... é... agora ele tá quereno dar uma de pai pros menino, quereno por a mão nos menino. (Claudia)

***Como a sua família reagiu à gravidez dela [primeira filha]?***

Ah meu pai num.... Num gostou muito que eu... que eu engravidei não (...) Na hora que eu entrei, na hora que eu entrei assim pra dentro [de casa] aí na, na, assim, na hora

que ela [amiga] falou pro meu pai que eu tava grávida, aí meu pai falou pra eu entrar pra dentro, falou assim “entra pra dentro se não cê vai apanhar”, a hora que eu entrei - ele só batia a gente de assim [fechou o punho], de murro - aí hora que eu entrei ele, sorte que tinha uma geladeira aqui, que se não eu ia cair de barriga, puxa eu ia perder essa menina [filha mais velha, não reside com ela]. Aí na hora que eu entrei ele me deu um soco nas costas eu cheguei cair de frente pra, pra geladeira....mas depois ele foi acostumano né. (Claudia)

***Você falou que a sua família reagiu mal à gravidez [da primeira filha]...***

Meu pai. Meu finado pai né. Me colocou eu pra rua, tanto é que minha mãe foi comigo, junto. Aí eu fiquei um par de tempo morando com os meus tios e aí depois, quando eu tive a menina, ele aceitou né? (Vanessa)

***Você lembra como foi [a gravidez]?***

A sofri muito...Ah sofri muito né, assim, foi planejada, mas assim sofri muito. Dos três apanhei, sabe? Apanhei na resguarda, apanhei na gravidez, foi um, nossa eu não gosto nem de pensar, sofri muito. (Vanessa)

***Alguma vez você já sofreu violência por parte do parceiro?***

Já. Do pai dela [filha mais velha] muitas vezes, muitas e muitas. (...) quando ele usava muita droga, às vezes eu... Ela também sofria quando era pequenininha, ele tinha convulsão, aí eu tentava ajudar, aí ele brigava comigo, no outro dia ele pegava o pau, teve uma amiga da minha irmã que uma vez ele pegou de mangueira, com essa menina no colo. Várias e várias vezes, muitas e muitas vezes. (Juliana)

## **3.2 Caracterizando e compreendendo as famílias do Grupo sem indicadores consistentes de negligência -Grupo INN**

### **3.2.1 Caracterização sociodemográfica geral**

A tabela 12 apresenta os dados das famílias que compõe o Grupo INN (n=09), aqui representadas pelas participantes<sup>4</sup> Larissa, Maria, Marta, Cecília, Carla, Sara, Monica, Bruna e Lucia. A partir dela, é possível perceber uma maior heterogeneidade no tocante ao nível de escolaridade dos adultos na família, assim como de renda, e uma proporção maior de empregos formais.

---

<sup>4</sup> A todas as participantes e aos demais membros da família mencionados foram atribuídos nomes fictícios.

Tabela 12 – Caracterização sociodemográfica das famílias no Grupo INN (continua)

Famílias	Composição Familiar Atual	Idade	Escolaridade	Situação Empregatícia	Renda Familiar	N. de Crianças/ Adolescentes na Casa
Larissa	Ela própria	31	Ensino Médio Completo	Emprego Formal	Até 2 salários mínimos	2
	Samuel	15	1º Ano Ensino Médio	Menor Aprendiz		
	Manuela	6	1º Ano Fundamental	-		
Maria	Ela própria	34	Fundamental Incompleto	Desempregada	Até 1 salário mínimo	3
	Marcos	35	Fundamental Incompleto 4º Ano	Não informado		
	Lucas	9	Fundamental	-		
	Matheus Sofia	5 3	Creche Creche	- -		
Marta	Ela própria	41	Ensino Médio Completo 5º Ano	Emprego Formal	De 3 a 4 salários mínimos	1
	Joaquim	9	Fundamental	-		
	Antonieta (avó)	73	Fundamental Incompleto	-		
Cecília	Ela própria	32	Superior Completo	Emprego Informal	Até 1 salário mínimo	2
	Caique (pai de Nicolas)	32	Superior Completo 3º Ano	Emprego Formal		
	Rafael	7	Fundamental	-		
	Nicolas	4	Creche	-		
Carla	Ela própria	29	Fundamental Completo	Autônoma	Até 1 salário mínimo	4
	Mariano (pai de Eloá e Vitor)	50	Fundamental Incompleto 4º Ano	Autônomo		
	Gustavo	9	Fundamental 1º Ano	-		
	Luiza	6	Fundamental	-		
	Eloá	3	-	-		
	Vitor	1 ano e 7 meses	-	-		
Sara	Ela própria	36	Ensino Médio Completo 1º Ano	Emprego Formal	Até 2 salários mínimos	1
	Caio	6	Fundamental	-		

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 12 – Caracterização sociodemográfica das famílias no Grupo INN (continuação)

Famílias	Composição Familiar Atual	Idade	Escolaridade	Situação Empregatícia	Renda Familiar	N. de Crianças/ Adolescentes na Casa
Mônica	Ela própria	36	Superior Incompleto	Desempregada	Até 2 salários mínimos	3
	Fabio (marido)	39	Ensino Médio Completo	Emprego Formal		
	Bruno	7	2º Ano Fundamental	-		
	Felipe	3	Creche	-		
	Lívia	2	Creche	-		
Bruna	Ela própria	38	Superior Incompleto	Autônoma	De 3 a 4 salários mínimos	1
	Daniel (marido, padrasto das crianças)	42	Superior Incompleto	Emprego Formal		
	Luciana	19	Superior Incompleto	-		
	Gael	10	5º Ano Fundamental	-		
Lucia	Ela própria	41	Fundamental Incompleto	Desempregada	Até 1 salário mínimo	4
	Maitê	14	9º Ano Fundamental	-		
	Elisa	12	5º Ano Fundamental (acompanha somente pela idade)	-		
	Giovana	10	5º Ano Fundamental	-		
	André	6	1º Ano Fundamental	-		

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela 13 descreve a renda máxima *per capita* nas famílias de cada participante, tendo como base o valor estipulado como o máximo de cada categoria, para fins de comparação aproximada de dinheiro disponível para cada participante. É preciso ter em mente, porém, que por não estar disponível o valor exato da renda de cada família, a renda *per capita* pode ser menor do que a apresentada aqui. Os dados apresentados foram organizados de forma crescente quanto à renda *per capita* máxima possível. A partir dela, é possível perceber maior variação em termos de disponibilidade financeira, esta podendo atingir níveis máximos de 1.466,6 reais *per capita*.

Tabela 13 – Renda *per capita* máxima nas famílias no Grupo INN

Participante	Membros da família	Renda máxima	Renda <i>per capita</i>
Carla	6	1.100	183,3
Maria	5	1.100	220,0
Cecília	5	1.100	220,0
Lucia	5	1.100	220,0
Monica	5	2.200	440,0
Larissa	3	2.200	733,0
Sara	2	2.200	1.100,0
Bruna	4	4.400	1.100,0
Marta	3	4.400	1.466,6

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos níveis de satisfação com a moradia, com o bairro e com o apoio social da vizinhança, os dados mostraram que esses foram mais altos, se comparados com os dados em ICN. Com relação à residência, quatro disseram estar muito satisfeitas com sua residência, três disseram-se satisfeitas e duas disseram-se parcialmente satisfeitas. Quanto ao bairro, cinco se disseram muito satisfeitas, duas se disseram satisfeitas, uma se disse parcialmente satisfeita e uma se disse muito insatisfeita. Quanto ao apoio social na vizinhança, seis disseram poder contar com os vizinhos em caso de alguma necessidade, duas disseram poder contar com os vizinhos “às vezes” e apenas uma disse não poder contar com os vizinhos. Esses dados encontram-se sintetizados na tabela 14 a seguir.

Tabela 14 – Condições de moradia e satisfação com o bairro e com o apoio social no Grupo INN

Participante	Moradia	Quantidade de Cômodos na Casa	Grau de Satisfação com a Moradia	Grau de Satisfação com o Bairro	Pode Contar com Apoio Social da Vizinhança?
Larissa	Alugada	6: 3 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Parcialmente satisfeita	Muito satisfeita	Sim
Maria	Cedida	9: 3 quartos, 2 salas, 2 cozinhas, 2 banheiros	Muito satisfeita	Muito insatisfeita	Sim
Marta	Própria	7: 3 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 2 banheiros	Satisfeita	Muito satisfeita	Sim
Cecília	Financiada	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Satisfeita	Parcialmente satisfeita	Às vezes
Carla	Alugada	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Satisfeita	Muito satisfeita	Sim
Sara	Própria	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Muito satisfeita	Satisfeita	Às vezes
Monica	Cedida	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Parcialmente satisfeita	Satisfeita	Sim
Bruna	Alugada	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Muito satisfeita	Muito satisfeita	Sim
Lucia	Alugada	5: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro	Muito satisfeita	Muito satisfeita	Não

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à composição familiar em INN, as famílias, em sua maioria, são monoparentais e, assim como em ICN, os filhos são de diferentes parceiros que, em sua grande maioria, não se fazem presentes na vida dos filhos. Neste grupo, denota-se, contudo, maior busca por parte das mães/genitoras por aproximar os genitores/pais dos filhos, em função das necessidades das crianças e adolescentes.

Aí eu fico “Gael, liga pro seu pai, fala que você quer dormir lá e você pode dormir lá esse final de semana”, então eu, Bruna, não permito que ele fique em 15 em 15. Eu prefiro ver o meu filho quase todo final de semana com pai e ele começar a sentir essa segurança, ele indo todo final de semana e eu ficar sem ele, porque eu já fico a semana toda, porque eu sou mãe, eu sei o amor que eu tenho comigo, que é diferente, se for pra ele brigar comigo ele briga, é diferente. Por exemplo, se ele quer um tênis ele não pede pro pai dele, ele pede para mim ou pro meu marido, porque ele vê meu marido como pai, entendeu? Chega “ô tio me dá um tênis, compra cartinha pra mim, tio tem um jogo”, essa afinidade que ele tem com o meu marido ele não consegue ter tanto com o pai (...) (Bruna)

Então assim, eu mandando ele fazendo e ele pegando o celular dele e conversando com o pai dele, eu tô percebendo que ele tá melhorando até essa insegurança dele com o pai entendeu? Igual, domingo agora não era pra ele ter ficado com pai dele, eu falei: “filho liga pro teu pai que segunda-feira é feriado, pergunta, vê se você pode dormir lá”, aí ele ligou, o pai dele falou “pode dormir, mas segunda-feira eu te levo hora do almoço”, aí foi, dormiu, entendeu? (Bruna)



Eu sempre prego pra ele uma figura positiva do lado paterno, sabe? Porém, é sempre é ele que tem que procurar, parece que o Bruno [pai], ele vive no mundo de Bob, no mundo iluso...num mundo louco dele lá, nem sei, era desse jeito. Mas eu fico assim, faço a minha parte, que já é muito, e tá tudo certo. Só que eu sinto lá dentro do coraçãozinho dele, dentro dele, do jeito dele sê, quietinho, acan...Assim, tá assim mais, mais introspectivo, mais tímido. Eu sinto a saudade, a falta... que ele tem, só que o pai não tem nada de bom pra acrescentar, não tem nada... (Cecília)

### 3.2.2 O teor das notificações

Na maioria dos casos, a notificação por negligência foi realizada em contextos de disputa de guarda, tanto com a avó materna (como é o caso de Larissa e Carla), quanto com o pai da criança (como é o caso de Bruna, Célia e Marta). As disputas com as avós maternas ocorriam na esteira de um longo histórico de conflitos entre progenitora e genitora:

Ah, falou que ia arrancar a guarda das criança de mim, ai... ai a minha mãe ó... gosto nem de falar. Acha que é fácil sabe, vai lá denuncia, “ah, maus tratos”, vai lá e pega guarda. Ela acha que é assim. Acho que ela achou que não ia ter uma avaliação, que ia ter um processo, sabe? Acho que ela pensou que... sei lá o que ela pensou. (Larissa)

É que a Luiza [segunda filha mais velha] teve um tempo em que eu precisei que minha mãe ficasse com a Luiza. A Luiza, a de seis anos. Acho que ela ficou um ano com a Luiza pra mim, só que assim, eu ia *lú* em [cidade vizinha], via ela e fiquei grávida do Vitor. Aí depois, eu vim, aluguei, além dessa casa, eu tinha outra casa lá perto do centro, na [rua], aí aluguei uma casa e fiquei lá com as criança. Aí eu vim e truce a Luiza, aí a minha mãe, que mora em [cidade vizinha], pegou e me levou no fórum. Eu vim, trouxe minha filha, tudo, aí ela falou “não, tudo bem, é tua filha, você pode levar, normal”, ai tudo bem, eu fui lá e, peguei ela. Aí tudo bem, aí eu vim e truce ela aí passou uns três dias, o meu padrasto e ela começou a ligar falando, assim, asneira, essas coisas e eu não dei muita bola não. Aí ela foi no fórum dizendo que eu tinha abandonado a Luiza, que eu tinha abandonado, que ela tinha a roupa da menina tava lá, eu falei “uai, se a senhora tava cuidando dela pra mim, tinha as coisas dela mesmo lá” ixi ela inventou um monte de coisa! Ela falou assim que lá na porta do hotel, onde eu trabalhava, ficava mulher pelada, na porta do hotel. Inventou um escarcel, foi em todos os conselho tutelar, até esses dias ela foi na [assistência social], só que as pessoas viu que ela quer, tipo, prejudicá, não quer ajudar, ai ela tenta jogar o hotel como uma coisa, assim, ruim. Só que aí todo mundo que foi lá viu que não é assim, porque... os outros hotéis têm menina que fica na porta, o nosso é pá hospedage. Ela [conselheiras tutelares], as mulher foi lá, viu que não tem essas coisa, fez um relatório, desmentiu o que ela tinha dito. (Carla)

Ixi eu já fui... Eu fui processada lá em Brodowski, fui no processo, aí ela foi me mandou em outro conselho tutelar, aí eu fui. Acho que foi uns três conselho tutelar e a assistente social também. E ela me denunciou também pro postinho aqui. Falou que eu não tava levando as crianças no médico, aí eu fui levar as criança. Chegou lá ela falou que a Luiza, ela não pega as outras criança, ela nem olha, ela não... ela quer a Luiza, ela não quer levar os meninos, só a Luiza, e ela falou assim que ela ia fazer eu me arrepender de ter mexido com ela, porque se as coisa não fosse do jeito dela, aí não vai ser do meu também. É desse jeito. Você vê? Aí eu até fiz assim “ah, deixa os outro falar, que Deus sabe o que faz” porque, ela fica fazendo essas coisa aí, vai prejudicar ela mesmo, lá pra frente. (Carla)

Já as disputas de guarda com os pais, no geral, teriam sido motivadas pela possibilidade de não se pagar mais a pensão alimentícia. Na maior parte das vezes, esses genitores/pais não mantinham contato próximo aos filhos:

**Ah então ele [ex-marido] te denunciou...**

Ele me denunciou, isso. Quando a gente *separou*, a gente separou por qual motivo, ele me traiu com a minha melhor amiga, aí eu peguei os dois, aí eu pedi a separação. É uma história bem longa. E eu e ela, a gente trabalhava juntas. Então mesmo eu pegando os dois junto, eu continuei no mesmo serviço que ela porque eu não pedi conta porque eu tinha que trabalhar. E nisso, nesse período todo, ela infelizmente infernizou *muito* a minha vida, dentro do serviço, e ele entrou com a guarda, pedindo a guarda. Porque ele não tava pagando pensão naquele momento, então assim, *tudo* dá para enxergar. Porque no processo ele colocou que eu bebia, que eu não cuidava do meu filho, que eu chegava bêbada em casa... aí nós entramos num acordo, porque aí como tava com pensão atrasada, eu entrei com meu advogado pedindo né, aí o meu advogado falou “então Bruna, ele vai correr o risco de ser preso, porque já faz muito tempo que ele não tá pagando pensão”, aí ele foi notificado, aí ele recebeu uma notificação na casa dele dando um prazo, aí ele me chamou no escritório do meu advogado, a gente fez um acordo da pensão. Eu aceitei. Aí nisso, *nesse* acordo, ele tirou esse pedido de guarda, aí depois de *novo* de um outro tempo, ele entrou *novamente* com um pedido de guarda (risos). Mas tudo isso assim, ele tava sem pagar pensão, entrava com pedido. Entendeu?

E agora, há um tempo atrás, eu não sei como é que tá, eu até entrei em contato com advogado um tempo, meu advogado falou “Ah Bruna, como entrou a pandemia tá tudo parado, mas se você quiser como ele tá com uma pensão atrasada, de *janeiro* de 2021, a gente pode fazer um acordo com ele para ele tirar esse pedido, entendeu, e a gente não recorre e ele paga assim, boca pra você, a gente não recorre com processo”. Só que aí veio a pandemia, eu também não, não fui mais atrás, mandei uma mensagem para ele, ele respondeu pra procurar os meus direitos, é assim eu e ele. (Bruna)

**Você sabe porque que ele foi notificar?**

Porque me notificou? Por causa de pensão, porque ele não quer pagar pensão, aí ele coloca um monte de coisa, que eu bebo, que eu não cuido do meu filho, entendeu? Aí ele faz um monte de historinha no processo. Pra você ter noção é desde 2015 isso. (Bruna)

Ai pra mim eu tenho certeza que é o pai dele, o pai do Joaquim. Não tem outra pessoa, porque vizinho não ia denunciar não. Porque sempre, ele sempre deixou bem claro que ele queria que o Joaquim morasse com ele. O sonho dele. É a meta de vida dele. Ele fala. Quando a gente conversava, discutia, ele falava “a meta de vida minha é o Joaquim morar comigo”. Eu falei ué tenta então né. Vai saber, não sei. Não posso afirmar, mas não tem outra pessoa pra pensar. Entendeu? (Marta)

As demais notificações tiveram origem em contextos institucionais, principalmente na área da saúde. Na percepção das participantes, a notificação foi motivada por observações equivocadas de equipes médicas ou por algum tipo de conflito que entre a participante e os profissionais.

O que aconteceu foi, é, ano passado, acho que foi em junho ou julho, eu dando banho na minha filha eu percebi um calombo aqui, aí eu saí de casa, fui no posto perto de casa a pediatra não podia atender, que era a pediatra dela né, que ela tava com Covid, a outra pediatra tava atendendo os atendimentos. Que a pediatra falou “mãe leva num atendimento que tem raio x pra eu poder ver” saí daqui, fui lá na [vila]. Na [vila] a

médica fez o raio x e falou “olha, eu não tô conseguindo ver se é por dentro ou por fora (o hematoma)”. Ai encaminhou ela pro HC, no HC eles demoraram 2 dias pra fazer uma tomografia na minha filha, e constatou que ela teve um trauma, entendeu? e nesse trauma *eu* não vi, só que eu fui acusada de ter feito alguma coisa com a minha filha. E foi naonde que, pra *mim* foi a *pior* ocasião da minha vida, eu me senti a pior pessoa do mundo, porque eu saí da minha casa pra socorrer minha filha, fiquei dois dias, saí do hospital na sexta fui levar minha filha na terça - naquele dia - chamaram a polícia pra mim lá no hospital, fizeram boletim de ocorrência dentro do um quarto com 5 pessoas que nunca vi na minha vida, mães e crianças, que eu nunca vi na minha vida, e deu a entender que eu tivesse feito alguma coisa com a minha filha. Sem eu saber de nada. (Mônica)

O motivo que eu fui chamada no Conselho Tutelar foi nesse episódio né, que eu dei entrada no hospital com ela [segunda filha, com autismo] assim  *muito* em crise, uma crise muito forte, aí a assistente Social no dia seguinte me deu alta, mesmo ignorando as condições que ela estava né, muito agitada, precisando muito passar no psiquiatra, mas ela não quis saber, deu alta, a médica concordou com ela. A médica da ambulância que achou aquilo um absurdo, ela estar sendo, tá recebendo alta nas condições que ela estava, mas aí... machucaram ela quando foram dar aquela injeção. Eu avisei que tinha que ser pessoas que tivessem muita força para segurar, mas elas disseram que *eu* que tinha que ajudar, mesmo com o braço quebrado, elas não quiseram saber, disse que eu que tinha que ajudar, aí machucaram ela e depois botaram a culpa em mim que foi porque eu não ajudei. E aí a moça da ambulância me recomendou... me deu o número para denunciar na ouvidoria, aí depois dessa denúncia elas foram e me denunciaram pro Conselho Tutelar me acusando de que eu maltrato ela, que eu dô superdosagem de medicação, e que ela também sofre abuso. Então ela [médica] me denunciou que lá no conselho a moça falou que a denúncia foi do [hospital]. (Lúcia)

As notificações ocorreram também por suspeitas de negligência ou maus-tratos:

Eles alegaram que foi denúncia de vizinho alegando que eu deixo o meu filho sozinho, “para trabalhar”. A pessoa ainda colocou na denúncia “A mãe sai *para* trabalhar e deixa sozinho”, e na verdade não existe isso, meu filho fica com uma vizinha num apartamento no Bloco B. (Sara)

O conselho tutelar falou que *a gente* tava batendo neles, principalmente nela [filha mais nova], falaram que o pai tinha pegado um pau e chutou ela, pra bater. Ele não faz isso porque é predileta é a única menina filha que nois tem. (Maria)

### 3.2.3 Padrões de cuidado/proteção dispensados aos filhos: categorias/tipos de negligência e sua severidade

Os casos aqui reunidos, conforme dados coletados e avaliações independentes, mediante critérios estabelecidos no Index Negligência, não alcançaram pontuações indicativas de negligência em níveis significativos, em nenhum dos subtipos analisados, para qualquer dos filhos (crianças/adolescentes enfocados), à exceção dos casos atinentes à família de Marta, para qual se denotou negligência em nível baixo (nas categorias supervisão e emocional), e de Carla, com relação a seu filho mais velho (na categoria emocional). A Tabela 15 sintetiza essas informações. A negligência de supervisão, a uma pontuação 25, refere-se a situações ocasionais de exposição a situações que poderiam causar, à criança, danos moderados, como a criança de

idade escolar ficar ocasionalmente sozinha, já uma pontuação 20 relacionada à categoria emocional, ocorre quando “há uma resposta inconsistente ao sofrimento emocional (ex: apenas resposta a uma situação de crise)” (Trocmé, 1996, p. 154). São níveis, portanto, que indicam a ocorrência de comportamentos de cuidado adequados, mas não em uma frequência que poderia ser considerada “ideal”. Apesar disso, apresenta riscos baixos de produção de dano ao desenvolvimento.

Tabela 15 – Níveis de negligência observados para o Grupo INN

Participante	Filhos	Supervisão	Nutrição	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação
Larissa	Samuel	0	0	0	0	0	0
	Manuela	0	0	0	0	0	0
Sara	Caio	0	0	0	0	0	0
Lucia	Maitê	0	0	0	0	0	0
	Elisa	0	0	0	0	0	0
	Giovana	0	0	0	0	0	0
	André	0	0	0	0	0	0
Mônica	Bruno	0	0	0	0	0	0
	Felipe	0	0	0	0	0	0
	Lívia	0	0	0	0	0	0
Bruna	Gael	0	0	0	0	0	0
Cecília	Rafael	0	0	0	0	0	0
	Nicolas	0	0	0	0	0	0
Carla	Gustavo	0	0	0	0	20	0
	Luiza	0	0	0	0	0	0
	Eloá	0	0	0	0	0	0
	Vitor	0	0	0	0	0	0
Maria	Lucas	0	0	0	0	0	0
	Matheus	0	0	0	0	0	0
	Sofia	0	0	0	0	0	0
Marta	Joaquim	25	0	0	0	20	0

Fonte: Elaborado pela autora

No restante das famílias, as pontuações zero indicariam cuidado adequado nas diferentes categorias. Ou seja, em supervisão seriam “tomados cuidados para se assegurar a segurança da criança, o cuidador conhece as idas e vindas da criança e suas atividades, limites claros enquadram as atividades”. Em nutrição seriam “refeições regulares e nutritivas asseguradas”. Em higiene, seria a criança estar “limpa e vestida apropriadamente”. Em cuidados de saúde física, seriam “cuidados médicos de base fornecidos”. Quanto à saúde mental, seriam os cuidadores anteciparem “as necessidades emocionais das crianças” e as responderem. Quanto à educação, seria a ocorrência de “resposta às necessidades desenvolvimentais e educativas da criança” (Trocmé, 1996, p. 153-154).

### 3.2.4 Vinculação familiar

Conforme modelo teórico adotado, um dos mecanismos subjacentes à negligência de crianças/adolescentes, na família, seriam frágeis relações entre seus membros, podendo-se falar de fraca vinculação familiar. Como já mencionado, uma das formas utilizadas para se investigar a qualidade da vinculação familiar foi a subescala coesão do FACES-IV, que avalia o nível de vinculação emocional entre os membros de uma família, a partir da realização ou não de atividades em conjunto ou do privilégio de realização de atividades fora do âmbito familiar. Assim como com as famílias do Grupo ICN, foram calculados as razões (*ratio*) de equilíbrio percebido quanto à coesão familiar, variando de 0 a 10, de modo que 1 indica um equilíbrio mínimo entre distanciamento e proximidade entre os membros da família (coesão), e, quanto mais acima de 1, mais equilibrada a coesão familiar. Da mesma forma, quanto mais abaixo de 1, mais desequilibrada a coesão familiar. Esses dados encontram-se descritos na Tabela 16 a seguir. A partir dela, é possível notar mais equilíbrio quanto a coesão familiar nas famílias que compõe esse grupo, especialmente para as participantes Lucia, Mônica, Marta, Sara e Bruna, cujos valores ultrapassaram 2 pontos.

Tabela 16 – Grau de equilíbrio quanto à coesão nas famílias das participantes no Grupo INN

	<i>Ratio</i>
Larissa	1,36
Maria	1,57
Carla	1,73
Cecília	1,74
Lucia	2,67
Mônica	2,67
Marta	2,68
Sara	2,95
Bruna	5,31

Fonte: Elaborado pela autora

De modo geral, as participantes descreveram maior qualidade da coesão familiar, o que se observa também a partir dos dados qualitativos. Ressalta-se que esses dados denotam o compartilhamento de atividades – em frequência e em qualidade – entre os membros da família, havendo indicadores da existência de laços afetivos fortes, unindo as mães/genitoras e seus filhos:

A brincadeira favorita dela é mamãe e filhinha, mas eu não tenho muita paciência não. Só que ela é uma menina muito parceira, semana passada que eu tava nem aguentando levantar da cama, “vem mamãe eu te seguro”, aí eu ia levantar do sofá, eu aguentava levantar, “perai mamãe, segura aqui mamãe, aí mamãe”, nossa ela é muito parceira, pegava o termômetro ponia em mim, “você tá com febre mamãe, vou lá pegar remédio”, ela é muito parceira, essa, ela é foda. Ela é demais. (Larissa)

Ele [Nicolas, filho mais novo] é muito amoroso como o Rafael [filho mais velho] também é. Atenção, né. “a mamãe, faz um bolo?” “ai eu gosto de ver como faz o bolo...” entendeu? Ele é muito participativo. Assim, o que deixa ele bastante feliz é viver em família, ter ali a família presente. O irmão, os dois, tem muita troca, os dois brinca, os dois se diverte muito. É de criança, é de irmão, tem aquele atritinho, mas que é normal, do cotidiano, mas ele brinca muito, sabe? Eles se diverte, um é a companhia do outro. É bem...legal. (Cecília)

No geral, as descrições que fazem dos filhos vêm acompanhadas de muitos elogios e uma visão positiva deles:

Os dois é benção, eles são muito bonzinhos, nossa!  
Nada! A vida da minha filha é igreja, faculdade, namorado. Gael a mesma coisa. Eles não me dão trabalho. Minha filha não é de balada, ela nunca foi pra balada, se sai vai é shopping, cinema e volta pra casa. (Bruna)

Mas assim, graças a Deus não dá trabalho, ele [Rafael] é um amor. O Rafael é muito obediente. Educação, precisa cê vê. Os dois, muito, cê vê, ceis viram aí. (Cecília)

Na esteira da visão positiva dos filhos, a interação com eles parece também positiva, até mesmo prazerosa, denotando-se tempo gasto juntos em “atividade compartilhada”:

Antes da pandemia a gente saía só eu e ele sabe? Essa [foto] foi em 2019, em 2020 entrou a pandemia. Mas antes, tipo assim, ele era meu companheiro, pegava ele e ia. Aí às vezes “ah só entra acompanhado dos pais”, “mas eu sou a mãe”, “ah você é a mãe! Nem parece!” (Larissa)

É, mas quando eu e o Rafael também, sempre nós três, mas quando eu tô com o... Eu gosto de ver filme junto, assistir série, desenho infantil, é...filme de desenho. A gente faz uma pipoquinha e tá todo mundo junto, aí eu, eu, eu brinco muito com ele assim. A gente vê algum vídeo do youtube pra assistir junto. Então tipo assim eu dou bastante atenção, um pouco pra um, um pouco pro outro. tipo, a gente sai, se vou na igreja eu levo, todos ficam no cultinho infantil. E eu trabalho na igreja, trabalho no ministério infantil, então eu fico no meio deles, tal. (Cecília)

***Vocês costumam fazer coisas juntos?***

Sim.

***O quê vocês fazem? (risos)***

(Risos)

*Bruno: Arte!*

(Risos) Arte.

*Bruno: Arte, bagunça, e...*

Assistir filme, a gente coloca as almofada aqui no chão... “mamãe, faz pipoca...”...assistir filme.

Todos juntos. (Mônica)

Ah fio, eu nado com eles o dia inteirinho. Tá um solão desse eu caio lá na piscina com eles lá e nós brinca. De vez em quando nós joga bola aí ó, é fio tem que se unir.(Carla)

Quando eu fazia artesanato, pedia pra eles me ajudar, igual no ano passado, no começo do ano eu fiz um brinquedo que a professora pediu do Matheus. Como tem que mexer com estilete tesoura ou faca então eu que faço, aí eu peguei e fiz um negócio de pegar

bolinha, falta só a parte... A gente, a professora pediu pra cortar essa parte em duas e fazer a bolinha. Aí uma ficava jogando pro outro, ainda fiz o vídeo, mandei pra professora, lembra Matheus? ...Assim, nós faz *mesmo*, mesmo, agora é ficar no meu celular assistindo séries ou desenhos. Coloca a mesinha no meio de nós tudo e deixa carregando e colocando o que eles gosta, aí nós fica aí. (Maria)

***Você costuma brincar com eles?***

(pausa) Quando eu não quero fazer nada em casa, nós pega pra brincá, fazer cosquinha, ainda tô tentando imaginar como que eu vou fazer uma amarelinha diferente no chão com giz de lousa. Mas ainda tô pensando como fazer. Tem uma outra brincadeira que eu quero fazer também que eu vi no celular, daora. Só preciso achar um tempo.

... Mas de vez em *quando* assim a gente dá uma voltinha aqui, igual ontem nós foi na rua de baixo, com a minha mãe na casa da muié ali, ela foi na lojinha então a gente já veio pra cá.

Aí a gente brinca de cosquinha, de assustá. Igual ontem a gente ficou assustando, eu e a Sofia ficamos assustando eles. Eles fingiam que assustava né. Mas ontem a gente não brincou muito porque o pai dele, ele fez sabão de soda, então a gente sova lá e eles fica pra cá, com o portão trancado. Aí então, na hora do jantar eu comecei a brincar de assustar, com ela, os dois. Aí quando nenhum qué brincá comigo eu fico aqui quieta. Aí fico sozinha. (Maria) (Maria)

***Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?***

Tirando que eu amo eles por mais que eles são arteiros? Não. (Maria)

### **3.2.5 O desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes – indicadores de problemas internalizantes e externalizantes**

Com vistas à aferição da existência ou não de problemas psicossociais associados ao curso do desenvolvimento das crianças e adolescentes nas famílias, utilizou-se numa primeira instância os dados do CBCL. De forma geral, as participantes em INN ofereceram respostas que denotaram menores/nenhum problemas de comportamento em seus filhos, como descrito nas Tabelas 17 e 18. Há, contudo, exceções. Especialmente em relação às competências, a maioria das participantes (Larissa, Lucia, Carla, Maria e Marta) observaram níveis clínicos em sua escala total, principalmente associada a problemas quanto a competência social (em níveis limítrofes e clínicos). A competência escolar (e, conseqüentemente, a escala total de competência) não pôde ser avaliada para os filhos mais novos de Larissa e Lúcia por estes terem a previsão de iniciar os estudos no ensino fundamental após a coleta de dados (realizada entre janeiro e início de fevereiro). Quanto à competência escolar de Elisa, segunda filha de Lúcia, esta não foi respondida por sua mãe por esta identificar que, por estar Elisa dentro do espectro autista, ainda que a filha frequente as aulas, ela não a acompanha com o restante da turma, realizando atividades a parte. Além disso, os demais problemas de comportamento observados por Lúcia em relação a Elisa também são atribuídos, por Lúcia, a comportamentos comuns ou esperados de crianças/adolescentes no espectro autista. Quanto às demais participantes,

observa-se a percepção de problemas de comportamento internalizantes para algumas crianças: a nível limítrofe para a filha mais nova de Larissa e para o filho de Marta; e a nível clínico para o filho mais velho de Mônica e para o filho mais velho de Maria. Estes parecem associados a níveis limítrofes e clínicos de problemas de comportamento internalizantes do tipo ansioso (Mônica e Maria), e do tipo retraído (Maria e Marta). Quanto aos problemas de comportamento externalizantes, estes são percebidos apenas por Maria, em relação aos três filhos, tanto o mais velho, de 9 anos (Tabela 17) quanto os mais novos, Matheus de 5 anos, e Sofia de três anos (Tabela 18). Para todos os filhos de Maria, foram percebidos, por ela, problemas de comportamento externalizantes em níveis clínicos, associados a comportamentos agressivos. Maria também é a única a relatar outros problemas de comportamento, na faixa etária dos 6 aos 18 anos, associado a problemas de atenção, a níveis clínicos, para seu filho mais velho.

Tabela 17 – Problemas de comportamento observados quanto aos filho de 6 a 18 anos, no Grupo INN (continua)

	Larissa		Sara Caio	Lúcia				Bruna Gael	Mônica Bruno
	Samuel <i>t</i>	Manuela <i>t</i>		Maitê <i>t</i>	Elisa <i>T</i>	Giovana <i>t</i>	André <i>t</i>		
<b>Escala de competência</b>									
Atividades	31*	24**	49	33*	20**	31*	26**	63	38
Social	35*	32*	50	29**	21**	25**	26**	57	57
Escolar	50	-	-	46	-	38	-	33	53
Total	31**	-	-	27**	-	25**	-	56	50
<b>Escala internalizante</b>									
Ansioso/Depressivo	50	63	53	55	62	50	50	59	66*
Retraído/Depressivo	60	60	66*	54	85**	60	50	58	58
Queixas somáticas	50	57	50	50	53	50	50	57	61
Total	50	62*	57	52	69**	48	34	60	65**
<b>Escala externalizante</b>									
Quebra de regras	57	52	51	50	54	55	50	50	53
Comportamento agressivo	50	60	53	50	63	50	50	52	55
Total	51	58	51	34	60*	44	33	48	54
<b>Outros</b>									
Problemas sociais	61	64	62	58	80**	50	50	51	53
Problemas de pensamento	50	58	58	50	73**	50	50	51	61
Problemas de atenção	53	57	51	50	83**	52	50	50	52
<b>Problemas Totais</b>	52	62*	53	45	70**	43	24	49	56

\*Nível limítrofe \*\*Nível clínico

Fonte: Elaborado pela autora



Tabela 17 – Problemas de comportamento observados quanto aos filho de 6 a 18 anos, no Grupo INN (continuação)

	Cecília	Carla		Maria	Marta
	Rafael	Gustavo	Luiza	Lucas	Joaquim
	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>
<b>Escala de competência</b>					
Atividades	42	40	45	40	27**
Social	46	41	32*	29**	25**
Escolar	40	33*	46	48	53
Total	41	34**	36**	32**	24**
<b>Escala internalizante</b>					
Ansioso/Depressivo	59	51	54	78**	59
Retraído/Depressivo	58	58	52	79**	68*
Queixas somáticas	53	50	50	61	53
Total	58	50	50	75**	63*
<b>Escala externalizante</b>					
Quebra de regras	51	57	50	53	51
Comportamento agressivo	50	51	50	73**	53
Total	46	51	41	69**	51
<b>Outros</b>					
Problemas sociais	58	56	52	56	50
Problemas de pensamento	64	61	54	64	50
Problemas de atenção	59	67*	52	88**	50
<b>Problemas Totais</b>	55	54	49	73**	51

\*Nível limítrofe \*\*Nível clínico

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos filhos mais novos, na faixa etária do um ano e meio a seis anos, observam-se alguns problemas de comportamento internalizantes, em níveis limítrofes, para os filhos mais novos de Cecília e Maria. Para o filho mais novo de Cecília, este esteve associado a um nível clínico de problemas de comportamento internalizantes do tipo ansioso. Para o filho do meio de Maria, Matheus, este esteve associado a níveis limítrofes de problemas de comportamento do tipo ansioso e emocionalmente reativo; para Sofia, esteve associado a níveis clínicos de problemas de comportamento do tipo ansioso, e limítrofe para comportamento emocionalmente reativo. Além disso, como descrito anteriormente, Maria percebe, em seus filhos mais novos, problemas de comportamento externalizantes, a níveis clínicos, na forma de comportamentos agressivos. Para Matheus, há também a percepção de níveis limítrofes de problemas de atenção. Quanto a problemas para dormir, este não foi aferido para os filhos de Maria por não ter-se respondido itens relacionados a essa subescala. Esses dados estão descritos na Tabela 18 a seguir.

Tabela 18 – Problemas de comportamento observados quanto aos filhos de 1 ano e meio a 5 anos, no Grupo INN

	Mônica		Cecília	Carla		Maria	
	Felipe	Lívia	Nicolas	Eloá	Vitor	Matheus	Sofia
	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>
Escala internalizante							
Emocionalmente reativo	55	55	50	50	55	67*	69*
Ansioso/Depressivo	52	56	74**	51	63	69*	70**
Retraído	50	50	58	50	50	50	50
Queixas somáticas	50	50	56	50	50	51	50
Total	47	49	61*	37	53	63*	63*
Escala externalizante							
Problemas de atenção	53	57	50	57	51	67*	62
Comportamento agressivo	50	62	53	50	51	79**	77**
Total	47	61	52	44	50	76**	73**
Outros problemas							
Problemas para dormir	62	51	52	50	51	-	-
Problemas totais	50	56	56	42	55	72	69

\*Nível limítrofe \*\*Nível clínico

Fonte: Elaborado pela autora

De modo geral, não são percebidos, pelas participantes problemas de comportamento em altos níveis, para problemas de comportamento internalizantes e externalizantes. Os dados qualitativos se alinham as essas pontuações. As genitoras fazem relatos que denotam que percebem os filhos nas suas características e necessidades/problemas e buscam ser contingentes a elas:

O Felipe ele sempre foi muito chorão, desde neném, ele chora bastante, eu não sei, mas assim eu sinto ele muito sentimental. Ele chora bastante. Tudo ele chora, se você fala para ele “não Felipe, não sei o que” ele (imita o choro do Felipe). Aí cê vem bater ele (imita o choro do Felipe). Tá chorando. Ele chora, chora bastante... Mas ele é muito carinhoso. O Felipe é muito carinhoso.

Ah eu converso com ele, ele gosta de abraçar, ele gosta de beijar. Então eu não sei, assim, às vezes o pessoal fala que foi por causa que no momento da gravidez eu fiquei muito... eu fiquei muito preocupada, chorei bastante né.

(Mônica)

Por causa da pandemia, ele tem uma resistência baixa. Por causa dele eu não saio.

(Maria)

[na vizinhança tem] ... meninos que usam drogas. Mas a gente conseguiu cortar essas amizades dele. Ele não tem mais contato.

Tive que pedir ajuda pro meu pai, meu irmão e a madrinha dele. Ele ficou 4 meses na casa da madrinha dele. Pra ele ficar longe daqui, longe desses povo. Quatro, cinco meses. (Larissa)

Elas conseguem perceber e descrever problemas de comportamento nos filhos, mas significam isso de modo menos significativo e atribuem o problema a fatores como a própria idade da criança. Às vezes significam o problema como uma características da personalidade, devendo, por isso, ser aceito, ou consequência de fatores contextuais como a ausência paterna.

... eu acho que por ele ser muito ansioso, ele fica esperando vim logo muita informação entendeu, ele gosta de negócio rápido às vezes até as professoras falava assim “calma Bruno, a professora já deu esse ditado” ele ficava “vamos lá professora mais, vamos mais, não sei o que”, então por ele gostar mais de matemática, ele gosta mais dos exercícios de matemática... “Ai essa daí? Não essa eu já sei fazer”. (Mônica)

Ela [a filha – Lívia] eu não sei se a fase dos 2 aninhos, mas ela tá no 440. É o dia inteiro... mas eu... mas eu observo assim, às vezes, não sei se é a mudança da idade, às vezes ela fica agressiva. Ela brinca, não sei que, aí quer jogar o brinquedo, ela tá querendo morder o irmão, coisas que eu nunca vi, entendeu. (Mônica)

Então não sei se teve alguma ligação psicológica em questão disso sabe, mas ele [filho] sempre foi muito chorão. Desde quando ele nasceu, até no hospital, o pessoal, os médico falava “a lá, mãe foi tomar banho, dá uma olhada” (risos) eu ia tomar banho ele começava chorar, aí eu saia do banho ele começava.... Eu não sei mas ele sempre foi assim. (Mônica)

Então eu acho que o Lucas herdou isso de mim, ficar guardando as coisas, ele não é de falar, ele não consegue falar com a gente, comigo mesmo, se ele quer alguma coisa ele não fala, ele manda o *Matheus* falar comigo, você não quer assistir uma televisão? “Vai lá pede pra mãe Matheus”, se ele quer comer alguma coisa pede pro Matheus. Se ele quer desabafar, ele não fala com ninguém, ele cala a boca. Então, eu acho que os dois precisa [de atendimento psicológico]. (Maria)

Ele já tem nove ano, você explica hoje, amanhã ele já esqueceu, se você ensina aqui ele não sabe falar, “fala pra mim qual que é o número seis?” aí fica... Gustavo, “a gente estudou ontem”... é isso, a gente ensina hoje, amanhã já esquece, e é a mesma lição que a gente vai fazer. Eu fui na escola pegar as apostilas, mas não adianta, ele não sabe escrever, nem ler direito. Ele sabe ler umas coisinhas, assim, bem pequenininhas assim que eu ensino, ele sabe, tipo assim, se separa as sílabas para ele, aí se põe pra ele lê, ele lê mas assim, sofá, cama... Mas é assim, agora texto não vai, não adianta, ele não sabe nem os numerais direito, “Gustavo o que que cê tava fazendo na escola?”. Nossa, o caderno dele não tinha muita coisa escrita, ele não consegue acompanhar a professora quando passava as coisas, e ela falou pra mim também, ele não consegue, e aqui é a mesma coisa, mas a gente tenta, né? É filho. Aí a gente tenta (risos) (Carla)

É porque tem alguns autistas assim que são calmos que não tem esse comportamento dela, eu não sei se é por conta da medicação estar bem assim dosada, eu não sei. Muitas mães também relata que nessa idade eles tem esse problema né, dão mais trabalho essa questão da pré-adolescência que estão se desenvolvendo, ela tá crescendo, ganhando peso, aí a medicação vai ficando fraca muito rápido. Muitas mães já conversaram comigo e relataram que diz que quando chega assim na idade adulta aí eles dá uma estabilizada. (Lucia)

acredito que deva ser características desse, dessa... ausência paterna, desse, desse... né desse, dessa, desse, dessas características aí, desse lado. Tá desenvolvendo nele uma ansiedade. Uma ansiedade num sentido assim. Às vezes ele tá vendo alguma coisa no youtube ou jogando. Eu vejo ele ficar assim no dedo (Cecília)

Denota-se também busca de ajuda especializada por parte de algumas participantes:

E o Gustavo tem, ele é, assim, muito desligado, desligado demais com as coisas, tá falando com ele, ele tá viajando assim, aí eu fui atrás pra ver por que, além d’eu tá dando aula pra eles em casa, pros dois, ele tem, eu não sei, ele é muito desligado, ele não tem aquela... igual a Luiza... a Luiza é mais espertinha que ele, aí eu fui atrás do psicólogo, se não... aí tô esperano chamar. Agora vamo ver né (Carla)

***Você acha que ele tem alguma dificuldade na escola?***

Tem.

***O quê?***

Se concentrar. Ele é muito avoado, fora de si, ele para, fica olhando pra um lugar fica ali e não presta atenção. Eu até achei que era problema de vista porque eu também uso óculos, eu peguei paguei exame pra ele fazer, não é, não tem, o exame dele é perfeito. Falei caralho mas o que esse moleque tem que não presta atenção então, foi onde que eu queria a psicóloga, pra descobrir, porque eu não sei mais o que fazer. (Maria)

**3.2.6 Relações Sociais**

De modo geral, a partir do Questionário de Apoio Social, foi possível perceber altos níveis de apoio social em grande parte das áreas avaliadas (emocional, afetivo e de interação social positiva) para a maioria das participantes (Larissa, Sara, Mônica, Bruna, Cecília e Carla). Apoio material se diferencia, tendo sido relatado a níveis altos por Mônica, Bruna, Cecília e Carla, e moderados para Larissa, Sara, Lúcia, Maria e Marta. Das participantes, Lucia, Maria e Marta relataram níveis mais heterogêneos de apoio social: quanto ao apoio emocional, Lucia e Maria relataram níveis moderados e Marta nível alto. Quanto a apoio afetivo, Lucia e Maria apontaram níveis altos, e Marta nível baixo. Quanto a interação social positiva, Lucia foi quem apresentou os menores níveis, tendo sido observados níveis baixos de interação social positiva, para níveis moderados de Maria e Marta na mesma categoria de apoio.

Tabela 19 – Níveis de apoio social percebidos pelas participantes no Grupo INN

	Larissa	Sara	Lúcia	Mônica	Bruna	Cecília	Carla	Maria	Marta
	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore
Material	13*	10*	8*	18**	20**	19**	14**	8*	7*
Emocional/Informação	40**	38**	16*	34**	40**	35**	33**	14*	29**
Afetivo	15**	13**	11**	15**	15**	11**	15**	12**	3
Interação social positiva	19**	18**	4	20**	20**	18**	20**	13*	12*

\*Moderado      \*\*Alto

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, são famílias com altos níveis de apoio social percebidos em todas as áreas (material, emocional, afetiva e de interação social positiva). Os cuidados com os filhos são compartilhados com figuras que compõem uma rede de apoio que não é extensa, mas parece eficiente. Esta rede remete principalmente à família estendida, amigos, e em alguns casos, aos próprios filhos:

***O filho do seu marido, a guarda é da mãe?***

É, a guarda da mãe, só que tá quase todo dia aqui, que a mãe dele mora a 5 quarteirões daqui. Os dois tá na mesma escola, estudam na mesma escola... Às vezes eu que busco ele, deixo ele [enteado] lá. Eu e a mãe dele tem uma convivência muito boa, pra você ter noção o material - que o Davi [enteado] tá no sexto e o Gael tá no quinto [ano] - então como é a mesma escola, a mãe dele transferiu todos os livros dele pra mim, pro Gael usar esse ano. Então a nossa convivência é super tranquila. (Bruna)

[Quando precisa sair e não pode levar os filhos] Deixo eles, no caso, com meu padrasto, né? Se eu tiver trabalhando. Ou deixa com minha mãe que minha mãe é professora, né. Da prefeitura. Então assim, ela trabalha meio período, e com essa pandemia e tudo mais as aulas dela são online então, pela flexibilidade, ela me ajuda, dá esse apoio de ficar.

Né... Ou se não tem a tia do Vitor também que fica no apartamento dela no [bairro]. Ou ela vem fica com eles aqui. Então sempre tem... (Cecília)

Ela me ajuda também bastante, a minha ex-sogra. Um amor de pessoa! Um amor! Ela é nossa, bem mais velha que a minha mãe fio, que a minha mãe... falar a verdade que ela só cuidou de nós pequena porque depois a vida eu segui a minha pra frente, dos quinze ano em diante. Aí graças a Deus não virei tranqueira né. Que tem gente que cai. Ai. Meu marido é bom marido, coitado. (Carla)

Ai o meu menino mais velho ele me ajuda muito hein. Eu to aqui assim ele me ajuda bastante. Tanto a olhar os menino pra eu ir lá fazer comida, fazer alguma coisa, ele me ajuda. (Carla)

[O ex-marido] Nunca atrasou pensão, se precisar de remédio agora, daqui meia hora ele traz, só que assim é um pai que não cuida, quem cuida é os avós, entendeu? Ele mora com os pais. (Larissa)

Foi! Foi por meio dos irmãos da congregação [igreja], eles arranjaram essa casa.

***Você conhecia alguém aqui de Ribeirão?***

Assim, conhecer não conhecia não, mas... Tem uma... amiga lá eu conhecia, aí me passou o contato, aí eles ajudaram a alugar essa casa. Eles acharam essa casa né, aí eu aluguei, aí vim (Lucia)

***Você costuma ajudar [com as lições de casa], eles precisam de ajuda?***

Ajudo, mas quem ajudar mais é a irmã porque ela tá mais avançada nos estudos, porque eu estudei pouco aí ela tá bem mais adiantada, então ela ajuda bastante eles assim nas tarefa. (Lucia)

Há, incluso, referência a apoio relacionado a interação social positiva, relacionado a lazer.

Tenho muitas amigas que tem filhos, então...a gente se reúne, a gente faz piquenique juntos, vai pra parque essas coisas. (Cecília)

### 3.2.7 Temas e fatores de risco

Um tema comum, que emergiu espontaneamente nos relatos dessas participantes, refere-se à indignação sentida frente à notificação ao Conselho Tutelar:

E foi naonde que, pra *mim* foi a *pior* ocasião da minha vida [o dia em que foi notificada], eu me senti a pior pessoa do mundo, porque eu saí da minha casa pra socorrer minha filha, fiquei dois dias, saí do hospital na sexta fui levar minha filha na terça - naquele dia - chamaram a polícia pra mim lá no hospital, fizeram boletim de

ocorrência dentro do um quarto com 5 pessoas que nunca vi na minha vida, mães e crianças, que eu nunca vi na minha vida, e deu a entender que eu tivesse feito alguma coisa com a minha filha. Sem eu saber de nada. E depois na sexta-feira eu saí, e depois desse momento, dessa sexta-feira que eu saí, eu passei por 2 meses de perturbação porque foi: conselho tutelar na porta de casa, enfermeira do posto vim aqui na minha casa. (Mônica)

É então, o motivo que eu fui chamada no Conselho Tutelar foi nesse episódio né, que eu dei entrada no hospital com ela assim muito em crise, uma crise muito forte, aí a assistente social no dia seguinte me deu alta, mesmo ignorando as condições que ela estava né, muito agitada, precisando muito passar no psiquiatra, mas ela não quis saber, deu alta, a médica concordou com ela. A médica da ambulância que achou aquilo um absurdo, ela estar sendo, tá recebendo alta nas condições que ela estava, mas aí... machucaram ela quando foram dar aquela injeção. Eu avisei que tinha que ser pessoas que tivessem muita força para segurar, mas elas disseram que eu que tinha que ajudar, mesmo com o braço quebrado, elas não quiseram saber, disse que eu que tinha que ajudar, aí machucaram ela e depois botaram a culpa em mim que foi porque eu não ajudei. E aí a moça da ambulância me recomendou... me deu o número para denunciar na ouvidoria, aí depois dessa denúncia elas foram e me denunciaram pro Conselho Tutelar me acusando de quê eu maltrato ela, que eu do superdosagem de medicação, e que ela também sofre abuso. Então ela me denunciou que lá no conselho a moça falou que a denúncia foi do [hospital]. Então só pode ter vindo dela né, porque os outros médicos me trataram bem, a equipe da noite, a outra equipe que eu quando eu voltei lá no outro dia e também me trataram bem, só essa aí equipe da manhã junto com ela que, da terça de manhã junto com ela que me trataram assim, com total descaso e... por conta dela ter machucado ela, elas depois jogaram a culpa em mim dizendo que tinha sido eu, eu vou lhe mostrar as foto, de quando a gente saiu de lá. (Lucia)

Eu achei uma humilhação porque não foi um... a gente sabe que se em casos muito graves e que realmente merecem uma intervenção, precisa, e que eu acho importante até a denúncia, porque se as pessoas não denunciarem a criança... chegar casos até de serem morta né, como eu já vi casos de crianças serem tão maltratadas pelos pais de chegar ao ponto de ser morta, de morrer. Então quando alguém denuncia eu acho isso muito importante, é um serviço público, que é *obrigação* a pessoa denunciar, agora tem que ter responsabilidade né. Porque tem coisa que é muito grave para gente fazer de forma leviana só porque não foi com a cara de alguém, só porque quer prejudicar a pessoa. Então isso que ela foi comigo eu achei assim um crime porque ela não tem prova, ela que cometeu um crime contra mim por me negar um direito sagrado que ela tinha, que é tanto que quando eu voltei lá da outra vez uma outra médica do plantão ela disse: “Gente, isso que tá acontecendo é um crime covarde, ela é autista, ela tem direito ao atendimento”, “ai mas ela é assistida pela APAE” “mas a APAE é uma instituição filantrópica, nada tem a ver com a situação de emergência como é essa. Olha como a menina dela tá, ela *precisa* de um acompanhamento, ela precisa de um atendimento, por que que fizeram isso? Isso que fizeram foi crime, é criminoso”. (Lucia)

***O que que você achou disso [ter sido notificada]?***

péssimo! é uma coisa assim que te atrasa muito, faz você perder muito seu tempo. Se tem alguma coisa pra fazer, aí fica lá ‘ai, vamos lá, tem que ir lá’, e aí ela fica... que assim, não é uma pessoa... se eu não cuidasse dos meus filhos direito, não ensinasse, judiasse, essas coisas, tudo bem, aí haveria denúncias de outras pessoas, mas é só dela. (Carla)

Há, na percepção de algumas, apontamentos quanto ao fato de a negligência – ou os “maus-tratos” da criança - ter sido da parte de órgãos públicos, no caso, no âmbito da saúde:

Essa única Doutora que teve coragem de abrir a boca e falar a real entendeu? E disse que ela não dava alta pra mim, pra ela de jeito nenhum que ela não tinha coragem de mandar ela para casa do jeito que tava de jeito nenhum. Aí teve uma outra médica, uma baixinha, que disse: “Olha eu vou dar medicação que ela toma, se ela responder eu dou alta”, porque internação não vai ter que porque o médico psiquiatra de plantão ele pegou Covid, aí disse que até que a prefeitura mandasse outro pra poder avaliar porque disse que só podia interná-la se tivesse uma avaliação do especialista né, mas ele pegou Covid e tava sem. Até que a prefeitura mandasse outro, disse que eu ia ficar meses lá no hospital, ela disse “eu vou dar medicação no horário certinho, se ela reagir você vai pra casa” aí eu “tá bom”. (Lucia)

Eu achei assim que foi precipitado da parte da médica, entendo que é....

#### ***O protocolo?***

O protocolo dela, só que eu acho que foi uma situação desnecessária. E até quando eu fui, notificada não só no hospital, mas eu também fui chamada na delegacia da mulher. E lá na delegacia, a própria delegada falou pra mim que eu poderia abrir um processo pela forma que eu fui autuada, entendeu? Na situação. Que eu me senti muito constrangida. E aí é que nem eu falei assim aconteceu e eu não vou ficar focando nisso porque minha preocupação era com a saúde da minha filha, entendeu? Só que assim, sinto mais relevante porque assim, *quando* o policial chegou lá, ele chegou me procurando. Eu não sabia de nada, chegou no quarto ele falou que ele tava lá por causa de um boletim de ocorrência, ele taria abrindo um boletim de ocorrência de maus tratos. E foi o que eu falei pra ele. Aí eu falei *toda* a situação, expliquei *tudo* aí, *quando* ele terminou ele virou pra mim falou assim: “olha eu vou falar uma informação pra você e eu gostaria que você entendesse a minha função como profissional, eu trabalho com isso há mais de 15 anos, boletim de ocorrência independente da situação, pelo que eu trabalho eu vejo só pra *mim* eu entendo que você só socorreu sua filha, porque quem tem maus-tratos não tem oscilação de comportamento, e muito menos de não dar tanta certeza nas coisas que tá falando”. (Mônica)

A abordagem institucional, associada à notificação, é experienciada também como uma violência contra si:

Então, por exemplo, depois que ele abriu o B.O. eles só me deram alta porque eles verificaram as informações que eu tinha falado, que nem por exemplo, eu levei minha filha em março, *depois* do acontecido que ela queimou a perna; ela passou duas vezes pela pediatra pra ver como é que tava, entendeu? Eu socorri minha filha, eu levei, entendeu, então assim, eu não tinha nada que esconder, e eu não esperava aquela autuação. Então ele falou pra mim, ele falou “olha, pra *mim* eu entendo, como profissional, que você só socorreu sua filha e acidentes acontecem. Mas eu só vim fazer minha função”. Foi o que aconteceu. E uma situação que eu fiquei *muito* assim, *muito*, *muito*, *muito* chateada foi quando ele tava terminando de falar comigo, já tinha abrido o B.O. aí ele falou assim, a médica entrou no quarto e falou pra ele assim: “não vai vir o médico legista?” aí ele virou pra médica e falou: “doutora, teve algum abuso sexual que você percebeu nessa criança?” aí ela falou “não”, “Então a senhora tá equivocada, não tem necessidade de nada disso”. Aí foi onde que eu fiquei *mais* chateada ainda entendeu, porque ela esperava o médico legista e o próprio policial falou que não teria necessidade só em caso de algo sexual, entendeu. (Mônica)

E aconteceu tudo que não deveria acontecer, entendeu? E aí entraram [o conselho tutelar] em contato com a escola da minha filha, eu fiquei muito chateada. E até a escola ficou surpresa porque eu faço parte do conselho de pais da [ONG], [ONG] aqui naonde a Lívia e o Felipe participa. Eu fiquei muito chateada porque elas me entraram em contato, lá da [ONG], né, a diretora e a coordenadora da escola, e queria saber o que que aconteceu, e eu expliquei pra elas né, falei “foi isso que aconteceu” elas falaram “a gente ficou muito surpresa pela maneira que o conselho entrou em contato com a gente, porque a gente conhece você como mãe e *jamais* aconteceria isso”. Então assim, eu me senti *julgada*, sem ter dado a oportunidade de expressar o que tinha acontecido, sendo que eu nem sabia o que tinha acontecido com a minha filha. Eu não

vi nenhum momento que minha filha caiu, se um deles bateu, se ela bateu em algum móvel, entendeu? Eu não vi. Aí eu me senti julgada, porque, quando foi em março a Livia puxou o ferro, eu tava passando roupa, e queimou a perna, ela tem uma marca na perna aqui da queimadura do ferro, e eu tava no HC, não focada nisso, se eu quisesse esconder que minha filha tinha queimadura eu tinha colocado calça, e a minha filha tava de body, então quem tivesse que ver, eu não tinha nada a esconder. E eu acho que na hora que o médico viu a cicatriz dela da perna, entendeu uma coisa ligada a outra. E aí foi quando eles chamaram o conselho. (Mônica)

***O que você achou disso, da notificação?***

Eu achei um absurdo né, porque primeiro se fosse verdade, a pessoa poderia ter me ligado pra saber o que *de fato* tava acontecendo na residência para ele tá sozinho né. E outra, o Conselho Tutelar recebeu uma denúncia dia *vinte e sete* de novembro e só me informou em 9 de dezembro, então eles também não tava se importando, porque se eles realmente estivessem se importando com ele tá sozinho não tinha dado esse intervalo tão grande de dias. Então é um absurdo, falhou em todo lado: na pessoa que fez a denúncia *infundada* e do Conselho de receber numa data e ainda notificar semanas depois. (Sara)

Foi incabível, porque maus tratos? Vai ver se ele tem maus tratos. Que nem um dia eu falei pra moça lá, pode mandar a assistente social, vamo ver se uma criança é maltratada. Criança maltratada é desnutrida, não tem coisa pra brincar, não tem coisa pra comer. Vai lá ver o armário, falta nada pra ele. (Marta)

**As ações do Conselho Tutelar instalou-se como um importante fator de risco aos cuidados com as crianças, pois parecem desencadear problemas que não existiam antes como, por exemplo, o isolamento social, seja pelo fato de a família ficar estigmatizada, no entorno comunitário e no círculo social imediato, em razão de uma desconfiança quanto à sua capacidade de cuidar bem das crianças/adolescentes, seja pelo fato de gerar certa insegurança/desconfiança de órgãos públicos de atendimento (notadamente, o atendimento médico/hospitalar):**

Ela [outra médica] deu [medicação] aí ela [Elisa] se acalmou né, dormiu. Aí “eu vou mandar você pra casa mas qualquer coisa...”, mas aí ela tá sempre assim, ela às vezes, ela eu dou a medicação nos horários certinho, direitinho, mas tem momentos que ela fica agitada, fica agressiva, tem noites que ela não dorme... Mas eu tô com medo de procurar assim uma unidade de saúde e sei lá o que vão dizer. (Lucia)

***Você sabe quem denunciou?***

Não sei quem denunciou, mas tenho suspeitas de duas pessoas. Era 3 agora são duas, uma eu descartei. A que eu descartei é os vizinho aqui do lado. A Lara e o Ricardo, os que eu suspeito ainda é aqui da frente, porque eles já foram fazer reclamação pra minha prima Renata e a mulher do senhorzinho daqui da borracharia... (Maria)

...mas a mulher dele [Ricardo] não fala mais com a gente, nem comigo, nem com meu marido, nem com minha mãe. A Lara mesmo virou a cara pra gente, só porque a gente desconfiou dela. E eu gostava, gosto dela pra caramba porque eu faço crochê, quando eles [os filhos] deixam [fazer crochê], e ela que tava me dando uma força, e eu acabava de fazer eu mostrava pra ela, falava que tava bom, se os ponto tava ou não tava perfeito, então, por um lado me dava uma força sobre isso, e eu sinto também falta de falar com ela, sentar na calçada e ficar ali de noite com ela, meu esposo, mas vou esperar a vontade de Deus. (Maria)



Ela era [importante em sua vida], não vou negar não. Quando a gente mudou foi ela e o esposo que cedeu a energia porque aqui não tinha, porque roubaram os fios tudo daqui, por causa da geladeira, por causa das criança, a gente precisou foi deles, eles apoiou a gente na época e tudo. Eu gosto dela pra caramba... vou esperar. A hora que ela resolver falar, hora que ela tiver bêbada aí ela fala comigo. (Maria)

A **violência doméstica** também esteve presente em boa parte dos relatos obtidos, parecendo ser um fator comum a ambos os grupos, embora neste refira-se mais propriamente à violência por parte do parceiro íntimo. Todavia, neste grupo, a experiência parece remeter a situações pontuais e, aparentemente, superadas, o que indica, também, maiores recursos pessoais dessa mulheres em lidar com situações adversas, principalmente pelo fato de não normalizarem a violência como parte das interações/relacionamentos:

tipo assim, foi num período [a violência doméstica] em que tanto eu quanto ele, acho que a gente estava muito distante, assim, de Deus. Distante de tê uma, seja ela a religião que for, buscar uma bênção, sabe? De buscar melhorias, sabe? Então assim, eu e ele tava muito, tanto mais ele muito nervoso, muito irritado, tipo, de brigar, discutir e tal. E aí chegou a... tipo assim, nem foi vias de fato de bater, de agressão e tal. Foi um empurro, um empurrão, que querendo ou não, eu caí assim na cama (participante inclina o tronco e recolhe os braços). Mas assim, violência de xingar, de falta de respeito, assim, que aí eu sentei, nós conversamos, tudo. E falei pra ele que se isso não melhorasse, não fosse de forma diferente, passei, eu e ele passou até no acompanhamento de psicólogo também no Núcleo e também com a pastora que hoje nós somos evangélicos e tudo mais. Porém, eu falei pra ele se isso não melhorasse ia cada um seguir sua vida e tomar seu rumo e assim foi e deu tudo certo e hoje tamo de boa.

Sim, sim. Mas aí, ficamos um tempo separados, né? Cada um foi viver sua vida, teve, sabe... todo aquele processo de readaptação pra analisar se era isso que a gente queria. Aí o acompanhamento com psicólogo, quanto de assistente social, quanto de ir na igreja, conversar com os pastores. Aí eu falei pra ele “ou seria da minha forma, que seria bom pros dois, o respeito fosse mútuo, que não tivesse desrespeito nem verbal, muito menos físico, nem nada”, porque se chegasse a ocorrer uma outra vez, não teria outra oportunidade, outro momento, no caso.

Ah, faz... Ó, o Rafael tá, foi pra oito anos, né? Quer dizer, vai pra oito anos, foi coisa de uns cinco anos atrás, mais ou menos. Só teve essa questão de quando teve essa desavença, dessa briga, desafeto, que teve a polícia, teve um boletim de ocorrência devido a essa falta de... Mas foi algo muito anos, então... (Cecília)

[O marido] Reagiu até normal [à notícia da gravidez de suas três filhas], da terceira ele não gostou muito, disse porque “Ah é muito filho não sei o quê” mas a reação pior mesmo que ele teve foi com o diagnóstico dela [Elisa, de autismo]. Aí ele começou a me culpar, dizer que a culpa era minha. Se não fosse eu não tinha esse problema, que... pra que que eu fui inventar de ter filho, que não sei o quê... Aí me culpava o tempo todo, dizia que era o meu sangue, que eu tinha o sangue ruim, dizia que foi porque eu inventei de ter filho, era assim, uma atitude muito covarde. Covarde mesmo porque... só porque descobriu que ela tinha uma deficiência, ficou botando meio mundo de obstáculo, me culpando, querendo me condenar por isso, quando na verdade ele deveria estar junto comigo cuidando dela, lutando pelos direitos dela, mas não, ele achou que a culpa foi minha. (Lúcia)

***Ele [o marido] já chegou a ser internado pelo consumo de álcool?***

Não. Eu queria, mas ele não quis. Por causa de uma briga nossa, eu queria internar ele, mas ele não quis.

É, um dia que ele bebeu demais mesmo. Aí ele relou a mão ne mim, aí eu falei “ou você vai cá polícia, ou você se interna. Ou você vai embora daqui, some das nossas vida”. “Mas eu não quero ficar sem vocês” “Ah não? Então vai ter que ser internado”. Aí mesmo assim ele não quis. Aí dei uma chance pra ele. Aí agora ele parou cá pinga, que foi mais é a pinga, não é nem a cerveja. Aí ele parou cá pinga, só tá cá cerveja, graças a deus. Mas eu vou fazer ele parar ca cerveja! (Maria)

Denota-se que a violência doméstica, na forma de abuso, por parte do parceiro, também se dirigiu aos filhos (criança envolvida na situação da notificação da família por negligência):

Então, eu tive elas três com ele, né? Aí quando veio o problema dela, aí veio essas acusações todas aí, o comportamento dele desagradável, ele agredia ela, não tinha paciência porque ela chorava muito, aí eu me separei. Eu me separei porque eu não suportava vê-lo tratando ela daquele jeito, eu dizia a ele, era covardia da parte dele agir daquela forma, que quando ele deveria cuidar, protegê-la, ele que tava agredindo ela, não tinha paciência nenhuma, nem a capacidade de entender que isso ninguém tem culpa, que mesmo com a deficiência os filhos são importantes na vida da gente, que eles nos ensina muito, mas para ele... ela não passava de um problema, de um peso na vida dele, aí eu me separei. (Lúcia)

#### 4. DISCUSSÃO

O presente estudo orientou-se pelo objetivo geral de caracterizar famílias notificadas por negligência ao sistema de proteção (Conselhos Tutelares), visando melhor conhecer este fenômeno no contexto sociocultural brasileiro. A caracterização dos casos, a partir de uma abordagem de casos múltiplos, possibilitou a identificação de grupos diferentes. Nesse sentido, destaca-se, primeiramente, que para um dos grupos delineados, embora “classificados e registrados como casos de negligência”, nos órgãos de proteção, os dados – em se considerando o conjunto de informações – não pareceram consistentes com tal classificação e registro (Grupo INN). Apesar dos limites do presente estudo e da possibilidade de se discutir a legitimidade dos critérios utilizados, de lado a lado (os baseados em investigações científicas, empregados neste estudo, e os baseados na prática cotidiana dos agentes de proteção), prevalece a constatação a respeito da heterogeneidade dos casos e da necessidade, portanto, de se continuar investindo no desenvolvimento de definições operacionais – socioculturalmente contextualizadas – que ajudem a estabelecer com segurança os limites entre os cuidados adequados e os cuidados negligentes, afora a necessidade de se desenvolver abordagens também diferenciadas, caso a caso.

De modo geral, nos casos em que se considerou que as práticas de cuidado, na família, se caracterizaram pela presença consistente de indicadores de negligência (Grupo ICN), também se observaram a convergência dos seguintes dados: menor disponibilidade financeira, menor disponibilidade de apoio social, mais frágil vinculação e menos descrições positivas dos filhos, quando comparadas aos casos em que se considerou que as práticas de cuidado, na família, se caracterizaram pela ausência de indicadores consistentes de negligência. A hipótese de que a qualidade da vinculação familiar e a disponibilidade de apoio social são importantes mecanismos para o desenvolvimento da negligência (Lacharité, Étier, & Nolin, 2006), parece se confirmar também no contexto sociocultural brasileiro, se alinhando aos resultados do estudo de Faleiros (2011), que utilizou este mesmo modelo teórico.

A falta de apoio social é talvez o fator para negligência mais consolidado, segundo a literatura (Bazon et al., 2010; Clément et al., 2016; Jones & Logan-Greene, 2016; Simmel et al., 2017), e isso se deve à influência que a rede social tem sobre a relação entre membros de díades primárias (Bronfenbrenner, 1979b). Se os pais/cuidadores ou, no caso, as mães, são encorajadas por, ou possuem apoio adequado da parte de pessoas de fora da díade mãe-criança, incluindo outros familiares, vizinhos e amigos, assim como agentes das instituições voltadas ao cuidado infantil (posto de saúde, creche/escola, entre outros), a qualidade das relações tende a

aumentar (Bronfenbrenner, 1979b). Diferentemente, se essa relação com terceiros é negativa, a tendência é que a qualidade da relação da díade, no microsistema, diminua (Bronfenbrenner, 1979b). Em pesquisa recente, essa influência foi novamente reforçada, apontando que mães com maior apoio social disponível se sentiam mais confiantes em sua parentagem, e foi identificado, de fato, maior qualidade na interação mãe-filho (Rhoda-Drogalis et al., 2020). Contudo, ainda que as diferenças entre níveis de apoio social observados no presente estudo corroborem essa teoria, os dados apresentados levantam uma questão de extrema relevância e que merece ser discutida: não basta, para uma boa parentagem, a disponibilidade de apoio social, mas a disponibilidade de apoio social *adequado*.

Como observado, as famílias que compuseram o Grupo INN possuíam maiores níveis gerais de apoio social, estando presente para as mães/participantes tanto quanto ao apoio para interações sociais positivas, quanto o afetivo e o de informação. Eram mulheres que tinham um círculo social para além da parentagem, parceiros – quando presentes – que incentivavam uma prática parental adequada e com quem boa parte dos cuidados parece ser dividida. Para as famílias que compuseram o Grupo ICN, o apoio, entretanto, quando disponível – em níveis moderados e baixos – pareciam contribuir para a prática parental negativa, como observado, por exemplo, nos relatos de Cláudia, em que os vizinhos e familiares – sua principal fonte de apoio social, e pessoas muito influentes em sua parentagem – incentivavam punições físicas severas para qualquer tipo de problemas de comportamento.

Além disso, e neste ponto, a importância da vinculação familiar, e mais propriamente da vinculação cuidador-crianças, é grande. Em muitos casos, ainda que houvessem terceiros a incentivar a parentagem adequada, como é o caso da própria Cláudia, cujos vizinhos e marido incentivavam-na a não deixar os filhos “soltos pela rua”, esta realidade, para ela própria, não parecia ter uma importância suficiente para desencadear comportamentos mais assertivos, e empreender uma supervisão mais efetiva. Da mesma forma, ainda que o marido de Camila, por exemplo, procurasse incentivar uma maior proximidade dela com o filho Danilo e uma maior tolerância para lidar com seus problemas de comportamento, ela não parecia se mobilizar o suficiente para mudar suas práticas parentais em relação a esse filho em específico. Ambas têm em comum um grande distanciamento afetivo em relação a esses filhos e uma percepção extremamente negativa deles, de seus comportamentos, além de uma crença bastante sólida de que “não adiantaria” fazer qualquer coisa, ou corrigir seus comportamentos inadequados. É interessante notar que o distanciamento emocional alimenta a desvinculação e essa, por sua vez, fomenta o distanciamento que concorre para práticas negligentes, inclusive com relação às demandas da criança/adolescente por cuidados no plano da saúde mental e da socialização.

Nesta perspectiva, como o esperado, a qualidade da vinculação pareceu pior nas famílias do Grupo ICN, em comparação às do Grupo INN, com verbalizações menos positivas dessas mulheres em relação aos filhos, além de menor compartilhamento de atividades e interesses entre mães e filhos. Nesse contexto, os problemas de comportamento observados parecem tanto reforçar quanto justificar o distanciamento afetivo experienciado por essas mulheres, atrelado a um viés na interpretação dos comportamentos infanto-juvenis exibidos. O viés de atribuição hostil a comportamentos infantis é um fator de risco importante para a prática de diversas formas de maus-tratos (Bugental & Happaney, 2004; Nakaya & Nakaya, 2006). Dentro desta perspectiva, observa-se que no Grupo INN, os problemas de comportamento dos filhos são apreendidos, inclusive, como uma questão que requer ajuda especializada, embora explicados como características da idade ou associados a experiências, ou ao ambiente, ao passo que no Grupo ICN se tem descrições de comportamentos como problemas – topograficamente semelhantes aos identificados no outro grupo (como os problemas de comportamento internalizantes, comum a crianças em ambos os grupos) – atrelados a um traço, a uma característica de personalidade dessas crianças, atribuindo aos comportamentos uma intencionalidade negativa, sendo esta – a intencionalidade – um conceito amplamente estudado na psicologia social, referente à interpretação de eventos e comportamentos (Heider, 1958), e determinante para caracterizar as reações maternas aos comportamentos infantis, tais quais atender ou não aos pedidos das crianças (Castro, 2005).

Em paralelo a isso, verificou-se também uma tendência a descrever os comportamentos em se desconsiderando a existência de uma subjetividade – evidenciando uma dificuldade em identificar expressões emocionais nas crianças/adolescentes, exemplificada por relatos de que nunca viram os filhos tristes, por exemplo. Essa dificuldade em identificar adequadamente as emoções expressadas pelos filhos parece ser uma característica de mães que praticam negligência (Camilo, Garrido, & Calheiros, 2020), assim como a tendência à caracterização da criança como um “problema” (Stith et al., 2009) que, aliada à atribuição de intencionalidade negativa à criança/adolescente, parece contribuir para o fundamental distanciamento emocional característico na descrição das interações entre algumas díades, do Grupo ICN.

É importante considerar que alguns dos problemas de comportamento observados podem derivar da própria prática negligente (McGuigan et al., 2018), bem como ser um importante fator de risco à sua ocorrência (Jones & Logan-Greene, 2016, Simmel et al., 2017), a partir de um processo recursivo em que as crianças que não recebem atenção suficiente ou adequada, podem buscar essa atenção por meio de comportamentos negativos/disruptivos (que serão classificados como problemas externalizantes). Esses, em geral, recebem atenção também

negativa, sendo quase sempre punidos pelos pais e inadvertidamente reforçados (Kodak et al., 2007), aumentando, assim, sua chance de ocorrência e diminuindo igualmente as de atenção positiva. Dessa forma, quando crianças negligenciadas recebem atenção apenas quando se comportam de maneira inadequada, podem se comportar inadequadamente para receberem mais da atenção que lhes falta (Kodak et al., 2007). Em contrapartida, essas expressões de comportamento inadequado podem não ser reforçadoras aos pais – tanto é que são punidas por estes – o que torna ainda mais frágil a relação destes com seus filhos, podendo aumentar as chances de ocorrência da negligência (Belsky, 1980), levando-se em conta que o desenvolvimento ocorre por meio da relação na díade, numa influência bidirecional (Bronfenbrenner, 1979b).

Por outro lado, os problemas de comportamento internalizantes – mais presentes nas percepções das famílias que compõe o Grupo ICN, no presente estudo – são associado, na literatura, às consequências da negligência (Grummitt et al., 2021; Yoon et al., 2017; Hildyard & Wolfe, 2002). Apesar disso, o que o presente estudo parece indicar é que tais problemas de comportamento internalizantes possam ter algum efeito negativo sobre a vinculação mães-filhos em famílias em que há indicadores consistentes de negligência, especialmente os comportamentos do tipo retraído/depressivo, presente, a níveis clínicos, na percepção da maioria das participantes que compõe o Grupo ICN (Claudia, Vanessa, Helena e Camila). A influência no distanciamento afetivo pode decorrer de características próprias desse tipo de comportamento. Alguns itens do instrumento que o exemplificam são a criança/adolescente preferir “ficar sozinho que na companhia de outros”, “recusa-se a falar”; ser “reservado, fechado, não conta suas coisas para ninguém” ou ser “retraído, não se relaciona com os outros” (Achenbach & Rescorla, 2001, p. 211). São exemplos de comportamentos que podem dificultar o estabelecimento de vínculos (que já são deficitários) quando se pensa que essa relação se desenvolve a partir da troca entre mães e filhos (Bronfenbrenner, 1979b). Aliado a isso, o viés hostil de interpretação desses comportamentos, como já discutido, pode agravar esse quadro, de forma que, ao invés de procurar ferramentas para diminuir o retraimento dos filhos, estes são interpretados negativamente.

Quanto aos problemas de comportamento internalizantes do tipo ansioso/depressivo, observados, em níveis clínicos, por Vanessa e Camila, e níveis limítrofes por Claudia (em relação a seu filho mais velho) e Helena, estes parecem mais propriamente derivar de uma experiência de negligência. Alguns itens que o exemplificam são a criança/adolescente “chorar muito”, sentir-se “desvalorizado, inferior”, e achar que “ninguém gosta dele”. Estes indicam

prejuízo na autoestima dessas crianças/adolescentes, uma das consequências associadas também à negligência, especialmente a negligência de supervisão (Oshri, 2017).

Desta forma, é possível observar a grande relevância que a forma como são percebidos os problemas de comportamento dos filhos tem para se compreender a negligência, na medida em que estes problemas possam interferir na qualidade da vinculação mãe-filho.

Outro dado interessante foram as diferenças observadas quanto às famílias nas quais a negligência decorreu do abuso de substâncias, cujos indicadores de vinculação e apoio social foram mais semelhantes aos do Grupo INN, mesmo que no tocante aos indicadores de negligência – tomando por base a definição de negligência empregada neste estudo (relacionada ao instrumento Index Negligência) – essas famílias tenham sido caracterizadas por níveis severos dessa forma de maus-tratos. Nessa perspectiva, a negligência associada ao uso abusivo de substâncias parece se constituir em uma situação específica, e possuir mecanismos próprios, mais propriamente relacionados às consequências farmacológicas das substâncias no comportamento, e não, necessariamente, dos mecanismos preconizados, referentes ao desenvolvimento da negligência, como frágil vinculação familiar e o isolamento social da família. Dessa forma, ainda que o uso de substâncias seja um fator de risco à negligência preconizado na literatura (Simmel et al., 2017; Clément et al., 2016), em termos de intervenção e mecanismos, estas famílias podem diferir daquelas nas quais o uso de substâncias não esteja presente e, por isso, requerer formas específicas de ajuda/intervenção. É certo que uso abusivo de substâncias pode fomentar os mecanismos ditos fundamentais à negligência. No caso da família representada por Camila (mãe de Danilo e Julio) tem-se, aparentemente, um exemplo de processos diferenciados pelos quais a negligência se processou ou rischia processar-se. Em relação a Danilo, filho mais velho, obteve-se pontuações altas de negligência do tipo escolar, de alimentação e de saúde mental, sendo esta claramente atrelada aos problemas de vinculação, construídos a partir de anos de distanciamento, em virtude da falta de convívio. Em relação a Julio, um bebê recém-nascido, as práticas parentais pareciam extremamente cuidadosas e adequadas. É certo que havia indicadores de risco para o cuidado de Julio, também, derivado da adicção, uma vez que a notificação havia ocorrido a partir da identificação de drogas em seu sangue ao nascer, três meses antes da coleta de dados. Embora no momento da coleta de dados a participante tenha relatado a interrupção do consumo de drogas, caso ela e o marido apresentem recaída, isso por si só configuraria um contexto de negligência de supervisão severo, sobretudo pela sua idade (definido como “criança frequentemente exposta à situações que poderiam lhe causar um dano sério (ex: abandono, lar utilizado como ponto para aplicação de drogas, medicamentos deixados ao alcance da criança, criança deixada solta em uma

vizinhança perigosa, criança frequentemente exposta a situações perigosas)”, (Trocmé, 1996, p. 153-154). É certo que o uso de substâncias durante a gestação é, por si só, uma situação que pode caracterizar-se como maus-tratos (Campelo, Santos, Angelo, & Souza, 2018). De todo modo, parece muito importante focalizar as situações familiares cujo centro dos problemas associados aos cuidados dos filhos parece estar relacionado ao uso das substâncias, de forma que pesquisas futuras investiguem especificamente os mecanismos da negligência nesse contexto, principalmente em comparação às situações de negligência não associadas ao uso de substâncias. Os elementos diferenciais dessas situações são muito importantes para se elaborar programas de intervenção adequados.

Outra situação relevante, que merece destaque não só pela gravidade, mas pela generalidade, é a violência doméstica, comum às famílias em ambos os grupos. A violência doméstica – aquela mais propriamente situada na relação entre os cônjuges/os adultos é um conhecido e importante fator de risco a várias formas de maus-tratos às crianças nas famílias (Buffarini et al., 2021). Dentou-se, contudo, diferenças interessantes nos grupos identificados. Ainda que a violência íntima do parceiro esteja presente tanto no grupo ICN quanto no grupo INN, a forma como essas mulheres lidaram com essa situação foi diferente. Para as mulheres do grupo ICN, a violência doméstica é uma situação que parece perpassar suas vidas, desde a família de origem, estando presente de forma rotineira – estável – na família que constituíram. Incluso, não há relatos sobre como, ou se, enfrentaram a situação. Para as mulheres do grupo INN, a violência doméstica parece ser episódica, até porque não lhes parece ser algo “normalizado”, sendo elas mais reativas aos episódios, acionando suas redes de apoio formal e informal, de forma contingente às situações. Cecília, por exemplo, acionou a polícia assim que sofreu a violência e condicionou a manutenção do relacionamento à não reincidência do marido, e juntos procuraram apoio e aconselhamento na igreja. Maria também, condicionou a manutenção do relacionamento à não reincidência da violência e à diminuição do consumo de álcool por parte do marido. Lucia, por sua vez, rompeu o casamento por conta da violência psicológica sofrida. Essa capacidade de posicionar-se frente à violência, desnaturalizando-a, resistindo a ela, com a imposição de limites e, principalmente, mobilizando uma rede de apoio social, evidencia uma importante característica dessas participantes também, que parece transcender às práticas adequadas de cuidados com os filhos, na medida em que, além da disponibilidade, há nessas participantes a habilidade de mobilizar ou criar redes de apoio social. A postura das mulheres do grupo ICN parece indicar a significação da violência doméstica como parte do relacionamento, significado este possivelmente desenvolvido a partir de seu longo histórico de violências intrafamiliares, citado por elas, que parece colocá-las em uma



posição de desamparo aprendido (Ferreira & Tourinho, 2013), que se reflete também nas práticas parentais e na menor disponibilidade de uma rede de apoio social eficaz que pudesse ajudá-las na prática parental. É certo que a capacidade das mulheres de INN não se refere a uma característica inata, mas uma aprendizagem social. Portanto, essa mesma aprendizagem pode ser o foco de programas de intervenção, com foco na família, até mesmo para o fim de prevenir a negligência das crianças/adolescentes.

Quanto ao Grupo INN, outro dado muito interessante, que emerge como característica comum, é o fato de que na maioria dos casos, as notificações “das mães” aconteceram em contextos de disputa de guarda, tanto pelas avós quanto pelos pais das crianças/filhos (estes últimos motivados pela possibilidade de não mais pagarem pensão alimentícia às ex-mulheres). Ao que parece, a necessidade de consubstanciação dos casos é importante por várias razões, inclusive para a de evitar o uso dos órgãos públicos de proteção, como o Conselho Tutelar - como um instrumento para atender interesses de indivíduos, em disputas judiciais, mais do que um instrumento de proteção à infância e à juventude, que é seu papel original (Frizzo & Sarriera, 2005).

É importante que se frise, que a disputa de guarda, atrela-se a outro fato que parece não receber o devido destaque no próprio sistema de proteção, o abandono paterno. Esse – elemento presente em vários casos, , de ambos os grupos. O abandono paterno, ainda que por si só represente uma forma severa/radical de negligência, é amplamente aceito na sociedade e nunca apareceu nos registros como situação motivadora de notificação por negligência, possivelmente porque os cuidados infantis sejam comumente atribuídos às mães (Mata et al., 2017) o que lava a uma ampla facilitação para a desresponsabilização por parte homens-genitores com relação aos deveres que deveriam assumir com os filhos.

Outro dado relevante quanto às famílias do Grupo INN é que as mães que foram notificadas fora do contexto de disputa de guarda (Lucia, Mônica, Maria e Sara), apresentavam também a menor disponibilidade financeira do grupo, tendo as famílias de Maria e Lucia uma renda máxima *per capita* de 220,0 reais; a de Mônica 440,0 reais. Apenas Sara apresenta renda máxima *per capita* um pouco mais elevada, de 1.100,00 reais, sendo sua família nuclear consistente apenas dela e seu filho. Isto denota a possibilidade de que a atribuição equivocada do rótulo de “negligência” possa ter derivado de uma confusão entre os indicadores de negligência e situação socioeconômicas (Bazon et al., 2013), ou de uma prévia “desqualificação” das famílias pobres, seja por parte de quem notificou os casos, seja por parte dos órgãos de proteção que os retiveram (Mata et al., 2017). Fato é que esses vieses podem ter um impacto negativo na vida dessas famílias, nas suas relações com o entorno e com o próprio

Conselho Tutelar, exacerbando o sentimento de injustiça que as famílias notificadas por negligência, por vezes, exprimem quanto à sua notificação (Sykes, 2011), e a desconfiança quanto a agentes sociais, fomentando algum isolamento e diminuição do contato com fontes de apoio social. Tal desconfiança pôde ser observada nos relatos de Lucia e Mônica quanto à insegurança em procurar-se atendimento médico aos filhos, após a notificação, e no relato de Maria sobre a sensação de desconfiança com seu entorno comunitário, e a quebra de relacionamentos e de apoios sociais importantes derivados dessa desconfiança.

Ademais, o fato de as famílias do grupo INN serem majoritariamente monoparentais reforça a perspectiva de um viés na identificação e na consubstanciação da negligência em famílias monoparentais (Mata et al., 2017), possivelmente a partir da expectativa social de quem deve assumir a responsabilidade de cuidar dos filhos (ou seja, a mulher), assim como uma expectativa de como deveriam ser os cuidados oferecidos. Neste cenário, destacam-se os casos de Sara e Marta, notificadas por deixarem os filhos sozinhos em casa (para ir trabalhar para o sustento da família), denotando uma contradição absurda, para além de uma demanda que se acumula sobre mulheres chefes de família, se que qualquer questionamento sobre a responsabilidade do genitor seja feito. De todo modo, nesse âmbito, interessantemente, outra capacidade notável das mulheres em INN parece ser aquela de colocar-se de lado, em prol dos filhos e, mesmo em situação de disputa de guarda, agirem procurando criar condições de aproximação entre os filhos e seus pais, apesar da relação conflituosa (denotando uma qualidade empática dessas mulheres, com relação aos sentimentos/necessidades dos filhos – em oposição ao que se esperaria em situações de negligência).

Quanto aos casos do Grupo INN cujas notificações não estão contextualizadas no âmbito de conflitos familiares, a atuação do Conselho Tutelar e a própria notificação constituíram-se em elementos novos, perturbadores, parecendo desempenhar o papel de fator de risco à parentagem, de estressor. Essas situações tiveram, pelos relatos, um impacto significativo na rede de relações da família, gerando um isolamento social, devido a rompimentos relacionais e rotulações que se produziram na sequência, desencadeando um sentimento de injustiça que as famílias notificadas por negligência, por vezes, exprimem quanto à sua notificação (Sykes, 2011), e a desconfiança quanto a agentes sociais/institucionais, e com integrantes de seu próprio entorno comunitário – um fator protetivo importante à prática negligente (Austin, Lesak, & Shanahan, 2020). Nesse cenário destacam-se os casos representados por Maria, Lucia e Mônica. Isto reforça a importância de uma atuação extremamente cuidadosa, por parte dos agentes institucionais, em especial a do próprio Conselho Tutelar, sempre em uma perspectiva de garantia de direitos (Pase, Cunha, Borges, &

Patella, 2020; Schreiber, Fuller, & Paceley, 2013), e não de vigilância e punição, como por vezes assume (Scheinvar, 2012).

De modo geral, os dados apresentados e discutidos no presente estudo evidenciam a importância que as relações interpessoais, em diferentes níveis, têm para a negligência: tanto as relações da família/cuidadores com o entrono – na forma de apoio social -, quanto as relações no interior da própria família – sendo um dos indicadores a força e a qualidade do vínculo entre os membros da família e entre o(s) cuidador(es) e a(s) criança(s). Nesse ponto, verifica-se que os mecanismos preconizados na proposta de Lacharité e colaboradores (2006) parecem se confirmar. Além disso, a complexidade dos contextos nos quais essas famílias estão inseridas indicam a necessidade de intervenções mais “holísticas”, que levem em conta o papel das diferentes adversidades na construção das vulnerabilidades, tanto de apoio social quanto de vinculação familiar.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu descrever e levantar pontos para discussões relevantes acerca da negligência familiar de crianças/adolescentes e dos mecanismos relacionados à sua prática. Num primeiro plano, destaca-se a diversidade de casos classificados como negligência, ao sistema de proteção, na realidade sociocultural estudada, alguns dos quais inclusive, argumentou-se aqui em favor da possibilidade de eles não remeterem à negligência, em função da falta de indicadores consistentes que ajudassem a consubstanciar tal classificação.

Em relação aos casos em relação aos quais se concebeu haver indicadores consistentes, pode-se afirmar que o estudo qualitativo ofereceu elementos que reforçaram a importância da qualidade das relações, seja no interior da família, seja da família com o entrono, conforme o já mencionado, corroborando, de algum modo, o papel da frágil vinculação familiar e do fraco ou ausente apoio social percebido, como mecanismos associados à produção da negligência. Neste âmbito, destaca-se também um elemento sublinhado na literatura, nos estudos de maus-tratos infantis: o viés de interpretação hostil, por parte dos adultos/responsáveis, nas situações em análise, dos comportamentos infanto-juvenis, como se as crianças/adolescentes fossem e agissem para “provocá-los/desafiá-los”. Esse elemento de subjetividade dos cuidadores pareceu estar no centro do problema da vinculação com a criança/adolescente.

O presente estudo também permitiu evidenciar um subgrupo particular, para o qual os mecanismos atinentes ao vínculo e ao apoio social não se mostraram tão centrais – aqueles formados pelas famílias caracterizadas pelo uso abusivo de substâncias. Nessas, as consequências bio-psico-sociais associadas à droga em si, como um agente perturbador das capacidades parentais, se sobrepuseram aos da fraca vinculação e do frágil apoio social/isolamento. Essa apreensão impõem a necessidade de diferentes abordagens na prevenção e no tratamento/acompanhamento das famílias no sistema de proteção.

Ademais, o estudo também traz à luz a complexa realidade nas quais estão inseridas as famílias notificadas em razão da negligência, e os diferentes fatores ambientais presentes em seu contexto imediato. Além de problemas como consumo de substâncias, conforme o mencionado, tem os desafios financeiros para boa parte das famílias e a violência – no plano das relações com parceiros íntimos. Desta forma, destaca-se a importância de levar-se em consideração as particularidades das famílias e as vulnerabilidades sociais, neste cenário.

Há, contudo, limitações. Uma limitação do presente estudo se deve ao fato de ter-se trabalhado com apenas um informante na família, o que não permite a triangulação dos dados e a “confirmação” por terceiros das informações apresentadas (como por exemplo, os dados

referentes aos problemas de comportamento das crianças/adolescentes). Apesar disso, a utilização de instrumentos estruturados em conjunto aos dados qualitativos e a convergência dos dados obtidos por ambos trouxeram maior profundidade e nuances à complexidade das famílias notificadas por negligência, possibilitando vislumbrar as diferentes formas pelas quais se manifestam os mecanismos associados à negligência.

A prevalência de negligência relacionada à socialização/supervisão, em detrimento às demais, especialmente as alimentares e de higiene, pode denotar uma característica das famílias que compuseram o presente estudo, no sentido de que a maioria das crianças/adolescentes que compuseram as famílias nas quais houveram indicadores consistentes de negligência estavam na faixa etária dos 6 aos 18 anos, sendo, em grande parte, adolescentes ou pré-adolescentes. Por por conta disso, seriam melhor capacitados a demandarem dos pais/cuidadores, ou suprirem eles mesmos, suas necessidades básicas do tipo alimentar e de higiene. Entretanto, a pouca quantidade de crianças abaixo dos 6 anos de idade, neste grupo, especialmente recém-nascidos, pode ser uma limitação do presente estudo por não permitir investigar possíveis diferenças e semelhanças entre filhos mais novos e crianças/adolescentes mais velhos no tocante aos padrões de cuidado dispensados e nos mecanismos associados à prática de negligência. Além disso, a falta de instrumentos e investigações voltadas especificamente para esse grupo são uma limitação metodológica que impossibilitam, por exemplo, a averiguação do viés hostil quanto aos comportamentos do bebê, discutida anteriormente, bem como da qualidade da vinculação entre mães-filhos nessa faixa etária.

Um outro limite do presente estudo são as próprias questões elaboradas para a realização das entrevistas, que tiveram como foco principal averiguar os padrões de cuidado dispensados aos filhos e, portanto, não se aprofundaram na percepção/descrição dos participantes acerca da vinculação destes com seus filhos. Entretanto, o caráter aberto das questões propostas para a entrevista deu margem à possibilidade de que as participantes pudessem elaborar de maneira mais aprofundada questões/assuntos a elas pertinentes, o que, em contrapartida, possibilitou uma visão mais ampla e rica do complexo contexto nos quais elas estão inseridas.

Apesar dessas limitações, o presente estudo contribuiu satisfatoriamente para a compreensão das famílias notificadas por negligência aos Conselhos Tutelares, especialmente por ter-se possibilitado a comparação de dados obtidos a partir de instrumentos padronizados e dos relatos das participantes, o que, como dito anteriormente, possibilitou uma compreensão mais rica e detalhada dessas famílias.

Desta forma, seria interessante a realização de pesquisas futuras que investiguem os mecanismos associados à negligência (apoio social e vinculação familiar), utilizando-se de

métodos mistos – tanto instrumentos padronizados que possibilitem análises quantitativas, quanto dados qualitativos, que possibilitem aprofundar a compreensão dos fenômenos e suas interpretações, corroborando ou refutando os dados quantitativos. Seria interessante também que as pesquisas futuras incluíssem uma variedade maior de famílias cujos filhos estivessem em diferentes fases desenvolvimentais, o que possibilitaria investigar, por exemplo, se os comportamentos condizentes com indicadores de negligência se manifestam desde o nascimento dos filhos, ou se controem-se à medida em que esses bebês se desenvolvem e demandam mais atenção. Nesse sentido, investigar o caminho desenvolvimental da vinculação entre pais/cuidadores e seus filhos – levando-se em conta a possibilidade de uma atribuição hostil aos comportamentos infantis como influência ao desenvolvimento da vinculação – e dos apoios sociais disponibilizados a essas famílias, também seria interessante.





## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antle, B. F., Barbee, A. P., Sullivan, D., Yankeelov, P., Johnson, L., Cunningham, M. R. (2007). The relationship between domestic violence and child neglect. *Brief Treatment and Crisis Intervention*, 7(4), 364-382. Doi: 10.1093/brief-treatment/mhm013
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) (2014). Recuperado de <http://www.abep.org/criterio-brasil>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) (2021). Recuperado de <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Recuperado em 05 de janeiro de 2021.
- Achenbach, T. M. (1991). Manual for the child behavior checklist/4-18 and 1991 profile. Burlington, VT: University of Vermont.
- Austin, A. E., Lesak, A. M., & Shanahan, M. E. (2020). Risk and protective factors for child maltreatment: a review. *Current Epidemiology Reports*, 7, 334-342. Doi: 10.1007/s40471-020-00252-3
- Bartlett, J. D., Kotake, C., & Eastbrookes, M. A. (2017). Intergerational transmission of child abuse and neglect: do maltreatment type, perpetrator, and substantiation status matter?. *Child Abuse and Neglect*, 63(1), 84-94. Doi: 10.1016/j.chiabu.2016.11.021
- Bartlett, J. D., Raskin, M., Kotake, C., Nearing, K. D., & Eastbrookes, M. A. (2014). An ecological analysis of infant neglect by adolescent mothers. *Child Abuse and Neglect*, 38(1), 723-734. Doi: 10.1016/j.chiabu.2013.11.011
- Bazon, M. R., Faleiros, J. M., & Pasian, M. S. (2013). Problematizando a face mais insidiosa da violência contra as crianças: a negligência - conceito(s), características e consequências. In M. H. P. Ponzilacqua (Org.), *Violência doméstica, agressão sexual e direito: da constatação ao enfrentamento pela perspectiva transdisciplinar* (pp. 69-86). Curitiba: CVR.
- Bazon, M. R., Mello, I. L. M. N., Bérnago, L. P. D., & Faleiros, J. M. (2010). Negligência infantil: estudo comparativo do nível socioeconômico, estresse parental e apoio social. *Temas em Psicologia*, 18(1), 71-84. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a07.pdf>
- Belsky, J. (1980). Child maltreatment: an ecological integration. *American Psychologist*, 35(4), 320-335. Doi: 10.1037/0003-066X.35.4.320
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: A developmental ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114(3), 413-434. Doi: 10.1037/0033-2909.114.3.413
- Blumenthal, A. (2015). Child neglect I: scope, consequences, and risk and protective factors. *Canadian Child Welfare Research Portal*, 1-9. Recuperado de <https://cwrp.ca/sites/default/files/publications/Child%20Neglect%20I%20Scope%20C%20Consequences%20C%20And%20Risk%20And%20Protective%20Factors.pdf>

- Bordin, I. A. S., Mari, J. J., & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão brasileira do “Child Behavior Checklist” (CBCL) (Inventário de Comportamentos da Infância e adolescência): dados preliminares. *Revista ABP- APAL*, 17(2), 55-66. Recuperado de <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=178087&indexSearch=ID>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. Doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Bronfenbrenner, U. (1979b). Interpersonal structures as contexts of human development. In *The ecology of human development: experiments by nature and design*, (pp. 56-82). United States of America: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979a). Purpose and perspective. In *The ecology of human development: experiments by nature and design*, (pp. 3-15). United States of America: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979a). The macrosystem and human development. In *The ecology of human development: experiments by nature and design*, (pp. 258-294). United States of America: Harvard University Press.
- Buffarini, R., Coll, C. V. N., Moffitt, T., Silveira, M. F., Barros, F., & Murray, J. (2021). Intimate partner violence against women and child maltreatment in a Brazilian birth cohort study: co-occurrence and shared risk factors. *BMJ Global Health*, 1(6), 1-11. Doi: 10.1136/bmjgh-2020-004306
- Bugental, D. B., & Happaney, K. (2004). Predicting infant maltreatment in low-income families: the interactive effects of maternal attributions and child status at birth. *Developmental Psychology*, 2(40), 234-243. Doi: 10.1037/0012-1649.40.2.234
- Camilo, C., Garrido, M. V., Calheiros, M. M. (2020). Recognizing children’s emotions in child abuse and neglect. *Aggressive Behavior*, 1-12. Doi: 10.1002/ab.21935
- Campelo, L. N. C. R., Santos, R. C. A., Angelo, M., & Nóbrega, M. P. S. S. (2018). Efeitos do consumo de drogas parenta no desenvolvimento e saúde mental da criança: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 14(4), 245-256. Doi: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000411
- Castro, F. (2005). Psychoanalytic research using longitudinal studies: An inquiry on the developmental impact of early maternal projections. *Tesis inédita de doctorado*. Essex: University of Essex, Reino Unido.
- Chapple, C. L., & Vaske, J. (2010). Child neglect, social context, and educational outcomes: examining the moderating effects of school and neighborhood context. *Violence and Victims*, 25(4), 470–485. Doi:10.1891/0886-6708.25.4.470
- Child and Family Services Act (1984). *Statutes of Ontario* (Chap. 55). Toronto: Queen’s Printer for Ontario.

- Chor, D.; Griep, R. H., Lopes, C. S., & Faerstein, E. (2001). Medidas de rede e apoio social no estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*, 4(17), 887-896. Doi: 10.1590/S0102-311X2001000400022.
- Clark, D. B., Thatcher, D. L., & Maisto, S. A. (2005). Supervisory neglect and adolescent alcohol use disorders: effects on AUD onset and treatment outcome. *Addictive Behaviors*, 30(9), 1737-1750. Doi: 10.1016/j.addbeh.2005.07.017
- Clément, M. -È, Berubé, A., & Chamberland, C. (2016). Prevalence and risk factors of child neglect in general population. *Public Health*, 138(1), 86-92. Doi: 10.1016/j.puhe.2016.03.018
- Cohen, J. R., Menon, S. V., Shorey, R. C., Le, V. D., & Temple, J. R. (2017). The distal consequences of physical and emotional neglect in emerging adults: A person-centered, multi-wave, longitudinal study. *Child Abuse & Neglect*, 63(1) 151-161. Doi: 10.1016/j.chiabu.2016.11.030
- Cozza, S. J., Ogle, C. M., Fisher, J. E., Zhou, J., Whaley, G. L., Fullerton, C. S., & Ursano, R. O. (2019). Association between family risk factors and child neglect types in U.S. Army communities. *Child Maltreatment*, 24 (1), 98-106. Doi: 10.1177/107755951880617
- Crouch, J. L., & Milner, J. S. (1993). Effects of child neglect on children. *Criminal Justice and Behavior*, 20(1), 49-65. Doi: 10.1177/0093854893020001005
- DePanfilis, D. (2006). Child neglect: A guide for prevention, assessment, and intervention. In *Child abuse and neglect: user manual series*. Washington, DC. Recuperado de <https://www.childwelfare.gov/pubs/usermanuals/neglect/>
- Dubowitz, H., Newton, R. R., Litrownik, A. J., Lewis, T., Briggs, E. C., Thompson, ..., Feerick, M. M. (2005). Examination of a conceptual model of child neglect. *Child Maltreatment*, 10(2), 173-189. Doi: 10.1177/1077559505275014
- Dubowitz, H., Black, M., Starr, R. H., & Zuravin, S. (1993). A conceptual definition of child neglect. *Criminal Justice and Behavior*, 20(1), 8-26. Doi: 10.1177/0093854893020001003
- Faleiros, J. M. (2011). Crianças em situação de negligência: a compreensão do fenômeno e o estabelecimento de parâmetros de avaliação. (Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP).
- Ferreira, D. C., & Tourinho, E. Z. (2013). Desamparo aprendido e incontrolabilidade: relevância para uma abordagem analítico-comportamental da depressão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2(29), 211-219.
- Fonseca, C., & Cardarelo, A. (1999) Direitos dos mais e menos humanos. *Horizontes Antropológicos*, 5(10), 83-121. Doi: 10.1590/S0104-71831999000100005

- Frizzo, K. R., Sarriera, J. C. (2005). O conselho tutelar e a rede social na infância. *Psicologia USP*, 16(4), 175-196. doi: 10.1590/S0103-65642005000300009
- Garbarino, J., & Collins, C. C. (1999) Child neglect: the family with a hole in the middle. In Dubowitz, H. (Org.), *Neglected children: research, practice and policy* (pp. 1–23). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Glaser, D. (2011). How to deal with emotional abuse and neglect - Further development of conceptual framework (FRAMEA). *Child Abuse and Neglect*, 35(1), 866-875. Doi: 10.1016/j.chiabu.2011.08.002
- Governo do Estado de São Paulo (n.d.). Plano São Paulo. Retirado de <https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/PlanoSP-apresentacao-v2.pdf>
- Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, R., Werneck, G. L., Lopes, C. S. (2005). Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptado para o português no Estudo Pró- Saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 21(3), 703-714. Doi: 10.1590/S0102-311X2005000300004
- Grimes, D. A., & Schulz, K. N. (2002). Descriptive studies: what they can and cannot do. *The Lancet*, 359(1), 145-149. Doi: 10.1016/S0140-6736(02)07373-7
- Grummitt, L. R., Kelly, E. V., Barrett, E. L., Lawler, S., Prior, K., Stapinski, L. A., & Newton, N. C. (2021). Associations of childhood emotional and physical neglect with mental health and substance use in young adults. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 1-11. Doi: 10.1177/00048674211025691
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: John Wiley & Sons
- Hildyard, K. L., & Wolf, D. A. (2002). Child neglect: developmental issues and outcomes. *Child Abuse & Neglect*, 26 (1), 679-695. Doi: 10.1016/s0145-2134(02)00341-1
- Jones, A. S., & Logan-Greene, P. (2016). Understanding and responding to chronic neglect: a mixed methods case record examination. *Children and Youth Services Review*, 67(1), 212-219. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2016.06.011
- Knutson, J. F., Taber, S. M., Murray, A. J., Valles, N. L., & Koepl, G. (2009). The role of care neglect and supervisory neglect in childhood obesity in a disadvantaged sample. *Journal of Pediatric Psychology*, 35(5), 523-532. Doi: 10.1093/jpepsy/jsp115
- Kodak, T., Northup, J., & Kelley, M. E. (2007). An Evaluation of The Types of Attention That Maintain Problem Behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 40(1), 167–171. doi:10.1901/jaba.2007.43-06
- KOO, T. K., & LI, M. Y. (2016). A guideline of selecting and reporting intraclass correlation coefficients for reliability research. *Journal of chiropractic medicine*, 15(2), 155-163.

- Kuluk, A., Allard, T., & Stewart, A. (2021). Understanding risk and protective factors for maternal maltreatment: a population-based comparative analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 30, 2744-2755. Doi: 10.1007/s10826-021-02017-y
- Lacharité, C., Ethier, L.S. & Nolin, P. (2006). Vers une théorie écosystémique de la négligence envers les enfants. *Bulletin de psychologie*, 59(1), 381-394. Recuperado de [https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2006-4-page-381.htm?try\\_download=1](https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2006-4-page-381.htm?try_download=1)
- Lafantaisie, V., St-Louis, J. C., Bérubé, A., Millot, T., & Lacharité, C. (2020). Dominant research on child neglect and dialogic practices: when the voices of families is translated or ignored. *Child Indicators Research*, 13(1), 411-431. Doi: 10.1007/s12187-019-09679-7
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). An application of hierarchical kappa-type statistics in the assessment of majority agreement among multiple observers. *Biometrics*, 2(33), 363-374. Doi: 10.2307/2529786
- Lloyd, M. H., & Kepple, N. J. (2017). Unpacking the parallel effects of parental alcohol misuse and low income on risk of supervisory neglect. *Child Abuse and Neglect*, 69(1), 72-84. Doi: 10.1016/j.chiabu.2017.03.007
- Maciel, S. K., Cruz, R. M. (2009). Violência psicológica contra crianças nas interações familiares. In: S. L. R. Rovinski & R. M. Cruz (orgs.), *Psicologia jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção* (pp. 89-106). São Paulo: Vetor.
- Martins, F.F.S. (2006). *Crianças negligenciadas: a face (in) visível da violência familiar*. (Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Recuperado de [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=32232](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=32232)
- Mata, N. T, Silveira, L. M. B., & Deslandes, S. F. (2017). Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2881-2888. Doi: 10.1590/1413-81232017229.13032017
- McGuigan, W. M., Luchette, J. A., & Atterholt, R. (2018). Physical neglect in childhood as a predictor of violent behavior in adolescent males. *Child Abuse & Neglect*, 79(1), 395-400. Doi: 10.1016/j.chiabu.2018.03.008
- McSherry, D. (2007). Understanding and addressing the "neglect of neglect": Why are we making a mole-hill out of a mountain? *Child Abuse & Neglect*, 31(1), 607-614. Doi: 10.1016/j.chiabu.2006.08.011
- Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (n.d.). Retirado de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/ouvidoria/balanco-disque-100> em 2 de junho de 2020, intitulado “Balanço Geral 2011 ao 1º semestre de 2019 – Crianças e Adolescentes”.

- Morris, M. C., Marco, M., Maguire-Jack, K., Kouros, C. D., Bailey, B., Ruiz, E., & Im, W. (2019). Connecting child maltreatment risk with crime and neighborhood disadvantages across time and place: a bayesian spatiotemporal analysis. *Child Maltreatment, 24*(2), 181-192. Doi: 10.1177/1077559518814364
- Muldner, T. M., Kuiper, K. C., Put, C. E. V. D., Stams, G. J. J. M., Assink, M. (2018). Risk factors for child neglect: a meta-analytic review. *Child Abuse and Neglect, 77*(1), 198-210. Doi: 10.1016/j.chiabu.2018.01.006
- Nakaya, N., & Nakaya M. (2006). The effects of mother's hostile attributions on child maltreatment. *Japanese Journal of Developmental Psychology, 17*(2), 148-158.
- Nogales, V. (2007). FACES IV. *Ciencias Psicológicas, 1*(1), 191-198. Doi: 10.15689/AP.2017.1602.01
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex model: Validation study. *Journal of Marital & Family Therapy, 3*(1), 64-80. Doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x
- O'Mahen, H. A., Karl, A., Moberly, N., & Fedock, G. (2015). The association between childhood maltreatment and emotion regulation: two different mechanisms contributing to depression? *Journal of Affective Disorders, 174*(1), 287-295. Doi: 10.1016/j.jad.2014.11.028
- Oshri, A., Carlson, M. W., Kwon, J. A., Zeichner, A., & Wickrama, K. K. A. S. (2017). Developmental growth trajectories of self-esteem in adolescence: associations with child neglect and drug use and abuse in young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence, 1*(46), 151-164. Doi: 10.1007/s10964-016-0483-5
- Parkinson, S., Bromfield, L., McDougall, S., & Salveron, M. (2017). Child neglect: key concepts and risk factors. In *A report to the NSQ Department of Family and Community Services Office of the senior practitioner*. Recuperado de: <http://www.unisa.edu.au/Global/EASS/Research/ACCP/Child%20Neglect,Key%20concept%20and%20risk%20factors%20report.pdf>
- Pase, H. L., Cunha, G. P., Borges, M. L., Patella, A. P. D. (2020). O Conselho Tutelar e as políticas públicas para crianças e adolescentes. *Cad. EBAPE.BR, 18*(4), 1000-1010. doi: 10.1590/1679-395120190153
- Pasian, M. S., Bazon, M. R., Pasian, S. R., & Lacharité, C. (2015). Negligência infantil a partir do child neglect index aplicado no Brasil. *Psicologia Reflexão e Crítica, 28*(1), 106-115. Doi: 10.1590/1678-7153.201528112.
- Pasian, M. S., Benitez, P., & Lacharité, C. (2020). Child neglect and poverty: a Brazilian study. *Children and Youth Services Review, 108*(1), 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.104655>
- Pasian, M. S., Faleiros, J. M., Bazon, M. R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando Famílias, 17*(2), 61-70. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n2/v17n2a05.pdf>

- Pignatelli, A. M., Wampers, M., Lorieo, C., Biondi, M., & Vanderlinden, J. (2017). Childhood neglect in eating disorders: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Trauma and Dissociation*, 18(1), 100-115. Doi: 10.1080/15299732.2016.1198951
- Polansky, N. A., Gaudin, J. M. Jr., Ammons, P.W. & Davis, K.B. (1985). The psychological ecology of the neglectful mother. *Child Abuse & Neglect*, 9(2), 265-75. Doi: 10.1016/0145-2134(85)90019-5
- Pollak, S. D., Cicchetti, D., Hornung, K., & Reed, A. (2000). Recognizing emotion in faces: developmental effects of child abuse and neglect. *Developmental Psychology*, 36(5), 679-688. Doi: 10.1037/0012-1649.36.5.679
- Rhoda-Drogalis, A., Dynia, J. M., Justice, L. M., Purtell, K. M., Logan, J. A. R., & Salsberry, P. J. (2020). Neighborhood influences on perceived social support and parenting behaviors. *Maternal and Child Health Journal*, 24(1), 250-258. Doi: 10.1007/s10995-019-02861-x
- Ricciutello, C., Cheli, M., Montenegro, M.E., Campieri, M., Fini, A., & Pincanelli, F. (2012). Family violence and mental health in adolescence: complex trauma as a developmental disorder. *Rivista di psichiatria*, 47(5), 413-423. doi: 10.1708/1175.13032
- Ruiz-Casares, M., Lacharité, C., & Martin, F. (2020). Child neglect indicators: a field in critical need of development globally. *Child Indicators Research*, 13(1), 363-367. Doi: 10.1007/s12187-019-09712-9
- Santos, P. L., Bazon, M. R., & Carvalho, A. M. P. (2017). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES IV) – adaptação brasileira. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 120-127. Doi: 10.15689/AP.2017.1602.01
- Scheinvar, E. (2012). Conselho tutelar e escola: a potência da lógica penal no fazer cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 24(n.spe.), 45-51. doi: 10.1590/S0102-71822012000400008
- Schimmenti, A., & Bifulco, A. (2015). Linking lack of care in childhood to anxiety disorders in emerging adulthood: the role of attachment styles. *Child and Adolescent Mental Health*, 20(1), 41-48. Doi: 10.1111/camh.12051
- Schreiber, J. C., Fuller, T., Pacey, M. S. (2013). Engagement in child protective services: parent perceptions of worker skills. *Children and Youth Services Review*. 35(4), 707-715. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2013.01.018>
- Siegel, D. J. (2012). Self-Regulation. In: *The Developing Mind: how relationships and the brain interact to shape who we are* (pp. 267-307). New York: The Guilford Press.
- Simmel, C., Merrit, D., Kim, H. M. S., & Kim, S. (2017). An exploratory study of neglect and emotional abuse in adolescents: classifications of caregivers risk factors. *Journal of Child Family Studies*, 25(1), 2372-2386. Doi: 10.1007/s10826-016-0414-9

- Smilkstein, G. (1978). The family APGAR: a proposal for a family function test and its use by physicians. *The Journal of Family Practice*, 6(6), 1231-1239. Retirado de: <http://www.academia.edu/download/61129178/APGAR20191104-24872-e9ho7v.pdf>
- Spinhoven, P., Elzinga, B. M., Hovens, J. G., Roelofs, K., Zitman, F. G., Oppen, P., & Penninx, B. W. J. H. (2010). The specificity of childhood adversities and negative life events across the life span to anxiety and depressive disorders. *Journal of Affective Disorders*, 126(1), 103-112. Doi: 10.1016/j.jad.2010.02.132
- Stith, S. M., Liu, T. L., Davies, C., Boykin, E. K., Alder, M. C., Harris, J. M., Som, A., McPherson, M., & Dees, J. E. M. E. G. (2009). Risk factors in child maltreatment: a meta-analytic review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 14, 13-29. Doi: 10.1016/j.avb.2006.03.006
- Sykes, T. (2011). Negotiating stigma: understanding mothers' responses to accusations of child neglect. *Children and Youth Services Review*, 33(1), 448-456. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2010.06.015
- Torre, R. C. De la. (2016). *Estudo comparativo de famílias com a guarda dos filhos suspensa por medida de proteção, no Brasil e no Peru* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo). Doi: 10.11606/D.59.2017.tde-09012017-011833
- Trocme, N. (1996). Development and preliminary evaluation of the Ontario Child Neglect Index. *Child Maltreatment*, 1(2), 145-155. Doi: 10.1177/1077559596001002006
- United Nations Children's Fund (UNICEF) (2014). Hidden in Plain Sight: A statistical analysis of violence against children. New York. U.S Department of Health and Human Services. Recuperado de [https://www.unicef.org/publications/index\\_74865.html](https://www.unicef.org/publications/index_74865.html)
- United Nations Children's Fund (UNICEF) (2014). Hidden in Plain Sight: A statistical analysis of violence against children. New York. U.S Department of Health and Human Services. (2006). *Child Neglect: a guide for prevention, assessment, and intervention*. Recuperado de [http://files.unicef.org/publications/files/Hidden\\_in\\_plain\\_sight\\_statistical\\_analysis\\_EN\\_3\\_Sept\\_2014.pdf](http://files.unicef.org/publications/files/Hidden_in_plain_sight_statistical_analysis_EN_3_Sept_2014.pdf)
- Velikonja, T., Velthorst, E., McClure, M.M., Rutter, S., Calabrese, W. R., Rosell, D., ..., & Perez-Rodriguez, M. M. (2019). Severe childhood trauma and clinical and neurocognitive features in schizotypal personality disorder. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 2019(1), 1-16. Doi: 10.1111/acps.13032
- Wright, M. O., Crawford, E., & Castillo, D. D. (2009). Childhood emotional maltreatment and later psychological distress among college students: the mediating role of maladaptive schemas. *Child Abuse and Neglect*, 33(1), 59-68. Doi: 10.1016/j.chiabu.2008.12.007



- Yin, R. K. (2002). *Case Study Research: Design and Methods*. 3a Edição. California: Sage Publications INC.
- Yin, R. K. (2017). *Case study research and applications: design and methods*. 6a Edição. Sage Publications INC.
- Yoon, S., Yoon, D., Wang, X., Tebben, E., Lee, G., & Pei, F. (2017). Co-development of internalizing and externalizing behavior problems during early childhood among child welfare-involved children. *Children and Youth Services Review*, 1(82), 455-465. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2017.10.016
- Young, J. C., & Widom, C. S. (2014). Long-term effects of child abuse and neglect on emotion processing in adulthood. *Child Abuse & Neglect*, 38(8), 1369-1381. Doi: 10.1016/j.chiabu.2014.03.008
- Zamir, O. (2021). Childhood maltreatment and relationship quality: a review of type os abuse and mediating and protective factors. *Trauma, Violence and Abuse, sem volume*, 1-14. Doi: 10.1177/1524838021998319
- Zanini, D. S., Peixoto, E. V., & Nakano, T. C. Escala e apoio social (MOS-SSS): proposta de normatização com referência nos itens. *Temas em Psicologia*, 1(26), 387-399. Doi: 10.9788/TP2018.1-15Pt
- Zhao, F., Bi, L., Chen, M. C., Wu, Y. L., & Sun, Y. M. (2018). The prevalence and influencing factors for child neglect in a rural area of Annuì province: a 2-year follow-up study. *Public Health*, 155(1), 110-118. Doi: 10.1016/j.puhe.2017.11.024



**APÊNDICES E ANEXOS****ANEXO A – Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos**

**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**  
**Comitê de Ética em Pesquisa**

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/083-dgfs.

Ribeirão Preto, 22 de julho de 2019.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado “**Características de famílias notificadas ao Conselho Tutelar: padrões de cuidado e fatores associados**” (CAAE nº 14105219.0.0000.5407) foi analisado e **APROVADO ad referendum** do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP em 28.06.2019. A referida aprovação foi referendada em sua 193ª Reunião Ordinária, realizada em 18.07.2019.

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

**Prof.ª Dr.ª Patrícia Nicolucci**  
Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)  
**Thalita Nicolau Freire**  
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.



**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**  
**Comitê de Ética em Pesquisa**

Campus de Ribeirão Preto

**Of.CEP/FFCLRP-USP/009-dgfs.**

Ribeirão Preto, 22 de abril de 2021.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que a emenda ao projeto de pesquisa intitulado “**Características de famílias notificadas ao Conselho Tutelar: padrões de cuidado e fatores associados**” foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 212ª Reunião Ordinária, realizada em 18.02.2021, e enquadrado na categoria: **APROVADA** (CAAE nº 14105219.0.0000.5407).

De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

**Prof.ª Dr.ª Patrícia Nicolucci**  
Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)  
**Thalita Nicolau Freire**  
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP

APÊNDICE A – Questionário para caracterização socioeconômica e de eventos adversos na família

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E EVENTOS ADVERSOS NA FAMÍLIA	
Entrevistador:	Data:
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
Nome completo:	
Endereço:	
Bairro:	Cidade:
Ponto de referência:	
Telefone:	
RG:	CPF:
Possui algum tipo de deficiência: ( 1 ) Sim ( 2 ) Não ( 1 ) Visual ( 2 ) Mental ( 3 ) Física ( 4 ) Auditiva ( 5 ) Outras:	
Possui alguma doença crônica?: ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Se sim, qual?:	
<b>2. SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA</b>	
2.1 Escolaridade: ( 1 ) Analfabeto ( 6 ) Ensino médio incompleto ( 2 ) Fundamental I Incompleto (primário) ( 7 ) Ensino médio completo ( 3 ) Fundamental I Completo (primário) ( 8 ) Superior incompleto ( 4 ) Fundamental II incompleto (ginásio) ( 9 ) Superior completo ( 5 ) Fundamental completo (ginásio completo)	
2.2 Trabalha fora? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Se sim: Quantas horas semanais? _____ Atividade	
2.3 Mercado: ( 1 ) Formal ( 2 ) Informal ( 3 ) Desempregada ( 4 ) Autônoma ( 5 ) Aposentada	
2.4 Renda Familiar: ( 1 ) Até um salário mínimo (R\$ 1.100,00) ( 2 ) Até dois salários mínimos (R\$ 2.200) ( 3 ) De três a quatro salários mínimos (R\$ 3.300 a R\$ 4.400) ( 4 ) De cinco a sete salários mínimos (R\$ 5.500 a R\$ 7.700) ( 5 ) Oito a dez salários mínimos (R\$ 8.800 a R\$ 11.000)	2.5 Quantas pessoas trabalham na casa?  Quem são?
2.6 Você é beneficiário de bolsas ou benefícios sociais, como o Bolsa Família? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Qual/Quais?	

3. COMPOSIÇÃO FAMILIAR E CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO				
3.1 Pessoas que moram com você				
Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Observações
3.2 Moradia: ( 1 ) Própria ( 2 ) Alugada ( 3 ) Cedida ( 4 ) Invadida ( 5 ) Outras:	3.3 Quantos cômodos possui a casa? _____ ( ) Quarto ( ) Sala ( ) Cozinha ( ) Banheiro		3.4 Quantas pessoas dormem juntas no mesmo cômodo? _____	
3.5 Quantos (as): ( ) Banheiros ( ) Geladeiras ( ) Freezer ( ) Microondas ( ) Lava louças ( ) Lava roupas ( ) Secadoras de roupa	( ) Computadores (não celular, tablet, etc) ( ) DVD ( ) Automóveis (para passeio, não trabalho) ( ) Motocicletas ( ) Empregados domésticos (mensalistas)		3.6 Sua casa conta com: Energia elétrica ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Água encanada ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Saneamento básico ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Iluminação pública ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Pavimento ( 1 ) Sim ( 2 ) Não	
3.7 Qual o grau de satisfação em relação a sua moradia? ( 1 ) Muito satisfeito ( 2 ) Satisfeito ( 3 ) Parcialmente satisfeito ( 4 ) Insatisfeito ( 5 ) Muito Insatisfeito				

4. SATISFAÇÃO COM O BAIRRO E APOIO SOCIAL	
<p>4.1 Qual o grau de satisfação em relação a seu bairro?</p> <p>( 1 ) Muito satisfeito  ( 2 ) Satisfeito  ( 3 ) Parcialmente satisfeito  ( 4 ) Insatisfeito  ( 5 ) Muito Insatisfeito</p>	<p>4.2 Você acredita que tem acesso aos serviços dos quais necessita aqui no seu bairro?</p> <p>( 1 ) Sim  ( 2 ) Às vezes  ( 3 ) Não;  quais precisa e não tem ?</p>
<p>4.3 Você percebe seu bairro como perigoso o violento?</p> <p>( 1 ) Sim  ( 2 ) Às vezes  ( 3 ) Não</p> <p>Por quê?</p>	<p>4.4 Quando precisa de algum tipo de ajuda, considera que pode contar com as pessoas que moram na vizinhança?</p> <p>( 1 ) Sim  ( 2 ) Às vezes  ( 3 ) Não</p>
<p>4. 5 Sempre morou nesta cidade? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Se não, veio de onde? _____</p> <p>A família mudou de residência nos últimos 2 anos? _____</p> <p>Há quanto tempo? _____</p> <p>Se sim, quantas vezes? _____</p>	
5. EVENTOS ESTRESSORES	
<p>5.1 Alguém da sua família consome álcool? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Frequência?</p> <p>Internação?</p>	<p>5.2 Alguém da sua família consome drogas?</p> <p>( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem? Que tipo?</p> <p>Frequência?</p> <p>Internação?</p>
<p>5.3 Alguém da sua família tem problemas médicos? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Que tipo?</p>	<p>5.4 Alguém da sua família tem problemas psiquiátricos? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Que tipo?</p>
<p>5.5 Alguém da sua família tem alguma deficiência? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Que tipo?</p>	<p>5.6 Alguém da sua família, devido a algum problema de saúde, é dependente de cuidados?</p> <p>( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Que tipo?</p>
<p>5.7 Alguma vez já sofreu violência por parte do parceiro?</p> <p>( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p>	<p>5. 8 Algum da sua família tem ou já teve problemas com a polícia/justiça? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem?</p> <p>Internação ou prisão?</p>
<p>5.9 Alguém da sua família trabalha ou trabalhou com prostituição? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem? Por quanto tempo?</p>	

6. HISTÓRICO DE CONTATO COM CONSELHO TUTELAR
<p>Você já procurou espontaneamente o CT para pedir algum tipo de ajuda? (1) Sim (2) Não Se sim, por quê? Quantas vezes? Foi efetivo?</p> <p>Você ou alguém de sua família já foi notificado, antes, ao CT? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não</p> <p>Quem? Quantas vezes? Por quê?</p>
<p>Algum de seus filhos já foi acolhido em um abrigo? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Quem? Por quê?</p>
<p>Você tem dificuldades na educação de seus filhos? ( 1 ) Sim ( 2 ) Não Com qual dos filhos você sente que tem mais dificuldades? _____ Por quê?</p>



## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada para a caracterização da história de criação e desenvolvimento infantil

### **Observações:**

1. Organização da casa (cheiro, limpeza, arrumação)

2. Supervisão das crianças dentro de casa:

*Caso a criança tenha até 12 anos, observar a disponibilidade de objetos perigosos em fácil alcance (produtos de limpeza, objetos cortantes).*

*\*Levar em consideração a idade da criança e seu nível de locomoção: para crianças de colo, que ainda não engatinham, esse cuidado se aplica com menor intensidade/não se aplica, porque as crianças não conseguirão pegar os objetos ou abrir um produto de limpeza por exemplo.*

*\*Para crianças mais velhas (determinar uma idade), a pontuação também diminui, por conta do quando a criança compreende que não deve mexer com aquelas coisas.*

3. Se crianças estiverem presentes na entrevista:

- reparar na vestimenta das crianças (estão adequadas para o clima? Estão limpas? Bem cuidadas?)
- a apresentação da criança: A criança está limpa? Bem cuidada?
- a interação mãe-criança: a mãe responde quando ela pede atenção? Como ela responde?
- A mãe vigia, no caso de a criança ter até mais ou menos 06 anos?
- Há brinquedos visíveis?

### **Caracterização da gestação**

1. Você pensava em ser mãe quando criança/adolescente? O que você imaginava sobre isso?
2. Como foi quando você engravidou do seu/ua primeiro/a filho/a?
3. O que você sentiu?
4. A gravidez foi planejada?
5. Como a sua família reagiu à gravidez?
6. Como o pai da criança reagiu à gravidez?
7. Você recebeu apoio de alguém durante a gravidez?
8. E nos primeiros meses depois que ele nasceu?
9. E com o segundo?
10. E com o terceiro?

### **Caracterização da criança**

1. Quantos anos ele/a tem?

2. Nasceu a termo? Nasceu pré-termo?

*Comparar essas informações com a altura e peso esperados para a idade descrita. Criança muito abaixo do peso, ou muito baixa para a idade pode ser um sinal de desnutrição.*

*Repetir para cada filho*

3. Você tem dificuldades na educação de seus filhos? Sim/Não

4. Com qual dos filhos você sente que tem mais dificuldades?

5. Quais dificuldades? Por quê?

### **Alimentação**

1. Quantas refeições ele/a faz por dia?

2. Vocês fazem as refeições juntos? Na mesa?

Caso faça três refeições por dia:

2.1. O que ele/a costuma comer no café da manhã?

2.2. O que ele/a costuma comer no almoço?

2.3. O que ele/a costuma comer no jantar?

2.4. Você deixa que ele/ela coma “porcarias”? Se sim, o que e quanto?

### **Saúde**

*Entra nesses itens questões de alimentação.*

1. Tem algum problema de saúde? Se sim, qual?

*A depender do problema de saúde, procurar posteriormente para analisar quais as causas mais prováveis. Problemas de saúde que podem ser causados por má nutrição ou falta de higiene, como por exemplo problemas de pele, piolho que não passa, micose, entre outros que podem surgir.*

2. Desde quando ele está com esse problema?

3. O que você fez para resolver esse problema?

4. Como você percebeu que ele/a precisava de cuidados?

5. Você chegou a procurar cuidados médicos? Tem acompanhamento? Toma medicação?

6. Qual altura?

7. Quanto pesa?

### **Escola**

1. Ele/a frequenta a creche/escola?

2. Se sim: em que ano ele/a está?

3. Ela falta muito da creche/escola? Se sim, por qual razão?

Criança pequena (até cinco anos)

1. A criança já sabe andar?
2. A criança já sabe falar?
3. Ela se adaptou bem à escola? Ou ela ainda chora/fica brava quando você tem de deixá-la lá?

Criança mais velha (6 a 18 anos)

1. Ele/a já sabe ler e escrever?
2. De que horas a que horas ele/a fica na escola?
3. Quem leva? Quem traz?
4. Você costuma ir nas reuniões de pais?
5. Você costuma ajudar com o dever de casa?
6. Ele/a tem um bom desempenho escolar?
7. Você já foi chamada/o na escola por algum problema? A professora fez algum comentário sobre seu/ua filho/a? Qual foi esse comentário?
8. Alguém disse que seria bom procurar um psicólogo ou um outro profissional? Você procurou? Ela/ela vai nesse profissional regularmente? (se não ... porque ?)

**Tempo Livre**

1. O que ele/a costuma fazer quando não está na escola?
2. Vocês costumam fazer algo juntos? O que? Com qual frequência?
3. Ele/a tem amigos? Você poderia me falar um pouco sobre eles/as? (Quem são? Que idade eles têm? Do que costumam brincar? Onde costumam brincar?)
4. Quando você precisa sair e não pode levar seu/ua filho/a com você, com quem ele/a fica?

Para adolescentes:

1. Ele/a tem amigos? Se sim: Você poderia me falar um pouco sobre eles/as?
  - 1.1 Quem são? Você aprova os amigos/amigas do seu/sua filho? Se não aprova, como faz para controlar que ele ande com esses amigos?
  - 1.2 Eles costumam sair?
  - 1.3 Para onde costumam ir?
  - 1.4 Quem leva/busca?
  - 1.5 Tem horário para voltar para casa?
  - 1.6 Ele/a obedecem?
2. Seu/ua filho/a já namora? Se sim: Você poderia me falar um pouco sobre isso?

2.1 Você aprova o namoro? Como faz para controlar se não aprova?

Para todas as idades:

1. O que faz quando ele/a te desobedece ou faz algo errado?

1.2 O que deixa o teu filho triste? O que deixa ele feliz ? O que você faz quando ele está triste ?

**Sobre a notificação**

1. O que você acha de ter sido notificada ao CT?

2. Qual sua opinião sobre o que levou o CT a estar em contato com você?

3. Como você avalia esse contato ? (o CT ajuda? Não ajuda? Você precisa desse apoio? Não precisa?)

Gostaria de colocar mais alguma coisa?

## APÊNDICE C - Estudos de caso individuais

### Grupo ICN

#### 1. Caso 1: Claudia

A Tabela 1 seguir sintetiza das informações referentes aos índices de negligência observados para cada uma das crianças.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação
Miguel	10	60	40	0	60	20	60
Gabriel	6	60	40	50	60	20	20
Laura	3m	0	0	20	0	n.a	0

#### 1.1 Descrição inicial

Claudia (36 anos), possui ao todo quatro filhos: Alice (17), Miguel (10), Gabriel (6) e Laura (3 meses).

Alice é fruto de um relacionamento pontual de quando Claudia tinha 19 anos e mora com sua irmã desde os 10 anos de idade. Apesar disso, elas mantém certo contato. Alice foi morar com a tia porque, de acordo com ela, Claudia seria uma má influência no desenvolvimento da sobrinha:

Ela [Alice] tava morando aqui comigo, ela, ela morou aqui até uns.... uns quinze... até um não até uns 10, 11 ano, aí ela falou assim pra minha irmã “aí mãe é.... eu acho que eu vou... Vou morar lá, vou lá pra casa da Rafaela” que a minha irmã [Rafaela] falou assim “ah eu não vou te deixar a Alice mais com você mais não, porque eu sei que você se, se, cê vai por a menina em mal caminho” que como vinha uma menina aqui atrás dela, uma tal de Aline, aí ela... ela achava que eu... deixava a menina pra rua o dia inteiro. Essa menina ficava atrás de homem também, aí ela falou “eu vou levar a Alice comigo assim eu cuido dela lá, eu vou criar ela... se ela quiser lá morar comigo ela vai” aí ela pegou e foi.

Alice nunca teve contato com o pai, que ocasionalmente entra em contato com a mãe, mas que não a reconhece como filha:

Aí ele... ele nem, nem, nem ficou sabendo que eu tava grávida, só ficou sabendo dela depois que a menina nasceu e aí ela já tava grandinha, que eu fui morar com o pai dos menino assim, aí ele perguntou “ah, como tá a menina lá?”, ele nunca nem viu a filha dele aí, ele falo, eu peguei e falei pra ele “tá bem né”, aí depois, depois disso ele não... ele não perguntou mais nada. (...)

Aí até teve o dia que eu encontrei com ele para cima, aí ele me deu dinheiro, “aí dá esse dinheiro aqui pra sua menina lá”, ele não fala nem que é filha dele que ele não sabe que a, que a minha filha é filha dele “Aí toma esse dinheiro aqui dá pra ela” eu peguei, eu dei, peguei o dinheiro da mão dele né, pra também ela também não queria, “aí eu nem quero, quero nem ver ele pintado na minha frente, não quero nada dele” aí depois que eu mostrei o dinheiro para ela (risos), ela pegou e aceitou esse dinheiro também.

Quanto ao Miguel e o Gabriel, são frutos de seu primeiro casamento. Residem atualmente com ela, o atual marido e a irmã mais nova. Eles também não mantêm contato com o pai:

também o pai deles só prestou para fazer, mas prestar pra, pra, pra cuidar dele ele nem quis cuidar também, só, só fez e não... não ajudou a cuidar, não, não, não deu as coisa para ele, ele tava dando o dinheiro, a pensão pros menino, mas depois que ele... que ele tava trabalhando ele tava dando dinheiro pros meninos, mas agora que ele saiu ele parou, aí eu tô tentando... é... não assim, eu não tô entrando mais contato com ele, aí depois que... é... eu não sei com quem que eu peguei o contato dele, não sei se foi com pai dele ou com a mãe dele, eu acho que foi com o pai dele, eu já tinha o contato do pai dele no celular, eu já tinha o número, aí eu peguei e entrei em contato com ele e perguntei da pensão do menino. Aí agora até hoje ele não tá dando pensão pros menino.

***O pai deles ajudou durante a gravidez, depois que eles nasceram?***

Ah um pouco, ele ajudou um pouco, mas não em muitas partes né, em muitas parte ele não ajudou em nada não, porque depois que eles começou a crescer ele pegou e afastou. Afastou do menino aí... aí não veio mais aqui.

Laura é fruto de seu atual relacionamento com Juliano (38 anos), com quem mora atualmente na casa de seu falecido pai. Está desempregada e a única fonte de renda da família vem do emprego informal do marido com sucata, que ela não soube precisar o valor, e do Bolsa Família. Na época da coleta de dados, ela havia recebido também o auxílio financeiro por conta da pandemia da Covid-19.

Claudia estudou até o ensino médio, mas não o completou, de acordo com ela, por ter “ficado atrás de namoradinhos”. Foi por conta de seus relacionamentos também que o pai a fez deixar o emprego:

Eu tava trabalhando até uns pouco atrás, mas eu, aí eu parei também por causa de homem (risos) o meu pai foi atrás de mim lá na cidade lá, ele viu que eu fiquei atrás de homem lá aí depois ele não deixou mais eu trabalhar, aí foi daí que eu não consegui

mais serviço, depois que eu arrumei essas fiarada, essas fiarada eu não consegui mais arrumar mais fio, tsc não, mais serviço.

No momento da coleta, seu pai havia falecido há poucos dias, e sua perda parece ter abalado fortemente a participante. De acordo com seus relatos, o pai parecia ser uma importante fonte de apoio social. Muitos de seus familiares também são falecidos, incluindo um outro irmão:

Aí assim, um pouco assim, eu fiquei um pouco feliz, um pouco triste [quando descobriu a gravidez da Laura], porque eu fiquei pensando assim “nossa, gente eu vou ter essa criança aqui bem foi na, na, na hora que, que, que meu pai foi morrer, aí vixe, aí é ruim hein”, que tava indo para o médico ele tava fazendo hemodiálise, aí eu fiquei pensando “ah eu vou ter essa criança, não vou ter mais meu pai, não vai ter ninguém pra me ajudar” também tem ele né, o pai dela né, pra ajudar ela.

Só tem eu, os menino, a nenê e o meu marido só. Antes era assim, ah até uns anos pa trás era eu, minha irmã que tá morando com o marido dela lá pro lado lá, é aqui no [bairro] mesmo, só que ela tá morando lá perto do... como fala? Perto do centro onde a gente ia lá. Aí era eu, minha irmã mais velha, só que ela também já morreu, ah... era meu pai e minha mãe, só que meu pai também já morreu, só que minha mãe também já morreu, agora só ta eu, os meninos e o meu marido [morando na casa].

## 1.2 Apoio social

A Tabela 2 apresenta seus níveis de apoio social percebidos. A partir dela, é possível perceber certo déficit em todas as formas de apoio social, apresentando nível médio de disponibilidade em apoio material, emocional/informação, afetivo e de interação positiva.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	9	Médio
Emocional/Informação	23	Médio
Afetivo	9	Médio
Interação Social Positiva	11	Médio

Quanto à supervisão dos filhos, sua irmã é quem a auxilia em momentos pontuais de necessidade:

Ai tenho hora que eu, ai tem hora que eu chamo a minha irmã pra vim oiá eles aqui, tem hora que eu preciso ir pra algum lugar assim... eu tenho que tá chamano a minha irmã pra vim fica com eles aqui. Igual assim, é... agora no mês de fevereiro, acho que dia 23, eu acho, dia 23 ou dia 24, eu tenho que levar o Miguel no médico, eu não sei

se é o Miguel ou o Gabriel, tem que passar ele pelo médico, aí vou ter que dá, vou ter que deixar o Gabriel aqui com ela e eu vou ter que ir com o Miguel lá no médico, levar ele, que a médica marcou médico só pro Miguel, aí vou deixar o Gabriel aqui com ela [tia] e vou ter que ir só com o Miguel no médico.

Sua filha mais velha, Alice, representa um importante fator protetivo aos irmãos e, por consequência, acaba agindo como importante fonte de apoio social à mãe quanto à educação escolar dos filhos:

***Você faz tarefa com eles, costuma ajudar, acompanhar na escola?***

Algumas coisa que a professora pede, assim hora que eu, tem hora que eu faço, que eu peço para eles fazer, eles faz, mas tem hora que... que eu nem mando sabe? Mas aí minha filha começa a pegar no pé também, ela me liga, “aí mas você vê que o professor passou lição pra eles, cê não, cê não pega esses menino, não pega no pé deles para fazer lição”, que não sei o quê, aí ela pega me liga, faz eu levar os meninos lá, pra ela fazer a lição lá com eles, pra falar assim, “aí quando eu tiver parado assim você traz os meninos aqui, que eu faço eles fazer lição. Comigo eles faz, mas com você não faz não”.

### *1.3 Vinculação familiar*

A Tabela 3 apresenta os dados referentes à vinculação familiar. A partir dele, é possível perceber um nível moderado em todas as escalas, tanto as equilibradas (coesão e flexibilidade) quanto nas desequilibradas (desengajada, emaranhada, rídida e caótica). Idealmente, quanto maiores os níveis das escalas equilibradas e menores os níveis nas escalas desequilibradas, mais saudável é a relação entre os membros da família.

Especial atenção é necessária à coesão familiar apresentada na Tabela 3. Em uma família *conectada* seus membros conseguem equilibrar o nível de atividades independentes e atividades realizadas em conjunto, havendo um balanço equilibrado entre proximidade e distanciamento. Para Cláudia, há níveis moderados nas escalas desequilibradas (desengajada e emaranhada) e também na equilibrada (coesão). Pelos dados aqui apresentados, é possível afirmar haver certo nível saudável de coesão familiar, mas não a níveis ideais, com maior nível na escala equilibrada e menor nível nas escalas desequilibradas.



Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Escalas	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas			
	Coesão	38	Conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	55	Moderado
	Emaranhada	55	Moderado

Não há em seu relato, entretanto, exemplos de atividades realizadas em conjunto, especialmente com os filhos, o que pode refletir o nível não ideal de vinculação, ou uma realidade menos coesa entre os membros da família do que o percebido por Claudia. Além disso,

#### 1.4 Descrição comportamental dos filhos

A partir dos dados presentes na Tabela 4, que descreve os níveis e tipos de problemas de comportamento infantis percebidos pela participante, é possível notar um alto nível de problemas de comportamento percebidos quanto a Miguel, tanto quanto a problemas de comportamento internalizantes ( $t = 71$ ), especialmente o retraído/depressivo ( $t = 73$ ); quanto de problemas de comportamento externalizantes ( $t = 67$ ), especialmente o comportamento de quebrar regras ( $t = 70$ ); além de apresentar problemas também quanto a suas competências ( $t = 24$ ), especialmente quanto à competência escolar ( $t = 27$ ) e na realização de atividades ( $t = 25$ ). Miguel também apresentou problemas sociais ( $t = 70$ ) e de pensamento ( $t = 70$ ).

Para Gabriel, por conta da recente transição do ensino básico ao ensino fundamental, não foi possível averiguar suas habilidades escolares, mas ele apresentou também problemas em relação à sua competência em executar atividades ( $t = 20$ ). Diferente do irmão, apresentou menos problemas de modo geral. Seus problemas de comportamento internalizantes ( $t = 67$ ) tiveram como foco principal queixas somáticas ( $t = 70$ ) e ele não apresentou problemas de comportamento externalizantes. Ambos os irmãos apresentaram níveis clínicos de problemas totais (Miguel:  $t = 70$ ; Gabriel:  $t = 65$ ).

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Miguel e Gabriel

		Miguel	Gabriel
		<i>t</i>	<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	25**	20**
	Social	43	41
	Escolar	27**	.
	Total	24**	.
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	67*	53
	Retraído/Depressivo	73**	68*
	Queixas somáticas	64	70**
	Total	71**	67**
Escala externalizante	Quebra de regras	70**	53
	Comportamento agressivo	65*	57
	Total	67**	56
Outros	Problemas Sociais	70**	60
	Problemas de pensamento	70**	67*
	Problemas de atenção	64	59
Problemas totais	Problemas Totais	72**	65**

\*Nível quase clínico      \*\*Nível clínico

### 1.5 Temas

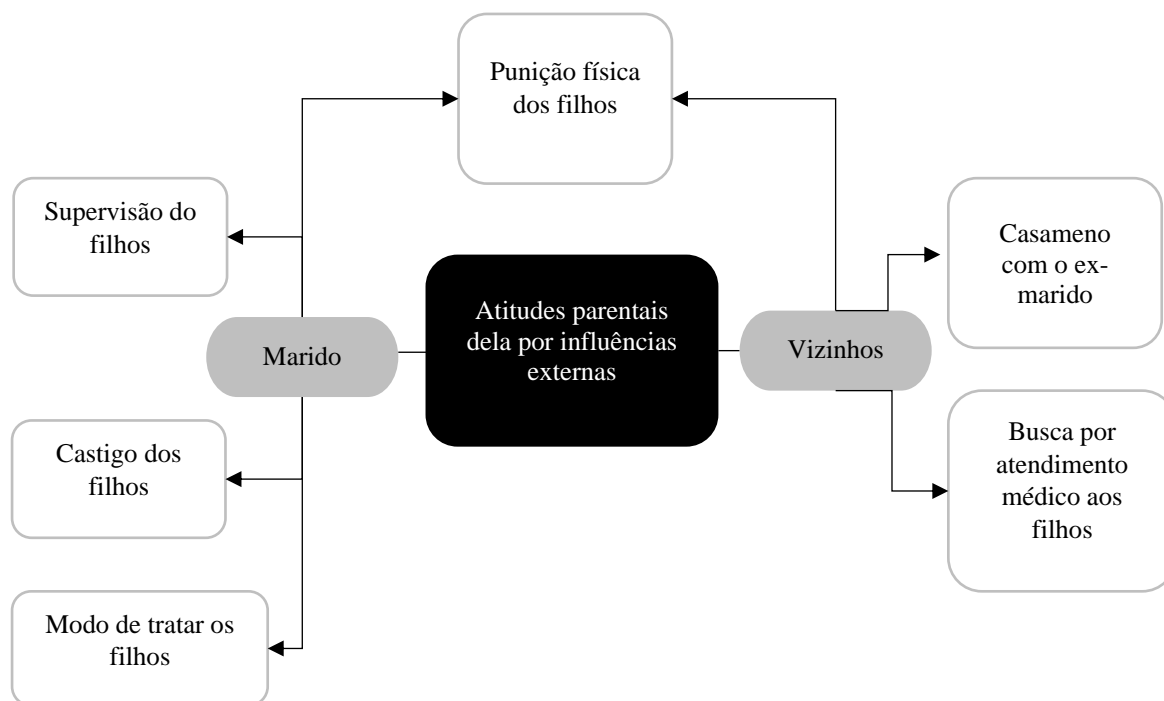
A partir de sua entrevista, três temas principais emergiram em seu relato: 1) influências externas quanto a suas atitudes parentais; a 2) relação do marido com os enteados; 3) relação dela com os filhos.

#### 1.5.1 Influências externas quanto a suas atitudes parentais

Ao longo de sua fala, nota-se que muitas de suas atitudes parentais são tomadas a partir de instruções dos vizinhos e do marido, especialmente quanto às formas de punição a serem administradas com o intuito de educar Miguel e Gabriel.

A Figura 1 traz um esquema que sintetiza as diferentes áreas as quais diferentes atores influenciam sua tomada de decisão.

Figura 1. Influências na tomada de decisões parentais



A começar pela punição física, tanto o marido quanto os vizinhos incentivam a participante a empregar essa forma de punição como maneira de educar e corrigir comportamentos das crianças. Há, entretanto, uma ressalva: para os vizinhos, o marido não pode aplicar punição física nos enteados, por não ser ele o pai biológico dos meninos. A participante, por outro lado, por ser a mãe, tem o direito de puní-los fisicamente:

Ai, tem hora que ele [Marido] fala em bater, mas o povo aqui da rua fala que ele não pode pôr a mão nos meninos, porque não é o pai dos meninos, aí ele falou, fala que “ah Claudia”, o povo aqui da rua fala pra mim “ah Claudia, você que é mãe, você é que, que pode bater nos meninos, agora o Juliano não, o Juliano não pode colocar a mão nesses meninos. O Juliano não é pai desses menino, ele só tem que educar os meninos”. Igual a minha irmã, ela falou assim “olha Juliano, cê vê se você ajuda a Claudia a cuidar dos menino assim, educa eles, mas não precisa bater neles não, só dando com ele”, ao invés a menina aqui falar pra mim que se eu quisesse bater eu podia bater que eu sou a mãe e ele não é o pai, “se você quiser bater nele pode bater, não machuca não, agora pode bater onde cê quiser, mas assim batê na cabeça bater na cabeça dá problema”, aí teve um dia aqui meu marido pegou um pau assim que o meu filho começou é... como falar? Desrespeitar ele, aí ele deu uma paulada na bunda dele, aí ele chegou a sentir dor na, na, na bunda assim, até ficou deitado umas horas assim no chão, aí eu falei “Juliano, não bate mais nos menino não que você não é pai deles”. Meu pai nunca bateu na gente de pau! Aí ele falou assim “Ai, mas bater de pau não mata ninguém não”, aí ele falou que que já, já, apanhou de pau da, da mãe dele, já apanhou de pau de mangueira, de monte de coisa. Ele falou assim que ele

apanhou de pau que a cabeça dele ficou até a marca também, que ele perdeu até cabelo no meio da cabeça. Aí... é... agora ele tá querendo dar uma de pai pros menino, querendo por a mão nos menino. (ininteligível) não pode é, ficar pondo a mão nos moleque, ele não é pai dos menino.

assim o povo da rua fica falando assim “aí quando ele começar a fazer cocô na roupa bate nele, que não sei o que, deixa ele sem roupa até ele aprender, não sei o que”, aí o povo fica colocando essas coisas na minha cabeça, pra mim bater... como assim eu não, eu não gosto de ficar batendo sabe? Porque meu pai também nunca bateu nos menino... aí assim, do meu pai foi só eu que que eu já apanhei do meu pai, mas os menino não... eu que eu... eu conversei com uma... uma amiga minha aqui da rua que “aí eu não gosto de bater muito assim nos meninos, mas se é pra eu falar eu até falo mas parece que não entra no ouvido dos menino.

Ai como meu marido fala assim, “Claudia, você tem que largar a mão de ser boba, que é, saber pra rua todo mundo sabe, todo mundo sabe, saber nadar todo mundo sabe, você tem que deixar ele aprender sozinho, ele aprender limpar a bunda, aprender tomar banho”. Aí minha irmã, minha outra minha irmã que ela mora com o marido dela, e hora que ela vem aqui ele começou a falar dela, aí falou “ah cê viu qual, qual, qual, como a sua irmã reage com os menino? cê, cê, cê não dá uns tapa, agora quando ele faz as coisa você não dá um tapa nele, cê não reage com eles.” aí ele começou a falar que ela reage, que quando eles faz alguma coisa ela bate neles, aí por isso que ele fala mais dela assim. Aí porque ele fala assim que eu tenho problema de cabeça, que, que eu fico deixando os moleque fazer o que quer, aí eu não... ah como eu tava falando eu não gosto de ficar batendo, se for pra mim falar eu falo, mas bater eu não gosto de ficar batendo.

E o que você sente depois que você site bate nele?

Ah eu fico com dó (risos). Eu fico com dó de bate nele, que eu... assim meu pai nunca bateu ni mim, eu vou bater neles? Eu fico com dó um pouco. O meu marido fala assim “Aí! Cê não tem nada que fica com dó não! Se cê ficá com dó, passando a mão na cabeça, aí que eles vai querer te montar!” aí eu falo é, começar fazer isso mesmo, é bater.

Além do incentivo de terceiros à aplicação de punição física nos filhos, estes trechos também chamam a atenção para outro dado relevante: ela própria sente-se desconfortável em aplicar punição física nos filhos. Entretanto, a influência externa parece pesar mais em sua prática parental do que suas próprias convicções acerca do tema.

Ainda acerca de suas atitudes parentais em relação aos filhos, relatos de falas do Juliano permeiam outras atitudes parentais, como a necessidade de colocar os meninos de castigo, a necessidade de supervisionar melhor as idas e vindas das crianças – sob ameaça de que o Conselho Tutelar possa “tomar” as crianças; e também como ela age com os filhos em questões mais cotidianas, como permitir ou não que os filhos tomem banho de água quente:

Não! eu não, não, não ponho, tem hora que ele fala pra mim por de castigo, mas eu também eu não faço essas coisa também não.

Meu marido também fala que não é bom deixa os menino fica ino muito pa rua. Que agora o povo do Conselho Tutelar tá pegando no pé né agora, ele fala que não é muito pra mim fica deixano eles pa rua. Eles não sabe brinca aqui, qué brinca pro outro lado

Foi onde meu marido falou “ah, é... se cê não deixa os moleque brinca dentro de casa, deixa os moleque fica saino pra rua, uma hora, quando o conselho tutelar ficar sabeno, eles vai acabar pegano e levando eles lá pro conselho de lá, eles vai tirar seus filho”. Aí eu tenho que tá falano com o Miguel pra ele, é, ficar brincano só aqui na rua, mas ele não, ele não escuta a gente. (...) Tem gente que reclamava também que eu deixava o Gabriel solto, pa rua, mas ele ficava indo lá pra baixo sozinho também. Aí agora... agora os povo do Conselho tá no meu pé agora. E... Agora... é... meu marido falou assim “ah você não fica no pé desses menino, aos menino fica mais em casa, aí vai ver o que vai acontecer com você, o povo do Conselho Tutelar vai começar a bater, vai pegar seus menino”. A nenê até que não fala nada não, mas os menino. “Os menino o conselho tutelar pra pegar, cê vai ver, ficar sem eles.”

Ele [Juliano] falou assim na hora que agora eles tá com essas piscina, aí aquele ali sai ele fala “ai mãe, pega a toalha que eu tô com frio”, que frio? Olha o sol aí! Não pode esquentar no sol? aí fala “mãe, quero tomar banho na água quente” aí igual meu marido falou assim “Na hora que o Gabriel sair da água gelada, cê não deixa tomar banho na água quente não que faz mal, cê põe na água fria, do mesmo jeito que eles tava se molhando na água fria, deixa ele na água fria no chuveiro, cê põe na água fria”. Aí falei “ah eu vou botar na água fria, porque eu não vou deixar tomar banho na água quente”, ele tava na água gelada eu vou deixar ele tomar banho na água quente? Eu pego e ponho na água fria.

***Entendi. E se eles não querem tomar banho, o que você faz?***

Ai, bem, eu empurro eles para o banheiro assim mesmo! (risos), não quer tomar banho, mas cê vai tomar banho mesmo assim bem! (risos) não tem nada querer não, é tomar banho, tomar banho vai aí eu mando tomar banho. Eu falo “cê tava até agora aí, se molhando na água fria, nadando na água fria, cê vai tomar banho na água fria sim!” (risos) querendo ou não querendo vai tomar banho na água fria (risos).

Quanto aos vizinhos, estes influenciaram inclusive seu primeiro casamento, e a incentivaram a procurar atendimento médico ao filho (algo que ela não acatou):

Dele [Miguel] eu engravidei do meu, do meu, do meu ex, do pai dos menino porque eu casei com ele, eu casei no cartório. Aí igual assim, pra mim eu não tava assim... com... não tava assim planejado de casar. Falei “aah” eu ficava pensando “eu casar?! Eu não vou cuidar de casar com ninguém não”. Mas é que a, a, quem tava falando de eu casar era a vizinha daqui, a vizinha aqui de perto de casa que era a Marinete, ela falou “ai Claudia, por que que você não casa com o Igor? Você tá há meses, anos aí com ele aí, cê tá, ce tá demorando pra casar, por que você não casa?”, falava “ah eu não tô com ideia de casar não” aí eu peguei, aí ela... é... ela pegou e levou a gente lá no cartório aí foi onde a gente pegou e foi naonde que eu casei com o pai dos menino. Então eu não tava nem, nem com ideia de casar, mas, como a gente assim tava, tava namorando, ela pediu pra ela, pra ele, pra pelo menos casar pra não ficar enrolado a vida toda né, aí eu peguei e casei com ele, foi naonde que depois eu arrumei filho com ele.

igual assim, esses dias o Gabriel começou a passar mal assim, eu quase não, não dei remédio nenhum pra eles porque ele começou a sentir dor de barriga, começou a vomitar, e eu não sabia o que que era... que a vizinha falou pra eu levar no médico para ver o que era, eu também não levei. Ah eu deixo assim ele melhorando sozinho, eu vou... Vou esperar né, ver se passa esse vômito dele, e foi melhorando, eu não precisei. Nem dei remédio pra ele. Melhorou sem o remédio.

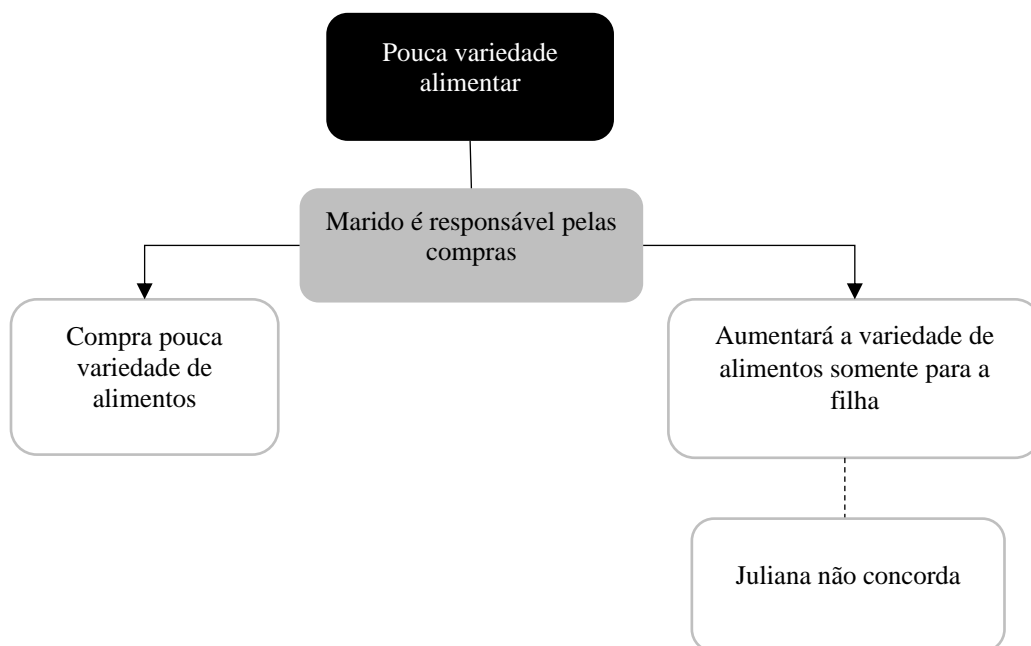
Estes trechos ilustram uma aparente falta de autonomia de Claudia em tomar decisões acerca de suas práticas parentais, ainda que eventualmente ela “desobedeça” algumas das sugestões recebidas. Ou essa é uma forma de ela justificar suas atitudes parentais, validando-as a partir da fala de terceiros.

Além disso, o que esse tema de um modo geral ilustra são dificuldades aparentes dela quanto a tomar decisões de maneira autônoma, e dificuldade em se impor caso não concorde com uma decisão tomada por outra pessoa, como fica especialmente evidente no relato sobre seu primeiro casamento.

### 1.5.2 Relação do marido com os enteados

Além da aplicação de punição física e sua visão quanto às formas de educar os enteados, descritas anteriormente, existem outras informações relevantes (e preocupantes) acerca da forma como Juliano trata os enteados, e em certa medida, a própria Julia. A Figura 2 traz um esquema que sintetiza as questões relativas à variedade alimentar, e atitudes do marido, discutidas a seguir.

Figura 2. Variação alimentar



Como descrito anteriormente, Juliano é o único provedor financeiro, e ele é também o responsável pelas compras da casa. Quando questionada acerca da alimentação dos filhos, Claudia relata que Miguel é mais “difícil para comer”, que ele come somente arroz e ovo, mas que na casa de sua tia, ele come maior variedade de alimentos como hambúrguer, salsicha e *steak* de frango. Seu relato levantou a dúvida sobre se Miguel era “difícil para comer” ou se não havia oferta adequada de alimentos na casa. Após maior investigação sobre o assunto, compreendemos que não havia oferta adequada de alimentos:

*Mesmo quando você faz as mesmas coisas de lá, ele não come aqui? E você faz steak aqui ele não come?*

Não, aqui quando o meu marido ele compra steak aqui agora eu falei pra ele ele ficava falando “ai Andreia, tenho que comprar uma mistura diferente pro cês né?” aí eu falei “ah, por que você não compra aqueles steak, hambúrguer...” esses dia ele comprou e eu fritei o hambúrguer e o steak pra ele [Miguel] e ele comeu. Tem coisa que ele nem come, tem coisa que ele come.

*Entendi. Então aqui tem menos variedade que na sua irmã?*

É.

De fato, durante a coleta de dados, quando Gabriel veio dizer à Claudia que estava com fome e pediu algo para comer, ela lhe deu um prato de arroz puro. A variedade na oferta de alimentos, entretanto, não parece estar atrelada a dificuldades financeiras:

*O que você acha que o Gabriel tinha que comer mais?*

Ele tinha que comer mais é legumes, mais essas coisa assim. Meu marido também não compra, e eu que vou ter que receber, tsc, falar assim como eu to pegando meu auxílio, eu não sei se vai voltar agora o auxílio, vai voltar esse mês de fevereiro. Se eu começar eu... eu vou ter que comprar os legumes, eu vou ter que comprar os legumes pra ele, pra comprar fruta, essas coisa pra ele. Que agora ele [Juliano] falou assim que quando a nenê crescer ele vai começar comprar as coisa pra ela, ele não vai deixar pegar, e eu vou ter que comprar a mesma coisa que ele for comprar assim danone, que eu sei que eles [Miguel e Gabriel] vai começar pedir danone também, e eu vou ter que começar comprar as coisa pra ele. Comprar fruta...

*O Juliano falou isso?*

Não, é, ele tem hora que ele fala que quando a criança tiver já com seis meis, que ela poder comer as comidas dela, comer legumes ou fruta, ele falou que... ele tá tá, vai vai comprar as coisas pra ela e vai começar é, por trinco na geladeira, pra ele [Miguel e Gabriel] não tá abrindo a geladeira toda hora, querendo pegar as coisa da menina. E eu vou ter que comprar eles, eu vou ter que comprar pra eles também.

Atitude com a qual Claudia não concorda:

Ah eu achei errado que se for pra, pra comprar as coisas pra ela, vai ter que comprar pros menino também, pros menino não ficar com vontade vai ter que comprar o que ele comprar pra ela, vai ter que comprar pros menino também. (...) Eu tô recebendo Bolsa Família, mas dele eu tô pegando pouco, o Bolsa Família, aí agora tá com o dinheiro, tem hora que eu compro umas coisinha pra ele [os filhos], aí vem do auxílio tá comprando roupa, vou começar a comprar as coisa pra eles. Vou ter que falar para

ele [marido], “olha Juliano, a mema coisa, é... que a gente compra para nenê, tem que comprá pros menino também, você vai deixar os menino morrer de fome?” Aí não.... “Aí na hora que você for comprar pra, pra nenê, vai ter comprar danone pra eles também”. Aí ele falou assim “ah, mas se comprar danone cê vai deixar os moleque comer toda hora, que assim você não sabe guardar danone pra outro dia, toda hora eles fica querendo ir lá na geladeira pra poder tá comendo danone”.

Esse relato da fala de Juliano acerca da compra de comidas variadas apenas para sua filha, somado ao incentivo a Claudia a não deixar que os filhos tomem banho quente após brincarem na piscina chamam a atenção para as altas chances de que Miguel e Gabriel estejam em risco de sofrerem outras formas de maus tratos além da negligência.

Desempregada e sem renda, o que ela pode fazer também?

### *1.5.3 Renúncia às responsabilidades parentais*

O terceiro e último tema presente ao longo de sua entrevista se refere a uma atitude aparentemente apática da participante em relação aos cuidados dispensados aos filhos Miguel e Gabriel, especialmente com Miguel. Diversas vezes ela relata questões relativas à parentagem dos filhos como se estas não fossem sua responsabilidade. Essa atitude apática e não participativa parece coincidir com suas atitudes em relação às influências externas em sua parentagem, discutidas anteriormente, indicando uma possível característica da participante:

quem fez eu... procurar conselho tutelar foi... ah foi povo daqui da rua aqui é... que tá reclamando da gente, reclamando muito de mim porque esses moleques também tem hora que fica pá rua, aí eu tive que ir atrás de conselho tutelar pra eles conversá com esse menino. Por causa disso eu to passando ele pelo médico.

Ele [Miguel] não tava tratando dos dente, não tava cuidando de escovar os dente. Desde começava a aparecer cárie no dente dele, aí levei no dentista pra fazer uma limpeza né, no dente dele.

Ele [Miguel] ia pa escola sozinho, como ali a esquina ali é meio perigoso ele atravessa a rua assim mesmo. Atravessava, mas ele olhava assim pro sinaleiro assim. Tem hora que ele atravessa, mas atravessa sem olhar na rua. Aí ele vai, ele pega e sobe lá pa, pa escola.

Ahha, tem hora que ele [Miguel] fazia [a lição de casa] e tem hora que não, o pouco que ele fazia, um pouco os professor passava a lição pra ele, eu mandava ele fazer, ele pegava, é... as lição dele e fazia, mas tem hora que... ele nem se preocupava com a lição dele.



## 2 Caso 2: Juliana

A Tabela 1 sintetiza as informações referentes aos índices de negligência observados para cada uma das crianças.

Tabela 1 - Níveis de negligência observados

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Isabela	7	60	0	0	20	45	0
Theo	4	60	0	0	20	0	0

### 2.1 Descrição inicial

Juliana (32) possui dois filhos, Isabela (7) e Theo (4), ambos frutos de relacionamentos diferentes: Isabela é fruto de um relacionamento anterior, cujo pai não está presente nos cuidados ou em seu desenvolvimento. Theo é fruto de seu atual relacionamento com Marcelo (29) em que, embora ele não resida com a família, mantém contato com os filhos, tendo inclusive participado ativamente da educação de Isabela:

Ele tenta criar ela de uma forma porque ela não teve pai, ela tinha dois ano e meio quando eu fui morar com ele, ele quis assumir isso pra ajudar, é... a criar ela, porque se ele tava criando é como se fosse pai dela.

Ela possui histórico de uso de drogas, mas afirmou ter interrompido seu consumo após ter sido notificada ao Conselho Tutelar por sua mãe, há quatro meses, notificação ocorrida por um episódio em que colocou a vida dos filhos em risco em um momento de “surto”.

Mora atualmente nos fundos da casa da mãe, em uma suíte, e de contas dividem apenas água e luz, sendo o restante dos gastos separados. Trabalha atualmente como “encarregada de estoque” (*sic*) em uma loja de médio porte, com renda familiar de até dois salários mínimos (1.996,00; renda *per capita* máxima de 665,00 reais). No tempo livre, trabalha também com confeitaria em casa. Não possui benefícios sociais como o Bolsa Família. Estudou até o ensino médio. Relata sentir-se “satisfeita” com seu bairro, não o considera perigoso e acredita poder contar “às vezes” com acesso a serviços dos quais necessita. Quanto a apoio social dos vizinhos, relata que, por morar com a mãe e suas tias morarem na mesma rua, não conta com os vizinhos.

Quanto à ela, relata algumas vezes sofrer de depressão, algo que parece presente na família de uma forma geral:

A minha vó teve, a minha mãe, mas minha mãe era nervoso mesmo, a minha tia, agora eu estou passando por isso, esse processo de uma depressão. Não vou falar que a depressão é aquela que eu tenho vontade de me matar, não vou, igual nesses casos aí que tem acontecido muito. Era coisa de tristeza, angústia, que hora que cê fala assim não tenho mais de viver, mas não é uma coisa que cê fala tem uma coragem de ir lá e se matar, não tenho, igual meu tio fez, a minha tia fez, isso eu acho que não. Mas tem. Eu sou um caso.

a minha tia tinha depressão, ficou muito doente, praticamente se suicidou né porque a quantidade de medicamentos que ela tomou né, fez com que ela ficasse dois meses dormindo né, só com o medicamento que ela tomou, teve que fazer uma tracks [traqueostomia] né, pra poder cuidar dela, mas ela ficou mais uns dois meses lá, voltou pra casa e teve uma parada respiratória. O coração acho que não aguentou né, porque prejudicou bastante, pulmão, tudo. Acho que é isso.

Há também, ao longo de sua fala, uma grande preocupação em relação a manter seu casamento, e sua busca por melhorar parece existir em função disso:

Eu quero ajuda, eu preciso de ajuda, porque se eu não me trato, como eu vou cuidar do meu casamento? Que a gente já separou três vezes, ele falou “Juliana a única coisa que eu quero é que você se trate, buscar ajuda”, porque igual ele quis separar mas ele tá tentando, se ele tá tentando, se ele quer voltar, é porque ele realmente gosta, porque se não ele não taria tentando, eu acredito nisso. Posso estar errada, mas porque ele quer que eu busque um tratamento? Quer que eu busque ajuda? Acho que é porque ele quer prosseguir com essa relação. Se faz bem pra ele, mas o que faz mal pra ele é as crise que me dá. Acho que isso vai decepcionando mais o homem. A mulher eu acho que ela tem uma estrutura de aguentar mais, o homem já não tem. A mesma estrutura que a mulher tem. Eu acredito nisso.

Além disso, como ilustrado pelo trecho anterior, existe uma forte influência de suas crenças acerca dos diferentes papéis de gênero em como ela vê e o que ela espera em termos de apoio e participação de um parceiro em sua vida.

## *2.2 Apoio social*

A Tabela 2 apresenta os dados referentes ao apoio social percebido pela participante. Como é possível perceber, a ela não parece escassa a oferta de apoio social, havendo níveis altos de apoio em todos os subtipos de apoio social avaliados.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	18	Alto
Emocional/Informação	35	Alto
Afetivo	14	Alto
Interação Social Positiva	14	Alto

De acordo com seu relato, sua rede de apoio social principal consiste na mãe, Verônica, e no atual parceiro, Marcelo. Especialmente Verônica permanece bastante presente na vida da filha:

A minha mãe me ajuda bastante também. Briga bastante também, mas antes ela brigava mais, acho que ela tá vendo que eu tô amadurecendo um pouco também né, para de brigar um pouco. Liga 24, 48, eu saio daqui, sai junto, ela trabalha no [supermercado] da [avenida], ela é operadora de caixa, quinze dias ela trabalha de noite e quinze dia ela trabalha de dia, então ela me ajuda bastante com eles [Isabela e Theo]. As vezes quando a gente sai junto pra trabalhar ela “já chegou no serviço?”, “já cheguei no serviço mãe”, “então tá bom depois eu te ligo” aí chega na hora do almoço ela liga “já almoçou?” eu “ih mãe, já almocei faz tempo” aí ela sai do serviço “já tá indo pra casa?” (mais irritada) “já mãe, já to indo embora pra casa”, é desse jeito. E só comigo, só comigo. Com meus irmão não, só comigo.

Verônica e outros familiares também a auxiliam com as crianças, em relação à supervisão delas em situações de necessidade:

Ah quando às vezes a minha mãe fica, ou deixo cá minha tia, ou às vezes minha irmã vem e busca, faço isso. Igual esses tempo atrás eu fui fazer um *buffet*, e minha mãe ia atrasar. Aí liguei pra minha irmã e veio, buscou, ela tava de férias da faculdade, ela veio levou eles pra casa da sogra dela, que ela mora lá, ela não tem muita paciência também então. Ela queria tanto [uma criança] que hoje ela não tem paciência, acalmou. Aí ela veio buscou, assim me ajuda quando possível. Ela, meu irmão não, mas ela sim.

Apesar disso, Juliana relata não conseguir desenvolver adequadamente seu negócio de confeitaria pelo tempo dispendido no cuidado dos filhos, especialmente nos horários em que ela está em casa após o trabalho, algo que já tentou executar, mas que lhe levou a uma sobrecarga:

Se tivesse mais tempo pra desenvolver mais a confeitaria, porque eu tenho eles, se eu tivesse mais tempo pra pegar que nem eu não pego sábado e domingo, só de dia de semana pra poder falar “não” [vou fazer] ou pegar uns bico pra fazer. Dá pra fazer, mas aí o que eu faço com eles? Eu já fiquei muito tempo da minha vida fazendo isso, principalmente quando ela [Isabela] era pequenininha, eu trabalhava de sábado, domingo, feriado, não tinha dia nenhum. E quando nasceu o Theo a mesma coisa, trabalhava de sábado domingo feriado, não tinha folga, agora de segunda-feira, mas

aí a folga eles também ia pra escola e eu fazia as coisa de casa, então... infelizmente não dava tempo de nada.

Eu saí do serviço porque eu tava muito cansada, isso eu, eu percebi que... meu marido tava desempregado na época, só que minhas folgas eu fazia bolo, fazia doce, fazia os bolo salgado pra vender no outro dia - que era só uma vez na semana que eu conseguia fazer - eu fazia bastante coisa, ficava o dia inteiro ali e aquilo ali foi me gerando uma, uma, a cabeça... muito acho que muita pressão porque tinha que preocupar que não podia faltar nada, ele [Theo] na época teve um probleminha no pulmão e deu um probleminha da intolerância do leite, tive que ir atrás, deu bronquiolite, ficou duas vezes internado na UTI, tive que correr atrás, não tive um auxílio.

Durante o dia, Isabela e Theo passam grande parte na escola, Isabela das 13h às 17h30 e Theo das 7h30 às 16h30. A pessoa responsável por levá-los e buscá-los, bem como supervisioná-los nos horários em que não estão na escola é uma babá que mora próxima à Juliana, responsável também por outras crianças, incluindo primos e primas da participante.

A partir desses trechos, e dos dados apresentados anteriormente, é possível notar que, apesar dos altos níveis de apoio social percebidos por Juliana, há ainda algumas situações em que ela percebe certo deficit em relação a apoio nos cuidados com os filhos.

### 2.3 Vínculo Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de vinculação familiar. A partir dela, é possível perceber um nível moderado de vinculação, avaliado a partir da escala de coesão.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

Item	Percentil	Classificação
Escala Equilibradas		
Coesão	45	Conectado
Escala Desequilibradas		
Desengajada	32	Baixo
Emaranhada	16	Muito baixo

A partir de seu relato, é possível perceber, especialmente em relação à Isabela, um maior distanciamento afetivo e uma visão mais negativa em comparação ao irmão Theo, especialmente em termos de problemas de comportamento:

(...) ela fala que eu não gosto dela por causa do Theo, porque eu tenho mais convivência com o Theo do que com ela, mas não é bem isso, é porque eu acho que ela ainda não sabe o que eu passei e eu acabei um tempo, de ela fazer tanta arte que eu nem queria ficar com ela, eu falei isso pra minha mãe, ela falou “não, eu vou te ajudar”. Mas não é que eu não queria é porque eu tava passando por uma fase muito difícil que eu não tava em condição. Ele mamava no peito, eu não aguentava mais aquilo também, até eu conseguir tirar. Então foi difícil pra mim.

(...) muita das vezes, na época que eu fiquei muito doente que ela [Isabela] veio pra cá com a minha mãe pra minha mãe ajudar, ela praticamente estragou a Isabela, mimou demais, então depois foi morar com a gente não era a mesma coisa, era desobediente, não queria fazer as coisa, não queria obedecer, aí eu perdia a paciência, às vezes eu acabava agredindo ela por ela fazer essas coisa e não me obedecer.

Ele [Theo] é mais companheiro que a Isabela, ela me abandona, ele não.

Ah eu acho que a Isabela né, essa desobediência dela, essa fase, ela é muito preguiçosa, ela faz xixi na cama até hoje, sabe. Eu tenho que levantar de madrugada, “Isabela você fez xixi?” “não mãe” e desobediente, eu levanto ela à força porque se não ela faz xixi na cama. Isso me incomoda. Fala gente a gente não fazia isso, Theo com dois anos já não usava mais fralda. Ela usou até quatro anos!

[ao ser indagada quanto a reação de Theo ao ser deixado na escola]: ele vai de Van. É tranquilo, nunca deu trabalho. A Isabela já deu, ele não.

Ele [Theo] é super obediente, super tranquilo, diferente da Isabela. Acho que foi as gravidez né. A minha gravidez dele foi muito tranquila, o pai dele teve muita paciência, me ajudou bastante.

#### *2.4 Descrição comportamental dos filhos*

As Tabelas 4 e 5 apresentam os dados referentes aos problemas de comportamento percebidos por Juliana em relação a Isabela e Theo. A partir deles, percebe-se que, ainda de acordo com seus relatos apresentados anteriormente, Isabela é quem apresenta maiores níveis de problemas de comportamento, especialmente quanto à problemas de comportamento externalizantes, em nível quase clínico ( $t = 60$ ) e problemas totais ( $t = 67$ ), sociais ( $t = 70$ ), de pensamento ( $t = 70$ ), e de atenção ( $t = 73$ ), todos em nível clínico.

Tabela 4 – Problemas de comportamento percebidos: Isabela

Escalas	Itens	Isabela <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	40
	Social	35*
	Escolar	-
	Total	-
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	57
	Retraído/Depressivo	52
	Queixas somáticas	61
	Total	58
Escala externalizante	Quebra de regras	59
	Comportamento agressivo	60
	Total	60*
Outros	Problemas Sociais	70**
	Problemas de pensamento	71**
	Problemas de atenção	73**
Problemas totais	Problemas Totais	67**

\*Nível quase clínico      \*\*Nível clínico

Theo, ao contrário de Isabela, não apresenta níveis além do esperado de problemas de comportamento em nenhuma das escalas (Tabela 5)

Tabela 5 – Problemas de comportamento percebidos: Theo

Escalas	Itens	Theo <i>t</i>
Internalizante	Emocionalmente reativo	50
	Ansioso/depressivo	59
	Queixas somáticas	50
	Retraído	50
	Total	47
Escala externalizante	Problemas de atenção	51
	Comportamento agressivo	50
	Total	41
Outros	Problemas para dormir	51
Problemas totais	Problemas Totais	45

Os problemas de comportamento de Isabela são atribuídos, por Juliana, à filha ter presenciado situações de violência domésticas:

Isabela, acho que a forma que ela foi criada, ela já viu muita coisa já, brigas também comigo e com o pai dele [Theo] é... pai dela também eu sei que tem esse, esse reflexo de quando o pai dela veio atrás de mim ele [Theo] tinha um aninho, ela tinha uns cinco ano? Quatro. E ele foi atrás de mim com facão pra mi matar porque na época ele tava com uma outra mulher já, ele mora com ela, ele morava na favela aí e ele tava mexendo nas droga do povo, o povo descobriu bateu nele. De vez em quando, quando ela ia na vó dela ele via ela, mas eu não deixei mais, proibi de deixar, que ele tava muito machucado, aí ele foi atrás de mim na porta da minha casa me matar com um facão e ela viu, ela falava disso, ela ficou uns dois meses falou isso pra todo mundo que o pai dela queria matar a mãe dela o irmão dela e ela com um facão. Então acho que prejudicou muito ela... ela... ela é meio revoltadinha, briguenta (...)

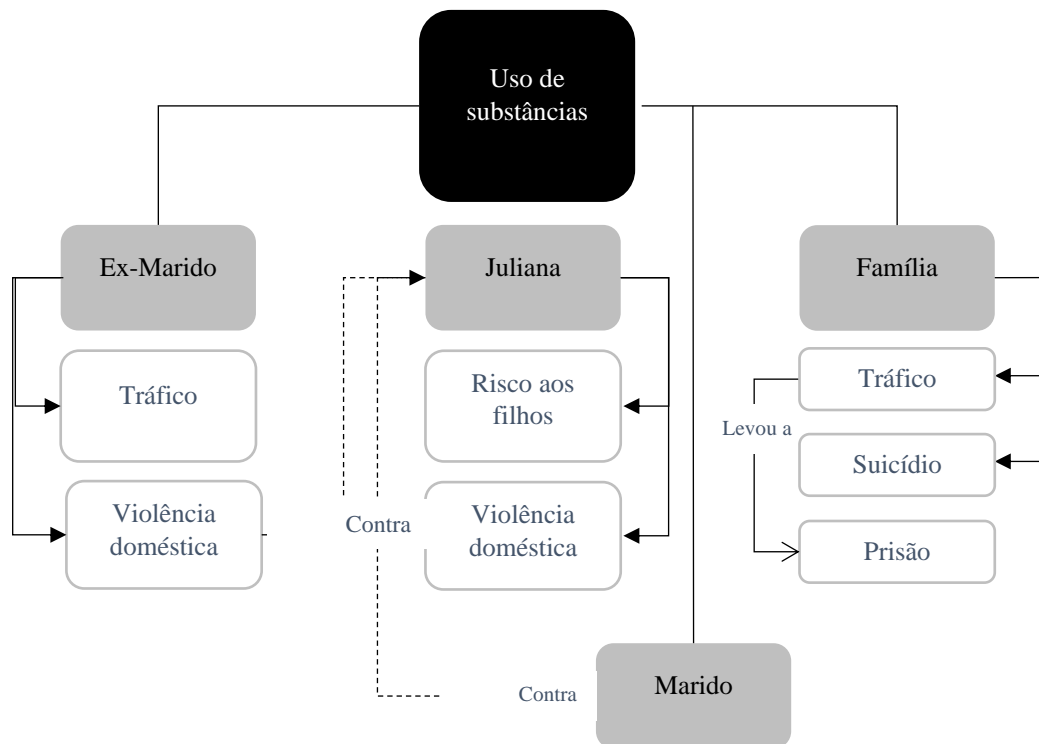
## 2.5 Temas

A partir de sua entrevista, quatro categorias temáticas principais emergiram: 1) uso de substâncias, 2) visão de papéis de gênero e 3) preocupação com o casamento. Apesar de a qualidade da relação entre Juliana e Isabela constituir uma categoria temática por conta de sua prevalência e relevância no relato da participante, optou-se por apresentá-la junto aos dados de vinculação por considerar-se que, desta forma, esses dados seriam melhor apresentados.

### 2.5.1 *Uso de substâncias*

A Figura 1 sintetiza os efeitos do uso de substâncias a diferentes atores relacionados a Juliana.

Figura 1. Consequências do uso de substâncias



A partir da Figura 1 é possível notar que o uso de substância é fator prevalente na vida de Juliana, estando presente em diferentes esferas de seu convívio social.

Na família extensa, havia tio muito próximo que se suicidou devido ao consumo de cocaína, e que também participava do tráfico, e um primo que, além de usuário, chegou a ser preso por tráfico de drogas. Há outro primo preso, este não decorrente do tráfico de drogas, mas de abuso sexual infantil e homicídio:

Eu já fui consumidora de drogas, eu já fui. Eu já fui, é... os meus primos, família, já. Teve um tio que se suicidou por causa de drogas também, dessa casa do lado, ele tirou a própria vida, consumia cocaína. Eu já me envolvi com cocaína também. Hoje não, hoje é mais a bebida mesmo (risos)

(...) o meu tio trabalhava no posto [de gasolina] também, meu tio minha tia, - meu tio é o que se matou, eles que me ajudou – a sobrinha dela também trabalhava lá, prima, era bastante parentes ali então por isso que eu consegui [um emprego no posto]. Aí meu tio falou “oh, eu tenho umas entrega pra fazer”, na época ele mexia com umas... ai é... ele tinha uns corre dele lá, às vezes ele fazia uns *corre* de medicamento, não sei o que, até mesmo de droga ele fazia.

Já [teve familiar com problemas com a polícia], eu tenho um primo que tá preso, é até filho da minha tia que mora do lado né, e o outro filho dela também, eu nunca tive problema com polícia não. Só quando era muito bagunceira na escola, aí ia lá e catava nós, aí brigava na escola, mas isso não, justiça só isso mesmo o meu primo que foi preso por negócio de tráfico, e o outro, primeira vez que ele foi preso, um acidente com um rapaz, uma briga, acabou gerando uma morte, mas depois ele foi acusado de Maria da Penha muitas vezes, e uma suporta lesão contra a própria filha, um estupro, com a filha dele, a mais nova.



Além deles, seu primeiro marido, pai de Isabela, também se envolveu com o tráfico, sendo este um dos fatores que levou à separação do casal em duas ocasiões:

Ah, não tem, não vou falar pra você, não vou mentir pra você, [faz] uns quatro meses. A última vez que eu usei droga mesmo. Não era aquela quantidade falar excessiva, igual eu já tive uma época que usava muito, na época que eu era casada com o pai dela, era muito, todo dia, eu fiquei assim uns sete anos direto, todo dia. Parava uns dois dias e ia lá de novo. Mas eu nunca tive nenhum problema, na época né, depois que eu, depois que eu realmente falei “não agora eu vou parar com isso, não quero mais”, onde que o pai dela começou a dar muito problema, não queria trabalhar, aí eu descobri que ele começou a bater droga dentro de casa, aí foi onde que eu peguei e decidi separar mesmo.

Aí ele tava até trabalhando, tava até bem, aí começou se envolver de novo com os amigo, com droga, saiu do serviço, aí a Isabela foi fazer um ano ele sofreu um acidente, ficou acamado, aí eu tive que sair do serviço, tive que ajudar a cuidar dele, aí ele falou queria melhorar, aí ele ficou recebendo um bom tempo - porque ele não podia trabalhar, ficou um ano e meio afastado - é, quando eu separei dele ele ainda tava afastado. Mas daí depois de um tempinho que ele começou a melhorar, eu tava trabalhando no [supermercado], ia fazer um ano? Acho que ia fazer um ano que eu tava trabalhando no [supermercado], acho que era isso, e... eu já não tava aguentando mais, porque ele começou a fazer as carga de novo, eu não trabalhava no [supermercado] aqui do bairro, eu trabalhava no [supermercado] lá do [bairro mais distante], saía de casa cinco hora da manhã, entrava às sete lá.

Por conta das drogas, seu marido muitas vezes agrediu ou ameaçou agredir Juliana. Uma dessas situações foi descrita anteriormente, para ilustrar a justificativa de Juliana para os problemas de comportamento apresentados por Isabela. Entretanto, aquela não foi a única ocasião em que Isabela presenciou violência doméstica, tanto do pai contra a mãe, quanto da mãe contra o padrasto – trecho que será apresentado mais adiante:

***Alguma vez você já sofreu violência por parte do parceiro?***

Já. Do pai dela muitas vezes, muitas e muitas. (...) quando ele usava muita droga, às vezes eu... Ela também sofria quando era pequenininha, ele tinha convulsão, aí eu tentava ajudar, aí ele brigava comigo, no outro dia ele pegava o pau, teve uma amiga da minha irmã que uma vez ele pegou de mangueira, com essa menina no colo. Várias e várias vezes, muitas e muitas vezes.

Com o atual marido, que também possui histórico de uso de drogas, a violência doméstica se inverte:

No caso do Marcelo não é que ele me agrediu, eu agredia ele, acho que eu tava tão transtornada, eu perdia a noção do que eu tava fazendo. Ele me segurava pra eu não machucar porque eu ficava... transtornada. E às vezes eu acabava agredindo ele, ele me segurava pra não me machucar, pra eu não me machucar eu acabava machucando ele. E muitas vezes a minha mãe “ah ele te bate” eu “mãe ele não me bate, ele nunca me bateu. Eu bati nele (risos), mas ele nunca me bateu” ele sempre me respeitou muito.

A gente [ela e Marcelo] bebia também, eu fui usuária de droga, então juntou tudo, então foi onde que eu comecei a surtar, dá umas crise de surto eu surtava na hora você não sabe o que ta fazendo aí depois você fica “nossa eu não acredito que eu fiz isso”. Surtá de agredir meu marido, de fugi de casa, de não saber pra onde que eu tava depois, então sabe quando dá uns colapso assim?

Além da exposição à violência doméstica decorrente do uso de substâncias, Juliana também colocou a vida das crianças em risco em um momento de “surto”, como citado anteriormente quanto ao motivo de ter sido notificada ao Conselho Tutelar por sua mãe:

A minha mãe já [denunciou ao Conselho Tutelar]. Por causa da Isabela, porque eu surtei, cheguei a, uma vez que eu fiquei tão ruim que eu surtei que eu coloquei fogo na casa. Não foi dentro da casa, foi no quintal da casa, eu tava sentada no sofá e transtornada, eu tomava remédio, tava desinibida, tinha misturado com droga e eu acabei surtando do nada, tinha um álcool ali, peguei e joguei, botei fogo, sentada lá. Sabe quando depois que você para que você vê que da um choque de realidade que cê acorda que cê vê o que cê fez, o menino tava dormindo, o Marcelo não tava em casa, tava trabalhando, então isso.

### 2.5.2 *Visão de papéis de gênero*

Sua relação com o marido e sua visão de papéis de gênero são duas categorias temáticas que por vezes se misturam, e parecem influenciar sobremaneira o funcionamento da participante. Sua preocupação com o casamento, categoria temática a ser apresentada em seguida, também sofre grande influência de sua visão de papéis de gênero.

De modo geral, Juliana acredita que as mulheres têm a capacidade de auxiliar seus conjuges em situações de vulnerabilidade, mas que os homens não possuem a mesma capacidade. Por conta disso, ela acredita que “precisa melhorar” para que possa ter o parceiro ao seu lado.

Só acho que a gente deu uma, ele começou a procurar umas coisas por fora por esses motivo que aconteceu. Ah É amizade, mulher, conversa, coisas que eu peguei no celular dele e fiquei muito triste. Mas aí eu fui parar pra entender porque ele tava fazendo isso, não era porque ele queria, mas eu acho que mais por uma necessidade do homem mesmo. Infelizmente é uma realidade. A gente sabe nos controlar, o homem não, é mais difícil pra eles é, com uma mãe, com uma mulher que tá com depressão do que um homem que tá com depressão a mulher chegar e fazer de tudo pra ele. Essa é a realidade. Hoje em dia a mulher consegue fazer tudo, se ela tiver bem ela faz, se ela não tiver não é porque ela não quer, que realmente é porque ela precisa de cuidado e ajuda. Porque que muitas das vezes os homens abandona a mulher e não tá nem aí, por esse motivo, dela ficar doente e coisas assim, e não ter a capacidade nem a voluntariedade de ajudar a esposa. Eu sei que tem muitos casos que tem, que o marido ele faz de tudo, “ah tá doente eu vou cuidar, eu vou me dedicar”, mas tem homens também que não faz, que larga, que abandona, aí depois que elas melhora...

Te falo porque o caso do vó dela, aconteceu isso, quando a minha sogra teve depressão pós parto por causa do pai dela é... teve depressão dela ficar louca mesmo, louca, cê via aquela mulher transtornada dela... quebrar tudo sair pelo mundo, sabe? Fazer

coisas que até deus duvida até ela começar a fazer tratamento. Ela ficou 15 vezes internada num sanatório, tomou choque, que antigamente tinha essas coisas, hoje em dia não sei como funciona, mas tem, e ela passou por tudo isso. E ele largou ela, largou ela, arrumou outra mulher, arrumou outro filho, outra família, e ela teve que aceitar com isso, que eles tinham uma casa de ração, tem até hoje, ela trabalhava com ele, os filhos trabalhava, Bianca e o Marcelo, o pai dela. Às vezes ela trazia a menina pra ela cuidar, ele trazia, ela cuidou. Depressão. E cuidou! Porque ela gostava muito dele. Só que depois de um tempo eles tavam juntos, essa mulher engravidou do amigo dele. Aí ele que ficou com depressão, ficou ruim, ficou ruim, ficou ruim, aí veio morar na casa de ração, que tinha uma casinha no fundo, antigamente nós morava aqui no [bairro], nessa época morava com o Marcelo e com a mãe dele, aí depois eles [pais do Marcelo] voltou. Ela gostava demais dele. Porque uma mulher ela suporta tudo, um homem ele não suporta, eles não têm essa estrutura, então eu me tiro de exemplo por isso, eu falo não, realmente, difícil, como é que ele vai aceitar isso? Então eu tenho que buscar minha melhora.

A partir de seus relatos, é possível notar uma grande preocupação de Juliana em melhorar com o intuito de salvar seu casamento, como será apresentado a seguir.

### *2.5.3 Preocupação com o casamento*

De acordo com o relato de Juliana, Marcelo dá inúmeros indicadores de que queira manter o relacionamento, e aprofundá-lo em um futuro próximo, e é a partir desse ideal que ela foca suas energias em sair das drogas e “melhorar”. Sua preocupação com o relacionamento parece se sobressair, em certa medida, ao bem estar dos filhos. Inclusive, ela relata que a Conselheira Tutelar que a atendeu ofereceu-se para buscar atendimento psicológico para ela e para Marcelo, e que ela interpretou como sendo com o intuito de ajudá-la a melhorar o relacionamento conjugal.

É interessante notar que a preocupação de Juliana em procurar atendimento psicológico e tratar-se tanto da dependência química quanto das questões psicológicas como a depressão tem como força motriz não sua melhora em relação à parentagem ou a preocupação com os filhos, como seria o esperado e parece ser o mais comum em mulheres mães, mas reatar seu casamento que, pelas justificativas apresentadas anteriormente enraizadas em suas próprias visões de papéis de gênero, depende de que ela esteja bem para acontecer.

Eu sou um caso [de pessoa com depressão]. Eu quero ajuda, eu preciso de ajuda, porque se eu não me trato, como eu vou cuidar do meu casamento? Que a gente já separou três vezes, ele falou “Juliana, a única coisa que eu quero é que você se trate, buscar ajuda”, porque igual ele quis separar mas ele tá tentando, se ele tá tentando, se ele quer voltar, é porque ele realmente gosta, porque se não ele não taria tentando, eu acredito nisso. Posso estar errada, mas porque ele quer que eu busque um tratamento? Quer que eu busque ajuda? Acho que é porque ele quer prosseguir com essa relação. Se faz bem pra ele, mas o que faz mal pra ele é as crise que me dá. Acho que isso vai decepcionando mais o homem. A mulher eu acho que ela tem uma estrutura de

aguentar mais, o homem já não tem. A mesma estrutura que a mulher tem. Eu acredito nisso.

Aparentemente, há planos reais para que os dois voltem a morar juntos, e é interessante que ela defenda a necessidade de subterfúgios para que o casamento perdure, como ao afirmar que ter dívidas em conjunto é algo bom porque garantiria que os dois não brigariam por questões menores, uma vez que, tendo a dívida, isso seria algo do qual “não poderiam fugir” e por isso, os esforços seriam voltados a manter o relacionamento e pagar a dívida, e não discutir coisas menores:

Nossa a gente tá, graças a deus tá dando uma boa..., a gente não tinha essa mentalidade. Ele falou “olha depois que a gente separou, você tá na sua mãe eu to na minha mãe, é ruim porque minha mãe reclama, mas... Minha mãe também reclama, mas é um modo a gente começar, a gente voltar, mesmo se a gente tiver pagando, a hora que a gente voltar, der tudo certo aí gente não vai ficar, vamo quebrar a cabeça mais, porque a gente já tem aquelas conta pra pagar e não tem mais como fugir daquilo. É verdade, se você for analisar você tem que fazer isso, que senão não vai. Ele tá classificando a carta dele pra caminhão também agora..., tá buscando a melhora.

Além disso, seu foco no próprio relacionamento a leva a interpretar a oferta de apoio do Conselho Tutelar ao acesso a atendimento psicológico como tendo como objetivo a melhora do relacionamento conjugal, e não, como é de se esperar do Conselho Tutelar cuja função é a proteção a crianças e adolescentes, que o atendimento psicológico possa ter sido oferecido com o intuito de auxiliá-los em questões relacionados aos cuidados parentais:

Sim porque a minha mãe foi atrás [do Conselho Tutelar] aí depois, só que aí a mulher do Conselho já veio já conversou comigo, há um mês atrás, que ela tá até me ajudando a marcar é... tipo uma terapia pra mim fazer e meu esposo, que ela sabe que eu gosto muito dele, queria muito a gente voltar a nossa vida.

### 3 Caso 3: Vanessa

A Tabela 1 sintetiza as informações referentes aos índices de negligência observados quanto a sua única filha com menos de 18 anos.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filho	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Valentina	16	45	0	0	0	45	20

### 3.1 Descrição inicial

Vanessa (45 anos) possui ao todo 4 filhos: A filha mais velha, não nomeada, de 27 anos; Ingrid (23 anos); João Pedro (19 anos); e Valentina (16 anos).

A filha mais velha é fruto do primeiro relacionamento de Vanessa e “graças a Deus” (sic) mora atualmente em outro Estado. Ingrid, João Pedro e Valentina são fruto de seu segundo relacionamento, finalizado há quatro anos. Ingrid mora na casa vizinha à de Vanessa. João Pedro e Valentina moram com a participante.

Quanto à escolaridade, Vanessa cursou até a quarta série. João Pedro abandonou a escola no primeiro ano do colegial, após a separação dos pais, porque, nas palavras dela: “eu separei do pai dele né, ficou, assim, desanimou né, não quis estudar mais, parou.”. Valentina cursa, no momento da coleta, o primeiro ano do ensino médio. Não há informações quanto à escolaridade da filha mais velha ou da Ingrid.

Vanessa trabalha como faxineira, e recebe o auxílio do Bolsa Família por conta de sua filha Valentina. Vivem com uma renda *per capita* aproximada de 166 reais mensais:

Então não tenho renda nenhuma a não ser o Bolsa Família, que é 48 reais por mês, e 150 reais que o pai deles paga de pensão pros dois, que é 75 pra cada um. Tirando isso eu não tenho renda nenhuma. Conta essa faxina dá o que...? Que tem segunda que eu vou, tem segunda que eu não vô então... o mês são quatro semanas né? Tem semana que eu não vô, é raro ela chamá... Quinhentos reais, por mês. Chutano. Porque lá não é fixo, entendeu? É mais de quinze em quinze dia.

Moram em um apartamento de dois quartos, com o qual ela se diz insatisfeita, tanto em relação aos vizinhos:

Ai é, é porque são um pessoal muito porco. Assim, Todos os prédios que eu conheço que as pessoa mora tem limpeza, paga o condomínio, mas incluída a limpeza escada, né?. Aqui se você não limpar pega bicho. Cê viu que sujeira, hora que você subiu? Eu até varri antes de você chegar porque eu tenho vergonha. Mais tarde eu limpo, só que eu só limpo minha porta. De primeiro eu lavava todas escada, as porta de todo mundo. Parei. Só limpo a minha, então... eu vivo isso aqui... insatisfeita.

Quanto em relação aos valores cobrados de condomínio:

Meu sonho também é uma casa. Eu não gosto disso aqui. Fora o condomínio que é um absurdo né? O condomínio no começo quando eu mudei aqui 2012 era 60 reais, aí hoje, qué dizer agora eles mudou, mas os quatro meses atrás aí era trezentos e poucos reais. Te juro! Tá aí os papéis, até levei pro juiz, tá no fórum que eu não tô pagando condomínio. Não só eu, como muitos aqui não tá pagano. Como é que você vai paga condomínio sem trabalhar? Tem a prestação que eu pago, aí tem gás, tem luz

e eu não... tem comida, entendeu?, que ninguém fica sem comer, né? Então aqui é um absurdo. Agora que abaixou pra duzentos e pouco. Ainda tô achando muito ainda. Né? Então até fui procurar a advogada aí tô esperando o juiz me chamar né? Me chamou a primeira vez que eu tava assim com os valores que eu tinha condições de pagar, mas até lá eu tava trabalhando. Mas eu propus, minha proposta lá de cem reais não aceitou, né, então... Se não aceita não vou roubar, não vou matar, não vou prostituir, então... deixa rolar. Aí tá lá. Entendeu? Tá lá. Eu fiquei sabendo assim o povo fala aqui que o povo conversa demais que agora em dezembro nós quitamos aqui, o apartamento. Que quando quitamos eles tomam né? Por causa de economia. Mas acho que não... não existe isso não. Né? Mas eu não gosto daqui não. Ixi! É um roubo, deus me livre.

Vanessa relata sofrer de depressão e se automedica em casa, mas não faz acompanhamento psicológico ou psiquiátrico. De acordo com ela, seus problemas com a depressão começaram após ser informada da tentativa de abuso sexual de seu ex-marido contra sua filha mais velha.

### 3.2 Apoio social

A Tabela x apresenta os níveis de apoio social percebidos por Vanessa. A partir dela, é possível perceber uma relativa boa rede de apoio social, especialmente quanto às questões de apoio emocional/informação e afetivo.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	7	Médio
Emocional/Informação	21	Alto
Afetivo	12	Alto
Interação Social Positiva	13	Médio

Uma importante fonte de apoio social relatado ao longo da entrevista, especialmente em questões materiais, é o próprio Conselho Tutelar e órgãos de assistência social que, para ela “dão ajuda né, eles não tá ali pra atrapalhar a gente né, eles tá ali pra ajudar também”:

[O Conselho Tutelar] ajudou, me deu cesta básica né, no dia que tava precisando, tanto é que, vira e mexe eu tô precisando, até, eu liguei semana passada pedindo, “olha minhas coisas acabou”, te mostro até meu armário. Acabou *tudo*. Peguei 100 reais ontem né, porque 30 a minha patroa tá descontando que é da vez que ela foi viajar em janeiro, ela me adiantou 130 aí toda semana ela desconta de 30 em 30 aí ontem eu peguei 100 reais. E... tá faltando tudo, sabão em pó, essas coisas. Então quando eu preciso eu ligo, né, porque ela pede pra ligar. E ajuda de várias, né... psiquiatra - psiquiatra eu já passo que é no CRAS 3 - igual ela falou que vai arrumar terapeuta pra mim e pros

meus filho, né, então... Eles ajuda. Não atrapalha nada. A gente pensa que é criticar a gente, não. Eles tá ali pra ajudar a gente

***Quando precisa de algum tipo de ajuda, considera que pode contar com as pessoas que moram na vizinhança?***

Não. E outra que eu não tenho coragem também. Corro atrás da Assistência Social. Igual eu, acabou a despensa, né, a comida. Eu ligo pra Assistente Social e peço. Odeio pedir, mas... Eu tenho filho, né? A gente tem um filho a gente faz qualquer coisa, então... Eu penso, eu ligo pra Assistente Social e peço. Mas eu nunca também gostei de pedir pra vizinho sabe? Acho uma situação chata. E mesmo se for pedir também nós morre de fome né, que uns eu falo o amor de muitos esfriou assim, as pessoas hoje se deixa levar muito por dinheiro né, bem materiais, entendeu? Então igual eu falei, amor mais não existe. Acabou, são poucos né, que têm sentimento. Então não existe.

### 3.3 Vinculação familiar

A Tabela 3 apresenta os dados referentes à coesão familiar. A partir dela, é possível observar níveis moderados de coesão percebidos, sendo a família caracterizada principalmente por níveis mais altos no extremo não saudável de coesão, como indicado pelo nível alto na escala Emaranhada, que indica pouca liberdade dos familiares para realizarem atividades fora da própria família.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Percentil	Nível
Escalas Equilibradas			
	Coesão	65	Conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	60	Moderado
	Emaranhada	68	Alto

De acordo com seu relato, Vanessa afirmar ter dificuldades quanto a demonstrações de afeto físico, ainda que, de outras formas busque demonstrar seu carinho pelos filhos, especialmente a partir de questões materiais, apesar das dificuldades financeiras que enfrenta:

***Vocês costumam fazer alguma coisa juntas [Vanessa e Valentina]?***

É sobre isso eu conversei ca moça lá do Conselho Tutelar, a assistente social, não, não costuma não, não costuma abraçar, não costuma beijar, essa fase foi só quando era pequeno mesmo. Hoje... Eu tenho vergonha de fazer isso.

***Ela?***

*Eu. Eu. Eu.* Entendeu? (risos). Mas quando eu saio pra algum lugar, churrasco, essas coisa, eu chamo ela pra ir comigo. O moleque não vai, ele não gosta de festa. Mas quando eu vou fazer alguma coisa eu costume chamar ela, entendeu?

Ah eu chamo pra ir comigo quando tem festa as coisa, igual tem uns... sete meses eu fui pra praia né pro Rio de Janeiro que ela tinha vontade de conhecer a praia (risos) foi eu e ela. Então nós fomos na praia da barra, chamei ele pra ir, não quis ir. Foi eu e ela, né, que ela nunca tinha conhecido, mas se tem coisa pra fazer eu chamo ele, não quer ir então fica né.

Ai meu filho... o que ela costuma fazer quando ela não tá na escola é ficá gravando vídeo aí, hoje era uma hora da manhã ela tava gravando vídeo (risos) o cachorro quebrou isso aqui (mostra a lâmpada quebrada) tem até que levar pra arrumar (risos). O cachorro pegou e quebrou, ela tava gravando ela mandou o cachorro sair, ele saiu correndo, quebrou (risos). Ela começou a chorar tadinha. Eu tentei arrumar, mas não consegui. Vou levar ali onde arruma celular, ver se..., eu tenho amizade com o rapaz lá, vê se ele consegue abrir. Que eu creio que é plaquinha, o fio soltou da plaquinha, eu abri.

Um tema recorrente em sua fala, e que pode estar atrelada à sua insatisfação familiar, é a sensação de não ser respeitada pelos filhos, algo que está atrelado aos problemas de comportamento que eles apresentam, especialmente João Pedro:

Ai eu fico triste né. Eu assim, às vezes eu bati boca com ele, às vezes eu dou uma de louca, assim mandá ele calá a boca, porque se não... Mas a gente fica triste numa situação dessa, porque a gente se mata, dá o sangue hoje pra cuidar dos filho e os filho não respeita a gente. Né, a gente deixa de comê pra por na boca deles pra não ver, é só ingratidão.

Ai eu tenho mais assim, não é que eu tenho dificuldade, é assim às vezes eu brigo assim por causa da rebeldia deles, falta de respeito, né, que a gente vai chamar a atenção eles grita. Mas isso aí hoje tá normal né? O jovem hoje tá tudo assim. Mais em caso de droga essas coisa, de prostituição, essas coisa, não [acontecem]. Eu fico brava que eu acho difícil é o respeito deles a meu favor, mas isso hoje é normal. Na minha época só do meu pai olhar de cara feia pra mim, de olho torto, eu já sabia o que era, ja saía que se não saísse né, apanhava. Então os filho de hoje tá difícil né? Se você dá moleza eles qué batê em você, né? É isso só.

Dificuldade dele é que ele é boca dura né, bocuda (risos), quando eu vou gritar com ele falo “grita comigo não”, começa a bater boca, às vezes tem que dar uma de louca né, se não fi... bate na gente. É a dificuldade (risos) que tem hora que eu... Que com o pai dele, o pai falava abaixava a cabeça na hora, agora como é comigo... é a dificuldade que eu tenho, que eu acho que eles não tem respeito por mim e eu não consigo mais dominar, né. É isso.

### *3.4 Descrição comportamental dos filhos*

A Tabela 4 descreve os níveis de problemas de comportamento percebidos por Vanessa em relação a Valentina. Não foram coletados dados acerca de problemas de comportamento de João Pedro por ele ter mais de dezoito anos.



Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Valentina

Escalas	Itens	Valentina <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	27**
	Social	41
	Escolar	43
	Total	28
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	72**
	Retraído/Depressivo	89**
	Queixas somáticas	59
	Total	73**
Escala externalizante	Quebra de regras	60
	Comportamento agressivo	63
	Total	62*
Outros	Problemas Sociais	61
	Problemas de pensamento	69*
	Problemas de atenção	52
Problemas totais	Problemas Totais	67**

\*Nível quase clínico

\*\*Nível clínico

A partir da Tabela 4, é possível notar altos níveis de problemas de comportamento, principalmente do tipo internalizante, de modo geral ( $t = 73$ ), de cunho ansioso/depressivo ( $t = 72$ ) e retraído/depressivo ( $t = 89$ ). Em seu relato, reforçam-se os problemas internalizantes de Valentina, a partir de comportamentos típicos de quadros depressivos:

Ah vê pra mim [atendimento psicológico]! Pra mim, pra minha filha, que eu vejo que ela é muito revoltada, ela fica o dia inteiro nesse quarto trancada. O dia inteiro. E dorme o dia inteiro. Eu acho isso anormal. Ela acorda três, quatro hora da tarde, entendeu? Fica socada o dia inteiro nesse quarto. Aí quando é a noite não dorme, é muito rebelde, nervosa. Entendeu?

Uma que ela dorme o dia inteiro também, não tem essa... acorda umas três, quatro hora, tem vez que *eu* preciso tá chamando ela, quando eu vejo que o serviço tá demais, porque quem que faz mais serviço é eu né. Onte fui trabalhar, eu cheguei a pia tava daquele jeito, aí eu dei uns grito com ela, ela veio fazer. Mas... quando ela acorda mais cedo é que eu vou no quarto “ô fia, hora de acordá, não é hora de ninguém mais dormir, levanta, vamo se mexê, acorda pra vida” Aí que ela acorda, e vem.

***Você já foi chamada na escola?***

*Já.* Foi uma vez, mas é por caso ela tava rebelde com professor lá, eu fui chamada lá. Que ela não queria estudar, ela ficava aqui até de madrugada chegava na escola... ela ficava até tarde, eu falo que ela trocou o sono de dia pela noite, aí ela ficava até tarde acordada, chegava na escola ia dormi. Aí me chamaram lá. E dela bater boca com professor. Aí fui lá

A forma como Vanessa lida com problemas de comportamento de Valentina, além das discussões acaloradas descritas anteriormente em relação à vinculação, também é agressiva, o que pode-se inferir que tenha modelado os comportamentos agressivos dos filhos (como quando ela relata da possibilidade de apanhar dos filhos caso não consiga impor respeito, como descrito anteriormente em relação à vinculação):

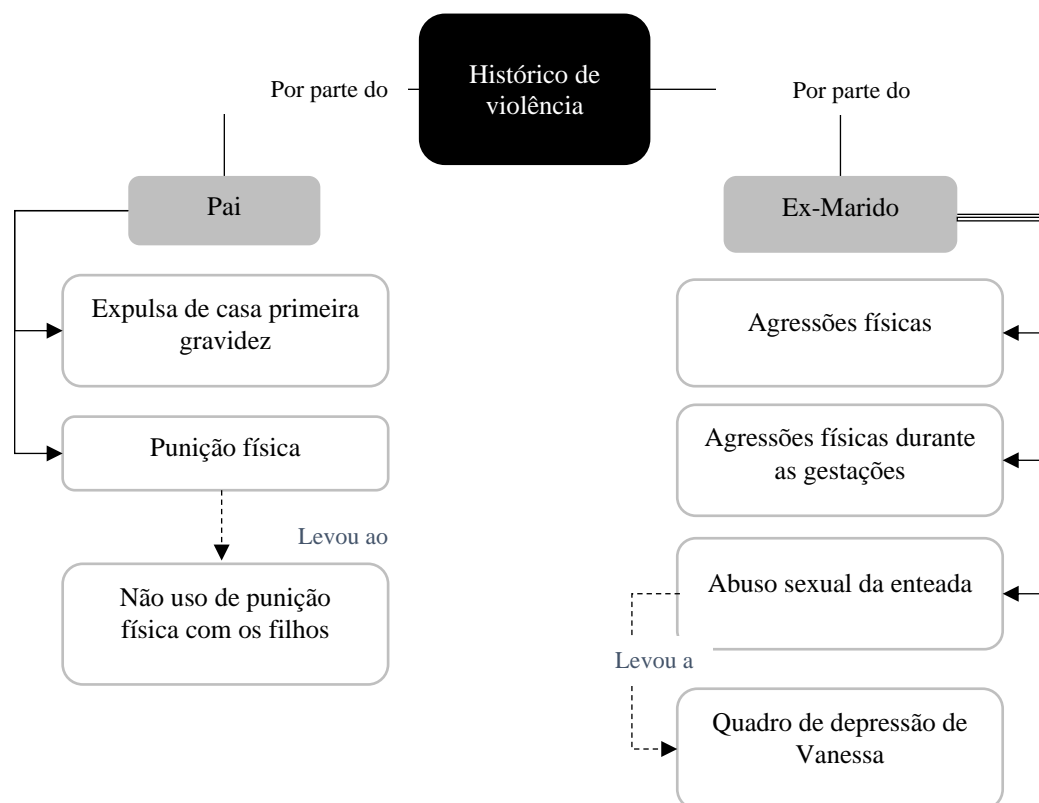
Ah eu conversei com ela foi lá na frente mesmo [da escola], que no dia que ela fizesse isso eu ia arrebatá ela na frente de todo mundo lá, eu ia pra cadeia mas que eu arrebatava, que eu ensinava ela a respeitar os professor eu ensinava. Depois disso ela... nunca mais.

### *3.5 Temas*

A partir de sua entrevista, uma categoria principal emergiu: história de violência. Assim como no Caso 2, apesar de questões acerca da qualidade das interações entre Vanessa e os filhos poder constituir uma categoria temática, optou-se por descrevê-las junto às análises de vinculação e de problemas de comportamento, ainda que esses dois assuntos pareçam estar interligados.

#### *3.5.1 História de violência*

A partir da Figura 1 é possível notar que a violência foi uma situação prevalente na vida de Vanessa, perpetrada por diferentes atores, que moldou a forma como ela age em relação aos filhos, suas próprias questões com saúde mental.



Em relação ao pai, já falecido, as situações de violência e a forma como foi criada influenciaram a forma como ela hoje cria os filhos. Apesar de ameaçar, ela não os pune fisicamente quando se comportam mal, na maioria das vezes. Por ter sido também criada de uma maneira mais controladora pelo pai, ela hoje tem uma atitude mais liberal em relação aos filhos (a ponto de ser considerada negligente)

Quando eles fazem uma coisa errada? Ah eu chego junto né. Eu tento explicar o que tá errado e o que tá certo, igual fiquei sabendo que ela foi na casa da minha irmã, lá ela bebeu, diz que ela ficou meia tonta não quis vir embora. Aí meu menino falou “mãe, a Valentina não veio embora porque ela bebeu ontem, ela ficou bêbada”. Eu chamei a atenção “o dia que você...” eu liguei, falei “vem embora agora”, aí veio minha cunhada “o dia que você encher a cara”, que eu não bebo, não fumo, não tenho vício nenhum “eu vou te arrebentar você, nunca mais”, aí eu chego junto eu ponho pra acreditar. Não bato, não sou de bater, mas acho que meu grito que eu dou, o jeito que eu faço já resolve tudo, já é o suficiente, que tem pai que espanca né, eu não, eu já apanhei muito do meu pai, sabe? Sem merecer, já sofri muito, então eu não faço isso.

Ah... Eu sempre fui assim mais liberal né, o importante pra mim é saber onde tá né, e tá entrando em contato, pra saber se tá tudo bem, mas eu sempre fui liberal assim. Festa essas coisa assim... Meu pai assim me prendia né, quando eu era criança meu pai... vish, se eu falasse de ir numa festa apanhava na hora, agora eu não... Agora tá com o irmão, eles fala onde tão, não tem... Essa de horário.

As situações de violência durante suas gestações, tanto por parte do pai na primeira gestação, e do ex-marido ao longo das demais, tornou todas as suas gestações períodos de sofrimento.

***Como foi quando você engravidou da sua primeira filha?***

Da minha primeira filha? Foi assim, eu namorei um, rapaz eu tinha 17 anos. E na primeira saída engravidei dela, mas aí meus pais não queriam aceitar, fui até jogada pra rua sobre meu pai entendeu? Então eu sofri bastante. Mas graças a Deus depois deu tudo certo.

***Você falou que a sua família reagiu mal à gravidez...***

Meu pai. Meu finado pai né. Me colocou eu pra rua, tanto é que minha mãe foi comigo, junto. Aí eu fiquei um par de tempo morando com os meus tios e aí depois, quando eu tive a menina, ele aceitou né?

***E com o segundo filho, você lembra como foi?***

Com o segundo? Com o segundo foi a Valentina. A sofri muito... Não, foi a Mariana, de lá, aqui do lado. Ah sofri muito né, assim, foi planejada, mas assim sofri muito. Dos três apanhei, sabe? Apanhei na resguarda, apanhei na gravidez, foi um, nossa eu não gosto nem de pensar, sofri muito.

Inclusive é ao seu sofrimento durante a destinação que ela atribui as questões de saúde mental de Valentina:

***Você acha que a Valentina tem uma boa saúde hoje?***

Tem, ela o que eu acho que ela não tem boa é a saúde mental. Porque quando eu engravidei dela eu tive depressão assim pós-parto, por causa do sofrimento, apanhei a gravidez dela, eu planejei, mas o pai queria que eu tirasse né, foi indesejada por parte dele.

As agressões do ex-marido, entretanto, não pareciam se restringir aos períodos gestacionais, nem à Vanessa, tendo o ex-marido tentado abusar sexualmente de sua primeira filha – com a qual não tem qualquer contato atualmente – quando esta tinha cinco anos de idade:

***Alguma vez já sofreu violência por parte do parceiro?***

Ah muito! Do pai deles bastante. Por isso que tá aí o motivo da minha separação é isso. Apanhei muito.

a minha filha de 27 anos, quando ela foi assim... ai é até chato da gente falar né, que quando eu fui conhecer esse pai dos meus filho assim, eu já tinha ela, ela tinha um aninho né, eu já tinha ela, aí ele, quando ela tinha 5 ano ele veio tentar abusar dela. Aí com 12 ano ela veio me falar, aí entrei em depressão, tomo um monte de remédio hoje, e ela começou a me dar um monte de problema.

#### 4 Caso 4: Helena

A Tabela 1 sintetiza as informações referentes aos índices de negligência observados quanto ao único filho que reside atualmente com a participante.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação
Rodrigo	17	60	25	0	0	50	60

#### 4.1 Descrição Inicial

Helena (47 anos) possui dois filhos: Rodrigo (17), e Davi (5).

O filho mais velho, Rodrigo, é fruto de seu primeiro relacionamento, cujo parceiro jamais teve contato com o filho. Davi, o filho mais novo, é fruto de um relacionamento pontual de Helena e não há informações sobre a participação de seu pai na vida do filho.

Rodrigo reside com Helena. Davi reside atualmente com uma irmã de Helena, tendo se mudado por conta dos problemas de comportamento apresentados por Rodrigo. Helena tem pouco contato com Davi e não gosta que ele more com a tia:

***Quando que [o Davi] foi morar com a sua irmã?***

Ah praticamente... desde quando ele nasceu. Ele morou uns tempo comigo, mas ele foi morar com a minha irmã mais por causa disso, por causa daqui sabe e tal... muita droga na porta, e meu filho começou a envolver com isso, então minha irmã falou “não, deixa o Davi aqui pra ele não crescer né, vendo essa situação”. E aí resolveu ficar lá e foi ficando, ficou. E tá lá, até hoje.

***Ele [Davi] mora com o pai?***

Não, mora com a minha irmã. Mas se quisé colocar o Davi aí junto com nós aqui...

***Com qual frequência ele fica aqui?***

Muito pouca, fica mais com a minha irmã.

***Ah eu vou anotar***

É, porque é chato pô, não anotar que né, parece que... eu já acho chato ficar longe dele, ainda mais em...

Quanto à escolaridade, Helena completou o ensino fundamental. Rodrigo evadiu a escola no sexto ano, época em que começou a apresentar problemas de comportamento por conta do nascimento do irmão mais novo:

Aí depois ele parou também de estudar. Quando ele, depois que o Davi nasceu, o Rodrigo desenvolveu assim, igual leite no fogo, ele mudou completamente a vida dele. Aí foi naonde ele começou a desviar pro mundo errado das droga. Levei ele pra morar com a minha irmã, levei ele para roça, levei, pejei de tudo quanto é jeito com ele, aí a escola foi distanciando da escola, até os 10 anos ele ainda foi na escola bonitinho.

Helena trabalha como diarista e vivem com uma renda mensal *per capita* de até 550,00 reais. Recebe também o auxílio do Bolsa Família. No momento da coleta, estava afastada do trabalho por ter feito uma cirurgia na coluna.

Moram em uma casa de dois quartos, com a qual ela relata sentir-se muito satisfeita. Quanto ao bairro, entretanto, relata sentir-se insatisfeita por conta dos pontos de tráfico:

Ai porque muita droga. Droga, droga, droga, droga, pra tudo lado. Cê sai no portão é droga pra todo lado. É isso que eu acho, que o resto tá tudo bem, o ônibus passa na porta, tem o mercado, eu acho que é por causa disso mesmo. Falando bem o clarão mesmo.

Além disso, relata escassez de acesso a serviços e segurança:

Eu acho que tá falando tudo. Nessa parte que cê falou pra mim tá faltando tudo. Porque o postinho de saúde tá fechado aqui. Segurança, polícia não tá passando mais, abandonou o bairro.

Apesar disso, não considera o bairro como perigoso:

***Você percebe seu bairro como perigoso ou violento?***

Não é. Não acho.

***Não tem muito assalto...?***

Nem! Durmo com as porta aberta aqui. Bem tranquilo.

***É mais o que você tinha falado mesmo...***

É, só a droga mesmo (risos)

## 4.2 Apoio social

A Tabela 2 apresenta os níveis de apoio social percebidos por Helena. A partir dela, é possível perceber uma relativa falta de apoio social, especialmente em questões materiais e de interação social positiva.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	6	Baixo
Emocional/Informação	24	Médio
Afetivo	8	Médio
Interação Social Positiva	6	Baixo

Não há em seu relato trechos acerca de apoio social, exceto por sua resposta afirmativa quanto a poder contar com apoio da vizinhança em caso de necessidade, o que pode ser um reflexo dos baixos níveis de apoio social percebidos por ela.

### 4.3 Vinculação familiar

A Tabela 3 apresenta os dados referentes à vinculação familiar. A partir dela, é possível observar níveis moderados de coesão percebidos.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas	Coesão	40	Conectado
Escalas Desequilibradas	Desengajada	34	Baixo
	Emaranhada	18	Muito baixo

De forma geral, a relação de Helena com Rodrigo é marcada por distanciamento afetivo:

Agora eu não tô tendo dificuldade nenhuma agora, porque eu tô deixando ele assim, já tem dezessete anos... Não tô deixando a deus dará, mas tipo assim, põe regras dentro de casa, hora como que eu quero que funcione, mas ele fica mais tempo na rua. Então não tem muito assim. A nossa convivência, agora que a gente tá vivendo melhor, porque eu não tô muito cobrando dele. Porque se eu cobrar muito dele a gente não vive bem. Então assim... Ele sai, ele chega, ele sai, ele chega, e deixa assim sabe? Mais assim...

*Muito* difícil o Rodrigo ficar aqui dentro de casa. A gente não briga mais porque ele não fica mais aqui dentro de casa.

#### *Vocês costumam fazer alguma coisa juntos?*

Nada, mais nada junto. Já fizemos muito, mas quando ele era criança. Até os 10 ano ele dormia na minha cama comigo, juntinho comigo, aquele carinho... hoje ele não tem muito pingo de carinho, não tem um... Não faz nada comigo. Tem carinho assim né, se ele vê eu chorando, se ele vê eu doente, se ele vê alguma coisa assim aí ele vem, fica mais próximo, mas... o resto, só rua.

#### 4.4 Descrição comportamental dos filhos

A Tabela 4 descreve os níveis de problemas de comportamento percebidos por Helena em relação a Rodrigo.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Rodrigo

Escalas	Itens	Rodrigo <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	25**
	Social	37
	Escolar	-
	Total	-
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	65*
	Retraído/Depressivo	78**
	Queixas somáticas	54
	Total	69**
Escala externalizante	Quebra de regras	69*
	Comportamento agressivo	58
	Total	66**
Outros	Problemas Sociais	63
	Problemas de pensamento	63
	Problemas de atenção	86**
Problemas totais	Problemas Totais	69**

\*Nível quase clínico

\*\*Nível clínico

A partir da Tabela 4 é possível perceber que Rodrigo apresenta altos níveis de problemas de comportamento em todas as áreas avaliadas (internalizante, externalizante e problemas totais). Os problemas internalizantes ( $t = 66$ , nível clínico) são de cunho principalmente retraído/depressivo ( $t = 78$ , nível clínico) e ansioso/depressivo ( $t = 65$ , nível quase clínico). Em seu relato, as descrições de certa apatia de Rodrigo reforçam esses dados:

Nossa, tem *muita* dificuldade. Não gosta de comer em casa, não gosta de fazer nada, se brincar e deixar ele dorme sem tomar banho, sem escovar os dente, dificuldade sabe? De ele interagir. Agora que ele tá ficando melhor, assim, tive *muita* dificuldade há uns, há uns oito meses atrás... Não, menos, há uns cinco meses atrás ele deu uma melhorada depois que ele saiu do [Hospital]. Agora ele já, ele tá bem, cada dia tô sentindo que ele tá meio melhorando, tá mais interessado em se arrumar, em tomar um banho... Mas primeiro, fio, dormia sujo, mandava escovar os dente não escovava, fazer as coisas não fazia, não comia na hora certa, uma dificuldade imensa mesmo.



Ah, falar a verdade eu nunca vi o Rodrigo triste. Ele é um menino assim sabe, que não tem sentimento. Acho que nem sentimento tem porque ele pode ver a gente chorando... às vezes quando ele tá chorando ele chega, pergunta, mas ele não é muito de ficar triste não, eu nunca vi o Rodrigo triste não. Ainda bem né. Se fica, ele tá guardado dentro dele, que ele não transmite muito assim.

Quanto aos problemas externalizantes ( $t = 66$ , nível clínico) relacionados à quebra de regras ( $t = 69$ ), estes estão intimamente ligados ao uso de substâncias e ao tráfico de drogas:

Fica nas porta com os molequinho de rua, fumando droga, que eu falo assim tipo maconha, que é droga. Ele só não fuma as outras droga pesada, mas maconha ele fuma de, de, de rocha mesmo. Deixar ele fuma dia e noite, eu fico... Em cima. E fazendo, fazendo os aviãozinho aí pros moleque, pros mais... Que é verdade mesmo, não tô mentindo.

Então assim... Ele sai, ele chega, ele sai, ele chega, e deixa assim sabe? Mais assim... quando ele tá trabalhando, a semana que ele tá trabalhando é ótimo, que ele trabalha o tempo todo né. Mas não tando trabalhando ele fica no meio dos menino né, fazendo as coisa errada. Coisa errada que eu falo não é que ele tá... Eu não posso, em horas nenhuma eu posso nunca assim aceitar, que ele fala assim “ah não mas ele não tá tão assim”, mas tá. Então eu não aceito. Por isso que eu falo coisas errada. Mas não que ele *rouba*, que ele mata, ou que ele tá um traficante, não é isso. Não, ele fica fazendo... ele é de menor, então... vem um, o bonitão, o chefão lá o bonitão lá que acha que manda no mundo inteiro aí vem, oferece pra ele “ah vai, vende essa droguinha aqui pra mim” ou “vai, leva ali pra mim” e eles acaba fazendo né. Porque... Não tem vergonha na cara esse pessoal aqui, a gente pode pedir tanto que eles não...

***Ele tem celular?***

Agora nesse momento não tem, porque ele já consumiu, mas poucos dias eu dei o meu pra ele, comprei um pra mim pra dar o meu pra ele porque ele me perturbou, porque ele tem celular assim, o tempo inteiro. Mas todo celular que eu dou ele consome no mesmo... Já consumiu o que eu dei pra ele.

Quanto ao consumo de bebida alcoolica, Rodrigo foi internado duas vezes no hospital, tendo sido este o motivo Helena ter sido notificada ao Conselho Tutelar:

***Então ano passado você lembra mais ou menos quantas vezes levou ele [ao médico]?***

Não, ele só passou pela UPA né. Essas duas vezes de bebida dele. Mas e... Ah e quando ele saiu da Clínica também há um ano atrás, que ele saiu... ou dois anos já? Aí eu passei ele no médico pra fazer um check-up.

***E alguma dessas vezes que ele bebeu, que não foi rotina, como você percebeu que precisava levar ele no médico, assim... Como ele ficava?***

Quando ele bebeu?

***Nas vezes que você levou ele não por rotina, como ele tava assim, como você percebeu?***

Nossa, porque ele bebeu *muito*. Ele ficou *muito* transtornado

***Ele já sofreu algum acidente?***

Não, só esse dia que ele quebrou o nariz, mas não achei que foi um acidente assim não, só quebrou o nariz, o dia que ele caiu, porque tava bêbado.

Ah foi por causa do Rodrigo mesmo [que ela foi notificada ao Conselho Tutelar], por causa da, uma época ele bebeu, aí precisou de ficar interna..., foi parar lá na UPA, e o Conselho precisou de, interferir no conselho tutelar né, aí eles chegaram até vir aqui em casa, pra conversar.

#### 4.5 Temas

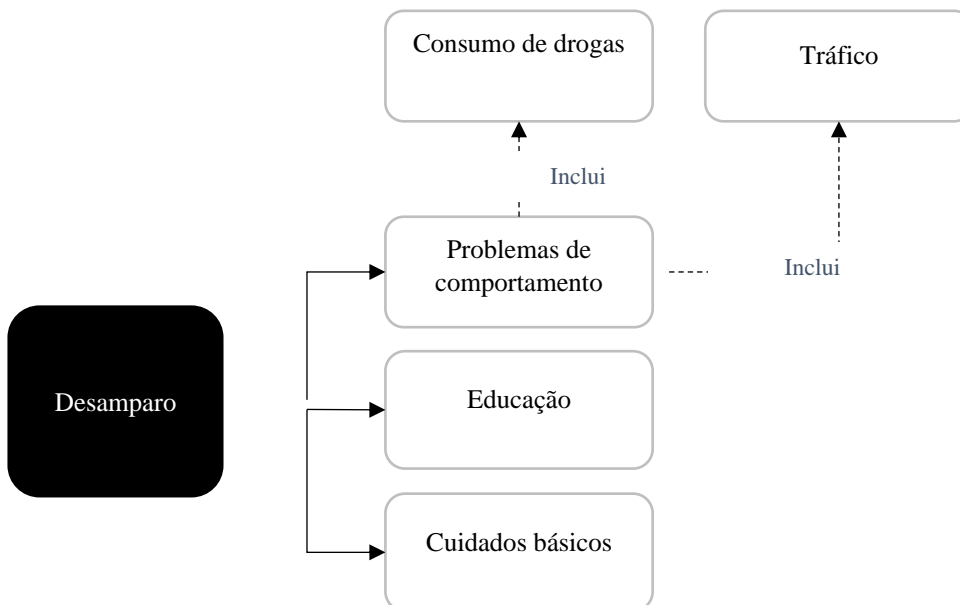
Apenas um tema emerge a partir de seu relato: sua sensação de desamparo em relação a como lidar com os problemas de comportamento de Rodrigo.

##### 4.5.1 Desamparo aprendido

A partir de seu relato, se torna muito claro um único tema acerca do filho: o desamparo. Esse desamparo aprendido esteve presente em quase todos os relatos de Helena acerca de Rodrigo, e a construção desse desamparo vem após diversas tentativas e investimentos em ajudar o filho a lidar com o vício em drogas e com seus problemas comportamentais.

A Figura 1 sintetiza as áreas às quais o aparente desamparo de Helena se referem:

Figura 1. Desamparo relatado por Helena em relação a Rodrigo



Quanto aos problemas de comportamento, algumas das estratégias utilizadas por Helena envolveram mudança ambiental de Rodrigo e busca por tratamento especializado:

***Ele já foi acolhido em algum abrigo, algum dos dois?***

Não. Já internei.

***Cê já internou. Você internou num...***

Numa clínica.

***De reabilitação?***

De menores sabe?

***Uhum. Aqui em Ribeirão?***

Não, [cidade]. Ai não gosto nem de lembrar. Nem de falar o nome. Não valeu a pena nem sei quê. Gastei dez mil lá e o menino no dia que ele saiu da clínica, saiu da clínica num dia no outro já tava fumando droga. Só que eu que precipitei muito, porque eu não sou, a gente não acostuma com isso porque a gente não é criado assim, e acha né. Ele só usa maconha, droga, só. Eu não considero isso só. Mas assim, ele tava lá foi pior, porque tava lá tinha gente de todas as espécies, de tudo quanto é tipo de droga. Então assim, não resolveu nada pra ele lá, foi horrível. Eu sei lá, eu não... eu não...

***Entendi. Então foi uma clínica particular em [cidade].***

Foi. Que eu paguei... eu pagava oitocentos por mês.

Já tentei *tudo*, já passei por psicólogo, psiquiatra, assistente social, essas coisera tudo que tem aqui em Ribeirão a respeito dele né, pra mim fazê frequentá, pra ele ir né. Com ele eu já fiz tudo. Já foi pra clínica, já fiz tudo, não tem mais o que fazer

Aí depois ele parou também de estudar. Quando ele, depois que o João Pedro nasceu, o Rodrigo desenvolveu assim, igual leite no fogo, ele mudou completamente a vida dele. Aí foi naonde ele começou a desviar pro mundo errado das droga. Levei ele pra morar com a minha irmã, levei ele para roça, levei, pelejei de tudo quanto é jeito com ele, aí a escola foi distanciando da escola, até os 10 anos ele ainda foi na escola bonitinho.

Olha eu insisto muito [para que ele obedeça], muito, muito até assim ficar esgotadamente, hoje já não faço. Acho que depois que eu parei de fazer, que ele tomou rumo dele, tá melhorzinho. Hoje eu deixo ele mais à vontade. Eu faço a minha parte, mas ele deixo ele resolver a situação dele.

***Você já tentou fazer alguma coisa pra que ele não passasse tanto tempo junto [com os amigos que considera más companhias]?***

Ixi! *Muito*, fiz muito por isso. Eu lutei muito pelo Rodrigo, de pôr pra dentro, de fazer isso, de fazer aquilo, de pôr numa escolinha de futebol, de levar num... sabe? À tarde num tipo de atividade pra ver se mudava a cabeça. A gente fez de tudo quanto pudesse fazer pelo Rodrigo a gente fez. Eu, se eu morrer hoje eu morro com a minha consciência limpinha, que o que eu pude fazer pra ele eu fiz

O que que eu faço quando ele desobede? Hoje eu não faço mais nada sabe? Quando ele me desobedece eu simplesmente falo pra ele: “Olha, nossa não gostei e tal”, tento explicar, mas... mas eu tô deixando ele assim, eu entreguei nas mãos de Deus, como se diz.

## O desamparo se apresenta também em relação à escola

Sempre teve preguiça, sempre estudou em escola boa, paguei van para levar e trazer, fiz de tudo quando era criança. Estudava na escolinha parti..., não era particular, era uma escolinha integral, mas de referência. Mas não resolveu nada.

***O que você faz quando ele tira nota baixa?***

*Tinha. Tirava*, né, quando era criança. Uai, ainda tinha, ainda tinha naquela época esperança, porque ah, tá começando a escola agora né, vai aprender, vai melhorar as nota, mas não... fez ter largado a escola.

Quanto à escola, é interessante destacar a tentativa da própria escola em trazer o Rodrigo de volta às aulas:

Ixa, as professora veio trazer os livro na, aqui em casa, falou que ele era um menino bom, que começou a estudar, deu muita atenção pra elas, mostrou muito afinco, elas veio aqui em casa se fosse pra ele estudar, trouxe as apostila, fez tudo pra ele na pandemia, mas ele não quis, falou assim que não gosta de internet.

Por fim, o desamparo aprendido permeia também seu relato acerca de cuidados básicos de Rodrigo, como quanto a sua alimentação ou realizar o tratamento médico adequado após ter quebrado o nariz em um episódio de abuso de álcool, ou reforçar regras de conduta dentro da casa:

***Você tenta fazer alguma coisa [para que ele coma melhor]?***

Não! Ixi, agora eu não faço isso mais não. Fazia muito, tudo agora tá assim, bem light. Eu não mais vou ficar...

Eu tentei uns dois dias [fazer ele tomar o remédio prescrito], eu falei “olha, quer tomar cê toma, se não quer tomar...” ai não tem condição, ele também já é 17 ano, eu também não vou ficar em cima né? Aí não tomou, não tomou até hoje, tá aí os remédio.

***Ele costuma sair à noite?***

Olha, até o ano passado eu consegui prender o Rodrigo em casa, 1h eu punha ele pra dentro. Hoje eu não, não consegui mais dominar. Ele entra a hora que ele qué, 1h, 2h, 3h, ou 1h, vai depender da hora que ele qué entrar. A única coisa que ele ainda tem um pouquinho é que ele vem toda hora falar “mãe eu tô aqui”, “mãe eu vô ali”, “mãe daqui a um pouquinho eu entro”, mas não entra não, ele entra 1h, 2h

Apesar disso, dois trechos em específico chamam a atenção por indicarem que não houve uma desistência completa de Helena em relação a Rodrigo. Além de ela ter buscado os atendimentos médicos sempre que necessário, há pequenas atitudes de cuidados que denotam certa preocupação ainda dela em relação ao filho:

***E ele chega a vir aqui dormir?***

Vem. Ele tem um quartinho dele maravilhoso, limpinho, cama limpinha todo arrumadinho ali. Ele chega, toma banho e vai dormir.

Eu preferia que ele arrumasse uma namoradinha, de beijar assim, namorasse aqui com ela eu dava todo apoio, até de trazer em casa, dava o, fazia do melhor pra ele mais ela, do que ele viver nas droga e na bagunça e na rua. Eu tenho que falar do jeito que é que eu sinto né, não adianta...(risos)

Eu sempre falo para ele: “Rodrigo, porque que você não muda seu jeito né, fica mais home, se você arruma, arruma uma namoradinha, vai namorar, vai passear, eu te dou o dinheiro para você ir pro shopping, pra você sair, passear, mas sai desse mundo, dessa vida”, mas ele acha melhor essa vidinha desse jeito.

## 5 Caso 5: Camila

A Tabela 1 sintetiza as informações referentes aos índices de negligência observados quanto a seus dois filhos com menos de 18 anos.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

	Idade	Nível de negligência						Índice geral
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/ Desenvolvimento	
Danilo	14	25	50	0	20	45	60	60
Julio	3m	0	0	0	0	n.a	0	0

### 5.1 Descrição Inicial

Camila (33 anos) teve ao todo 4 filhos: Leonardo (19), Danilo (14), Lucas (falecido aos seis meses) e Julio (3 meses), cada um de um relacionamento diferente.

Teve Leonardo aos 14 anos, fruto de seu primeiro relacionamento com alguém que descreve como um “sem futuro” e que não participou ou manteve contato com Leonardo. Depois conheceu Vinicius, pai de Danilo e Lucas, com quem permaneceu por 11 anos. Após o falecimento de Lucas, entretanto, Camila relata ter entrado em depressão e “entrado no mundo das drogas”, ocasião em que Leonardo, na época com 8 anos passou a residir com uma tia e Danilo passou a residir com seu pai biológico, em um assentamento sem-terra:

[Conheceu o pai de Danilo] Que era mais velho, aí por fim fomo morar junto, aí vivi 11 ano com ele. Aí teve o Danilo e o Lucas. O Lucas morreu, com 6 meis né. Que os dois eu tive com o pai deles, um só. E o Danilo é o primeiro, o Lucas se tivesse vivo hoje era pa tá com 13, e o Danilo com 14. Mas um morreu. Aí devido que ele morreu, eu acabei entrando em depressão, larguei... Aí... larguei mão, aí o Leonardo foi pa minha tia, a irmã da minha mãe, tinha oito ano. O Danilo foi po pai, né, o pai pediu a guarda e eu entrei nas droga, né que... e vivi uns três longos anos por causa disso. Aí cabei saindo.

#### *E como ele [Danilo] ia e voltava da escola?*

De pé porque eles morava... era numa fazenda lá no sem terra, e ele tinha que andar quilômetro pa chegar na escola, na cidade, entendeu?

Julio, o recém-nascido, é fruto de seu atual relacionamento com Henrique.

Após a morte do pai, três meses antes da coleta de dados, Danilo passou a residir com Camila, seu atual marido Henrique e o irmão Julio. Moram em uma casa que lhes foi cedida, e com a qual diz-se sentir-se muito insatisfeita por não ser sua. A casa possui 6 cômodos: três

quartos (um nos fundos da casa, utilizado como despensa), uma sala, uma cozinha e um banheiro. No momento da coleta, haviam se mudado para esta residência há menos de uma semana:

Eu vim sexta-feira pra cá. Eu morava [no bairro], que é num serviço que meu marido pegou, aí cá pandemia, ele né, nós tava morando lá. Né gente parou de pagar aluguel porque aí... aí veio a pandemia parou. Aí o dono de lá retornou. Só que é, tinha muito bicho lá, tinha escorpião, rato, aí eu acabei vindo pra cá, né, aí o povo cedeu aqui pra mim.

A única fonte de renda família vem do trabalho de Henrique como servente de pedreiro, mas que não recebem de maneira consistente:

Atualmente igual tá aqui [nas opções possíveis de renda] não encaixa, porque meu marido ele é autônomo. Tem vez que ele ganha, tem vez que ele não ganha quase nada, do que tá aí tem vez que não chega nem nos duzentos reais.

Ela recebia também o auxílio emergencial, por conta da pandemia, mas não conseguiu o Bolsa Família por ter perdido o dia agendado pela conselheira tutelar para cadastrar-se.

Quanto ao bairro, diz-se sentir-se muito insatisfeita por conta da criminalidade:

*Muito insatisfeita, credo, aqui deus que me perdoe.*

***Por quê?***

Aí que aqui só tem droga, só tem crime, aí... Que aqui eu já morei faz muitos ano. Esse pedacinho aqui não... não é bom.

Muito assalto.

***Tem assalto?***

Tem, tem bastante. Eu falo assim, eu tiro comparação daqui pra [vila], aqui é bem diferente de lá. Lá já não tem [assalto], aqui tem bastante. Eu não sei se é porque lá é mais periferia e aqui, né... aqui tem bastante assalto

Também relata não ter acesso a todos os serviços públicos de que necessita no bairro em que mora, especialmente posto de saúde:

Cê vai no posto... além de cê pegar fila cê tem que esperar agenda abrir, quando não você espera, não tem vaga pá, né, quando cê fica lá esperando. Aí tem que esperar meses pra passá no médico. Aí é complicado. Eu tava com uma infecção de urina, foi sexta-feira agora? Sexta-feira passada! Aí me deram pra fazer o exame, pra mim ir na segunda, pra daí, infecção de urina cê tem que passar no médico, se dizer que tá, eles dá antibiótico, como que cê vai ficar até daqui três meis pra ver o resultado e depois eles te medicar? Não tem condição isso daí. E a minha eu já falei pra ele, já virou crônica, porque desde quando eu tava grávida do menino [Julio] eu tenho, então é péssimo.

Quanto à escolaridade, Camila não completou o ensino fundamental, seu marido Henrique concluiu o ensino médio e Danilo cursa atualmente o oitavo ano do ensino fundamental.

Camila e Henrique ambos foram usuários de drogas, e Henrique possui também passagem pela polícia. Camila afirma terem parado de consumir drogas por conta de Julio. Entretanto, de acordo com ela, identificaram traços de drogas no sangue de filho, ainda na maternidade, motivo pelo qual ela foi notificada ao Conselho Tutelar:

porque que que nem eu te falei, do fato de eu ter saído do [hospital], falaram que quando o menino nasceu que fizeram teste, que no sangue dele contava que tinha droga, né. Até a médica falou que se eu tirasse ele de lá era só com a presença da minha mãe, ah falou um monte, ela quis humilhar nós pra te falar a verdade. Veio um monte de segurança e... aí, a partir desse momento a Conselheira Tutelar começou a ir na minha casa. Eu acho que é por causa disso. Veio lá do hospital isso daí.

Ela afirma também ter bebido durante toda a gestação:

***Alguém da sua família consome álcool?***

O meu marido bebe, eu bebo.

***Com que frequência?***

Antes era mais, quando eu tava grávida dele eu bebia direto. Agora não porque, também pra beber tem que ter dinheiro né (risos)

Quanto a questões médicas, ela relata que o marido se recusa a procurar auxílio médico, mesmo depois de ter sido baleado:

Então meu marido ele, é... ele caiu do telhado e ele tem, reconstituiu o joelho né, o calcanhar... e ele precisa é, também levou tiro. Precisa ir no médico, mas não vai né. Então... É que nem eu te falei, tem até pra fazer laudo mas ele não vai, mas precisar ele precisava ir sim.

Quanto à ela, relata sofrer de ansiedade:

Eu tenho muita ansiedade, eu tomo remédio pra ansiedade. Qué dizer, eu deveria tomar né, mas...

***Você não conseguiu [atendimento psiquiátrico]?***

Consegui. Mas é porque o remédio que eu tomo, que eles me deu, me deixa muito sonolenta e... eu tomava na gravidez. Na gravidez eu tomava e eu podia dormir o dia inteiro, eu tava grávida né, mas agora não. Fui tentar tomar, até a minha sogra tem hora que solta, porque... por causa dele [Julio]. Então eu não tomo. Mas eu tenho ansiedade. E a minha ansiedade acho que tá virando depressão, que tem hora que parece que me sufoca.

### 5.2 Apoio Social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Camila. De modo geral, ela relata altos níveis de apoio social em todas as áreas avaliadas pelo instrumento. Não emergem em sua fala, entretanto, informações que possibilitem compreender de maneira mais aprofundada seu apoio social recebido.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	18	Alto
Emocional/Informação	35	Alto
Afetivo	14	Alto
Interação Social Positiva	14	Alto

### 5.3 Vinculação Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de coesão familiar percebidos por Camila. A partir dela é possível perceber um alto nível de vinculação, a partir do nível de coesão na escala equilibrada, e no baixo nível de coesão nas escalas desequilibradas (que indicam problemas quanto à coesão).

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas			
	Coesão	75	Muito conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	36	Baixo
	Emaranhada	55	Moderado

Em termos de vinculação em relação aos filhos, ao longo de sua entrevista fica bastante clara uma predileção ao filho mais novo, Julio, e um distanciamento em relação a Danilo, de quem suas descrições apresentam sempre um viés negativo, sendo ele descrito como uma pessoa mais fechada e mais difícil de lidar do que com os irmãos, além de Camila não demonstrar interesse nas atividades do filho:



É, mas os meus, o Leonardo quando tinha três meis eu dava [comida sólida], aceitou bem, só o Danilo que não. O Lucas também, que morreu, também comia bem. O Danilo veio na contramão de tudo. É um filho assim, me deu trabalho, me dá trabalho.

Olha, o Danilo ele não conversa, que nem eu te falei, é difícil saber as coisas dele. Até eu ia ver com psicólogo pa conversá com ele, porque é difícil. Às vezes eu tento também, mas com os meus poblemas também...

Não, ele guarda muita coisa pra ele, ele não... ele não se abre, ele falou com meu marido, um dia nói foi comer lanche, aí meu marido falou pa ele: “vai lá pedir o lanche”, ele falou, na cara do meu marido, “não acho necessário conversar”, então como você vai descobrir o que que ele qué? Nós ficou sem entender sabe, “não é necessário conversar”, lógico que é! Hoje em dia é necessário pa tudo, se você vai no médico você vai ter que conversar, se você vai comprar alguma coisa você vai te que conversar, meus filhos eu acho que é louco, é paranoico também.

Só [fica no celular o tempo todo]. Ele na verdade ele vegeta. É o dia inteiro. Vocês acha que é brincadeira, mas não é. O irmão dele foi... eu não tava aqui, eu tava [no antigo bairro], falou “nossa” - foi aniversário dele dia 2 de... Fevereiro. Foi... não, dia 6 - é... ele pediu pras primas dele esse negócio de jogo online aí que compra né, mas tudo online, você não compra mais nem fita mais, nem sei o que que é isso que eu não... pra mim eu tô por fora disso daí. Pois fizeram a festa dele aí ficou ele e um vizinho jogano lá, mas online, esse vizinho não tava lá, né, eles conversano lá, não sei. Aí o irmão deles, foram dormir, era meia-noite, o irmão levantou pra fazer caminhada era 5 hora e tavam lá jogano. Isso aí varou a noite inteira até no outro dia de manhã, eu não sei como consegue. Ele não lembra nem de comer, nem de tomar banho, pra ficar nisso daí.

Ele só conversa necessário, ele mesmo falou. Ele já morou com nós, lá [no antigo bairro], eu tava grávida do... [Julio], mas é uma criança, é, criança não, porque ele já sabe né. Eu punha ele pra trabalhar, porque se deixasse ele não dormia de madrugada. Esse negócio de celular, ficava a madrugada inteira. Meu marido, o serviço dele é pesado, então... pedreiro e ele tinha que dormir cedo, aí não aceitava. Aí ele não gostava, desligava o celular ele não gostava.

***O que você faz quando você vê ele triste?***

Eu ia, abraçava ele, tentava, mas ele não se abre, sabe? Ele não abaixa a guarda, então... fica difícil também, porque eu não fui criada assim também sabe, de... minha mãe ser carinhosa também, conversá, então... É uma coisa, como que cê vai dar pra outra pessoa se você não teve também?

***Você costuma ver o que ele posta nesses lugares?***

Não, eu sei que ele é um youtuber, que ele faz vídeo aí, nem sei.. eu um dia eu fui pô mas eu... aí eu nem me interesse por essas coisa

Esse distanciamento constrói-se ao longo do tempo a partir de dificuldades na relação com o ex-marido e em longos períodos sem contato com o filho, sendo os contatos, quando ocorreram, aparentemente desagradáveis:

É... Ele a... O pai nesses últimos anos que viveu com ele falou muito mal de mim, falou muita coisa de mim. Ele não tinha convivência. Ele tinha assim né, eu ia, buscava nas férias, mas aí... o pai sumia com ele, aí vortava ca cabeça daquele jeito né. Aí a família do lado de lá, tudo por causa de dinheiro, que o pai morreu e deixou...

deixou bens pra eles. O irmão quer ele por causa disso. E na cabeça dele o irmão ama ele, sendo que nunca, assim, nunca se preocupou em saber.

Que nem eu te falei, pai tinha vez que trazia depois sumia. E aí eu ia atrás, aí os outro meus irmão, meus parente achava, aí pegava contato, aí depois sumia de novo, sabe? Então assim, poucas coisa eu fiquei sabendo [em relação à escola].

***Vocês costumam fazer alguma coisa juntos?***

Então o que eu te falei, o Danilo eu não tive muito contato, com o Leonardo já fazia muita coisa.

Não obedece. Quando vivia comigo, eu tava grávida eu ajudava meu marido. Eu voltava era 10h da noite, ele não fazia *nada*. Nada. Eu tinha que *chegar* e fazer.

***O que você faz quando o Danilo fica muito tempo no celular?***

Quando ele tava comigo? Eu tomava o celular dele.

***E aí, funcionava?***

Ih fio! Ele já pois até tesoura debaixo do colchão.

Danilo passa a residir com Camila após a morte do pai, decorrente de complicações do Coronavírus, tendo sido a morte de seu pai o evento catalizador para o nascimento de Julio:

Aí um belo dia, o pai dele já tava ruim, veio pro irmão, eu ia para [cidade vizinha] no serviço que meu marido tava fazendo e falou e falou que queria ver o pai, que o pai tava doente, ficou. Aí eu liguei pra ele, “cê vai vir embora?”. Por fim acabou dando essa onda aí de Covid.... Eu tive ele [Julio] de domingo pa segunda, né, em novembro. Ele nasceu dia em 16, o pai dele, do Danilo, morreu dia 15. Aí foi porque eu assustei, aí foi que eu fui ganhar ele. Aí eles enterrano o velho e eu ganhando o Julio.

***Alguém mais mora com vocês, fora o pequenininho?***

Então meu filho, o pai dele morreu de covid né. E ele tá na casa do irmão dele, até tava tentando ver e, esse qué a guarda dele, mas provavelmente...

***Tá na casa de quem?***

Do irmão dele. Do irmão mais velho.

***Ah entendi.***

Não, não é com o mesmo marido, é com outro. E eu tô pá... nós vai no fórum ainda porque a guarda tava com o pai né, mas como ele morreu aí volta pra mim. Aí ele provavelmente vai vim morar aqui.

No período da coleta, a mudança abrupta de configuração familiar de Danilo evidenciam um alto risco de maus-tratos em relação a ele, decorrente do histórico conflituoso de suas interações e a forma como ela descreve os cuidados a ele. É interessante notar, entretanto, que apesar do maior distanciamento de Camila em relação a Danilo, Henrique tenha tentado aproximá-lo da família, e incentivado o bom relacionamento de Camila com o filho:

Meu marido falava pra mim conversar, eu não sou de conversar, eu não tenho paciência, pra conversar. Então eu preferia fazer e já não... isolar. Eu isolo... de bater o Danilo nunca apanhou, quem apanhou de mim só foi o Leonardo que o Leonardo foi o que ficou mais tempo na minha companhia e sempre foi bocudo. Agora o Danilo não. O Danilo assim eu não tive muito contato né, com ele assim, ficava até meio sem jeito de chamar atenção dele, né. Aí que deu... ele acabou indo embora.

Nóis tentou... eu comprei pipa pra eles lá [no antigo bairro], porque tem campo lá, é grande, o meu marido levou, porque o meu marido não é de época de celular, é de época de Pipa, pelota, essas coisa, eles não sabe nem levantar pipa. Então pra eles é... eles nem... ficou lá, por falar nisso tá até hoje lá jogada no barracão, a pipa, a linha. Nada. Não gosta de fazer nada, num, num, num, num gosta de um bicho, não gosta de uma planta, não gosta de nada.

Outro dado relevante acerca da construção das relações conflituosas de Camila com Danilo, e mais próxima de Julio, vem de uma aparente rejeição de seus filhos mais velhos, construída desde o período gestacional, e exacerbada após a morte de seu terceiro filho, período em que, como relatado anteriormente, ela entrou em depressão, iniciou seu processo de drogadição e perdeu o contato com os filhos:

***E com o Danilo assim, você lembra como é que foi a gravidez, como foi a reação...?***  
Também não foi boa.

***Não foi boa?***

Não, foi muito ruim. As minhas gravidez não foram boas. A não ser essa. Essa também foi uma surpresa (risos), porque já fazia treze ano que eu não tinha filho, aí... eu fiquei com pai dele em um mês se aparece, aí eu tava grávida já. Mas aceitou, a família aceitou... *essa* gravidez foi a mais tranquila que eu tive. Agora dos outros não, dos outros eu passei muito nervoso.

Talvez por isso suas interações com Julio sejam mais positivas:

***E o pequenininho o que deixa ele feliz?***

(Risos) Ah se eu brincar com ele.

***Ele fica tristinho alguma vez...?***

Fica, se você por ele no carrinho (risos).

***O que você faz quando ele fica triste?***

Eu cato ele. (risos) Meu marido “não cata... esse sem vergonha”. Mas eu não gosto de ver ele chorando. Aí eu pego. Mas ele faz manha, ele já sabe que se ele chorar eu pego.

***Vocês passam muito tempo juntos, vocês fazem muita coisa juntos?***

O dia inteiro (risos) é o filho que eu mais fiquei, porque antes tinha né, a família do pai deles, tinha a minha mãe, então ficava, agora com esse não, é só eu e ele.

***O que vocês costumam fazer?***

A gente brinca, eu brinco com ele, aí meu marido chega e fala: “cê não fez nada?”(risos), por causa dele (risos)

***Do que você brinca com ele?***

Eu brinco de serra serra, é que eu fui assim, é... saber o que foi ser mãe com ele, porque com os outros eu era muito nova, eu não tinha muita paciência.

De modo geral, o contexto de vida atual de Camila parece muito mais agradável e propício à formação de vínculos com Julio, de apenas três meses, e por vezes, seu relato passa a impressão de que Leonardo e Danilo fazem parte de um passado do qual ela não gostaria mais de participar. Além disso, não há em seu relato indícios de que ela tinha planos de trazer Danilo

para dentro novamente de sua família nuclear, e a forma abrupta como essa transição ocorreu podem ter tornado ainda mais difícil o estabelecimento de vínculos adequados, ainda mais se levar em conta o processo de luto pelo qual Danilo provavelmente estivesse passando, além de toda a mudança de vida que ocorreu em um período muito curto de tempo.

#### 5.4 Descrição comportamental dos filhos

Dadas as informações apresentadas anteriormente, não é de se estranhar que Camila perceba altos níveis de problemas de comportamento de Danilo, identificando níveis clínicos de problemas de comportamento internalizantes ( $t = 76$ ) e total ( $t = 74$ ), e nível quase clínico em problemas de comportamento externalizantes ( $t = 60$ ). Os únicos problemas de comportamento que Danilo não apresenta, na perspectiva de Camila, são em relação à escola, queixas somáticas e comportamento agressivo, como descrito na Tabela 4.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Danilo

		Danilo
Escala	Itens	<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	25**
	Social	24**
	Escolar	55
	Total	23**
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	74**
	Retraído/Depressivo	100**
	Queixas somáticas	58
	Total	76**
Escala externalizante	Quebra de regras	67*
	Comportamento agressivo	52
	Total	60*
Outros	Problemas Sociais	72**
	Problemas de pensamento	87**
	Problemas de atenção	67*
Problemas totais	Problemas Totais	74**

\*Nível quase clínico

\*\*Nível clínico

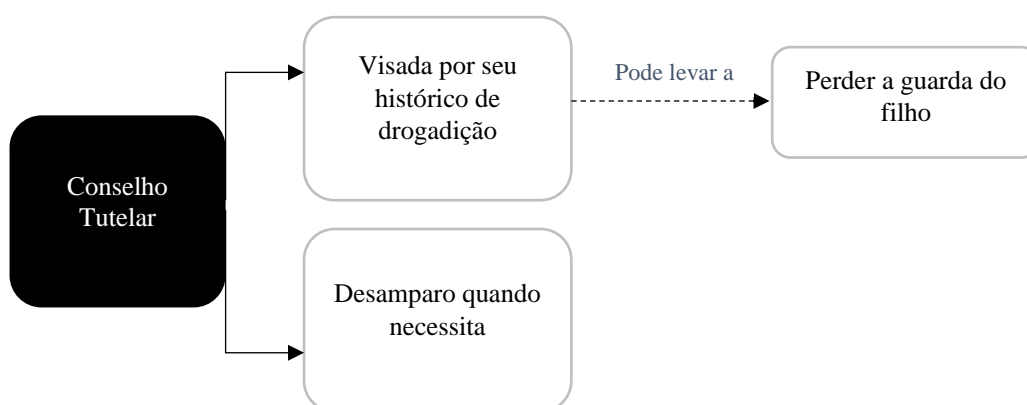
## 5.5 Temas

Além da categoria temática incluída na descrição da vinculação familiar, foi observada uma segunda categoria temática prevalente em seus relatos, no que diz respeito à sua visão dos órgãos de proteção, especialmente o Conselho Tutelar.

### 5.5.1 Visão negativa dos órgãos de proteção

De modo geral, por conta de seu histórico de drogadição, Camila sente-se perseguida pelo Conselho Tutelar, que tem, como principal função, importuná-la e possivelmente “tomar” o seu filho Julio, e que de modo geral não a auxilia em situações de necessidade. Estas percepções estão sintetizadas na Figura 1.

Figura 1 – Visão negativa do Conselho Tutelar



Os trechos a seguir ilustram as falas de Camila acerca de sua sensação de ser perseguida por seu histórico de drogadição, e o “máfia” que ela acredita existir de retirada de bebês de suas mães – algo do qual ela tem medo:

Não, porque que que nem eu te falei, do fato de eu ter saído do [hospital], falaram que quando o menino nasceu que fizeram teste, que no sangue dele contava que tinha droga, né. Até a médica falou que se eu tirasse ele de lá era só com a presença da minha mãe, ah falou um monte, ela quis humilhar nós pra te falar a verdade. Veio um monte de segurança e... aí, a partir desse momento a Conselheira Tutelar começou a ir na minha casa. Eu acho que é por causa disso. Veio lá do hospital isso daí.

Aí quando foi na primeira semana, que eu saí com ele, é, que ele ficou sete dia, tinha que ir lá no posto lá do bairro né. Aí eu tinha um papel que era dia vinte e três, mas é dia vinte e três de abril, que é pra fazer esse exame lá no [hospital], eu fui lá no [hospital]. Aí falou que não era, que era no dia vinte e três. Aí eu fui no serviço que meu marido tava fazendo lá no centro, aí me liga a mulher do postinho, falou “Camila, tinha consulta aqui pro cê, aqui marcado, por que que você não veio? O que tá acontecendo?” eu falei “ah, eu fui lá no [hospital], achei que era no [hospital]” ela falou “não, era...” eu falei “se cê quiser eu vou agora, eu levo o menino aí”, falou “não, dá pra você vim amanhã?”. Aí eu *fui* no outro dia de manhã, levei ele, viu, tava tudo normal, daí depois na quinta - isso foi numa quarta - na quinta eu levei, dei a vacina nele, a primeira que faz a marca no braço. Quando foi na sexta-feira, a conselheira tutelar bateu no meu portão porque as mulher lá do posto não tinha passado pra ela que eu tinha levado. Aí até a conselheira falou “ah, de vez de elas tê me avisado” que ela ia comê meu rabo né, que as muié não avisou pra ela. Ela falou “ai Camila, você não levou o menino no médico por quê?” eu falei “eu levei *sim*. Eu levei na quinta e na sexta” não “eu levei na quarta e na quinta, na quarta foi a consulta e na quinta foi a vacina” e ela “óia, e as muié nem me avisou”

***E como você percebeu que precisava levar ele no médico nessa vez?***

Porque ele tava chorando, chorando, porque quando eu saí do [hospital], até hoje eu tento entender e não entendo, falaram que ele tem uma deficiência (pausa) aí é... G... G1 que fala, que eu tenho um papel que todo lugar que eu for eu tenho que mostrar né, que ele fica amarelo e... Mas eu acho que meu filho não tem isso daí, eu acho que é porque, devido o meu histórico de falar de droga, falou que foi né, eu não ganhei filho no [hospital], os meus filho eu ganhei na Mater, né, então pra sair precisou da minha mãe ir lá pra assinar, pra mim tirar ele de lá. Aí eu acho que eles falou isso, ou não sei, tá uma máfia do caraio lá de pegar criança dos otro. Que amigas minha tiveram filhos lá, quando eu passei mal, não quando eu fui ganhar ele, quando eu passei mal do coração. E... o Conselho Tutelar foi lá, a muié foi fumar um cigarro e levaram o fio dela! E tavam quereno fazer a mesma coisa comigo, que eu fui conversa ca... Ah, a conselheira me chamou, e falou pa mim ir sozinha, que não era pra eu levar ele. Não, eu já sabia disso, eu levei ele. Eu falei “eu não deixo ele aqui”. Aí eu levei, aí ela não quis mais conversa comigo. Aí queria que eu deixasse ele no berço, pra quando eu voltá ele não tá mais lá? Que eles não tem direito, que mesmo que eu usei droga um dia, eles não pode fazer isso.

Quanto ao apoio teoricamente prestado pelo Conselho Tutelar, Camila sente que ele só “enche o saco”, mas não a auxiliam de maneira prática da forma como ela esperava que pudesse acontecer:

Que nem de conselho tutelar também. Nem não presta, ele só vem pra encher o saco pra te falar a verdade. Quando você precisa eles num...

***Eles não ajudam...?***

Não. Não. É o meu caso. Por causa devido a eu tive problema com drogas, né, e foi em casa pra ver se eu tava cuidando direito dele. Ah, tô cuidando direito dele, tô parei, mas quando eu precisei eles não vem. E ela falou pra mim que qualquer coisa que eu precisasse, era pra chamar. Eu chamei e até hoje... Então, pra mim não tá valendo de nada também.

Óh, eu tava lá [no antigo bairro], aí é lá no CRAS lá no [bairro mais distante]. [bairro mais distante]? Acho que [outro bairro mais distante]. Ai cada hora eles fala um nome, eu não sei se é [bairro mais distante] ou se é o [outro bairro mais distante]. Mas eu fui lá. Aí que nem, negócio de sexta eu peguei uma sexta, faz, ele tá com um mês... Não, ele ia fazer um mês... Faz dois meis, eu falei pra ela, “eu como então só um meis, o resto eu não como né?” mas é... foi.

***E o que você achou do contato com o conselho tutelar?***

Ah... É que nem eu te falei, ele só veio pra me encher o saco, porque quando eu preciso eles não me ajuda.

***Você já procurou o Conselho Tutelar?***

Já!

***Quantas vezes?***

Ah.. agora nos últimos tempos?

***Uhum***

Umas dez veiz já fui lá.

***Por que?***

Uai, é, por causa desse meu bolsa família e por causa da cesta, porque... né, meu marido tá desempregado, não tava recebendo de lugar nenhum. Mas foi em vão

## Grupo INN

### *1 Caso 1: Larissa*

A Tabela 1 sintetiza as informações referentes aos índices de negligência observados quanto a seus dois filhos.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filho	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Samuel	15	0	0	0	0	0	0
Manuela	6	0	0	0	0	0	0

#### *1.1 Descrição inicial*

Larissa (31 anos) tem ao todo dois filhos, de diferentes relacionamentos: Samuel (15) e Manuela (6). Samuel nasceu quando ela tinha 16 anos, fruto do relacionamento com um homem que ela descreve como “tranqueira” por seu envolvimento no tráfico. O relacionamento foi bastante conturbado e dele ela relata ter sofrido agressões físicas durante a gravidez. Samuel viu o pai biológico apenas uma vez; quem o criou e exerce até hoje o papel paterno é o ex-marido de Larissa, pai de Manuela:

O Samuel eu engravidei dum tranqueira eu era muito nova, me batia e acho que não usava droga não, mas vendia. E me batia. Aí eu larguei dele na gravidez, só que não foi fácil largar dele porque cê se envolve com esses cara tranqueira é difícil largar né?, mas consegui. Com ajuda do meu pai e tal eu consegui largar. Aí como eu perdi um ano de escola por causa da gravidez eu tive que voltar a estudar né, aí quando eu tive

o Samuel eu tive que trabalhar e estudar novinha, com 16 anos. Aí voltei a estudar a noite, conheci meu ex marido, meu ex marido assumiu ele. Ele não conhece... ele conheceu uma vez o pai biológico dele, que ele veio uma vez só atrás. Ele sabe que meu ex-marido não é pai biológico dele, mas quem criou e quem me ajuda até hoje é meu ex marido.

Nossa! Se eu te contar cada coisa que eu já passei... o pai biológico dele me batia, me dava chute em mim grávida, na minha barriga. Esse menino veio por deus, é uma benção. Olha ele ali ó [mostra uma foto]

**Foi só durante a gravidez?**

E depois que o Samuel nasceu também. Ele me batia porque a gente não deixava ele na porta da casa do meu pai e da minha mãe ver o menino, ele bateu até no meu pai. Muitos anos, quinze anos atrás. Mas meu pai tava com câncer na época, usando a bolsinha sabe? de intestino. E bateu em mim, bateu no meu pai, bateu ne mim com esse menino no colo com quinze dias. Se esse menino me cai no chão eu tinha morrido. Aí saí correndo com esse menino no colo, a mulher do bar me pegou, me puxou pra dentro e fechou a porta do bar. E aí a gente envolveu pólficia, como ele era tranqueira né, aí sossegou né. Mas sofri agressão sim. É muito ruim.

Moram Larissa, Samuel e Manuela em um apartamento de 6 cômodos (três quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro) com o qual ela diz sentir-se parcialmente satisfeita. Em relação ao bairro, diz sentir-se muito satisfeita, não o considera perigoso diz que nele tem acesso aos serviços dos quais necessita. Quanto ao apoio social da vizinhança, diz não poder contar com ajuda dos vizinhos por não conhecer nenhum deles. Na residência trabalhavam ela como auxiliar de departamento pessoal e Samuel como menor aprendiz. A renda familiar era de até dois salários mínimos, o equivalente máximo a 733,33 reais *per capita*. Ela não recebia auxílios sociais como o Bolsa Família, mas recebe pensão alimentícia por conta de Larissa.

Quanto à escolaridade, Larissa completou o ensino médio. Samuel acabou de entrar no 1º ano do ensino médio e Larissa no 1º ano do fundamental.

Relata sofrer de depressão, e que o motivo de ter sido notificada foram conflitos com sua mãe:

**Por que ela te denunciou, você sabe?**

Não, minha mãe é louca. Maus-tratos, cê viu a minha menina aí, tem algum sinal de maus-tratos? Vai ver meu menino, tá dormindo, daqui a pouco acorda pra trabalhar. Maus-tratos! Fui lá, meu pai foi junto, meu pai falou um monte pra mulher do conselho tutelar. É que eu e minha mãe a gente nunca se deu bem (...)

Ah ela falou que era maus-trato, dos meus filhos, mas os dois falou, chamaram eles na sala lá, a Manuela ainda me caguetou, falou que de vez em quando eu batia nela (risos), *batia*, dava umas palmada. Mas o Samuel falou “não, minha mãe não é isso não, minha mãe é uma mãe normal”

Ah, falou que ia arrancar a guarda das criança de mim, ai... ai a minha mãe ó... gosto nem de falar. Acha que é fácil sabe, vai lá denuncia, “ah, maus tratos”, vai lá e pega guarda. Ela acha que é assim. Acho que ela achou que não ia ter uma avaliação, que ia ter um processo, sabe? Acho que ela pensou que... sei lá o que ela pensou.



## 1.2 Apoio social

A Tabela 2 descreve o nível de apoio social percebido por Larissa. A partir dela, é possível notar alto nível de apoio social em todas as áreas, exceto na material, em que ela percebe um nível médio de apoio social recebido.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Pontuação	Classificação
Material	13	Médio
Emocional/Informação	40	Alto
Afetivo	15	Alto
Interação Social Positiva	19	Alto

Seus sogros, seu ex-marido e seu pai são sua principal fonte de apoio social nos cuidados com Samuel e Manuela:

Ela faltava de sexta-feira [à creche], porque de sexta-feira não dava pro vô dela buscar, porque quem busca ela é o vô. Só de sexta. Porque eu levava e o vô que busca né. E esse ano vai ser a mesma coisa, eu vou levar e o vô vai buscar. Só que como ele é piscineiro, aí esse fim de semana ele tem as piscina mais... que os rico que que limpa mais de fim de semana né, aí de quinta e sexta é uns dias muito puxados. Mas de quinta-feira dava pra ele levar, pra ele buscar, mas de sexta era meio difícil, aí ela faltava, eu deixava ela direto na avó dela.

***Mas quando entrar mesmo o período letivo, eles tiverem que ir, como vai funcionar as sextas-feiras?***

Vai ter que ser a mesma coisa, não tem outro jeito, que eu não tenho quem buscar ela, vai ser a mesma coisa. Infelizmente, essa é uma benção, mas também eu dependo dos meus ex-sogros. Cê vê, minha mãe não trabalha, ela nunca se ofereceu pra ficar com ela. Nem o tempo que eu morei na casa da minha mãe, minha mãe ficava com ela. E minhas, eu morando com a minha mãe, meu ex-marido ia lá buscar ela pra ela ficar lá. Minha mãe não fica não, minha mãe não olha meus filho não. Nunca cuidou não

***E o que ela fazia de tarde?***

Ia na casa da vó [paterna], lá tem piscina e fica brincando.  
[O ex-marido] Nunca atrasou pensão, se precisar de remédio agora, daqui meia hora ele traz, só que assim é um pai que não cuida, quem cuida é os avós, entendeu? Ele mora com os pais.

meu pai foi a pessoa que mais me apoiou [durante a gravidez do Samuel] e que me apoia até hoje.

***Por que você acha que elas são má companhia?***

São meninos que usam drogas. Mas a gente conseguiu cortar essas amizade dele. Ele não tem mais contato.

**Como que você fez pra cortar a amizade?**

Tive que pedir ajuda pro meu pai, meu irmão e a madrinha dele. Ele ficou 4 meses na casa da madrinha dele. Pra ele ficar longe daqui, longe desses povo. Quatro, cinco meses.

### 1.3 Vinculação

A Tabela 3 sintetiza a percepção de Larissa quanto à coesão familiar. A partir dela, é possível perceber um alto nível de coesão (percentil = 68), mas um baixo nível de satisfação familiar de modo geral.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	68	Muito conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	55	Moderado
Emaranhada	45	Moderado
Satisfação familiar		
Comunicação	62	Alto
Satisfação	23	Baixo

Quanto à relação com os filhos, ela relata haver mais dificuldades em relação a Samuel, por ele ser muito fechado, mas como um bom companheiro para atividades em conjunto:

**Com qual deles você acha que tem mais dificuldade?**

Com o Samuel.

**Por quê?**

Porque ele não se abre muito comigo.

Ah, eu tenho uma... tenho [dificuldade]. Dele se abrir sabe. Então assim questão assim de menininha, de namoradinha, ele não me conta muito não. É muito difícil ele contar

Eu tento conversar com ele, só que acaba que na maioria das vezes ele é bem fechado sabe, “ah mãe não sei”, “ah mãe não sei”, “ah mãe vou ver”, “ah Samuel...”, “ai mãe não entendi”, é assim

Antes da pandemia a gente saía só eu e ele sabe? Essa foi em 2019, em 2020 entrou a pandemia. Mas antes, tipo assim, ele era meu companheiro, pegava ele e ia. Aí às vezes “ah só entra acompanhado dos pais”, “mas eu sou a mãe”, “ah você é a mãe! Nem parece!”

Apesar disso, seu vínculo com ele se demonstra a partir dos vários momentos em que passou, na entrevista, elogiando e mostrando seu trabalho como cantor, e o quanto se preocupa em ajudá-lo a atingir seu sonho de viver de música:

Ele tem amigos mais velho né, aí... ele gosta de fazer isso aqui (mostra um vídeo do filho tocando violão e cantando em uma chácara), ele só tem amigo que tem dinheiro sabe? (mostra música dele". Aí os cara chama ele pra ele tocar. (continua o vídeo do filho) Ele tem música dele, aí os cara chama... O empresário do Michel Teló trabalha lá, mora lá no condomínio da minha tia, falou que a hora que as coisa voltar ao normal vai levar ele, sabe?

É. A gente já fomos pra São Paulo no The Voice Kids, já fomos pra São Paulo no musical que ia ter do Zezé de Carmargo e Luciano, Dois Filho de Francisco, só que agora já faz muito tempo que a gente não inscreve ele nas coisas, depois que eu e o pai dele separamos a gente parou de inscrever ele nas coisas, que a gente inscrevia ele juntos. Precisa voltar a inscrever ele nos programa.

Mas ele tem música dele! Ele tem composição dele sabe, tem essa gravadora aqui ó, porque assim dinheiro para patentear as músicas que ele grava a gente não tem, mas pode registrar entendeu, então se você registra hoje, dia 9, a partir de amanhã se alguém gravar, se a partir do dia 10 alguém gravar, aí não pode né. Essa música é dele ó (mostra diversas músicas dele)

Aí ele sai do serviço, cadê, eu não sei cadê, não sei, que tem um monte de página que eu não sigo mais, que eu nem sei mais... aqui ó (mostra outra música) essa é dele também, é assim sabe tá com essa hiper hits aqui, eles apresenta as música pros cantor que quiser gravar né. Uma hora aparece alguém que gosta das musicas dele, que ele tem bastante composição.

A gente incentiva. É uma graça. Ele é bonito. (Mostra outra música dele, um clipe gravado em [uma cidade turística]). Ele faz umas música de tão fossa que eu falo, eu acho que ele pega a minha história e do meu ex marido e fica fazendo essas música de fossa. (risos).

Ele é bonito é, bem arrumado, acha, me denunciar por maus tratos menina? Ói. Ah vai denunciar uma mãe que maltrata... Isso aqui é maltratar?

Essa aqui é (Mostra outra música dele) só de fossa.

Aqui ó, ele tem um canal ó, tem um que tem mais de 10 mil visualização. (Mostra o canal) Ah não, é 9 mil, tem 9 mil. Aqui ele fazia

aula de técnica vocal ó (mostra vídeo). O que dá pra fazer a gente faz, a gente faz.

Quanto à Manuela, Larissa também demonstra grande proximidade afetiva:

Brincadeira favorita dela é mamãe e filhinha, mas eu não tenho muita paciência não. Só que ela é uma menina muito parceira, semana passada que eu tava nem aguentando levantar da cama, “vem mamãe eu te seguro”, ai eu ia levantar do sofa, eu aguentava levantar, “perai mamãe, segura aqui mamãe, ai mamãe”, nossa ela é muito parceira, pegava o termômetro ponhia em mim, “você ta com febre mamãe, vou lá pegar remédio”, ela é muito parceira, essa, ela é foda. Ela é demais.

#### *1.4 Descrição comportamental dos filhos*

A Tabela 4 descreve a percepção de Larissa quanto a problemas de comportamento de Samuel e Manuela. Para ambos ela percebe um nível quase clínico de problemas quanto a comportamento social (para Samuel,  $t = 31$  e para Manuela,  $t = 32$ ) e para Manuela, um nível quase clínico em execução de atividades ( $t = 24$ ) enquanto para Samuel atribui um nível quase clínico para essa mesma sub-categoria ( $t = 31$ ). De modo geral, atribui um nível clínico de problemas quanto a competência de modo geral ( $t = 31$ ), escala esta que não pôde ser avaliada para Manuela por ela não ter ainda iniciado seus estudos no ensino fundamental (e, portanto, não foi possível avaliar sua habilidade escolar).

Além disso, Larissa atribui a Manuela um nível quase clínico de problemas internalizantes ( $t = 62$ ) e totais ( $t = 62$ ).

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento observados: Samuel e Manuela

Escala	Itens	Samuel	Manuela
		<i>t</i>	<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	31*	24**
	Social	35*	32*
	Escolar	50	-
	Total	31**	-
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	50	63
	Retraído/Depressivo	60	60
	Queixas somáticas	50	57
	Total	50	62*
Escala externalizante	Quebra de regras	57	52
	Comportamento agressivo	50	60
	Total	51	58
Outros	Problemas Sociais	61	64
	Problemas de pensamento	50	58
	Problemas de atenção	53	57
Problemas totais	Problemas Totais	52	62*

\*Nível quase clínico

\*\*Nível clínico

Em seu relato, entretanto, não há qualquer menção a problemas de comportamento para nenhum dos filhos, exceto Samuel ser um pouco mais “fechado”, mas que não se traduz, no instrumento utilizado para avaliar problemas de comportamento, em problemas internalizantes.

### 1.5 Temas

A partir de seu relato, duas categorias temáticas emergem: a não superação completa de seu divórcio, e a relação conflituosa com sua mãe.

#### 1.5.1 Não superação completa de seu divórcio

Larissa parece se arrepender do divórcio do ex-marido, e atribui a culpa a si pelo acontecido. Além disso, relata não ter superado o término do relacionamento. O término do seu relacionamento aparece também em meio a relatos de conflitos com sua mãe, a serem apresentados posteriormente:

E até hoje eu não superei meu divórcio, não superei. Eu choro. Nossa quer ver eu chorar de fim de semana que o fim de semana é com o pai né, o fim de semana que eles tão lá eu fico aqui sozinha nossa...

***Faz quanto tempo que você divorciou?***

Faz... 2017. Eu não superei, não superei.

***Como foi o divórcio, vocês brigaram, como foi a decisão...?***

Não, foi culpa minha mesmo, eu... a gente já tava junto fazia 11 anos, aí... eu sou estressada tudo eu quero brigar, eu ficava ameaçando que ia largar, eu ficava sempre ameaçando, até que um dia ele falou “tá bom”, e antes ele tinha medo sabe? Eu mandava ele ir embora ele não ia, falava que ia pôr as roupas na rua, mas eu nunca pus, ele não ia, mas até que um dia eu falei pra ele que eu ia largar, ele falou tá bom e foi. Aí gente ficou 40 dia largado, 40 dias a gente deu entrada na UNAERP pra separação, a gente era casado na igreja e no papel, separamos em 40 dias voltamos. Não foi a mesma coisa. Separamos de novo. Aí eu dei tudo meus móvel embora, foi na época que eu voltei pra casa da minha mãe, dei tudo embora, não tinha nada, não tinha televisão, não tinha nada, dei tudo embora. Dei televisão pro meu irmão, sofá eu dei pro meu pai, dei tudo, falei “não vou voltar mais com ele, vou ficar na casa da minha mãe”. Voltamo [o casal]. Não tinha pra onde ir, onde nós vai morar agora? Não tem móvel, não tem casa, já entregou o apartamento. Vamo morar na casa dos meus pais, aí eu voltei a morar na casa dos pais dele, fiquei com as criança. Mas aí começou muita briga sabe, aí eu já fiquei... muito ciumenta, porque ele não tinha instagram aí ele fez um instagram, aí eu via que ele ficava curtindo foto de mulher sabe?, aí aquilo lá me matava por dentro. Peguei me despedi e fui embora. Ainda que ele largou a gente ainda continuou um ano saindo junto, a gente ficou um ano, um ano né, a gente largou em 2017, a gente saiu em 2017, 2018, e 19, ficou dois ano e meio aí a última vez que agente saiu foi em agosto de 2019. Ele já tava namorando essa menina que ele tá, aí chegou uma hora que eu falei pra ele “não, não quero mais, você tá namorando” eu falei “vai seguir tua vida, não tem porque mais a gente sair”, aí a gente não saiu mais. Hoje a gente nem se olha na cara, não conversa pra nada. O que a gente tem que conversar é o básico. Nunca atrasou pensão, se precisar de remédio agora, daqui meia hora ele traz, só que assim é um pai que não cuida, quem cuida é os avós, entendeu? Ele mora com os pais. Então quando a menina vai pra lá ele tem a vida dele normal. O Samuel já não dá trabalho mesmo, né, porque os avós também considera o Samuel como neto, mas o Samuel não dá trabalho, mas ela querendo ou não você tem que ficar um pouco em cima né? Ele tem a vida normal, ele sai com namorada, ele dorme na casa da namorada, ele passeia com a namorada não leva a menina, quando a namorada dorme lá ele dorme com a namorada na cama e põe a menina pra dormir no colchão no chão, que ela chega e fala... é assim. Aí ela fala que não pode falar comigo quando a namorada dele tá lá, “não posso”, porque às vezes eu ligo pra ela pra falar com ela, ela fala “mamãe eu não posso te atender porque quando a namorada do meu pai tá lá, ela não pode nem ouvir falar no seu nome”. Tá bom então né, vou ficar na minha fazer o que, vou pirraçar?

### *1.5.2 Relação conflituosa com a mãe*

Os conflitos com sua mãe afetaram duas áreas principais, mas que se intercalam, na vida Larissa: suas tentativas de suicídio e instabilidade quanto à sua moradia. Por seus relatos, é possível notar talvez uma esperança de Larissa de que a mãe reconhecerá seus erros e não agir novamente da forma como havia agido. Entretanto, existe um histórico de comportamentos semelhantes da mãe em relação a outros familiares:

É que eu e minha mãe a gente nunca se deu bem, só que como eu fiquei muito depressiva quando eu separei eu fiquei muito debilitada, ela “aí vem morar com a mãe,

a mãe vai te ajudar, porque é difícil pagar aluguel, o dinheiro do aluguel você guarda e você da entrada num apartamento pra você”, e o que que eu fiz?, eu fui. Deu certo? Não. Pos eu pra fora, assim, “não quero você e seus filho aqui”, eu fiquei sem chão, mas foi assim, não foi calmamente igual eu tô falando com você, foi na gritaria tal, que amanhã as minhas coisa ia tá na rua. Eu acreditei que ela ia colocar minhas coisa na rua porque ela fez isso com meu irmão né?, ela pôs o guarda roupa inteiro do meu irmão pra rua, ela pôs, ela pois o guarda roupa, o coitado chegou do serviço e teve que levar as coisa pra casa do meu pai, e meu pai morava de favor ca minha vó, então eu falei “ela vai fazer a mesma coisa que ela fez com o meu irmão ela vai fazer, ela vai por minhas roupa, minhas criança na rua”. Fui trabalhar desnorteada. Perturbada, e eu tinha acabado de separar. Eu fui trabalhar assim que eu não sei que você conta com apoio da mãe sabe?, então eu não tinha ninguém só tinha minha mãe.

Aí ela vira e fala aquilo, que na hora que chegasse do serviço no outro dia - e eu já tava fazendo tratamento pra depressão porque eu já tinha separado porque eu entrei numa depressão profunda, que eu fiquei pesando quase 59 quilo, eu, desse tamanho, 59kg é muito pouco. Hoje eu engordei 10, tô o dobro, até fui lá na psiquiatrinha - até vou xingar ela, que o remédio que ela me deu eu engordei - aí... chegando do serviço me tranquei no banheiro e tomei todos os remédios que eu tinha, todos. Eu comprava remédio sem receita, foram mais de 80 comprimidos. Aí eu não lembro de mais nada. Mas foi por causa dela [que foi notificada ao Conselho Tutelar], mesmo assim depois eu perdoei, mesmo assim, aí eu fui pra casa do meu irmão, já sai da casa dela, fui pra casa do meu irmão, aí já aluguei um apartamento nesse mesmo bloco, mas ali no ‘E’, fiquei um ano sem falar com ela. Aí chegou aniversário dela de 2019, todo mundo “chama sua mãe, chama sua mãe, é vó, é vó”. Chamei. Aí ela veio ela calada, eu fiquei um ano super bem sem falar com ela, passando as minhas dificuldade porque não é fácil, mas foi super paz e amor. Foi eu voltar a falar com ela, começou. Ela “mora com a mãe, a casa da mãe é grande, você tá pagando aluguel, tá gastando dinheiro à toa”. Não voltei? Três meses depois ó eu caçando lugar pra morar de novo... e assim foi fia. Eu pra baixo e pra cima, pega minhas mala, minhas trouxa, eu com esses dois pra baixo e pra cima.

Ah a minha mãe a gente diz que ela tem [problema psiquiátrico]... ah, como é que fala? Não é loucura, é... Aquelas coisa que faz depois finge que não aconteceu nada, age naturalmente, te faz muito mal. Minha mãe é uma pessoa muito ruim, eu não converso com ela.

Meu pai separou quando o meu pai teve câncer, em 2017... 2007, que aí minha mãe não aguentava cuidar dele, aí ela mandou ele ir embora. Uma boa pessoa ela né? Marido lá com câncer ela mandou ele embora. Aí ele foi morar com os meus avós.

Desfaz até da minha filha, do mais velho ela não desfaz não, mas dessa aí ela desfaz.

***Por quê?***

Eu acho que é por causa do meu ex marido, tanto é que quando ela nasceu, é... ela não foi no hospital, foi copa do mundo, minha ex sogra tava lá no hospital, todo mundo lá no hospital, esperando ela nascer, minha mãe ela não deu nem as cara lá no hospital, aí eu saí da maternidade e fui pra casa da minha ex sogra pra ela cuidar de mim porque minha mãe não se ofereceu pra cuidar de mim, foi cesária, a minha sogra falou “não, vamo lá pra casa eu te ajudo né, pra você não ter que ficar levantando da cama, né, por causa dos pontos”. Fui. Não foi conhecer a menina lá na casa da minha ex sogra, só foi conhecer a menina com uns 40 dia quando eu voltei pra minha casa. Falou que não foi lá que lá na casa da minha ex sogra não era minha casa, mas todo mundo foi, meu irmão foi, meus irmão, meu pai, todo mundo foi lá na casa da minha ex sogra conhecer a menina, menos a minha mãe. Não sei, ela tem diferença com a Manuela, isso eu não aceito.

Além disso, como ilustrado anteriormente na *Descrição Inicial*, foram conflitos com a mãe levaram à sua notificação por negligência ao Conselho Tutelar, a partir da tentativa da mãe de assumir a guarda dos netos, sem razão aparente:

Ah, falou que ia arrancar a guarda das criança de mim, ai... ai a minha mãe ó... gosto nem de falar. Acha que é fácil sabe, vai lá denuncia, “ah, maus tratos”, vai lá e pega guarda. Ela acha que é assim. Acho que ela achou que não ia ter uma avaliação, que ia ter um processo, sabe? Acho que ela pensou que... sei lá o que ela pensou.

## 2 Caso 2: Sara

A Tabela 1 sintetiza os níveis de negligência observados em relação a Caio. A partir dela é possível observar não haver qualquer ocorrência de negligência em todas as subáreas avaliadas.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filho	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Caio	6	0	0	0	0	0	0

### 2.1 Descrição Inicial

Sara (36 anos) possui ao todo dois filhos: Simone (16) e Caio (6). Simone mudou-se para a casa do pai em outra cidade, no estado de São Paulo, após uma tentativa de suicídio:

Teve a minha filha [que apresentou problemas psiquiátricos], agora que ela tentou um suicídio há dois anos atrás, então por isso que, como somos pais separados, ela ficou com ele, ver se conseguia mudar alguma coisa, então acredito que isso seja um transtorno dissociativo, se essa é a palavra.

Caio, fruto de outro relacionamento, não tem contato com o pai e reside com Sara. Mudaram-se da Bahia para Ribeirão Preto quando Caio tinha ainda 4 meses. Moram em um apartamento próprio de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com o qual Sara diz-se muito satisfeita:

Eu to *muito* satisfeita com a minha casa.  
**É bom né?**



É Nosso. O que é nosso, que a gente batalhou pra ter, tem que tá satisfeito (risos)

Quanto ao bairro, diz-se satisfeita, mas queixa-se de não ter acesso a todos os serviços de que precisa, especialmente os de saúde e com a qualidade da educação básica:

Não tenho acesso a todos não.

**Não? Quais você acha que falta?**

Principalmente na área de saúde.

**Segurança tá tudo bem?**

Fica difícil falar porque assim, como eu moro no condomínio fechado e não fico particularmente na rua, eu não sei como fica a segurança pública, mas tem uma base há duas quadras e eu acredito que seja na média do país né, razoável com questão de segurança. E falta mais uma observação maior pra educação infantil, pro bairro em si.

**(Thalita) Falta creche, escola?**

É questão do... pra área mais social, pra pessoas que tem uma necessidade maior, principalmente na fase até em média os 10 anos. Algumas escolas em si não dão muita importância pra questão do... da visão dos pais com o que é educação e o que é conhecimento, que educação é o que os seus pais te dão e conhecimento é o que a escola te oferece, então quando você vai na escola, que você cobra a questão do, do conhecimento, os professores tá tão habituados com os pais que misturam essas duas coisas, que você não se sente satisfeito com as respostas dadas. Um exemplo, a escola que ele vai estudar esse ano é uma escola que é muito difamada com questão de disciplina na escola, com questão de interação do corpo docente e discente da escola, é algumas, vamos dizer, não vou generalizar, mas se usasse uma palavra eu diria “muita bagunça”, então eu vou colocar ele pra ver se realmente é isso, porque eu não posso me basear com a opinião de outros pais, eu quero ter a minha, mas eu vejo que as escolas faltam isso..... Focar como o ensino que tivemos. Que professor tava lá pra passar conhecimento e que a disciplina vem de casa. É nessa área que eu acredito que precisa melhorar em alguns bairros, principalmente nos mais pobres, porque aqui tem muitos pontos de droga assim né, muitas biqueiras, então muitas crianças iniciam cedo nessa vida e os pais largam mão e a escola em si também não faz muito, o professor não tá... sabe? O que ele vê ele ignora.

**Hum o papel social do professor também né.**

Sim, ele não tá nem aí. A minha filha estudou, que agora ela foi morar com o pai, mas ela estudou aqui e deixando claro, eu fui na escola porque vi aluno fumando maconha a diretora me respondeu na época que ela não podia fazer nada, então eu retirei minha filha da escola, mas como alguns anos se passaram, a gente tem que dar uma nova oportunidade porque é outra diretora. Então nesse caso aí, se vocês tiverem algum trabalho que vocês puderem ajudar as escolas aqui nessas imediações, seria bem prazeroso pra muitas mães que tem interesse realmente que o filho tenha o conhecimento que precisa.

Além disso, ela relata que o bairro às vezes pode ser violento, especialmente por conta dos pontos de tráfico:

Muitos pontos de drogas, e assim, é muito menor envolvido nessa área, e como não há punição legais para menor de idade então acaba tendo uma taxa, de um índice maior de violência, de roubos de furtos, então a gente se sente meio que inseguro em alguns horários pra tá na rua.

Quanto à escolaridade, Sara completou o ensino médio e Caio estrava para o primeiro ano do ensino fundamental. Possuem uma renda mensal de até dois salários mínimos (2.200,00

reais), o equivalente a uma renda *per capita* máxima de 1.100,00 reais mensais, obtidos a partir de seu emprego como recepcionista. Sara não recebe auxílios sociais.

Em relação ao Conselho Tutelar, relata já ter procurado seu auxílio em 2016 por conta da escola da filha, como citado anteriormente. Entretanto, em sua perspectiva, tanto antes quanto agora, o Conselho Tutelar, como instituição, não auxilia adequadamente, apenas os Conselheiros individualmente, :

Foi justamente pelo motivo da escola, que quando eu mudei pro meu apartamento foi no ano de 2015, finalzinho de 2015. E eles em 2016 ela começou a estudar nessa escola, onde envolvia drogas, a pessoa que me atendeu me auxiliou da seguinte maneira, que foi o [Conselheiro]. Ele se dispôs como pessoa a me ajudar a conseguir uma *outra* escola, me instruiu a ir na Secretaria da Educação do Estado, obter mais informações de como eu conseguia uma transferência, me ajudou assim, me amparou porque ele me ligava pra saber realmente como tava, porque ele não era do conselho do bairro, né, que cada um tem seu departamento, mas ele me amparou nesse lado. Só que o conselho *em si* não fez nada, a pessoa dele fez.

Suas críticas em relação à atuação do Conselho persistem com a sua recente notificação por negligência, sendo o Conselho Tutelar, em sua visão, falho na execução de suas atribuições e negligente no acompanhamento dos casos que atendem:

Esse que eu fui agora é o da [rua]. Eu to sendo atendida agora pela [Conselheira]. Mas assim tem essa falha. A gente sente a falha realmente do amparo social que eles dizem que vão fazer. Que assim, um exemplo, se minha denúncia fosse realmente verdadeira, que eu deixo meu filho mesmo sozinho, ele estaria desnutrido porque a criança não come, tá sozinho não tem as necessidades. É assim, passei pelo médico agora, se vocês quiserem eu posso depois pedir uma ficha médica pra enviar que ele tá bem de saúde e tudo, só pra anexar do contexto de toda a pesquisa. Então assim, ele não tem nenhum problema de saúde, nem anemia, nada. A consulta tinha acontecido há um ano e meio atrás, então nesse um ano e meio muita coisa acontece. Eu não sinto esse amparo social do conselho tutelar que eles falam que dão o amparo, então a preocupação deles é só de uma denúncia imediata. Vem investiga, mas não tem o procedimento. Porque a denúncia foi mês passado, se eu não to enganada eu tive dia 9 lá, não lembro a data exata que eu anotei no papel, e eu anoto tudo. De lá pra cá eu que tive que ligar pra eles pra informar que a assistente não tá conseguindo me encontrar. Então tá tendo essa falha. Então se eles tão dizendo que tá dando amparo pras pessoas, não tá. E algumas mães não têm estrutura, nem física, nem psíquica nem emocional, pra esse tipo de, de, de, ausência. Tem gente que não tem uma estrutura emocional pra ficar desamparada a esse ponto. Infelizmente. Tem mães que precisam de um amparo maior. Essa é a falha maior do Conselho Tutelar. Pra mim que vi, que eu tenho estrutura emocional pra cuidar do meu filho, sozinha, claro que todo mundo precisa de um amparo, mas tem pessoas que não tem a mesma estrutura que eu. Essa falha é muito grande.

O motivo de ter sido notificada, segundo ela, foi por ter deixado o filho sozinho para trabalhar, algo que ela alega não ocorrer:

Eles [conselheiros tutelares] alegaram que foi denúncia de vizinho alegando que eu deixo o meu filho sozinho, “para trabalhar”. A pessoa ainda colocou na denúncia “A mãe sai para trabalhar e deixa sozinho”, e na verdade não existe isso, meu filho fica com uma vizinha num apartamento no bloco B.

## 2.2 Apoio Social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Sara. De modo geral, ela percebe receber altos níveis de apoio social em todas as áreas, exceto apoio material.

Tabela 2 – Nível de apoio social percebido

	Escore	Classificação
Material	10	Médio
Emocional/Informação	38	Alto
Afetivo	13	Alto
Interação Social Positiva	18	Alto

Condizente com o apresentado na Tabela 2, quanto à supervisão de Caio parece haver pouca disponibilidade de apoio em situações além das extremamente necessárias:

E o que você faz quando precisa sair de casa e não consegue levar ele?  
Aí eu deixo com a vizinha, se for *urgência*, do contrário eu não saio. Vida social zero (risos)

## 2.3 Vinculação

A Tabela 3 apresenta os níveis de coesão familiar percebidos por Sara. A partir dos dados apresentados, por conta do nível moderado na escala equilibrada e muito baixo nas escalas desequilibradas, é possível afirmar que há um bom nível de vinculação entre os membros da família, Sara e Caio.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Pontuação	Classificação
Escalas Equilibradas			
	Coesão	62	Conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	16	Muito baixo
	Emaranhada	26	Muito baixo

De acordo com seu relato, é possível perceber uma boa proximidade entre Sara e Caio:

**Quando você vê ele chateado, o que você faz?**

Ah eu vou lá e pergunto, tento conversar... mas ele é meio calado assim, até porque eu acho que ele não consegue falar muita coisa... Então ele fica triste, abraça, até que cinco minutos passou. Aí acaba.

Essa atitude de ser mais próxima na relação com os filhos veio de aprendizado a partir das experiências com a filha mais velha, Simone, com quem teve uma relação mais difícil:

Eu acredito que é aquela velha rivalidade feminina numa casa né, a busca de atenção... e chega uma fase que *todos* nós passamos na adolescência, de confiar mais nos amigos do que nos pais. E assim, eu vejo que talvez tenha sido uma falha pelo fato de estar cuidando deles sozinha, ter menos tempo pra ficar em casa, menos tempo pra conversar, e a rotina do trabalho em si no dia a dia deixa você um pouco mais estressada, os problemas, as contas e tudo como é você sem poder compartilhar com alguém você tem que chegar em casa e ser forte, né, não pode chegar e desabar, mas isso acaba te deixando mais fechada pros filhos, mas infelizmente a gente só aprende com os erros, então passei com ela, espero que com ele seja diferente.

A dificuldade foi mais na adolescência mesmo que é aquela fase que todo, a maioria se fecha. Eu tiro o chapéu pro pai que tem um filho aberto na adolescência. Mas tirando isso não, sempre compartilhamos, assim, ela quando ela começou a namorar, ela sentou, me contou, então não tive aquela... Era cedo, mas eu tenho entendimento que quando o filho chega pra te contar é que ele não quer mais aquilo escondido, então é melhor você explicar, abrir o mundo pra ele e aceitar e tá ali amparando e vigiando, do que você fechar as portas que ele começou a abrir pra você.

Eu perguntava até, o que que tava acontecendo, mas como tava fechada ela só respondia que tava tudo bem, que queria... E assim eu sempre tive hábito de ler e ela também, então se eu comprava um livro comprava para mim comprava para ela então ela às vezes usava esse argumento “não eu tô só lendo”. Eu tinha acesso a senha de celular, não ficava o tempo todo pressionando, mas ficava monitorando o que ela fazia nas redes sociais.

Eu acredito que é isso mesmo, a relação assim da gente... o primeiro filho é uma escola. A gente tem medo de *tudo*, fecha pra *tudo*, que praticamente colocar ele numa bolha e não é assim. Aí a gente, eles vai crescendo e a gente vai entendendo que a gente protegeu tanto que acabou criando um muro, né, uma barreira. Aí o filho vê

mais o pai mais como um protetor, como um ditador, como linha dura, linha reta. E não é isso que a gente que passar, é, acredito que a maioria dos pais têm essa falha, a gente protege demais e esquece do lado mais amoroso, do lado mais achegado. O medo se sobressai com o primeiro filho.

Além disso, para Sara, o processo de mudança da filha para a casa do pai não foi uma experiência agradável, mas, como partiu a decisão da filha, ela procura respeitar e lidar com a distância:

Na verdade ela quis ir, com o pai dela. Quando a gente separou a gente já tinha decidido que depois dos 12 ela moraria com ele, mas quando a gente separou ela tinha 6 e a cabeça era outra. E é difícil, eu acredito que pra mãe e não genitora - que tem uma diferença - é difícil abrir mão de qualquer filho, então pra mim foi difícil, então eu até respondi uma amiga que perguntou assim: “você não sentiu?”, eu falei assim não, eu quase morri, mas eu tenho outro que eu tinha que ficar forte, que eu tenho que cuidar. E eu tenho que entender que foi escolha dela, por mais que a menina seja do contra e até hoje seja do contra, ela tá morando com o pai dela e por mim ela taria aqui, eu tenho que aceitar e deixar que ela veja como que é ela, pra ela poder escolher onde ela realmente quer ficar. Que ainda tem tempo.

**Ela mora em Ribeirão mesmo?**

Não. Eles moram em [cidade].

**Então tem essa distância...**

Tem. Mas tem assim, a gente tem que respeitar o espaço, porque não tem como você forçar o seu filho a forçar uma coisa que não é da vontade dele no momento. Então lá ela tá amparada, ela tá cuidada... Então eu tô fazendo, eu invertei os valores, falei pra ele que agora eu ia agir como ele, se ela entrasse em contato comigo eu ia conversar, se não eu ia me manter... como ele fez todos esses anos depois da separação. Então, dar o espaço, quando ela achar que deve conversar comigo... não vou dizer que eu não tentei não, eu tentei, no começo, por que a gente fica lá insistindo, é mãe, sente saudade, sente falta, mas quando eu vi que ela não queria tá próxima, eu deixei no tempo dela.

#### *2.4 Descrição comportamental dos filhos*

A Tabela 4 descreve os problemas de comportamento percebidos por Sara em relação a Caio.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Caio

Itens		Caio
		<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	49
	Social	50
	Escolar	-
	Total	-
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	53
	Retraído/Depressivo	66*
	Queixas somáticas	50
	Total	57
Escala externalizante	Quebra de regras	51
	Comportamento agressivo	53
	Total	51
Outros	Problemas Sociais	62
	Problemas de pensamento	58
	Problemas de atenção	51
Problemas totais	Problemas Totais	53

\*Nível quase clínico

\*\*Nível clínico

A partir dela, é possível perceber nível quase clínicos de problemas de comportamento apenas em relação à escala retraída/depressiva ( $t = 66$ ), o que condiz com seus relatos de que Caio seja uma criança mais “calada”.

### 2.5 Temas

A partir da análise temática de sua entrevista, não emergiram temas além dos dados já apresentados sobre a atuação do Conselho Tutelar e o motivo de sua notificação.

### 3. Caso 3: Lucia

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência identificados na família de Lucia em relação aos filhos. A partir dela, é possível perceber não haver negligência em nenhuma das áreas avaliadas, para nenhum dos filhos.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Maitê	14	0	0	0	0	0	0
Elisa	12	0	0	0	0	0	0
Giovana	10	0	0	0	0	0	0
André	6	0	0	0	0	0	0

### 3.1 Descrição inicial

Lucia (41 anos) possui ao todo 4 filhos: Maitê (14), Elisa (12), Giovana (10) e André (6).

Maitê, Elisa e Giovana são frutos de seu casamento com Élcio, que se encerrou pela forma como ele tratava Elisa, além do contexto de violência psicológica a que ele submeter Lucia por conta do diagnóstico de autismo de Elisa:

***Alguma vez já sofreu violência por parte do parceiro?***

Física não, mas verbal. Verbal e psicológica, é muito...

***Que é tão violência quanto [a física] né...***

É pior. Porque não fica marca e se você fala ninguém acredita. Como ninguém acreditava assim que, quando eu me separei o povo ficou chocado “nossa, mas ele é tão boa pessoa”, vai morar junto pra ver!

Reagiu até normal [à notícia da gravidez de suas três filhas], da terceira ele não gostou muito, disse porque “Ah é muito filho não sei o quê” mas a reação pior mesmo que ele teve foi com o diagnóstico dela [Elisa]. Aí ele começou a me culpar, dizer que a culpa era minha. Se não fosse eu não tinha esse problema, que... pra que que eu fui inventar de ter filho, que não sei o quê... Aí me culpava o tempo todo, dizia que era o meu sangue, que eu tinha o sangue ruim, dizia que foi porque eu inventei de ter filho, era assim, uma atitude muito covarde. Covarde mesmo porque... só porque descobriu que ela tinha uma deficiência, ficou botando meio mundo de obstáculo, me culpando, querendo me condenar por isso, quando na verdade ele deveria estar junto comigo cuidando dela, lutando pelos direitos dela, mas não, ele achou que a culpa foi minha.

Ele concordou em ser pai, que ele queria muito ser mãe, e tal, ele concordou, mas só que depois eu percebi que ele *nunca* deveria ter sido pai, porque ele na verdade não gosta de criança. Principalmente as dele, né ele era mais assim com a mais velha, mas com ela (Elisa), ele já não queria, a terceira ele não queria, ficou muito chateado quando eu falei que tava grávida da terceira gestação. E quando veio a deficiência dela (Elisa), nossa, aí ele mostrou quem era, né? Porque geralmente os pais quando se depara com uma situação assim faz o impossível pra cuidar do filho, para ajudá-los a desenvolver, a eles ter qualidade de vida né. Porque a gente sabe que ele sofre preconceito e discriminação, uma rejeição muito grande da parte de todos, começando

com os da família, tio, tia, avós, ninguém tem orgulho de dizer que tem um neto autista, ninguém tem orgulho de dizer que tem uma sobrinha autista.

Então, eu tive elas três com ele né. Aí quando veio o problema dela, aí veio essas acusações todas aí, o comportamento dele desagradável ele agredia ela, não tinha paciência porque ela chorava muito, aí eu me separei. Eu me separei porque eu não suportava vê-lo tratando ela daquele jeito, eu dizia a ele, era covardia da parte dele agir daquela forma, que quando ele deveria cuidar, protegê-la, ele que tava agredindo ela, não tinha paciência nenhuma, nem a capacidade de entender que isso ninguém tem culpa, que mesmo com a deficiência os filhos são importantes na vida da gente, que eles nos ensina muito, mas para ele... ela não passava de um problema, de um peso na vida dele, aí eu me separei.

André é fruto de um segundo relacionamento, aparentemente breve, que ela descreve apenas como não tendo “dado certo”. Nenhum de seus filhos parece ter contato com seus respectivos pais.

Mudou-se de Recife para Ribeirão Preto há um ano. Moram em uma casa alugada de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com a qual ela diz sentir-se muito satisfeita. Com relação ao bairro, não o considera perigoso, mas relata não poder contar com os vizinhos em situação de necessidade, e que não tem acesso aos serviços de saúde de que necessita, apesar de estarem disponíveis:

Então, serviços tem mas infelizmente eu não tive acesso né, quando eu precisei mesmo eu não tive acesso.

***Qual o serviço você não teve?***

Então, justamente esse, o socorro psiquiátrico nessas duas situações [relatadas mais adiante quanto ao motivo de sua notificação], tanto quando eu cheguei, que ela deveria ter ligado pra unidade, ter marcado né, como a moça me explicou e como agora eu sei que que é; ela não fez isso. Fez pouco caso. E também essa situação lá do [foram interrompidos por Elisa]

***O socorro psiquiátrico...***

Isso, que eu não tive acesso quando eu precisei assim, em caráter de urgência, infelizmente eu não tive.

A renda familiar consiste no Benefício de Prestação Continuada, auxílio governamental destinado a pessoas idosas e com deficiência que, comprovadamente, não possuem condições de prover financeiramente a si próprios ou sua família, e 300 reais de pensão paga por Élcio. No total, ela afirma receber até um salário mínimo (1.100,00 reais) mensais, o equivalente a uma renda *per capita* máxima de 220,00 reais mensais.

Lucia relata ter parado de trabalhar para cuidar de Elisa:

[A renda familiar] É o benefício dela né [Elisa], porque antes eu trabalhava né, trabalhava em salão de beleza. Mas aí quando veio a deficiência dela eu fiquei sem condições de trabalhar e... Ficou até o momento só isso.



Quanto à escolaridade, Lucia não completou o ensino fundamental. Maitê cursa atualmente o 9º ano do ensino fundamental. Elisa, por não ter se desenvolvido em questões escolares, acompanha a turma com Giovana, mas não participa das atividades escolares de maneira inclusiva. Giovana cursa atualmente o 5º ano do ensino fundamental. Por fim, André inicia seus estudos no ensino fundamental, tendo entrado no 1º ano.

Quanto à notificação, Lucia relata ter sido notificada injustamente e por uma médica ao solicitar atendimento emergencial para Elisa, em um episódio de ‘crise’ e relata grande indignação com a situação:

É então, o motivo que eu fui chamada no Conselho Tutelar foi nesse episódio né, que eu dei entrada no hospital com ela assim muito em crise, uma crise muito forte, aí a assistente social no dia seguinte me deu alta, mesmo ignorando as condições que ela estava né, muito agitada, precisando muito passar no psiquiatra, mas ela não quis saber, deu alta, a médica concordou com ela. A médica da ambulância que achou aquilo um absurdo, ela estar sendo, tá recebendo alta nas condições que ela estava, mas aí... machucaram ela quando foram dar aquela injeção. Eu avisei que tinha que ser pessoas que tivessem muita força para segurar, mas elas disseram que eu que tinha que ajudar, mesmo com o braço quebrado, elas não quiseram saber, disse que eu que tinha que ajudar, aí machucaram ela e depois botaram a culpa em mim que foi porque eu não ajudei. E aí a moça da ambulância me recomendou... me deu o número para denunciar na ouvidoria, aí depois dessa denúncia elas foram e me denunciaram pro Conselho Tutelar me acusando de quê eu maltrato ela, que eu do superdosagem de medicação, e que ela também sofre abuso. Então ela me denunciou que lá no conselho a moça falou que a denúncia foi do [hospital]. Então só pode ter vindo dela né, porque os outros médicos me trataram bem, a equipe da noite, a outra equipe que eu quando eu voltei lá no outro dia e também me trataram bem, só essa aí equipe da manhã junto com ela que, da terça de manhã junto com ela que me trataram assim, com total descaso e... por conta dela ter machucado ela, elas depois jogaram a culpa em mim dizendo que tinha sido eu, eu vou lhe mostrar as foto, de quando a gente saiu de lá.

Eu achei uma humilhação porque não foi um... a gente sabe que se em casos muito graves e que realmente merecem uma intervenção, precisa, e que eu acho importante até a denúncia, porque se as pessoas não denunciarem a criança... chegar casos até de serem morta né, como eu já vi casos de crianças serem tão maltratadas pelos pais de chegar ao ponto de ser morta, de morrer. Então quando alguém denuncia eu acho isso muito importante, é um serviço público, que é *obrigação* a pessoa denunciar, agora tem que ter responsabilidade né. Porque tem coisa que é muito grave para gente fazer de forma leviana só porque não foi com a cara de ninguém, só porque quer prejudicar a pessoa. Então isso que ela foi comigo eu achei assim um crime porque ela não tem prova, ela que cometeu um crime contra mim por me negar um direito sagrado que ela tinha, que é tanto que quando eu voltei lá da outra vez uma outra médica do plantão ela disse: “Gente, isso que tá acontecendo é um crime covarde, ela é autista, ela tem direito ao atendimento”, “ai mas ela é assistida pela APAE” “mas a APAE é uma instituição filantrópica, nada tem a ver com a situação de emergência como é essa. Olha como a menina dela tá ela *precisa* de um acompanhamento, ela precisa de um atendimento, por que que fizeram isso? Isso que fizeram foi crime, é criminoso”. Essa única Doutora que teve coragem de abrir a boca e falar a real entendeu? E disse que ela não dava alta pra mim, pra ela de jeito nenhum que ela não tinha coragem de mandar ela para casa do jeito que tava de jeito nenhum. Aí teve uma outra médica, uma baixinha, que disse: “Olha eu vou dar medicação que ela toma, se ela responder eu dou alta”, porque internação não vai ter que porque o médico psiquiatra de plantão ele pegou Covid, aí disse que até que a prefeitura mandasse outro pra poder avaliar

porque disse que só podia interná-la se tivesse uma avaliação do especialista né, mas ele pegou Covid e tava sem. Até que a prefeitura mandasse outro, disse que eu ia ficar meses lá no hospital, ela disse “eu vou dar medicação no horário certinho, se ela reagir você vai pra casa” aí eu “tá bom”.

Episódio este que deixou-a insegura para procurar novamente o sistema de saúde em situações de necessidade:

Ela [outra médica] deu [medicação] aí ela [Elisa] se acalmou né, dormiu. Aí “eu vou mandar você pra casa mas qualquer coisa...”, mas aí ela tá sempre assim, ela às vezes, ela eu dou a medicação nos horários certinho, direitinho, mas tem momentos que ela fica agitada, fica agressiva, tem noites que ela não dorme. Mas eu tô com medo de procurar assim uma unidade de saúde e sei lá o que vão dizer

### 3.2 Apoio social

A partir da Tabela 2, é possível perceber certo déficit em relação ao apoio social percebido por Lucia, especialmente em relação à interação social positiva (nível baixo). Quanto à apoio social material e emocional/informação, apresenta níveis moderados de apoio percebido.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	8	Médio
Emocional/Informação	16	Médio
Afetivo	11	Alto
Interação Social Positiva	4	Baixo

A mudança relativamente recente de Estado, aliada a situações de preconceito que serão apresentadas posteriormente nas categorias temáticas, podem ter contribuído para o isolamento social da família. Entretanto, a diminuição de seu círculo social começou antes de sua mudança, ainda dentro da própria família, quando receberam o diagnóstico de autismo de Elisa:

[As pessoas] Geralmente se afasta, e principalmente que eles [autistas] *dão* trabalho né. Ela chorava muito na época, só queria tá no braço, ela não suportava chegar assim em lugar nenhum que ela chorava ela queria tá só em casa e quando chegava alguém em casa ela não gostava, ela ficava chorando também. Ela queria tar isolada, não tê ninguém perto e nem saí para lugar nenhum, mas como tinha que sair né, aí ela chorava muito, muito, muito mesmo era um choro assim que incomodava. Aí ninguém

queria a gente por perto. Só que a gente como pai como mãe tem que ter uma postura diferente né, porque afinal de contas é filho, a gente não vai descartar porque descobriu que tem uma deficiência.

Mas infelizmente tem uns que descarta, assim da forma mais covarde, e aí sobra só pra um só cuidar né, no caso, na maioria dos casos é as mães, e têm mães também que abandonam, eu já vi casos de mães que abandona e os pais que ficam cuidando, mas é menos. Então... aí que eu vi que ele era de verdade nesse momento né... que se depara com uma situação atípica, ao invés de correr atrás, brigar pelos direitos dela, pelo direito dela viver em sociedade, porque infelizmente as pessoas querem que eles ficam isolados não aceita, a gente percebe assim quando eu tô num lugar público tem gente que se sente incomodado, mas eu não tô nem aí, não ligo né.

Agora dentro da família já é complicado né, porque você tem que conviver e aí aquela pessoa se afasta mesmo... as minhas irmãs ninguém gosta de eu estar perto, nem queriam que eu fosse na casa dela, me proibiram mesmo com todas as palavras, “eu não quero você aqui com essa menina *chata*”. Então, são coisas que a gente como mãe sofre né, porque... é uma criança caramba, não é um bicho, a gente sabe que tem um comportamento diferente, mas que faz parte da deficiência, que gente lutando terapias, com ajuda, né, médica, eles conseguem ter sim uma qualidade de vida, ele conseguem melhorar bastante.

Entretanto, Lucia não está de todo isolada. Especialmente em relação à Elisa e Giovana – diagnosticada com dislexia – recebe apoio de informação de outras mães, e de profissionais da saúde, motivo pelo qual, provavelmente, tenha identificado níveis moderados de apoio nessa área:

***Da Elisa que você tinha comentado pra ver se acha outra psicopatologia, você acha que tem alguma coisa?***

É porque tem alguns autistas assim que são calmos que não tem esse comportamento dela, eu não sei se é por conta da medicação estar bem assim dosada, eu não sei. Muitas mães também relata que nessa idade eles tem esse problema né, dão mais trabalho essa questão da pré-adolescência que estão se desenvolvendo, ela tá crescendo, ganhando peso, aí a medicação vai ficando fraca muito rápido. Muitas mães já conversaram comigo e relataram que diz que quando chega assim na idade adulta aí eles dá uma estabilizada.

***O que você faz nessas situações, pra que ela [Elisa] te obedeça?***

Então, eu falo com ela né, e eu... não deixo porque. Porque lá em Recife, eu peguei uma profissional muito boa Dona Maria, e ela me ensinou muito como lidar com ela, ela disse que eu não posso ficar dizendo ‘não’ ‘não’ ‘não’, a gente só tira ela do local, tipo ela tem mania de ficar em cima do fogão, ela fica botando a cara assim nas panelas naquela ansiedade de comer, aí eu simplesmente tiro ela dali, distraio ela em outro canto até a comida ficar pronta, aí ela almoça. Porque eles têm essa resistência com ‘não’. Diz que irrita, não aceita, aí pra não estressá-los a gente vai evitando dizer ‘não’, mas vai conduzindo pra outra situação, distrair com outra coisa pra não estressá-lo, e assim a gente... ela ensinou também

Que até a terapeuta de Elisinha me mandou um vídeo sobre isso de dislexia, um vídeo não, assim, uma matéria falando.

Eu tenho um sobrinho que ele tá cursando é psicopeda... ele fez pedagogia, ele fez graduação... ele faz um monte de curso, e ele estudou sobre isso também aí ele me mandou uns vídeo de uma professora assim, muito boa, que falou a respeito da dislexia. E eles tem dificuldade tanto de escrever como também de entender, é um problema sério (risos), aí eu entendo porque às vezes eu falo as coisas para ela [Giovana], ela não entende. Antes eu ficava assim me perguntando por que, mas aí depois eu entendi né, que o bloqueio dificulta também essa questão de entender.

Entende tudo errado, se eu falo alguma coisa entende outra (risos) pra mandar ela passar uma recado pra alguém é um problema viu, ela fala tudo contrário (risos).

Em Ribeirão Preto, uma importante fonte de apoio social parecessem ser seus amigos da igreja, que inclusive facilitaram sua vinda para a cidade:

***E você já veio direto pra essa casa?***

Foi! Foi por meio dos irmãos da congregação, eles arranjaram essa casa.

***Você conhecia alguém aqui de Ribeirão?***

Assim, conhecer não conhecia não, mas... Tem uma... amiga lá eu conhecia, aí me passou o contato, aí eles ajudaram a alugar essa casa. Eles acharam essa casa né, aí eu aluguei, aí vim

Quanto aos cuidados com os filhos, a filha mais velha, Maitê, é quem mais ajuda:

***Você costuma ajudar [com as lições de casa], eles precisam de ajuda?***

Ajudo, mas quem ajudar mais é a irmã porque ela tá mais avançada nos estudos, porque eu estudei pouco aí ela tá bem mais adiantada, então ela ajuda bastante eles assim nas tarefa.

***Você acredita que tem alguma dificuldade com sua primeira filha, a mais velha, pra que ela obedeça, coma...?***

Não ela é super obediente, me ajuda bastante com a irmã, muito mesmo.

### 3.3 Vinculação familiar

A Tabela 3 apresenta os dados referentes à coesão familiar percebida por Lucia. A partir dela, é possível perceber um alto nível de vinculação, a partir do grau máximo de coesão positiva (percentil = 31) e níveis baixos das escalas desequilibradas, além de uma alta satisfação com a comunicação familiar. Entretanto, seu nível de satisfação familiar foi baixo, o que indica haver áreas da dimensão familiar (como a flexibilidade) que possam não estar em níveis saudáveis.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	31	Muito conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	12	Muito baixo
Emaranhada	21	Baixo

Quase todas as suas falas ao longo da entrevista retornaram aos cuidados de Elisa e suas necessidades. Muito da dinâmica familiar parece influenciada pelas necessidades de Elisa, como, por exemplo, a pouca disponibilidade “besteiras” para comer, como as que Maitê gosta, porque estas podem desencadear em Elisa um quadro de diabetes:

***O que ela [Maitê] mais gosta de comer que você diria?***

Besteira, biscoito recheado, doces.

***Com que frequência ela costuma comer isso?***

Ela come pouco, porque eu não compro né (risos) só de vez em quando.

***Você dá uma segurada***

Eu compro assim, mas eu evito comprar essas coisas, porque tem a questão dela [Elisa] que ela pode desencadear fácil fácil qualquer doença por conta da medicação que ela toma. Que, ela tomou um chamado... é... esqueci o nome. É um medicamento que os autistas usam muito. Ele quase deu diabete nela.

Apesar disso, há ainda uma resposta as necessidades emocionais dos filhos, o que indica também uma preocupação com o bem-estar destes e vinculação na relação:

***E o que você faz quando eles ficam tristes?***

Converso com eles, conversa bastante, eu faço de tudo para que eles se abram, falem tudo né que realmente estão sentindo, que tá incomodando e converso com ele sobre os assuntos, converso bastante e aí eles entende né, se conforma, porque tem coisas que a gente não muda né.

### *3.4 Descrição comportamental dos Filhos*

A Tabela 4 descreve os problemas de comportamento percebidos por Lucia em relação aos quatro filhos. A partir dela, é possível notar problemas em nível clínico ou quase clínico de seus filhos nas escalas de competência, mas não quanto a problemas de comportamento, exceto por Elisa, cujos problemas de comportamento são atribuídos à sua deficiência.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Maitê, Elisa, Giovana e André

Escala	Itens	Maitê <i>t</i>	Elisa <i>t</i>	Giovana <i>t</i>	André <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	33*	20**	31*	26**
	Social	29**	21**	25**	26**
	Escolar	46	-	38	-
	Total	27**	-	25**	-
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	55	62	50	50
	Retraído/Depressivo	54	85**	60	50
	Queixas somáticas	50	53	50	50
	Total	52	69**	48	34
Escala externalizante	Quebra de regras	50	54	55	50
	Comportamento agressivo	50	63	50	50
	Total	34	60*	44	33
Outros	Problemas sociais	58	80**	50	50
	Problemas de pensamento	50	73**	50	50
	Problemas de atenção	50	83**	52	50
Problemas totais	Problemas totais	45	70**	43	24

\*Níveis quase clínicos

\*\*Níveis clínicos

Muitos desses problemas quanto a atividades, em especial a problemas sociais, podem derivar do contexto de preconceito em que estão inseridos na escola, como será discutido a seguir nos temas.

### 3.5 Temas

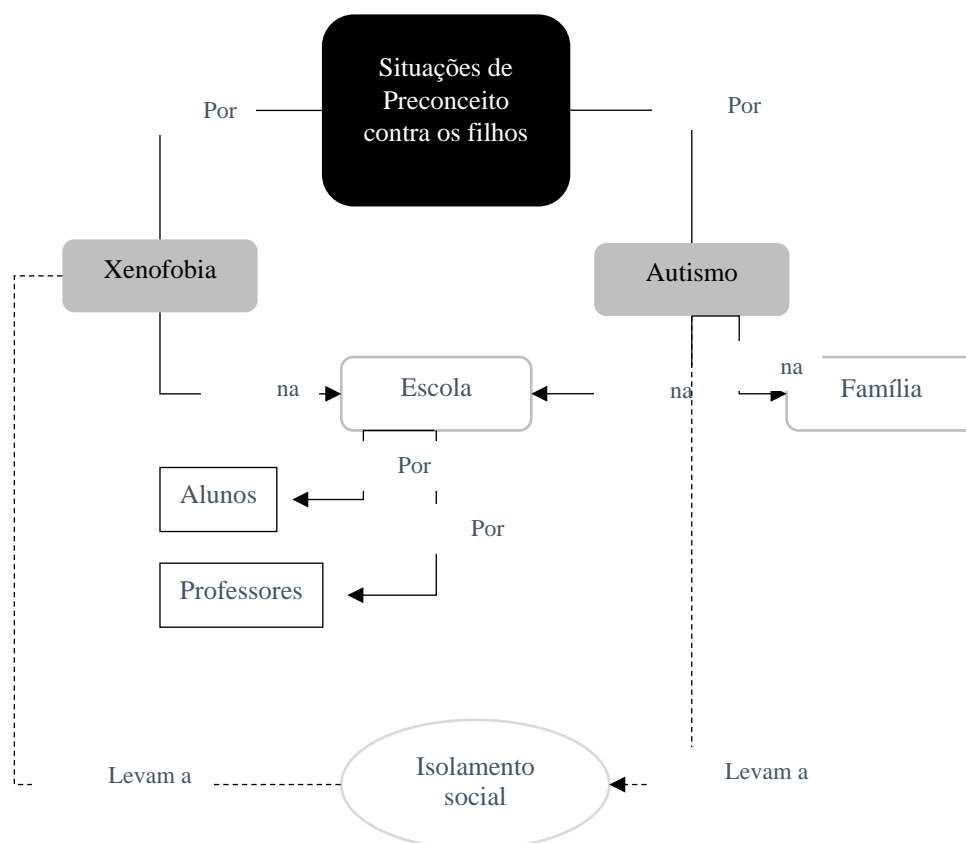
Além das preocupações e busca por atendimento para Elisa, um tema extremamente prevalente em seus relatos diz respeito a situações de preconceito.

#### 3.5.1 Situações de preconceito

Como ilustrado na Figura 1, Lucia e sua família estão sujeitos a preconceitos em diferentes esferas de sua vida, e por dois motivos principais: preconceito acerca da deficiência de Elisa, e xenofobia por virem de outro Estado. As situações de violência ocorrem tanto na

escola (em relação à xenofobia e ao autismo), perpretada por alunos e professores, e na família (em relação ao autismo), o que leva a um isolamento social, tanto dos filhos quanto da família de modo geral. Os trechos referentes ao preconceito vivido dentro da própria família – que constitui a presente categoria temática – foram apresentados anteriormente, na *Descrição Inicial*, e, por isso, não serão reapresentados aqui.

Figura 1 – Experiências de preconceito



Em relação ao autismo, na escola ele se apresenta principalmente por parte dos professores, o que evidencia uma importante falha social quanto à adequada integração de alunos com autismo no sistema escolar:

*Seria dever da escola e dos professores fazer alguma coisa [quanto ao bullying]... Ah, eles as vezes incentiva. Maitê mesmo fala que lá na escola tinha uma menina autista, antes da pandemia né, e que tem um professor que tinha asco dela, tinha uma, uma vez que ela vomitou, o professor ficou com tanto nojo dela, mas tanto nojo, e falou tanto porque ela vomitou e eles não dá a mínima para ela, diz que ela fica lá*

sozinha, ela não consegue acompanhar né, aí volta pra casa sem fazer nada, aí diz que só tem duas que dá atenção a ela, que vai lá, auxilia, mas os outros... os outros são os primeiros a tê assim raiva de ter ela na sala. Não dão atenção e ainda se vê alguém destratar e discriminar eu acho que eles se sentem bem com isso porque é uma situação também que eles não gosta. Então isso parte muitas vezes dos professores, porque você dentro da sala de aula você percebe, mas quando você não liga ou concorda com aquilo aí deixa.

É na escola também que se manifestam situações de preconceito, atribuídos por Lucia à xenofobia, contra os demais filhos, com o apoio, algumas vezes, dos próprios professores:

**Algum deles costuma reclamar de ir para escola? Ou quando ia?**

A mais velha reclamava assim da questão do ambiente né que ela sentiu que quando chegou aqui, ela era muito excluída assim, trabalho não chamavam ela, ela sempre faz só, e eles tem assim aquela rejeição por conta mesmo de ser de outro estado, infelizmente tem isso. Aí então essa quarentena estudando em casa ela está achando ótimo, tá achando maravilhoso porque não tem isso né que.. é uma situação assim bem constrangedora pra qualquer pessoa. Imagina você tá num lugar, você tem que conviver ali com aquelas pessoas, mas ninguém aceita, mas por quê? Você é uma pessoa... você trata mal os outros...? Não, o simples fato de ser de outro estado, então é uma coisa assim tão mesquinha, mas que infelizmente hoje em dia tá se tornando a coisa mais natural do mundo, porque você reclamar disso você acaba se tornando uma pessoa inconveniente, e desagradável.

eu fico besta de ver como é que um professor passa um trabalho pra ser feito em grupo, eles tão vendo que tão excluindo, que tão discriminando uma aluna porque, porque não, porque não se passa pela cabeça deles de se perguntar “mas por que que excluíram a Maitê? Por que que não deixaram ela fazer parte de nenhum grupo?”. Se tivessem essa curiosidade iam perceber! Iam perceber claramente o porque, mas eles não têm interesse e na verdade, alguns até também tratam do mesmo jeito.

Ele [André] também não tava gostando da escola, porque a professora dele teve um episódio que ela ficou zombando dele junto com a turma. Aí eu ia na escola falar sobre isso, mas aí quando eu cheguei lá eles disseram “olha ninguém vai estudar mais não por causa da pandemia, vai ter que ficar em casa e aguardar”. Aí foi se prolongando né, a pandemia, e já tem um ano, tamo entrando no segundo, mas nessa outra escola ele tá assim gostando, porque essa escola é bem melhorzinha. A professora falta muito, porque ela disse que é do grupo de risco e aí o que ela pode fazer pra faltar ela falta, mas eu vi hoje no grupo que eles já substituíram né, colocaram outra porque, ela pegou licença, aí eles colocaram outra. Mas assim a direção, as pessoas muito acolhedoras né, com relação a deficientes mesmo, elas fazem o que pode. Mas no anterior esses episódios que aconteceu com essa professora eu fiquei passada com aquilo, porque como é que a professora junto com a turma ficar zombando de um aluno?

*[André] É mais, me xingaram de galinha, na escola. Eles me chamaram de galinha. E ficaram rindo dele, a turma inteira.*

*Eu não ri!*

Claro, tavam rindo de você. Ele ficou muito sentido com isso, isso mexeu demais com o emocional dele. Ele ficou se sentindo muito rejeitado e ele tratava a infeliz tão bem, ele levava flores pra ela, queria levar maçã, tratava com maior carinho. Era acostumado lá em Recife né, que a professora tinha um carinho tão grande por ele, ele também era *muito* carinhoso com ela, todo dia ele levava umas florzinhas pra ela e ela gostava! Ela amava isso que ele fazia e ela também era muito carinhosa com ele, aquela professora assim ótima.

*Eu lembro que era em Recife que tinha essa professora.*

Aí aqui ele achou que ia ser do mesmo jeito né, era uma pessoa diferente, mas que ia tê aquele carinho com ele. Ele tinha com ela, mas ela era muito fria com ele. Ela não



gostava dele. Porque assim ele ganhou um tênis né, que uma irmã da congregação deu, aí ficaram zombando, dizendo porque o tênis era velho que não sei o que, a maior zombaria e mangando mesmo dele, na sala de aula na frente dela e ela não fez nada e ele, “mãe, mas meu tênis é novo, é bonzinho, nem tá furado, nem nada e ficaram zombando de mim lá na sala”, eu disse “Na sala? A professora vendo?” ele disse “foi, e ela também ficou rindo”. Aí esse episódio que aí quando veio a pandemia ninguém sentiu falta da escola, só a Giovana né, a Giovana porque a professora dela é um amor.

Há, entretanto, algumas professoras que se empenham em tornar a experiência escolar mais agradável:

ela [a professora] formou um grupo de WhatsApp, porque o WhatsApp é mais acessível né, porque tinha umas crianças que tava sem internet e ficou dando aula pelo WhatsApp, ela conversava, mandava beijo, falava com ela: “tô com saudade de você viu Giovana”, e ela ficou acompanhando as tarefa pelo whatsapp. Então ela tinha esse contato assim com ela né, pelo whatsapp. E esse ano assim durante um mês, uma semana, aí nos outros dias acompanha em casa, aí tá assim

Mas já tem outras [professoras] que até gosta dela [Maitê], quando eu consegui colocar internet né, eu consegui comprar aparelho e colocar internet ela começou a estudar, estudava dia e noite. A professora deu os parabéns a ela, disse que tinha orgulho dela que era uma menina muito esforçada, que ela tava conseguindo apesar dela tá atrasada, mas ela tava assim conseguindo fazer as tarefas anteriores, as que ela postava todos os dias, e que ela tava de parabéns. Ou seja, tem sempre aquelas pessoas do bem né, que não olha pra você por classe nem por estado, nem país que você veio e simplesmente gosta de você do jeito que você é, lhe aceita, lhe respeita, mas infelizmente existe aqueles que procura né alguma coisinha pra discriminar. E quando acha cai de pau em cima né, e se sentem no direito de fazer isso, porque afinal de contas tão na zona de conforto deles né e a gente é que assim, tipo, os intrusos. E aí a gente tem que ver essas coisas infelizmente e deixar pra lá, porque quando a gente reclama se torna chata, se torna inconveniente, e aí... A pessoa vai aguentando né.

Essas situações de *bullying* experienciados pelos filhos têm grandes consequências em seus desenvolvimentos socioemocionais, tendo impactado cada um deles de maneiras diferentes – mas igualmente preocupantes:

#### **A gente parou na pergunta do que deixa eles tristes.**

Esses episódios né que aconteceram assim da chegar aqui eles se sentem essa rejeição na escola, isso deixou eles muito, muito tristes mesmo, principalmente a mais velha né, ela reclama, aí eu converso com ela né, que acontece. Lá em Recife também foi assim, só que um pouco menos, tinha umas meninas que gostava dela [Maitê] e tal, mas aqui assim é geral, ninguém se aproxima dela e nem fala nada.

#### **Os outros também enfrentam isso, você diria?**

Giovana, porque ela é na dela entendeu, ela não faz questão de fazer amizade, ela até prefere porque ela não gosta que ninguém perceba assim o problema dela, e aí ela prefere ficar calada, ficar só mesmo. Aí então ela já faz isso aí ninguém, ela não se aproxima de ninguém aí também ninguém se aproxima dela, aí tá tudo certo. Ela prefere assim. E ele também sofreu né, ele foi quem mais sentiu, porque ele achava que ela não ia agir dessa forma, mas partiu da professora, foi uma coisa que eu fiquei muito chateada, porque ela como professora que deveria falar né para que os colegas não zombassem dele, porque o tênis não era novo, pra que os colegas não ficassem zoando com ele, assim, por ser lá o que né que de repente começaram a chamar ele de galinha e a turma inteira junto com ela rindo dele, aí isso mexeu muito com ele, até

quando ele fala da escola ele chorava, esse ano que ele esqueceu mais, ele viu que era outra escola, outra turma, aí ele deixou para lá, mas no começo...

#### 4. Caso 4: Bruna

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência observado quanto a seu único filho com menos de 18 anos. A partir dela é possível observar não haver a ocorrência de qualquer tipo de negligência.

Tabela 1 – Níveis de negligência percebidos

Filho	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Gael	10	0	0	0	0	0	0

##### 4.1 Descrição Inicial

Bruna (38 anos) é mãe de dois filhos: Luciana (19) e Gael (10), ambos frutos de diferentes relacionamentos. Luciana é fruto de um breve relacionamento com um rapaz que, posteriormente, Bruna descobriu envolver-se com drogas. O pai rejeitou a gravidez de Luciana, e com ele e sua família, a filha nunca teve contato:

Eu tive muito trabalho com ele. Porque foi um namoro, foi um namoro recente né, aí depois assim, eu não sabia.. a gente naquela época eu acho que eu era muito boba, eu era muito ingênua. Depois eu fui descobrir que ele mexia com droga.... Então praticamente assim, eu criei minha filha sozinha, eu, ca minha mãe, o com o padrasto, porque eu não quis saber dele, porque eu descobri que ele mexia com droga, ele queria que eu abortasse, que eu tirasse ela, entendeu? Então assim, questão dele não foi fácil, não foi fácil, foi muito conturbado, *com* ele.

Então ela não conhece o pai, a família dele veio uma vez atrás, mas ela já tava com cinco aninhos, eu falei que não, que não era, que eu não queria, que agora que ela tava grande, não queria. Minha filha sabe de toda a história, ela não tem vontade também de conhecer, nem um pouco, não se revoltou com isso, porque ela teve um amor assim do meu padrasto, o meu padrasto é *louco* por ela.

O padrasto de Bruna, inclusive, adotou legalmente Luciana quando ela tinha 6 anos de idade, o que é pouco usual:

O sonho do meu padrasto era ter uma menina, então ele nunca teve, então ele adotou a *minha* filha como filha. Pra você ter noção a minha filha chama meu padrasto de pai e na certidão de *nascimento* dela tá o meu nome e o nome do meu padrasto. Teve até que passar por um processo sabe, com juiz, porque meu padrasto fazia questão de por o nome dela. Porque quando eu registrei ela, eu registrei só no meu nome, isso eu acho

que doeu  *muito* no meu padrasto. Ele falava assim; “Bruna, quando ela entender e ela ver lá na certidão só um nome, vai doer pra ela, vai ser constrangedor, você permite eu colocar no meu nome também?”, aí eu “permito”, aí a gente entrou com um processo, passou por psicólogo, passou pela assistente social, aí o juiz autorizou, naonde fez uma  *outra* certidão, aí colocou o nome dele também.

Gael é fruto do relacionamento com Mario, com quem foi casada, e com quem Gael mantém contato. Está atualmente em um relacionamento com Daniel (42), padrasto de ambos os filhos.

Residem em um apartamento alugado de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com a qual diz sentir-se muito satisfeita. Quanto ao bairro, relata sentir-se também muito satisfeita, no qual relata ter acesso a todos os serviços de que necessita e que descreve como não sendo perigoso. Na vizinhança, relata poder contar com apoio quando necessário:

***Já aconteceu alguma vez de você precisar e te ajudar?***

Não assim, eu e minha vizinha aqui no meu andar aqui, até no bloco a gente tem um grupo então por exemplo, até se fosse alguma coisa, faltou um pouco de arroz, ela pede pra mim, ou eu preciso sair eu falo “óh, Gael vai ficar uns cinco minutinhos, você fica com o Gael pra mim?”. Desse jeito assim, não coisa assim de extrema, assim, não. Coisa boba, básica.

***Mas que é importante...***

É. “Óh, tô tentando ligar na minha casa, minha filha não tá atendendo o celular, tem como você vê pra mim se ela tá lá, tá tudo bem?” ela vem, aperta, essas coisa assim, entendeu?

A renda mensal da família é formada por seu salário como vendedora de roupas infantis autônoma e pelo salário de Daniel (cujo emprego não foi informado) no valor total entre três a quatro salários mínimos (de 3.300,00 a 4.400,00 reais), o equivalente a um máximo de 1.100,00 reais  *per capita*. Não recebe auxílios sociais, apenas a pensão referente a Gael.

Quanto a escolaridade, Bruna não concluiu o ensino superior. Luciana cursa o segundo ano de engenharia e Gael o 5º ano do ensino fundamental. Daniel também não concluiu o ensino superior.

De acordo com ela, foi notificada ao Conselho Tutelar pelo ex-marido com o objetivo de assumir a guarda de Daniel para que não necessite mais pagar a pensão:

Olha, ele já entrou, em processo, uma, aí ele cancelou, aí ele entrou de novo, agora não sei se ele cancelou como é que tá, entendeu? O que é uma briga que ele tá tendo comigo assim... mas já tá meio quieto, já tô achando até estranho, mas é questão de... com a minha pessoa, entendeu? Não tem nada a ver os cuidados do meu filho.

***Você sabe porque que ele foi notificar?***

Porque me notificou? Por causa de pensão, porque ele não quer pagar pensão, aí ele coloca um monte de coisa, que eu bebo, que eu não cuido do meu filho, entendeu? Aí ele faz um monte de historinha no processo. Pra você ter noção é desde 2015 isso.

#### 4.2 Apoio social

A Tabela 2 descreve os níveis percebidos de apoio social. A partir dela, é possível perceber um alto nível de apoio recebido em todas as áreas avaliadas.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	20	Alto
Emocional/Informação	40	Alto
Afetivo	15	Alto
Interação Social Positiva	20	Alto

Em termos de apoio material, além do trecho apresentado anteriormente quanto ao apoio recebido da vizinha quanto à supervisão de Gael, ela conta também com certo apoio da ex-mulher de seu atual marido, com quem diz ter uma boa relação:

***O filho do seu marido, a guarda é da mãe?***

É, a guarda da mãe, só que tá quase todo dia aqui, que a mãe dele mora a 5 quarteirões daqui. Os dois tá na mesma escola, estudam na mesma escola... Às vezes eu que busco ele, deixo ele [enteado] lá. Eu e a mãe dele tem uma convivência muito boa, pra você ter noção o material - que o Davi tá no sexto e o Gael tá no quinto [ano] - então como é a mesma escola, a mãe dele transferiu todos os livros dele pra mim, pro Gael usar esse ano. Então a nossa convivência é super tranquila.

#### 4.3 Vinculação familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de coesão na família. A partir dele, é possível notar o mais alto nível de vinculação e uma dinâmica mais saudável entre proximidade e distanciamento entre os membros da família (dado o nível muito conectado de coesão,  $p = 85$ , e baixo nível nas escalas de coesão desequilibradas), além de um nível muito alto de satisfação com a família de modo geral e sua capacidade de comunicação.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	85	Muito conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	12	Muito baixo
Emaranhada	20	Muito baixo
Satisfação familiar		
Comunicação	97	Muito alto
Satisfação	94	Muito alto

Um trecho bastante relevante de seu relato, que indica um nível saudável de segurança de Gael em relação ao vínculo familiar, descreve seu maior conforto em pedir, por exemplo, à mãe e ao padrasto, coisas que são de seu interesse:

Eu prefiro ver o meu filho quase todo final de semana com pai e ele começar a sentir essa segurança, ele indo todo final de semana e eu ficar sem ele, porque eu já fico a semana toda, porque eu sou mãe, eu sei o amor que eu tenho comigo, que é diferente, se for pra ele brigar comigo ele briga, é diferente. Por exemplo, se ele quer um tênis ele não pede pro pai dele, ele pede para mim ou pro meu marido, porque ele vê meu marido como pai, entendeu? Chega “ô tio me dá um tênis, compra cartinha pra mim, tio tem um jogo”, essa afinidade que ele tem com o meu marido ele não consegue ter tanto com o pai (...)

Além disso, em relação a atividades realizadas em conjunto, como indicado pela própria Tabela X, estas parecem ser agradáveis e frequentes, tanto de Bruna com Gael, quanto de Daniel com Gael:

**E vocês [Bruna e Gael] costumam fazer alguma coisa juntos?**

Sim, nós vai pra parque, nós vai pra shopping... Vai, a gente vai muito pra casa de amigos, entendeu? Que tem criança... A gente vai na igreja de sexta e domingo... Então assim, a gente, a vida social dele, ele tem uma vida social bem, bem tranquila, bem agitada, que às vezes a gente tem um terreno ali em Cravinhos né, uma chácara, a gente vai pra lá também. Então lá tem lago, tem mato, então eles vão pescar, ele - que meu marido tem um filho, da mesma idade - então eles vão pescar, vão caçar, então fica por lá.

#### 4.4 Descrição comportamental dos filhos

A partir da Tabela 4, que apresenta os dados referentes à percepção de problemas de comportamento de Gael, é possível perceber que, na visão de Bruna, Gael não apresenta problemas de comportamento, apenas um nível muito baixo (mas quase clínico) de problemas do tipo internalizantes ( $t = 60$ ).

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Gael

		Gael
		<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	63
	Social	57
	Escolar	33
	Total	56
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	59
	Retraído/Depressivo	58
	Queixas somáticas	57
	Total	60*
Escala externalizante	Quebra de regras	50
	Comportamento agressivo	52
	Total	48
Outros	Problemas Sociais	51
	Problemas de pensamento	51
	Problemas de atenção	50
Problemas totais	Problemas Totais	49

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

De fato, em relação aos filhos, Bruna afirma não haver dificuldades quanto a sua educação:

Os dois é benção, eles são muito bonzinhos, nossa!

***Não te desobedecem...***

Nada! A vida da minha filha é igreja, faculdade, namorado. Gael a mesma coisa. Eles não me dão trabalho. Minha filha não é de balada, ela nunca foi pra balada, se sai vai é shopping, cinema e volta pra casa.

E condizente com o nível quase clínico quanto a problemas internalizantes, apresentado na Tabela 4, Bruna descreve Gael como uma criança mais “reservada”:

O Gael é uma criança muito... reservado. E ele é muito sistemático.

Além disso, sua atitude mais “reservada” se mostra também na relação com o pai, a ser apresentada a seguir nas categorias temáticas.

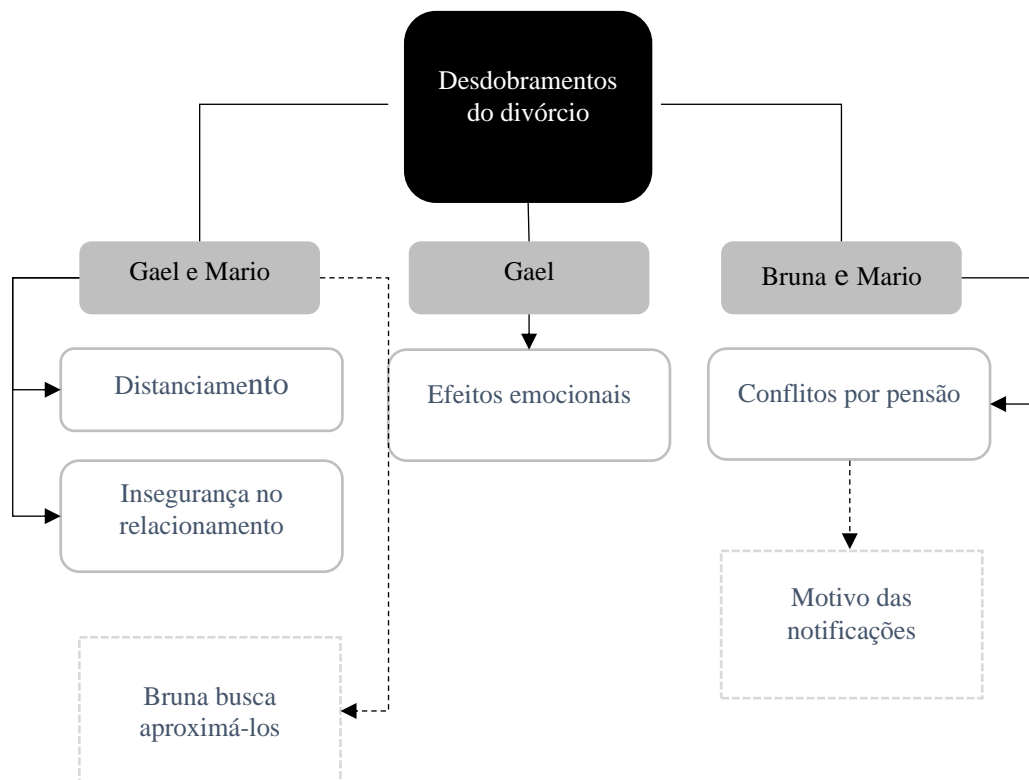
#### *4.5 Temas*

Em sua fala, uma importante categoria temática presente refere-se aos desdobramentos do divórcio nas relações entre ela e o ex-marido e entre o ex-marido e o filho. Além dela, uma segunda categoria de extrema relevância, que se interliga em partes à categoria anterior, diz respeito à sua busca em aproximar o filho de seu irmão, fruto do relacionamento do pai com a nova esposa.

##### *4.5.1 Desdobramentos do divórcio*

A Figura 1 apresenta uma síntese dos desdobramentos do divórcio na vida de Gael e Bruna.

Figura 1 – Descobramentos do divórcio



Quanto à relação entre Gael e Mario, apesar do término do relacionamento conturbado, o que se torna mais marcante nas falas de Bruna acerca de sua relação com o ex-marido está, principalmente, na busca dela por aproximar pai e filho, partindo de um distanciamento e uma insegurança em relação ao vínculo por parte de Gael desde o momento da separação:

Só que assim, a escola acompanhou né, que ele desde pequenininho, então eu passei pra escola, então assim, acaba acompanhado né. Aí eu me separei, o pai dele ia buscar ele, aí... ele ia pro pai, aí quando não era o pai dele, era eu, ele não queria ir comigo, porque ele queria ficar com o pai, sabe, aquela coisa? Que ele tinha medo que o pai abandonasse ele... Então quando eu ia buscar ele, ele agarrava no portão da escola “eu não quero ir com você, eu quero ir com o meu pai, que meu pai vai me abandonar”, então foi assim.

#### **E atualmente com que frequência ele vê o pai dele?**

Ele tem que ver de 15 em 15 dias. Só que eu, porque hoje ele ganhou um irmãozinho, então eu sinto lá no fundo que ele tem medo de tipo assim, do meu pai gosta mais do meu irmãozinho e não gostar de mim. Então eu fico assim: “Gael, liga para o teu pai, fala que você quer dormir lá”. Porque o Gael, ele tem um pouco de receio do pai, eu não sei o que acontece com Gael com o pai. Ele tem medo de falar alguma coisa e magoar o pai.

Aí eu fico “Gael, liga pro seu pai, fala que você quer dormir lá e você pode dormir lá esse final de semana”, então eu Bruna, não permito que ele fique em 15 em 15. Eu prefiro ver o meu filho quase todo final de semana com pai e ele começar a sentir essa segurança, ele indo todo final de semana e eu ficar sem ele, porque eu já fico a semana



toda, porque eu sou mãe, eu sei o amor que eu tenho comigo, que é diferente, se for pra ele brigar comigo ele briga, é diferente.

Então eu que fico sabe, “não, vai pedir pro seu pai filho [as coisas que quer], não tenho dinheiro não!” então pra quê? Pra ver se eu consigo quebrar esse bloqueio dele. Então assim, eu mandando ele fazendo e ele pegando o celular dele e conversando com o pai dele, eu tô percebendo que ele tá melhorando até essa insegurança dele com o pai entendeu? Igual, domingo agora não era pra ele ter ficado com pai dele, eu falei: “filho liga pro teu pai que segunda-feira é feriado, pergunta vê se você pode dormir lá”, aí ele ligou, o pai dele falou “pode dormir, mas segunda-feira eu te levo hora do almoço”, aí foi, dormiu, entendeu?

Do vazio dele, então assim, eu tento da melhor maneira. Hoje, que eu aprendi, que não foi fácil, mostrar pra ele que é uma coisa normal, entre aspas, entendeu? Que a gente pode passar por isso, o ser humano erra, o ser humano é falho. Eu falo pra ele, “o seu pai errou, mas fazer o que? Que ele seja feliz, porque seu pai sendo feliz com a Tereza, ele vai fazer você feliz”. É isso que eu tento transmitir pra ele.

O divórcio também gerou, especialmente quando recente, algumas dificuldades a Gael, que se refletiram no contexto escolar:

#### **Você já foi chamada na escola?**

Bom, no início quando eu me separei, eu fui chamada porque ele tava, sem foco sabe, tava no início pra ele dar separação, foi muito difícil. Então ele não focava, ele não aprendia nada, aí... a professora achava que ele tinha até Déficit de Atenção entendeu, porque ele sofreu demais na separação.

Ele tinha cinco aninhos. Então pra ele, a nossa família, o meu casamento era perfeito, não era um casamento que tava passando por algum desgaste, ah separou, houve a traição porque houve um desgaste. Não. Era um casamento per-fei-to. Não tinha briga. Então quando ocorreu a traição pegou todo mundo de surpresa entendeu? Então foi uma coisa assim que ninguém esperava, porque quando você já vem com desgaste até o filho mesmo sendo muito pequenininho, lá no fundo, no fundo, no fundo sabe que tem alguma coisa tá errada. Então pegou eu e ele muito assim.

E ele vendo meu sofrimento, que eu sofri demais, muito, muito, muito, no comecinho. Então assim, então... no início a escola pra ele... ele ia por ir, ele ia por ir. Aí eu era chamada na escola, a escola pedia pra que ele passasse por psicólogo, passou por psicólogo, aí o que aconteceu, a fala dele retardou, ele começou a agir que nem bebezinho, entendeu. Então mexeu muito com ele, então tipo... ele tinha atitude de criança de 2 aninhos, 3 aninhos. Afala dele, criança de dois aninhos. Aí teve que passar por fono, entendeu? Porque mexeu muito com o emocional dele.

Aí depois que eu melhorei também, o meu emocional, passei pra ele segurança também, aí... comecei namorar o meu atual marido, a gente casou, ele mudou de escola, foi pra outros ares, ele fez isso aqui ó. Parece que foi assim do dia para noite, tudo, tudo melhorou, tudo passou, tudo passou.

Quanto à relação de Bruna e Mario, esta é marcada por conflitos, primariamente centradas no pagamento (ou no não pagamento, no caso) da pensão alimentícia, sendo esta a razão primária para que Mario a denuncie ao Conselho Tutelar:

**Ah então *ele* [ex-marido] te denunciou...**

Ele me denunciou, isso. Quando a gente *separou*, a gente separou por qual motivo, ele me traiu com a minha melhor amiga, aí eu peguei os dois, aí eu pedi a separação. É uma história bem longa. E eu e ela, a gente trabalhava juntas. Então mesmo eu pegando os dois junto, eu continuei no mesmo serviço que ela porque eu não pedi conta porque eu tinha que trabalhar. E nisso, nesse período todo, ela infelizmente infernizou  *muito* a minha vida, dentro do serviço, e ele entrou com a guarda, pedindo a guarda. Porque ele não tava pagando pensão naquele momento, então assim, *tudo dá para enxergar*. Porque no processo ele colocou que eu bebia, que eu não cuidava do meu filho, que eu chegava bêbada em casa... aí nós entramos num acordo, porque aí como tava com pensão atrasada, eu entrei com meu advogado pedindo né, aí o meu advogado falou “então Bruna, ele vai correr o risco de ser preso, porque já faz muito tempo que ele não tá pagando pensão”, aí ele foi notificado, aí ele recebeu uma notificação na casa dele dando um prazo, aí ele me chamou no escritório do meu advogado, a gente fez um acordo da pensão. Eu aceitei. Aí nisso, *nesse* acordo, ele tirou esse pedido de guarda, aí depois de  *novo* de um outro tempo, ele entrou *novamente* com um pedido de guarda (risos). Mas tudo isso assim, ele tava sem pagar pensão, entrava com pedido. Entendeu?

**Entendi.**

E agora, há um tempo atrás, eu não sei como é que tá, eu até entrei em contato com advogado um tempo, meu advogado falou “Ah Bruna, como entrou a pandemia tá tudo parado, mas se você quiser como ele tá com uma pensão atrasada, de *janeiro* de 2021, a gente pode fazer um acordo com ele para ele tirar esse pedido, entendeu, e a gente não recorre e ele paga assim, boca pra você, a gente não recorre com processo”. Só que aí veio a pandemia, eu também não, não fui mais atrás, mandei uma mensagem para ele, ele respondeu pra procurar os meus direitos, é assim eu e ele. Aí o que é que eu fiz, eu *nunca* briguei com ele, eu sempre resolvi com..., eu já *tentei* ser amigável com ele, mas com ele não dá, parece que ele inverteu a situação, parece que eu que traí, entendeu? Mas no caso foi ele, aí a minha amiga engravidou. Eu acompanhei toda a gravidez dela, porque a gente trabalhava juntas..., então foi assim menino, foi uma... um desertão que eu passei viu... Então eu percebi que toda vez que ele entrava com pedido de guarda era questão da pensão, que se fosse alguma coisa muito séria, desde 2015? O juiz já tinha tirado meu filho de mim né?

**Entendi. E você acha que ele te denuncia pro Conselho pra ajudar ele a conseguir a guarda, é isso?**

É, ele entra com pedido de guarda, porque se ele ficar com o Gael, ele não tem que pagar pensão pra mim, foi o que eu e o meu advogado analisou, entendeu? Porque se ele fica com o Gael, que ele já fez esse acordo comigo, “porque se eu ficar com a guarda do Gael, eu não pago a pensão pra você”

**Ah entendi.**

Entendeu? Aí eu até falei, “ah então eu tenho que pagar pra você?” Ele falou “não, você não precisa pagar”, então o problema dele é dinheiro.

#### 4.5.2 Busca por aproximar os irmãos

Bruna não busca apenas aproximar Mario de Gael, mas também de aproximar o filho de seu irmão, fruto do relacionamento do pai com a nova parceira:

***E você vê que o Gael tem uma necessidade do pai também ainda...***

Tem, tem. Essa insegurança porque nasceu o irmãozinho. E o Gael me conta que o irmãozinho é apaixonado nele. E eu acho que, mesmo... que é criança, a criança não tem culpa de nada, veio de uma traição? Ok. Mas a criança não tem culpa, é irmão dele, pelo resto da vida, então eu acho que tem que ter essa necessidade de ele ter

contato com o irmão, mesmo sendo tudo que eu passei... tem que ter. Entendeu? Porque a criança não tem culpa.

**Entendi.**

Não tem culpa. Que a gente não sabe o dia de amanhã né. E se esse homem fica doente, essa mulher morre... Essa criança fica aí... Às vezes eu acho eu até boba demais sabe, mas eu penso isso. A gente não sabe o dia de amanhã... E se todo mundo morre? Só fica o Lucas e essa criança? Então o Gael tem que ter amor de irmão nessa criança, entendeu? Então eu tento, sabe? Tentar deixar os dois porque o Gael fala “mamãe quando o meu irmãozinho me deixa aqui, meu irmão chora”. Então eu sinto que até o irmão tem a necessidade, porque eles...

Então eu falo “ah filho, vai lá, tem que trata bem seu irmãozinho, tem que tratar bem a tia Tereza, mas se a tia Tereza fizer alguma coisa você conta pra mamãe! Não precisa nem contar pro papai, conta pra mamãe primeiro que depois eu vou, conto pro papai” Eu tenho medo do pai não acreditar, entendeu? “então conta pra mamãe”. Mas em questão disso... Ela trata ele bem, sabe? Tudo tranquilo.

### 5 Caso 5: Mônica

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência observado quanto a seus filhos. A partir dela é possível observar não haver a ocorrência de qualquer tipo de negligência.

Tabela 1 – Níveis de negligência percebidos

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/ Desenvolvimento
Bruno	7	0	0	0	0	0	0
Felipe	3	0	0	0	0	0	0
Lívia	2	0	0	0	0	0	0

#### 5.1 Descrição Inicial

Mônica (36 anos) é mãe de três filhos: Bruno (7), Felipe (3) e Lívia (2), todos fruto de seu relacionamento com Fábio (39), com quem é casada.

Residem em uma casa cedida pela mãe de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com a qual diz sentir-se parcialmente satisfeita. Quanto ao bairro, relata sentir-se satisfeita, por ter sido o local onde morou desde criança e nele, diz ter acesso aos serviços de que necessita. Apesar de falarem que o bairro é perigoso, ela afirma não ser. no qual relata ter acesso a todos os serviços de que necessita e que descreve como não sendo perigoso. Na vizinhança, relata poder contar com apoio quando necessário:

mas os outros vizinhos que são agora não era [os mesmos de quando ela era criança], né, tem muita gente que mudou agora, mas a gente conversa, brinca. Eu inclusive... eu to sentada assim porque eu fiz uma cirurgia de apêndice, de emergência, em janeiro (risos) então assim, os vizinhos aqui aconteceu até de um dia eu passar mal, o vizinho correr aqui comigo sabe? Então a gente nunca tá desamparado né. É bom.

A renda mensal da família é formada pelo salário de Fábio (cujo emprego não foi informado) no valor total de até dois salários mínimos (2.200,00 reais), o equivalente a um máximo de 440,00 reais *per capita*. Não recebe auxílios sociais.

Quanto a escolaridade, Mônica não concluiu o ensino superior. Bruno cursa o 2º ano do ensino fundamental e seus irmãos, Felipe e Lívia, frequentam a creche. Fábio concluiu o ensino médio.

De acordo com ela foi notificada injustamente pelo sistema de saúde ao levar a filha para consultar acerca de um hematoma percebido por ela. A experiência de ter sido notificada e a abordagem no momento da notificação foram situações por ela consideradas humilhantes:

O que aconteceu foi, é, ano passado, acho que foi em junho ou julho, eu dando banho na minha filha eu percebi um calombo aqui, aí eu saí de casa, fui no posto perto de casa a pediatra não podia atender, que era a pediatra dela né, que ela tava com Covid, a outra pediatra tava atendendo os atendimentos. Que a pediatra falou “mãe leva num atendimento que tem raio x pra eu poder ver” saí daqui, fui lá na Vila Virgínia. Na Vila Virgínia a médica fez o raio x e falou “olha, eu não tô conseguindo ver se é por dentro ou por fora (o hematoma)”. Ai encaminhou ela pro HC, no HC eles demoraram 2 dias pra fazer uma tomografia na minha filha, e constatou que ela teve um trauma, entendeu? e nesse trauma eu não vi, só que eu fui acusada de ter feito alguma coisa com a minha filha.

## 5.2 Apoio Social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Mônica. A partir dela, é possível afirmar que ela percebe altos níveis de apoio social em todas as áreas avaliadas.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	18	Alto
Emocional/Informação	34	Alto
Afetivo	15	Alto
Interação Social Positiva	20	Alto

Quanto à supervisão, ela relata poder contar com a ajuda de familiares, mas esta disponibilidade de apoio não é tão frequente ou fácil de conseguir:

Então. Aí já é mais complicado, pra mim contar com alguém é muito complicado porque minha mãe não consegue né, cuidar, por causa das limitações, aí quando eu preciso fica com essa pessoa que eu te falei que mora do lado do salão, a Sônia, né, quando ela dá para ficar. E às vezes quando a tia do meu marido tá desocupada ela fica com eles alguma coisa pra mim, que eu preciso sair, alguma correria. Entendeu. Aí fica com ela pra mim um pouquinho.

***Mas aí ele acaba não indo, ele fica com ela?***

Então, muito difícil... quando eles tão normal, a escola tá funcionando, é muito difícil eles não irem na escola entendeu... Pra você ver que minha vida virou um 360 que eu não pude trabalhar no ano passado. Fora não. Como que eu ia trabalhar fora com três crianças em casa (risos), não tem quem fica.

Em termos de apoio emocional, seu marido apresentou situações de importante apoio, especialmente quando Mônica descobriu a gravidez de Lívia. Esse histórico de apoio oferecido pode se manter presente atualmente, o que se refletiria nos níveis de apoio descritos na Tabela 2.

**Foi num momento instável [a gravidez de Lívia]?**

Foi porque assim, a Lívia eu não planejei. Eu sempre falei que eu queria ter 3 filhos, desde quando a gente se conheceu e quando eu tive o Felipe eu já não esperava ter outro filho mais, porque falei “ah tá bom os dois né”. E a Lívia foi um susto porque eu engravidei da Lívia eu tava tomando anticoncepcional e eu comecei a tomar o antidepressivo. E eu fui descobrir depois que o antidepressivo que eu tava tomando cortou totalmente o efeito do meu anticoncepcional. Inclusive, que nem por exemplo eu fui descobrir que eu tava grávida da Lívia já de 3 meses, porque todas as minhas gravidez eu sabia que estava grávida depois de um mês. Atrasou para mim, eu já sabia que eu tava grávida, e a Lívia eu não esperava. E... pra mim assim o primeiro baque, nos primeiros dias foi muito difícil. Eu sofri muito, eu chorei durante 48 horas. Não por eu estar grávida, mas pela minha situação financeira, a minha saúde psicológica não tava boa, eu tava no pior momento da depressão e eu estar grávida aí eu fiquei pensando na minha situação de casa, que eu já tava morando aqui, três cômodos e nós dois e duas crianças do mesmo pai. Então já tava difícil. Aí eu fiquei pensando “nonde eu vou colocar mais uma criança?” entendeu? Então foi essa situação. Aí eu fiquei 15 dias eu chorei muito, eu não aceitava que eu tivesse feito aquilo. Aí a única coisa que me deu alívio foi na hora que eu falei para ele (marido) que eu tava grávida e ele falou para mim assim: “não é uma doença grave, é um filho então é benção, Deus sabe o que faz. E não fica desse jeito porque eu sei que não tá bem psicologicamente, mas vai dar tudo certo”.

Em seus piores momentos de depressão ela também pôde contar com uma ampla rede de apoio social, que provavelmente permanece atualmente:

**E nesse momento mais instável você teve mais apoio?**

Quando eu entrei em depressão sim, de muita gente.

**De que forma?**

É. Foi quando minha mãe falou “aí desmonta a casa, vem a morar aqui” sabe? Aí foi muito difícil eu *aceitar*, sabe, desmontar minha casa. E como se tivesse regredido uma situação, sabe? E assim, a tia dele me deu muito apoio, que é essa que eu falei agora

né, a tia dele que tem pólio sabe? É uma pessoa que a gente gosta muito, é uma pessoa que sempre tá com a gente aqui e eu considero assim uma segunda mãe. Então assim, tem pessoas que eu *gosto* demais, mesmo não sendo consanguíneo, mas tá sempre comigo. Como também uma vizinha minha que era do salão lá, que é muito amiga minha, considero uma segunda mãe também, me deu muito apoio assim psicológico, conversa bastante, vim aqui me vê, porque foi muito difícil.

### 5.3 Vinculação Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de vinculação percebidos por Mônica em relação a sua família. A partir dele, é possível notar o mais alto nível de vinculação e uma dinâmica mais saudável entre proximidade e distanciamento entre os membros da família (dado o nível muito conectado de coesão,  $p = 75$ , e nível baixo – desengajada – e muito baixo – emaranhada - nas escalas de coesão desequilibradas).

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas			
	Coesão	75	Muito conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	30	Baixo
	Emaranhada	26	Muito baixo

Dados os seus relatos, é possível inferir que a baixa satisfação familiar deva-se a sua atual situação financeira e de moradia. Algo do qual ela se queixa bastante é a mudança de vida que ocorreu quando ela teve depressão e não conseguiu mais trabalhar. Com isso, a renda familiar diminuiu e eles precisaram mudar-se de casa. Foi nesse contexto também que nasceram os dois filhos mais novos, o que aumentou os níveis de estresse. Inclusive, a mudança de vida ocorridas constituem uma categoria temática que será apresentada posteriormente.

Quanto à vinculação, há um trecho bastante emblemático de como parece ser a relação de Mônica com seus filhos:

*Vocês costumam fazer coisas juntos?*

Sim.

*O quê vocês fazem? (risos)*

(Risos)

*Bruno: Arte!*

(Risos) Arte.

*Bruno: Arte, bagunça, e...*

Assistir filme, a gente coloca as almofada aqui no chão, mamãe faz pipoca. Assistir filme.

***Aí são todos vocês juntos?***

Todos juntos. Desenha no quarto.

***Felipe: Desenha no quaito?***

É uai, cê faz um monte de coisas. Se deixar vocês desenha até a parede.

(Bruno e Felipe começam a falar ao mesmo tempo)s

(Falando com Lívia) Não é história filha..., ela tá achando que é história. É vacina, você quer tomar injeção? Não? (risos)

(todas as crianças começam a falar ao mesmo tempo)

Especialmente em relação a Felipe, por conta de sua própria personalidade, parece haver maior proximidade e demonstrações de afeto, sendo ele descrito como o mais carinhoso dentre os filhos – característica que Mônica atribui ao contexto da gravidez:

O Felipe ele sempre foi muito chorão, desde neném, ele chora bastante, eu não sei, mas assim eu sinto ele muito sentimental. Ele chora bastante. Tudo ele chora, se você fala para ele “não Felipe, não sei o que” ele (imita o choro do Felipe). Aí cê vem bater ele (imita o choro do Felipe). Tá chorando. Ele chora, chora bastante. E ele é muito carinhoso. O Felipe é muito carinhoso.

**O que você faz nessas situações que ele chora muito e tal?**

Ah eu converso com ele, ele gosta de abraçar, ele gosta de beijar. Então eu não sei, assim, às vezes o pessoal fala que foi por causa que no momento da gravidez eu fiquei muito... eu fiquei muito preocupada, chorei bastante né. Então não sei se teve alguma ligação psicológica em questão disso sabe, mas ele sempre foi muito chorão. Desde quando ele nasceu, até no hospital, o pessoal, os médico falava “a lá, mãe foi tomar banho, dá uma olhada” (risos) eu ia tomar banho ele começava chorar, aí eu saia do banho ele começava.... Eu não sei mas ele sempre foi assim

#### *5.4 Descrição comportamental dos filhos*

A Tabela 4 apresenta os problemas de comportamentos percebidos em relação a Bruno, e a Tabela 5 os problemas de comportamento percebidos em relação a Felipe e Lívia. Os dados foram separados em duas tabelas porque, por conta da idade de cada criança, as áreas avaliadas por cada instrumento são diferentes. A partir delas, é possível notar haver apenas problemas de comportamento em nível clínico em Bruno quanto à problemas de comportamento internalizantes ( $t = 65$ ) de caráter principalmente ansioso/depressivo ( $t = 66$ ), o que condiz com a descrição de Mônica em relação a ele, como sendo ansioso e quieto, sendo ele o filho mais cauteloso em comparação aos irmãos:

**Você acha que ele [Bruno] tem alguma dificuldade na escola?**

Não eu acho assim que ele... eu acho que por ele ser muito ansioso, ele fica esperando vim logo muita informação entendeu, ele gosta de negócio rápido às vezes até as professoras falava assim “calma Bruno, a professora já deu esse ditado” ele ficava

“vamos lá professora mais, vamos mais, não sei o que”, então por ele gostar mais de matemática, ele gosta mais dos exercícios de matemática... “Ai essa daí? Não essa eu já sei fazer”.

**Ele costuma reclamar de ir para escola ou quando ia ele reclamava?**

Não. É que quando ele entrou ano passado, ele saiu no Virgílio Salata ele não gostou. Aí eu consegui a transferência pra ele pro Cajado, aí ele ficou 15 dias e aí parou. Mas aí ele já tava gostando da outra escola, que ele falou assim, por ele querer muito aprender ele falou assim que não fazia nada lá, o dia inteiro. Ele ficou um mês sem escrever uma linha. Aí ele ficava... eu via que ele tava muito ansioso, ele falava assim: “mãe eu não vô aprende nada, se eu não escrever” .

já o Bruno ele é muito mais observador, o Bruno observa muitas coisas antes de fazer, ele tem mais receio de fazer coisa errada sabe? O Felipe não, o Felipe não tem isso, se falar para ele pula daí, ele pula.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Bruno

Escalas	Itens	Bruno <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	38
	Social	57
	Escolar	53
	Total	50
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	66*
	Retraído/Depressivo	58
	Queixas somáticas	61
	Total	65**
Escala externalizante	Quebra de regras	53
	Comportamento agressivo	55
	Total	54
Outros	Problemas Sociais	53
	Problemas de pensamento	61
	Problemas de atenção	52
Problemas totais	Problemas Totais	56

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Em relação aos filhos mais novos, não foram observados qualquer problema de comportamento, como descrito na Tabela 5.



Tabela 5 – Problemas de comportamento percebidos: Felipe e Livia

Escala	Itens	Felipe	Livia
		<i>t</i>	<i>t</i>
Internalizante	Emocionalmente reativo	55	55
	Ansioso/Depressivo	52	56
	Queixas somáticas	50	50
	Retraído	50	50
	Total	47	49
Externalizante	Problemas de atenção	53	57
	Comportamento agressivo	50	62
	Total	47	61
Outros problemas	Problemas para dormir	62	51
Problemas totais	Total	50	56

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Condizente também com os dados apresentados na Tabela 5, Felipe é descrito como uma criança não agressiva:

Ele não é aquele assim por exemplo, se, se ela bate nele por exemplo, *ela* bate nele, ele não é de revidar, ele não é. Aí ele chora “mãe, ela jogou não sei o que, mãe, ela bateu em mim”, sabe? Ele não revida.

Já em relação a Livia, atribui seus problemas de comportamento à idade, e, condizente com os dados apresentados na Tabela Y, não a níveis clínicos:

***E com a Livia você diria que tem alguma dificuldade?***

É. Ela eu não sei se a fase dos 2 aninhos, mas ela tá no 440. É o dia inteiro

***Ela tem algumas dificuldades pra obedecer você?***

Não, ela entende, mas eu... mas eu observo assim, às vezes, não sei se é a mudança da idade, às vezes ela fica agressiva. Ela brinca, não sei que, aí quer jogar o brinquedo, ela tá querendo morder o irmão, coisas que eu nunca vi, entendeu.

***Você saberia dizer com qual dos seus filhos você sente que tem um pouco mais de dificuldade? Que demanda mais atenção...***

Hoje é a Livia né, porque é a menor.

### 5.5 Temas

A partir de sua fala, emerge duas categorias temáticas principais: sua aparente insatisfação em relação à sua atual situações de moradia e empregatícia, decorrentes de um quadro de depressão que a fez parar de trabalhar, e os impactos da atuação do Conselho Tutelar em seu meio social.

### 5.5.1 Insatisfação com seu atual contexto de vida

Mônica nunca diz explicitamente não gostar de onde mora ou estar infeliz com sua condição de vida atual. Entretanto, muitas vezes ao longo de seu relato ela cita o antigo bairro em que morava e sua antiga condição financeira, o que indica certo saudosismo em relação àquela época. Além disso, a mudança de vida causada pela diminuição da condição financeira familiar, considerada por ela quase como um retrocesso, parecem impactá-la:

#### **E seu segundo filho assim como que foi sua gravidez?**

O Felipe foi planejado também tá, e... o Felipe até, até a gravidez do Felipe, até os 6 meses foi de um jeito e depois dos 6 meses aí eu fiquei *muito* preocupada que foi quando eu, é... perdi o salão e foi na hora que eu tive que tirar de lá e trazer para cá e saber como que ia ficar, que ia continuar do jeito que tava, aí eu tive o Felipe bem, né, o Felipe nasceu tudo certinho, aí voltei a trabalhar tava super bem aí quando foi dezembro pra janeiro do outro ano aí eu comecei a dar sinais de depressão e o médico psiquiátrico falou que não foi por conta da gravidez nem depois da gravidez. Ele disse que minha depressão foi por *stress* contínuo. Foi muita coisa que eu guardava desde pequena, sabe? Muita responsabilidade... E depois que eu perdi o salão aí eu me desestabilizei muito e eu não consegui lidar com essa situação. Aí *quando* foi dezembro daquele ano eu tive um problema sério financeiro, porque eu tinha comprado muita coisa, que é o que eu trabalhava muito, e de repente dezembro eu não trabalhei o que precisava e Janeiro não tinha dinheiro pra pagar os meus cartões, aí foi quando desencadeou essa depressão, e foi uns oito meses. Entendeu?

Na gravidez do Felipe eu não tive [apoio], que nem eu te falei, na gravidez do Felipe, como aconteceu de eu perder o salão no momento que faltava três meses pra ele nascer, foi muito difícil para mim. E aí depois que ele nasceu que o salão tava montado aqui, eu entrei em desespero por causa da situação financeira, porque eu tinha uma renda, comprei tantas coisa que eu sempre comprava pra passar o final do ano, e eu não trabalhei o suficiente pra arcar com essas contas e foi naonde que desencadeou essa preocupação, essa depressão.

Aqui que nem eu te falei, como eu morei aqui [no bairro atual] desde criança, aonde eu morava no PLÍvialto eu gostava muito, que nem eu te falei, gostava muito da casa, porque eu fiquei ali cinco anos e meio, onde eu morava. E gostava muito.

#### **Por que você me diria parcialmente satisfeita [com a moradia]?**

Porque assim né a minha vida a dois anos e meio atrás deu uma virada de 360 graus, eu tive uma depressão muito forte né, e com essa depressão eu quase morri, e aí eu não consegui exercer minha função como cabeleireira, aí acabei fechando meu comércio. Aí a gente devolveu a casa que eu morava, que eu morava numa casa de aluguel no PLÍvialto verde que eu gostava muito. E como a minha renda deu essa caída muito grande, aí a gente resolveu vir morar aqui. Aonde, dois anos e meio tinha montado meu salão aqui nesses 3 cômodos aqui, primeiro. Tinha reformado, tudo bonitinho. Aí quando eu me vi doente eu resolvi parar porque eu não tinha condições mesmo psicológicas, e aí meu marido falou “eu não vou ter condições de manter uma casa naonde a gente morava”, que era no PLÍvialto verde. E aí meu marido devolveu a casa, e a gente falou “ô desmonta o salão, a gente vai morar lá”. Então eu morava numa casa que era 6 cômodos, tinha tudo muito bem separado, muito organizado, uma estrutura muito boa, e a gente sempre viveu assim... a nossa individualidade, nosso, como que fala?

**Nosso espaço...**

Isso! Entendeu? E aí a gente acabou vindo pra cá aí a gente perdeu essa *liberdade* total de ficar a vontade dentro de casa, de um quintal, de você sair no seu quintal da roupa que você tiver, entendeu? Então a gente perdeu essa liberdade total. E aí a gente veio morar aqui. A gente ficou um ano, todos (riso) dormindo no mesmo quarto que aí só tinha esse quarto, aí tinha eu, meu marido, o Felipe - que era pequenininho na época - e o Bruno já tinha 4 pra 5 anos. E aí de repente, da minha, no meio da minha depressão eu descobro que to grávida da Livia (risos), então assim, foi um turbilhão de acontecimentos sabe?, vida profissional virou um 360, a minha renda que eu tinha uma renda de 3, 4 mil reais por mês eu não tinha mais, e aí eu me senti muito mal, porque eu acabei parando tudo o que eu amo pra fazer, pra como se tivesse regredindo, sabe?

E eu acho que a gravidez da Livia veio pra falar assim “não, vamo dá uma levantada e...” foi o que realmente me tirou da, daquela situação de que a gente não... de que...

**Daquele desamparo.**

É, daquela situação. Porque, como eu te falei eu sou microempreendedora individual, eu tinha direito a receber um benefício por depressão, não consegui, me senti humilhada, 4 vezes que fui lá passar por perícia, e eu me sentia cada vez mais humilhada. Então eu desisti, falei “não, se deus me deu um filho agora é porque ele sabe do propósito dele” e, eu dei um, levantei a cabeça, falei “qué sabê?” aí peguei um material, as coisas do meu salão, tava tudo guardado lá no fundo, na casa do fundo, tava tudo desativado, aí eu falei pro meu marido “não, traz pra frente, eu vou atender, conforme for, e as cliente minha que tiver que vim, vão vim” e assim foi. Entendeu? (risos), e assim foi 2019 que eu tava grávida dela, né, e aí foi. 2018 aí 2019 ela nasceu, e aí eu continuei.

### 5.5.2 Impactos da atuação do Conselho Tutelar

Todo o contexto acerca de sua notificação ao Conselho Tutelar foi para Mônica uma situação traumática. Desde a abordagem no serviço de saúde – responsável pela notificação – até a atuação posterior do Conselho Tutelar que gerou a ela situações consideradas de humilhação dentro de seu círculo social:

E foi naonde que, pra *mim* foi a *pior* ocasião da minha vida [o dia em que foi notificada], eu me senti a pior pessoa do mundo, porque eu saí da minha casa pra socorrer minha filha, fiquei dois dias, saí do hospital na sexta fui levar minha filha na terça - naquele dia - chamaram a polícia pra mim lá no hospital, fizeram boletim de ocorrência dentro do um quarto com 5 pessoas que nunca vi na minha vida, mães e crianças, que eu nunca vi na minha vida, e deu a entender que eu tivesse feito alguma coisa com a minha filha. Sem eu saber de nada. E depois na sexta-feira eu saí, e depois desse momento, dessa sexta-feira que eu saí, eu passei por 2 meses de perturbação porque foi: conselho tutelar na porta de casa, enfermeira do posto vim aqui na minha casa.

E aconteceu tudo que não deveria acontecer, entendeu? E aí entraram [o conselho tutelar] em contato com a escola da minha filha, eu fiquei muito chateada. E até a escola ficou surpresa porque eu faço parte do conselho de pais da [ONG], da [ONG] aqui naonde a Livia e o Felipe participa. Eu fiquei muito chateada porque elas me entraram em contato, lá da [ONG], né, a diretora e a coordenadora da escola, e queria saber o que que aconteceu, e eu expliquei pra elas né, falei “foi isso que aconteceu” elas falaram “a gente ficou muito surpresa pela maneira que o conselho entrou em contato com a gente, porque a gente conhece você como mãe e *jamaiz* aconteceria isso”. Então assim, eu me senti *julgada*, sem ter dado a oportunidade de expressar o

que tinha acontecido, sendo que eu nem sabia o que tinha acontecido com a minha filha. Eu não vi nenhum momento que minha filha caiu, se um deles bateu, se ela bateu em algum móvel, entendeu?, eu não vi. Aí eu me senti julgada, porque, quando foi em março a Lívia puxou o ferro, eu tava passando roupa, e queimou a perna, ela tem uma marca na perna aqui da queimadura do ferro, e eu tava no HC, não focada nisso, se eu quisesse esconder que minha filha tinha queimadura eu tinha colocado calça, e a minha filha tava de body, então quem tivesse que ver, eu não tinha nada a esconder. E eu acho que na hora que o médico viu a cicatriz dela da perna, entendeu uma coisa ligada a outra. E aí foi quando eles chamaram o conselho.

## 6 Caso 6: Cecília

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência presentes quanto a ambos os filhos de Cecília. A partir dela, é possível perceber não haver ocorrência de nenhum tipo de negligência.

Tabela 1 – Níveis de negligência percebidos

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/Desenvolvimento
Rafael	7	0	0	0	0	0	0
Nicolas	4	0	0	0	0	0	0

### 6.1 Descrição inicial

Cecília (32 anos) é mãe de dois filhos: Rafael (7) e Nicolas (4). Rafael é fruto de seu primeiro casamento com Paulo, com quem Rafael parece manter pouco contato. Nicolas é fruto de seu atual casamento com Caique (32).

Residem em um apartamento financiado de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com a qual diz sentir-se satisfeita. Quanto ao bairro, relata ter acesso aos serviços de que necessita e com o qual diz sentir-se parcialmente satisfeita. O vê como um local às vezes perigoso:

Porque tipo assim... A gente não sai daqui, mas quando sai assim, tipo, já ouviu falar que passou uns trombadinha e pegou alguém. É... tipo, no ônibus, alguma coisa com o celular, alguma coisa assim, tipo assim. É lógico que a gente não tem que ficar marcando, mas acontece... (palma) de vez em quando tá em todos os lugares, fazer o quê...

Na vizinhança, relata poder contar com apoio às vezes dos vizinhos.

A renda mensal da família é formada por seu salário como vendedora de produtos eróticos e de Caique (cujo emprego não foi informado) no valor total de até um salário mínimo (1.100,00 reais), o equivalente a um máximo de 275,00 reais *per capita*. Recebe também o auxílio do Bolsa Família.

Quanto a escolaridade, Cecília possui ensino superior completo, assim como o marido Caique. Rafael cursa atualmente o 3º ano do ensino fundamental e Nicolas frequenta a creche.

Quanto a ela, descreve sofrer um pouco de ansiedade, mas para a qual não chegou a procurar atendimento especializado:

Só a Ludimila mesmo tem um pouco de ansiedade, quando quer alguma coisa, ela não dorme, ela fica pensando nas coisas, ela sofre com ansiedade ela mesmo (risos) e aí logo passa também.

Relata ter sofrido violência do atual parceiro uma vez, questão que foi trabalhada e resolvida, de acordo com ela, junto a profissionais e pastores:

tipo assim, foi num período em que tanto eu quanto ele, acho que a gente estava muito distante, assim, de Deus. Distante de tê uma, seja ela a religião que for, buscar uma bênção, sabe? De buscar melhorias, sabe? Então assim, eu e ele tava muito, tanto mais ele muito nervoso, muito irritado, tipo, de brigar, discutir e tal. E aí chegou a, tipo assim, nem foi vias de fato de bater, de agressão e tal. Foi um empurro, um empurrão, que querendo ou não, eu caí assim na cama [Ludimila inclina o tronco e recolhe os braços dentro do espaço disponível para exemplificar]. Mas assim, violência de xingar, de falta de respeito, assim, que aí eu sentei, nós conversamos, tudo. E falei pra ele que se isso não melhorasse, não fosse de forma diferente, passei, eu e ele passou até no acompanhamento de psicólogo também no Núcleo e também com a pastora que hoje nós somos evangélicos e tudo mais. Porém, eu falei pra ele se isso não melhorasse ia cada um seguir sua vida e tomar seu rumo e assim foi e deu tudo certo e hoje tamo de boa.

**É seu atual parceiro ? (Thalita)**

Sim, sim. Mas aí, ficamos um tempo separados, né ? Cada um foi viver sua vida, teve, sabe... todo aquele processo de readaptação pra analisar se era isso que a gente queria. Aí o acompanhamento com psicólogo, quanto de assistente social, quanto de ir na igreja, conversar com os pastores. Aí eu falei pra ele “ou seria da minha forma, que seria bom pros dois, o respeito fosse mútuo, que não tivesse desrespeito nem verbal, muito menos físico, nem nada”, porque se chegasse a ocorrer uma outra vez, não teria outra oportunidade, outro momento, no caso.

**Faz tempo que isso aconteceu ? (Thalita)**

Ah, faz. Ó, o Rafael tá, foi pra oito anos, né? Quer dizer, vai pra oito anos, foi coisa de uns cinco anos atrás, mais ou menos.

Só teve essa questão de quando teve essa desavença, dessa briga, desafeto, que teve a polícia, teve um boletim de ocorrência devido a essa falta de... Mas foi algo muito anos, então...

De acordo com ela foi notificada por ex-marido por este querer a guarda de Rafael. Entretanto, atualmente, a relação entre eles, Rafael e Paulo, parece ser distante.

## 6.2 Apoio Social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Mônica. A partir dela, é possível afirmar que ela percebe altos níveis de apoio social em todas as áreas avaliadas.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Apoio Social		
Material	19	Alto
Emocional/Informação	35	Alto
Afetivo	11	Alto
Interação Social Positiva	18	Alto

Sua família, aparentemente, é uma importante fonte de apoio quanto aos cuidados com os filhos, tanto em termos de supervisão quanto em questões financeiras acerca dos cuidados:

[Quando precisa sair e não pode levar os filhos] Deixo eles, no caso, com meu padrasto, né? Se eu tiver trabalhando. Ou deixa com minha mãe que minha mãe é professora, né. Da prefeitura. então assim, ela trabalha meio período, e com essa pandemia e tudo mais as aulas dela são online então, pela flexibilidade, ela me ajuda, dá esse apoio de ficar.

**Entendi.**

Né... Ou se não tem a tia do Vitor também que fica no apartamento dela no [bairro]. Ou ela vem fica com eles aqui. Então sempre tem...

***Seu marido também que leva e busca ele?***

Sim, no ano retrasado, como eu não tava trabalhando assim... ele levava. E buscava meu padrasto ou eu... aí caso contrário minha mãe colocou dois meses pra, me ajudou, me ajudou a pagar a van.

Porque eu tava desempregada... ela ficou pagando dois meses da van, aí já entrou na pandemia, né. Ai lascou é tudo, não compensou nada.

Quanto à interação social positiva, ela relata amigas com quem realiza atividades em conjunto, que incluem os filhos:

Tenho muitas amigas que tem filhos, então...a gente se reúne, a gente faz piquenique juntos, vai pra parque essas coisas.

### 6.3 Vinculação Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de vinculação percebidos por Cecília em relação a sua família. A partir dele, é possível notar um nível adequado de vinculação e uma dinâmica mais saudável entre proximidade e distanciamento entre os membros da família (dado o nível conectado de coesão,  $p = 61$ , e nível baixo da escala desengajada e emaranhada, nas escalas de coesão desequilibradas).

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	61	Conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	34	Baixo
Emaranhada	36	Baixo

Cecília realiza diversas atividades em conjunto com os filhos:

Lazer, piscina, é... brincadeira, jogos. Aí antes da pandemia eu podia levar num teatro, levava eles num parquinho, levava eles, é.. por exemplo; coisa que eu gosto, de vez em quando ir no clube, fazer essas coisas. Aí, passeio ao ar livre, andar de bicicleta no curupira, é...num parque aberto, essas coisas assim.

A gente joga banco imobiliário, é...dama. Ontem a gente tava jogando o jogo do bombeiro, você jogava o dadinho e girava a roleta e você jogava quantas é.. ai andava quantas casas, quem chegava primeiro e cada missão que o bombeiro tinha que fazer.

É, mas quando eu e o Rafael também, sempre nós três, mas quando eu tô com o... Eu gosto de ver filme junto, assistir série, desenho infantil, é...filme de desenho. A gente faz uma pipoquinha e tá todo mundo junto, aí eu, eu, eu brinco muito com ele assim. A gente vê algum vídeo do youtube pra assistir junto. Então tipo assim eu dou bastante atenção, um pouco pra um, um pouco pro outro. tipo, a gente sai, se vou na igreja eu levo, todos ficam no cultinho infantil. E eu trabalho na igreja, trabalho no ministério infantil, então eu fico no meio deles, tal.

E também tem uma visão bastante positiva deles, elogiando-os diversas vezes ao longo da entrevista:

Ele [Nicolas] é muito amoroso como o Rafael também é. Atenção, né. “a mamãe, faz um bolo?” ai eu gosto de ver como faz o bolo...entendeu? Ele é muito participativo. Assim, o que deixa ele bastante feliz é viver em família, ter ali a família presente. O irmão, os dois, tem muita troca, os dois brinca, os dois se diverte muito. É de criança, é de irmão, tem aquele atritinho, mas que é normal, do cotidiano, mas ele brinca muito, sabe ? Eles se diverte, um é a companhia do outro. É bem...legal.

o Rafael com coração de ouro (...) O Rafael, ele parece que ele não é desse mundo, parece que é um anjo, parece que ele é um ser tão iluminado, tão abençoado, tão divino, que ele sente falta [do pai], ele tem um coração de ouro, um amor tão enorme que ele quer pegar o celular e fazer chamada de vídeo com o pai dele, pra conversar, pra falar.

Além disso, a relação do marido com os filhos, especialmente com o enteado, parece ser bastante agradável:

até hoje cuida e é um super pai. Ele é muito pai presente. Ele dá muito amor, muito carinho, né? Nessa parte eu não posso nem questionar nada. Sabe... do que precisar dele, desde pequeno, pra ajudar trocar uma fralda, pra ajudar dá um banho, pra dar uma papinha, sabe? Lógico que eu amamentando, eu fazendo meu papel, assim, que a mãe é mais responsável no sentido, mas assim... Ele nunca fez diferença, nunca fez diferença assim contra o Rafael. Ele cuida muito do Rafael, como o Rafael fosse dele, só que o Rafael chama ele de titio Caique. E papai Bruno, porque desde o início, o Rafael sabe quem é o pai e sabe, eu nunca privei, eu nunca menti, eu sempre contei a verdade, mas esses dias pra trás ele falou (Rafael) “tio Caique, se eu puder te chamar de papai você...” ain... ai o meu coração vem na boca, derrete e chorou Caique, chorou eu, chorou o Nicolas, choro o Rafael, chorou todo mundo (voz segurando o choro), chorou todo mundo, porque eu falei “meu Deus, minhas oração tudo, tá fazendo sentido. Deus eu sei que tá certo”. Porque Ele faz as coisas certinho. Porque eu falei “gente...” é difícil, ceis acha que é fácil? Só eu passei, é não, é barra...

Cê tá entendendo, e não é fácil... É por exemplo, no Natal, se foi uma lembrancinha pra um, é a lembrancinha pro outro, é da mesma cor, é do mesmo jeito, pra não tê briga, pra não tê coisa.

Na Páscoa, é um ovinho? Mesmo que o ovo seja simples, é um ovinho igualzinho pra um, igualzinho o outro, pra vim a mesma coisinha, pra não ter briga, não ter problema.

#### *6.4 Descrição comportamental dos filhos*

As Tabelas 4 e 5 descrevem os problemas de comportamento percebidos quanto a Rafael e Nicolas. A partir delas é possível perceber que Cecília não identifica qualquer problema de comportameno quanto a Rafael.



Tabela 4 – Descrição comportamental dos filhos: Rafael

Escalas	Itens	Rafael <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	42
	Social	46
	Escolar	40
	Total	41
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	59
	Retraído/Depressivo	58
	Queixas somáticas	53
	Total	58
Escala externalizante	Quebra de regras	51
	Comportamento agressivo	50
	Total	46
Outros	Problemas Sociais	58
	Problemas de pensamento	64
	Problemas de atenção	59
Problemas totais	Problemas Totais	55

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Em relação a Nicolas, os problemas de comportamento estão presentes em nível quase clínico quanto a problemas internalizantes ( $t = 61$ ), especialmente do tipo ansioso/depressivo ( $t = 74$ ), a nível clínico (Tabela 5).

Tabela 5 – Descrição comportamental dos filhos: Nicolas

Escalas	Itens	Nicolas <i>t</i>
Internalizante	Emocionalmente reativo	50
	Ansioso/Depressivo	74**
	Queixas somáticas	58
	Retraído	56
	Total	61*
Externalizante	Problemas de atenção	50
	Comportamento agressivo	53
	Total	52
Outros problemas	Problemas para dormir	52
Problemas totais	Totais	56

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Não há em seu relato, entretanto, trechos que exemplifiquem ou descrevam situações em que Nicolas tenha demonstrado-se ansioso ou retraído, característica primariamente atribuída a Rafael. De modo geral, entretanto, ambos são descritos de maneira positiva:

Mas assim, graças a Deus não dá trabalho, ele [Rafael] é um amor. O Rafael é muito obediente. Educação, precisa cê vê. Os dois, muito, cê vê, ceis viram aí.

*(Thalita) Faz amizade muito fácil [o Nicolas].*

Fácil, comunicativo, extrovertido, vai muito com as pessoas, muito dado.

### 6.5 Temas

Uma categoria temática que emerge de sua fala é sua preocupação em relação à ausência do pai na vida de Rafael e as consequências emocionais que decorrem disso:

***Você tinha comentado, dele estar na questão da guarda da criança, por causa da pensão, depois disso tudo que a guarda ficou com você, ele tem contato com o Rafael?***

Uma vez na vida, outra na morte, porque o Rafael com coração de ouro que ele tem um amor, que eu falo que é um fruto que a, eu costumo dizer assim ó: O plantio, ele é livre, mas a colheita é obrigatória. Aqui você faz, aqui você paga. Aqui você roga alguma coisa que você queira que aconteça; e tudo tem um propósito, às vezes a pessoa só vai colher aquilo que ela plantou. Por mais que ele, que ele tenha a oferecer, é desprezo, indiferença, abandono, esse tipo de coisa. O Rafael, ele parece que ele não é desse mundo, parece que é um anjo, parece que ele é um ser tão iluminado, tão abençoado, tão divino, que ele sente falta, ele tem um coração de ouro, um amor tão enorme que ele quer pegar o celular e fazer chamada de vídeo com o pai dele, pra conversar, pra falar. De forma nenhum, de jeito nenhum eu bloqueio. Eu deixo ele ter contato, deixo ele ligar, deixo ele falar, até mesmo pra ele um dia mais tarde ele entender de livre espontânea vontade, pelas conclusões dele. Eu não induzo ele a nada, eu não falo dele [do ex-marido] de forma alguma. A particularidade dele, eu não falo na frente dele, nada do que eu tô falando aqui. Eu não deixo. Eu sempre prego pra ele uma figura positiva do lado paterno, sabe? Porém, é sempre é ele que tem que procurar, parece que o Bruno, ele vive no mundo de Bob, no mundo iluso...num mundo louco dele lá, nem sei, era desse jeito. Mas eu fico assim, faço a minha parte, que já é muito e tá tudo certo.

só que eu sinto lá dentro do coraçãozinho dele, dentro dele, do jeito dele se, quietinho, acan...Assim, tá assim mais, mais introspectivo, mais tímido. Eu sinto a saudade, a falta... que ele tem, só que o pai não tem nada de bom pra acrescentar, não tem nada... (Thalita) é uma situação complicada.

É um pesadelo minha fia. Ele é uma fa... uma parte da minha vida, na qual, não tem aquele sentido que tem que virar o livro, eu já fiz a opção de rasgar a página, cê entendeu? (palmas).

Eu morro. Eu preciso de tá alí [sons de palma batendo em alguma parte do corpo] pra confortar, pra dar apoio, no sentido tudo. Mas eu sinto naquele sentido assim, o meu coração fica na mão por ser mãe e porque eu pego todo o peso pra mim, a culpa pra mim, porque eu falo “quem começou no erro fui eu”. Se eu não tivesse me envolvido, se eu não tivesse encontrado. Não que eu me arrependa dele, de forma alguma, mas com quem foi, entendeu ?. Então quando eu vejo meu filho assim... eu me culpo, eu me julgo, eu me condeno, eu me, me, me... fico assim, sabe?

Eu quero tirar toda aquela dor dele e pô ela pra mim, tirar dele, porque eu falo ‘meu Deus’. Se fosse diferente, se minhas escolhas tivessem sido diferente, não taria acontecendo isso, mas aonde que eu fico pensando “meu senhor, mas como poderia sabe que ia ser assim”.

***A gente nunca sabe.***

“Como é que eu ia prever, como? Eu não sou Aladim, não tenho lâmpada mágica (esfregar as mãos)”. Diz que pra saber o que a gente passa, a gente tem que viver, então é isso que eu fiz, né? Como a vida não vem com um manual, né?... simplesmente, tá aí pá!

Não, a única coisa que eu sinto no Rafael é essa relacionado à psicologia, dessa parte que eu detalhei e na parte um pouco da fonoaudióloga, por que do Rafael? Relativo ao que...? Não sei, acredito que deva ser características desse, dessa... ausência paterna, desse, desse... né desse, dessa, desse, dessas características aí, desse lado. Tá desenvolvendo nele uma ansiedade. Uma ansiedade num sentido assim. Às vezes ele tá vendo alguma coisa no youtube ou jogando. Eu vejo ele ficar assim no dedo [gesticula: roendo a unha]

## 7 Caso 7: Carla

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência presentes quanto aos quatro filhos de Carla. A partir dela, é possível perceber não haver ocorrência de nenhum tipo de negligência, exceto um nível mínimo de negligência quanto à saúde mental de Gustavo (pontuação 20).

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/ Desenvolvimento
Gustavo	9	0	0	0	0	20	0
Luiza	6	0	0	0	0	0	0
Eloá	3	0	0	0	0	0	0
Vitor	1a7m	0	0	0	0	n.a	0

### 7.1 Descrição inicial

Carla (29 anos) é mãe de quatro filhos: Gustavo (9), Luiza (6), Eloá (3) e Vitor (1 ano e 7 meses). Gustavo e Luiza são frutos de seu relacionamento com Fabricio, com quem foi casada por 4 anos. Eloá e Vitor são fruto de seu atual relacionamento com Mariano (50).

Tanto Gustavo quanto Luiza têm um relacionamento bastante próximo com o pai, mesmo que ele more em uma cidade vizinha:

É, o... é perfeito o contato com ele, com o pai dele. É assim, ele vem aqui. Quando é aniversário dos menino que eu faço aqui ou lá no hotel aí ele vem. Ele vem, a vó dele também vem, o contato com eles é ótimo. Cá família do Fabricio, que é o pai do... Com a vó dele também, ixi! Aí tem vez que ele leva o Gustavo pra lá final de semana, aí ele leva a Luiza também. Aí fica pra lá.

ó, na verdade quem sai pra passear com ele [Gustavo] com a Luiza é o pai dele, né, leva ele pra, é vai pro gorilão [parque de diversões], shopping, comer lanche, essas coisas aí. Distrai eles no fim de semana pra mim.

Carla nasceu em outro Estado e mudou-se para uma cidade vizinha à Ribeirão Preto quando jovem. Mudou-se para Ribeirão Preto aos 17 anos, dois anos após ter sido expulsa de casa pela mãe:

Na verdade assim quando a minha mãe me botou pra fora de casa eu morei pra cá na casa das minha irmã [na cidade vizinha], 15 ano, depois com 17 que eu vim pra cá [Ribeirão Preto], que eu consegui um emprego no hotel que eu trabalho até hoje. Esse hotel na verdade eu comecei a trabalhar nele com 17 ano lá, na recepção. Trabalhei porque era o antigo dono, tinha um dono que era o meu patrão lá e a mulher dele me pegou pra trabalhar e eu tinha 17 ano só. Aí eu fui trabalhei. Aí depois acho que vai fazer seis ano que o Mariano arrendou lá e a gente se conheceu lá no hotel. Entregou o ponto pra ele pra trabaíá né, a gente paga o aluguel. Então é assim.

Residem em uma casa alugada de 5 cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro, com a qual diz sentir-se satisfeita. Quanto ao bairro, relata sentir-se muito satisfeita, mas não tem acesso aos serviços de que necessita, como farmácias ou mercados com preços acessíveis. Não vê o bairro como perigoso. Na vizinhança, relata poder contar com apoio dos vizinhos.

A renda mensal da família é formada pelo salário do casal, advindo do hotel que eles arrendaram e no qual trabalham. Por conta da pandemia, Carla relata que a renda familiar diminuiu devido à menor procura por hospedagens, sendo o valor atual que recebem de até um salário mínimo (1.100,00 reais), o equivalente a um máximo de 183,00 reais *per capita*. Não recebe o auxílio do Bolsa Família ou outras formas de auxílio social.

Quanto à escolaridade, Carla completou o ensino fundamental e Mariano não concluiu o ensino fundamental. Gustavo cursa atualmente o 4º ano do ensino fundamental, Luiza o 1º ano do ensino fundamental, e Eloá e Vitor ficam com ela em casa.

De acordo com ela, foi notificada por sua mãe, por esta querer a guarda de Luiza. Por conta da notificação, Carla foi orientada pela conselheira tutelar a não ir trabalhar mais no hotel:

O que caso a minha mãe só que prejudicar, só, por isso eu não tô indo muito pro hotel, porque a moça [conselheira tutelar] “Não, fica mais em casa com as criança, não fica aqui no hotel não” “aí então, toda vez que a senhora vir a senhora traz uma cesta básica então porque é daqui que eu tiro sustento da minha família, porque a coisa já não tá

boa pra ninguém, aí fica atrasando meu lado?” Eu lá no hotel... Tá tão assim que só entra pernilongo, e olhe lá (risos) Graças a deus que uns pernilongo entra pra chupar o nosso sangue pra gente distrair (risos) porque tá difícil as coisa. A firma que a gente tinha caiu muito, caiu muito. Três, dois só. Fica dois dia e vai embora.

## 7.2 Apoio social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Carla. A partir dela, é possível afirmar que ela percebe altos níveis de apoio social em todas as áreas avaliadas.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	14	Alto
Emocional/Informação	33	Alto
Afetivo	15	Alto
Interação Social Positiva	20	Alto

Suas fontes de apoio social, especialmente relacionada aos cuidados dos filhos constituem-se primariamente em sua ex-sogra e seu marido:

Ela me ajuda também bastante, a minha ex-sogra. Um amor de pessoa! Um amor! Ela é nossa, bem mais velha que a minha mãe fio, que a minha mãe... falar a verdade que ela só cuidou de nós pequena porque depois a vida eu segui a minha pra frente, dos quinze ano em diante. Aí graças a deus não virei tranqueira né. Que tem gente que cai. Ai. Meu marido é bom marido, coitado.

E o que você faz quando precisa sair e não pode levar?  
O meu pai... o meu pai (risos), o meu marido fica com eles. Quando eu vou pra um lugar e eles não pode aí ele fica. Ele olha os menino pra mim.

Além deles, Gustavo também a auxilia em atividades cotidianas:

Ai o meu menino mais velho ele me ajuda muito hein. Eu to aqui assim ele me ajuda bastante. Tanto a olhar os menino pra eu ir lá fazer comida, fazer alguma coisa, ele me ajuda.

## 7.3 Vinculação Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de vinculação percebidos por Carla em relação a sua família. A partir dele, é possível notar um nível adequado de vinculação e uma dinâmica mais saudável entre proximidade e distanciamento entre os membros da família (dado o nível

conectado de coesão,  $p = 65$ , e nível baixo da escala desengajada e moderada na emaranhada, nas escalas de coesão desequilibradas).

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	65	Conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	30	Baixo
Emaranhada	45	Moderado

Quanto às interações sociais entre os membros da família, estas parecem ser bastante agradáveis, e há um bom relacionamento, tanto de Gustavo com os filhos e enteados:

O pai da Luiza é o mesmo pai do Gustavo?

É, o Mariano. Não, o pai da Luiza é os dois, Luiza e o Gustavo. Só que na época, quando eu tava grávida, engravidei da Luiza, eu não falei pra ele [Fabrício]. Fiquei de bico calado. Aí depois quando eu fiquei com o Mariano aí aconteceu esses problema tudo aí [de disputa de guarda com sua mãe] ele registrou ela. Aí ele trata ela igual uma filha mesmo. Aí eu deixei. Aí o Fabrício não entrou em contato comigo ainda, pra passar pro nome dele, aí eu falei “ah, deixa essas coisa de Fórum passar e daí vocês”, que tem que ter advogado, processo também pra ver isso direitinho, teste de DNA, “aí passa pro cê o, o Mariano passa procê”. Porque é só eu. Eu falei pra ele assim, mais ou menos ele sabe assim, ele trata ela igualzinha filha dele mesmo. Que é filha dele mesmo. (risos).

E os menino, nossa eles gostam muito do Mariano assim mesmo sabe? Não é... nossa os menino morre por causa dele.

Quanto de interações entre ela e os filhos ao longo do dia:

E você consegue passar esse tempo com eles brincando

Ah fio eu nado com eles o dia inteirinho. Tá um solão desse eu caio lá na piscina com eles lá e nós brinca. De vez em quando nós joga bola aí ó, é fio tem que se unir.

#### 7.4 Descrição comportamental dos filhos

As Tabelas 4 e 5 descrevem os problemas de comportamento percebidos quanto a Gustavo e Luiza, e Eloá e Vitor. A partir delas é possível perceber que Carla identifica problemas de competência a níveis clínicos quanto a Gustavo ( $t = 34$ ) e Luiza ( $t = 36$ ), sendo os de Gustavo associados principalmente quanto à competência escolar ( $t = 33$ ), além de

problemas quanto a atenção ( $t = 67$ ); e os problemas de competência de Luiza associados a competência social ( $t = 32$ ).

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebido: Gustavo e Luiza

Escala	Itens	Gustavo	Luiza
		<i>t</i>	<i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	40	45
	Social	41	32*
	Escolar	33*	46
	Total	34**	36**
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	51	54
	Retraído/Depressivo	58	52
	Queixas somáticas	50	50
	Total	50	50
Escala externalizante	Quebra de regras	57	50
	Comportamento agressivo	51	50
	Total	51	41
Outros	Problemas Sociais	56	52
	Problemas de pensamento	61	54
	Problemas de atenção	67*	52
Problemas totais	Problemas Totais	54	49

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Quanto a Eloá e Vitor, ela não identifica qualquer problema de comportamento a níveis quase clínicos ou clínicos.

Tabela 5 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Eloá e Vitor

Escala	Itens	Eloá	Vitor
		<i>t</i>	<i>t</i>
Internalizante	Emocionalmente reativo	50	55
	Ansioso/Depressivo	51	63
	Queixas somáticas	50	50
	Retraído	50	50
	Total	37	53
Externalizante	Problemas de atenção	57	51
	Comportamento agressivo	50	51
	Total	44	50
Outros problemas	Problemas para dormir	50	51
Problemas totais	Total	42	55

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Em seu relato, prevalecem descrições acerca dos problemas de aprendizagem e de atenção de Gustavo. De acordo com ela, ele apresenta muitas dificuldades em prestar atenção no que lhe é ensinado, e em reter as informações obtidas, o que pode lhe afetar academicamente:

E o Gustavo tem, ele é, assim, muito desligado, desligado demais com as coisas, tá falando com ele, ele tá viajando assim, aí eu fui atrás pra ver por que, além d'eu tá dando aula pra eles em casa, pros dois, ele tem, eu não sei, ele é muito desligado, ele não tem aquela... igual a Luiza... a Luiza é mais espertinha que ele, aí eu fui atrás do psicólogo, se não... aí tô esperano chamar. Agora vamo ver né

Ele já tem nove ano, você explica hoje, amanhã ele já esqueceu, se você ensina aqui ele não sabe falar, “fala pra mim qual que é o número seis?” aí fica... Gustavo, “a gente estudou ontem”... é isso, a gente ensina hoje, amanhã já esquece, e é a mesma lição que a gente vai fazer. Eu fui na escola pegar as apostilas, mas não adianta, ele não sabe escrever, nem ler direito. Ele sabe ler umas coisinhas, assim, bem pequenininhas assim que eu ensino, ele sabe, tipo assim, se separa as sílabas para ele, aí se põe pra ele lê, ele lê mas assim, sofá, cama... Mas é assim, agora texto não vai, não adianta, ele não sabe nem os numerais direito, “Gustavo o que que cê tava fazendo na escola?”. Nossa, o caderno dele não tinha muita coisa escrita, ele não consegue acompanhar a professora quando passava as coisas, e ela falou pra mim também, ele não consegue, e aqui é a mesma coisa, mas a gente tenta, né? É filho. Aí a gente tenta (risos)

***Você acredita que você tenha alguma dificuldade com o Gustavo?***

Ai eu acho que sim. Porque eu não sei, uma dificuldade assim de ele aprender as coisa sabe? Ele é muito devagar pra pegar. Aí eu sinto que ele tem uma... Aí a avó dele também já falou “Carla, levar ele lá num psicólogo, tem que levar um encaminhamento” porque o Gustavo... E ela tentou ajudar ele lá, sabe? Mas não vai não.

Sua busca por atendimento especializado e a demora em obtê-lo evidenciam uma importante falha do sistema de saúde quanto ao fornecimento adequado de atendimento.

a professora Amanda fez um relatório pra explicar que ele é desse jeito mesmo, que ele não presta atenção, é desligado tudo, mas ainda não chamou [para o atendimento psicológico]. Já faz dois anos. Não chamou ainda.

Gustavo, entretanto, ainda em concordância com os dados obtidos pelo CBCL, não tem dificuldades quanto a interações sociais:

Fora a questão da aprendizagem, na escola, amigos, professores?  
Não, nessa parte ele é bem assim, tranquilo por enquanto. Vai com todo mundo, conversa com todo mundo.



Em relação aos outros filhos, entretanto, não há relatos sobre problemas de comportamento, o que é condizente com os dados apresentados nas Tabelas X e Y, exceto quanto às dificuldades sociais de Luiza.

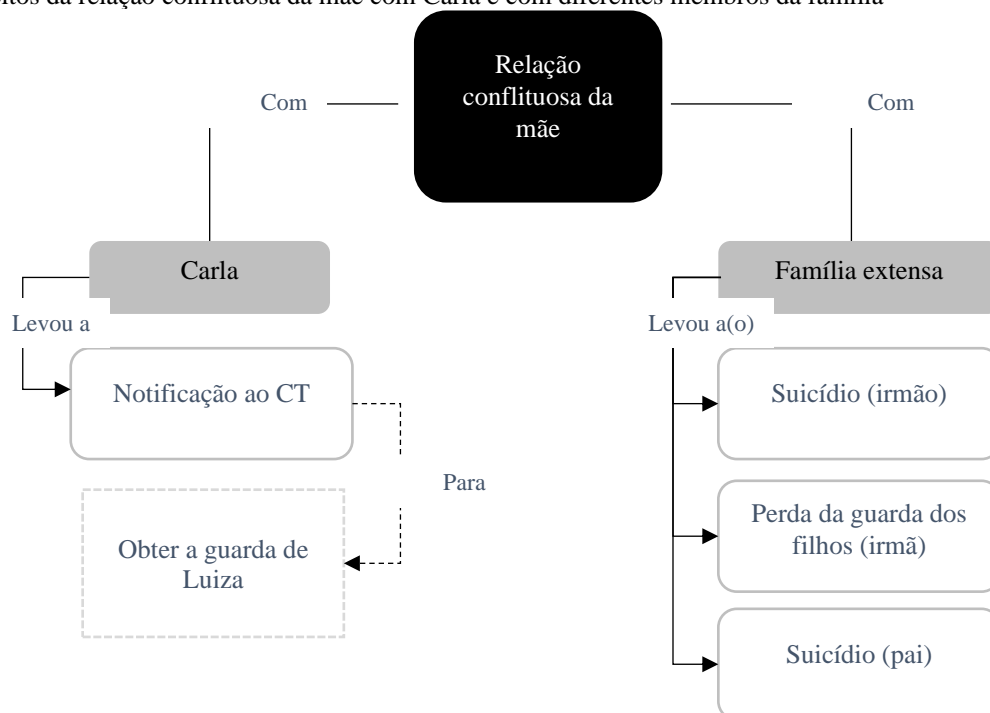
### 7.5 Categorias temáticas

Uma importante categoria temática emerge de sua entrevista: a relação conflituosa com a mãe.

#### 7.5.1 Relação conflituosa com a mãe

A Figura 1 sintetiza as consequências da relação conflituosa da mãe de Carla com ela e diferentes membros da família.

Figura 1 – Efeitos da relação conflituosa da mãe com Carla e com diferentes membros da família



Há um intenso conflito entre Carla e sua mãe em relação à guarda de Luiza. Sua mãe, após ter cuidado da neta por um tempo, por conta das viagens diárias de Carla a Ribeirão Preto

por conta do trabalho, passa a reivindicar a guarda da neta, o que leva a grandes conflitos e, inclusive, é o motivo da notificação de Carla ao Conselho Tutelar:

Não, mas, acho que o Gustavo e a Luiza vai passar pelo psicólogo. Mais é só por... É porque assim, eu tenho que explicar depois o que aconteceu com a Luiza...

Pode falar

É que a Luiza teve um tempo em que eu precisei que minha mãe ficasse com a Luiza. A Luiza, a de seis anos. Acho que ela ficou um ano com a Luiza pra mim, só que assim, eu ia lá em Brodowski, via ela e fiquei grávida do Vítor. Aí depois, eu vim, aluguei, além dessa casa, eu tinha outra casa lá perto do centro, na José Bonifácio, aí aluguei uma casa e fiquei lá com as criança. Aí eu vim e truce a Luiza, aí a minha mãe, que mora em Brodowski, pegou e me levou no fórum. Eu vim, trouxe minha filha, tudo, aí ela falou “não, tudo bem, é tua filha, você pode levar, normal”, aí tudo bem, eu fui lá e, peguei ela. Aí tudo bem, aí eu vim e truce ela aí passou uns três dias, o meu padrasto e ela começou a ligar falando, assim, asneira, essas coisas e eu não dei muita bola não. Aí ela foi no fórum dizendo que eu tinha abandonado a Luiza, que eu tinha abandonado, que ela tinha a roupa da menina tava lá, eu falei “uai, se a senhora tava cuidando dela pra mim, tinha as coisas dela mesmo lá” ixi ela inventou um monte de coisa! Ela falou assim que lá na porta do hotel, onde eu trabalhava, ficava mulher pelada, na porta do hotel. Inventou um escarcel, foi em todos os conselho tutelar, até esses dias ela foi na 13 de maio, só que as pessoas viu que ela quer, tipo, prejudica, não quer ajudar, aí ela tenta jogar o hotel como uma coisa, assim, ruim. Só que aí todo mundo que foi lá viu que não é assim, porque... os outros hotéis têm menina que fica na porta, o nosso é pa hospedage. Ela, as mulher foi lá, viu que não tem essas coisa, fez um relatório, desmentiu o que ela tinha dito.

Só que a Luiza eu ia vim, foi assim que a minha mãe começou a cuidar dela. Que eu ia pra casa todo santo dia, porque eu saía lá de Brodowski eu vinha aqui pra Ribeirão trabalhar lá no hotel mesmo, aí depois eu ia embora. *Depois* quando eu vim pra cá que eu deixei a Luiza lá porque a Luiza também o pai do Gustavo não queria deixar ele, que o pai dele todo final de semana que eu vinha pra cá trabalhar no hotel, de sábado e domingo ele pegava. Sexta sábado ou domingo. Aí ficava com o Gustavo lá. Aí foi assim que eu comecei a deixar a Luiza. Pra ajudar meu irmão também, quando trabalhava lá no hotel, que ele tinha os problema dele lá, as condição dele lá e aí ficá pra ajudar. Aí ela começou a ficar [com a avó materna]. Só que lá no Fórum ela [avó materna] falou que começou a cuidar da Luiza com dois meis, quando ela tinha dois meis de idade. Dois meses! Aí ela [funcionária do Fórum] viu que minha mãe tava mentindo mesmo. Aí ela... Foi assim, foi... A minha mãe foi, fez aquele reboliço, falou, e aí quando ela viu meu relatório da assistente social também que vieram, fizeram o estudo social em casa, ela marcou pra depois de dois dias pra eu ir buscar a Luiza. Marcou a audiência, pronto, vai ficar com a mãe e pronto. Que ela [avó materna] mentiu, “Ah ela tá no hotel! Ela fica puta”, é desse jeito que ela falou. Que a Luiza não conhece ela, isso, aquilo.

Esses conflitos não são recentes, e a utilização dos órgãos de proteção como instrumento na disputa de guarda ocorreram tanto em Ribeirão Preto quanto na cidade vizinha em que mora a mãe de Carla, tendo chegado a instâncias judiciais – em que a juíza optou por dividir a guarda entre Carla e a mãe: 15 dias com uma e 15 dias com a outra.

Ixi eu já fui... Eu fui processada lá em Brodowski, fui no processo, aí ela foi me mandou em outro conselho tutelar, aí eu fui. Acho que foi uns três conselho tutelar e a assistente social também. E ela me denunciou também pro postinho aqui. Falou que

eu não tava levando as crianças no médico, aí eu fui levar as criança. Chegou lá ela falou que a Luiza, ela não pega as outras criança, ela nem olha, ela não... ela quer a Luiza, ela não quer levar os meninos, só a Luiza, e ela falou assim que ela ia fazer eu me arrepender de ter mexido com ela, porque se as coisa não fosse do jeito dela, aí não vai ser do meu também. É desse jeito. Você vê? Aí eu até fiz assim “ah, deixa os outro falar, que deus sabe o que faz” porque, ela fica fazendo essas coisa aí, vai prejudicar ela mesmo, lá pra frente. Então eu tô... onde fô me levar, pra mim fazer as coisa eu vô. Eu desminto tudo que ela fala, então vai ficar feio pra ela. Eu tentei assim, aí eu tentei conversar com a juíza que cuidou do caso, pra ela parar de pegar, só que aí tem que ir atrás do advogado, aí eu deixei pra lá. Que tem que fazer um processo pra ela. Eu falei assim “ah, vou deixar pra lá, eu vou ver até onde ela vai”. Porque ela cuidou da Luiza só que ela não teve gasto, aí ela colocou lá que ela teve que pagar... porque a menina usa óculos, a Luiza. Falava que pagava o óculos, roupa, calçado... Ah ela mentiu, mentiu, mentiu feio. Aí ela mentiu, aí eu fui lá, como tive que ir, e desmenti tudo que ela disse. Aí foi por isso que a juíza “não, ela vai ficar cá mãe dela”, e tal. Que ela falou que eu morava num hotel, com as criança! Lá tinha um monte de garota de programa, ela falou.

Além disso, quando ela foi em Brodowski, ela fez um processo, eu tive que arrumar um advogado lá, tudo, sai daqui lá. Ai a juíza foi e viu que, entregou pra mim a guarda da Luiza, ai de 15 em 15 dias, ela vai pra casa da minha mãe, só que aí, nesses 15 dias que ela vai, ela faz muito a cabeça da Luiza, pra fazer coisa assim, que criança não pode, nem *deve* fazer, ai eu fui atrás, falei “ó Rute, ta acontecendo isso e não sei o que lá, me encaminha um psicólogo, porque através do psicólogo vou breicar minha mãe de pegar ela.” porque ela fez isso com a minha irmã, já levou no fórum e um irmão meu.

Esse comportamento da mãe de utilizar-se de órgãos de proteção para atacar os filhos, em especial em questão a guarda de seus netos, não é recente e foi direcionada a uma irmã de Carla que, por conta das denúncias da mãe (e de uma averiguação dos Conselhos Tutelares, provavelmente) perdeu a guarda dos filhos:

Aí tem a Mariele, minha irmã mais velha, que ela tinha cinco filho. Aí ela precisou de morar com a minha mãe na casa dela, aí ela foi lá no fórum, disse que a minha irmã dava judiano da criança, que a minha irmã tava com depressão. Aí foi lá, fez um escarcel e tiraram, as quatro criança dela. Só que ela [a irmã] ficou com a mais velha. O juiz na época deixou ela ficar com a mais velha. Aí perguntaram “óh, cê, a senhora vai cuidar das criança?” ela falou “Não, não tenho condições”, aí ia botar no orfanato, que eles bota no orfanato né?, aí foi a... acho que o pai da, a avó do pai das criança entrou e pegou a guarda, que ela fez tudo isso e não quis as criança. Fez todo esse escarcel. Agora ela começou a fazer comigo. Porque, ela já chegou aqui, ela vem aqui na porta de casa, ela fala asneira assim, mas eu deixo falar, pra evitar briga. Aí ela já foi lá na porta do hotel fazer escândalo, só que na verdade, apesar de tudo isso que eu passei, eu já passei por outros lugares a pessoa fala assim “Não, ela é sua mãe, ela te deu a vida...” sabe? Fica desse jeito assim, aí eu falo “ai, vai pa tua casa, pra você ver”.

Além das questões referente aos netos, Carla atribui a atitudes da mãe o suicídio tanto do irmão quanto do pai:

O Vinícius [irmão] ela tentou tirar ele da casa onde ela mora hoje, ele mora sozinho. Aí ela foi lá, casou, arrumou outra casa, depois quis a casa. Aí ela foi no fórum. Aí

passou, ele vinha alertando a gente “óh, a mamãe quer tirar ele da casa, vou morar na rua” a gente “não, cê não vai morar na rua não, preciso conversar com ela”, aí quando foi uns quatro dia, ele se enforcou. Dentro da casa onde ela mora.

Meu pai... Meu pai também acho que a gente era, nós era bem pequenininho mesmo... Ela traiu ele com um rapaz que eles trabalhava junto lá, eles trabalhava na lavoura né, aí traiu ele, aí meu pai descobriu, aí teve a discussão, essas coisa de polícia, essas coisa assim, passou um tempo meu pai pegou, acho que foi umas coisa lá, uns três tipo de veneno e tomou. Só que ela vai nos lugar ela fala tudo o contrário. Ela não fala a verdade. As minhas irmã, as mais velha, que presenciou tudo..., ainda bem que elas foi minha testemunha também, ajudou muito...

De modo geral, a mãe de Carla tem uma relação conflituosa com todos os filhos:

Olha total, comigo, era 9. Era 9 irmão. Aí tem... seis irmão comigo, quatro não conversa com a minha mãe. Que ela é desse jeito mesmo. Ela é desse jeito. E... tem, era três home, só sobrou o Raimundo que é o junior, esse que eu tô falando, que é o mais novo. Que o André, o André acho que tinha 22 ano foi assassinado. Ele ficou, ele era bonzinho, cê não via nada nele, coisa mais linda ele. Do nada ele ficou, pirou da cabeça e andava pra rua, ficava três dia pra rua, aí passou acho que foi... não lembro o ano que foi, foi uma véspera de natal pegaram ele, mataram ele. Já ouviu falar de uma casa de repouso lá em Brodowski? Que fala que é o hospital dos louco lá. Foi lá pegaram ele. Aí o Anderson passou um tempo ela fez isso com ele, levou no fórum... aí ele se matou. Pegou uma corda e se enforcou lá.

## 8 Caso 8: Maria

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência presentes quanto aos três filhos de de Maria que residem com ela. A partir dela, é possível perceber não haver ocorrência de nenhum tipo de negligência, quanto a nenhum deles.

Tabela 1 – Níveis de negligência observados

Filhos	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/ Desenvolvimento
Lucas	9	0	0	0	0	0	0
Matheus	5	0	0	0	0	0	0
Sofia	3	0	0	0	0	0	0

### 8.1 Descrição Inicial

Maria (34 anos) é mãe de quatro filhos: Breno (), Lucas (9), Matheus (5) e Sofia (3). Breno é fruto de seu primeiro casamento, e reside atualmente com a avó paterna. Lucas, Matheus e Sofia são frutos de seu atual casamento com Marcos (35).

Maria mantém contato com Breno e este também tem uma relação com os irmãos;

Residem em uma casa cedida pela mãe, de 9 cômodos: três quartos, duas salas, duas cozinhas e dois banheiros, com a qual diz sentir-se muito satisfeita. Quanto ao bairro, relata sentir-se muito insatisfeita e o vê como às vezes perigoso, por conta de brigas que ocorrem à noite. Relata ter acesso aos serviços de que necessita. Na vizinhança, relata poder contar com apoio de sua mãe, que mora na mesma rua.

A renda mensal da família é formada pelo salário de Marcos, de no valor de até um salário mínimo (1.100,00 reais), o equivalente a um máximo de 220,00 reais *per capita*. Recebe o auxílio do Bolsa Família.

Quanto à escolaridade, Maria e Marcos não completaram o ensino fundamental: Maria por ter reprovado a sétima série e Marcos por seu pai não lhe permitir estudar. Lucas cursa atualmente o 4º ano do ensino fundamental, Matheus e Sofia frequentam a creche.

Seu marido, Marcos, consome bebidas alcoólicas em níveis aparentemente altos, tendo inclusive agredido Carla uma vez por conta da bebida. De acordo com ela, entretanto, ele “parou com a pinga”, e o consumo de cerveja é limitado ao dinheiro disponível:

***Alguém da sua família consome álcool?***

O pai dele bebe.

***Com que frequência?***

Olha... De vez em quando. Quando mais sobra dinheiro do pagamento mesmo.

***Ele já chegou a ser internado pelo consumo de álcool?***

Não. Eu queria, mas ele não quis. Por causa de uma briga nossa, eu queria internar ele, mas ele não quis.

***Foi por causa de bebida?***

É, um dia que ele bebeu de mais mesmo. Aí ele relou a mão ne mim, aí eu falei “ou você vai cá polícia, ou você se interna. Ou você vai embora daqui, some das nossas vida”. “Mas eu não quero ficar sem vocês” “Ah não? Então vai ter que ser internado” Aí mesmo assim ele não quis. Aí dei uma chance pra ele. Aí agora ele parou cá pinga, que foi mais é a pinga, não é nem a cerveja. Aí ele parou cá pinga, só tá cá cerveja, graças a deus. Mas eu vou fazer ele parar ca cerveja!

***E desde então teve mais algum problema?***

Graças a deus não.

Seu histórico de violência doméstica não se resume a essa agressão perpetrada pelo marido, tendo ela sido agredida anteriormente pelo ex-marido:

***Alguma vez já sofreu violência por parte do parceiro?***

Já. Por dois.

***Pode me contar um pouco?***

O segundo porque, o primeiro, foi meu segundo ex-marido, achou que eu tinha traído ele, e não tinha. Aí ele me bateu. O pai deles, brigando, envolvida a cerveja e a pinga no meio, acabou brigando aí ele relou a mão em mim, duas vezes, até contei pra assistente social. A primeira porque o Lucas - na época ele era pequenininho, tinha o que, uns... 4 meses mais ou menos – ele tinha intestino preso. Ele foi fazer massagem

e eu não gosto porque dependendo da massagem machuca, aí eu dei um tapa nele e ele me devolveu. Mas fora isso só...

De acordo com ela, foi notificada injustamente sob alegações de que agrediam os filhos e que estavam usando o Bolsa Família para comprar bebidas e cigarro:

O conselho tutelar falou que *a gente* tava batendo neles, principalmente nela, falaram que o pai tinha pegado um pau e chutou ela, pra bater. Ele não faz isso porque é predileta é a única menina filha que nois tem - que eu tenho né, porque ele acha que tem outra, mas contato é só com ela - foi por causa disso.

E falaram também que o auxílio que eu tava pegando, né, era que a gente comprava bebida e o cigarro da gente. Aí eu expliquei lá falando que o cigarro quando não tem, que foi esse saco ele que comprou com o dinheiro do trabalho, que eu fui buscar, ele o dinheiro quando não tinha eu pedia pra minha mãe, minha mãe sempre deu, então com o dinheiro deles [das crianças] eu nunca comprei isso.

Algo relevante referente à notificação é que, aparentemente, há indicadores de que esta pudesse ser baseada em fatos concretos, e após a atuação do Conselho Tutelar, as punições físicas tenham diminuído em intensidade:

assim de bater com a cinta hoje eu não bato mais porque eu peguei um pouco de remorso porque o pai deles bateu no Lucas e acertou ni mim, que eu tirei o Lucas, aí pra não acontecer de novo, nem comigo nem com ele, então eu paro de bater com a cinta. Ele [Marcos] também não bate mais depois que fizeram denúncia, que já tinha feito um mês que ele já não batia mais, ele dá tapa igual eu agora. Ou põe de castigo, ou deixa sem brincar, mas.... com outras coisas agora não.

## 8.2 Apoio social

A Tabela 2 descreve a percepção de apoio social recebido por Maria. A partir dele, é possível ver que, de maneira geral, ela recebe um apoio moderado quanto a questões materiais, emocional/informação e de interação social positiva. Apenas apoio afetivo ela considera receber em em nível alto.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escore	Classificação
Material	8	Moderado
Emocional/Informação	14	Moderado
Afetivo	12	Alto
Interação Social Positiva	13	Moderado

Uma importante fonte de apoio de Maria consiste em sua mãe. É ela quem a auxilia financeiramente, na supervisão das crianças e no cuidado com elas:

**A Sofia também não usa fralda né?**

Não. Ela usou dois fim de semanas atrás porque ela tava com diarreia e a garganta inflamada. Como tava  *muito* mole eu falei não “mãe, assim não dá pra mim levar ela, se não ela vai sujar o carro da Miriam” que é a mulher que a minha mãe chama pra levar a gente pros lugar um pouco longe - mais ela [mãe] do que eu, porque eu prefiro andar - aí minha mãe foi na farmácia e comprou a fralda pra mim levar ela (...)

Aham. E esse é o apelido dela, que eles deu. Vó coruja.

**O que você faz quando você precisa sair e não pode levar as crianças?**

Minha mãe ou eu não vou. (pausa) Sempre assim. Se for uma coisa, tipo, se minha mãe não tiver consulta né, igual teve essa última vez, aí ela fica, aí eu vou. Se eu achar que não é tão importante naquele momento eu fico em casa.

Foi a mãe também quem deu a casa para Marta, com o dinheiro que receberam por conta da morte do irmão da participante (algo que a impactou profundamente e de quem ela sente muita falta):

Aí depois disso que eu fiquei sabendo [que a mãe passou mal] eu falei “não, você vai comprar a casa pra gente? Então eu vou querer escolher”, ela e o marido dela escolheu *várias*  casa, mas não aqui no pedaço. Aliás, tinha uma do lado da casa dela, mas não quis. Falei “não, eu vou escolher”. Deixei ela escolher, ficaram caçando, caçando, caçando, eu falei “não mãe, eu quero aquela ali. Mais perto, não tem que você atravessar, se eu tiver que socorrer você ou seu marido eu vô tá ali, ou quando eu precisar que você socorre a gente e tal”, aí ela pegou e comprou aqui.

Sua mãe também, por vezes a atrapalha na educação dos filhos devido a seu envolvimento muito intenso nas atitudes parentais da filha:

Um pouco mas assim, pra educar sim também [tem dificuldade], porque tem a mãe tem coisa que a gente fala pra eles ela não gosta, tipo, igual ontem eu pedi pro Lucas uma ajuda, pra ele lavar só a louça, exatamente os pratos, os talheres e os copos e as tapoer - só as faca grande que eu não deixo - pra mim deixar a casa arrumada, porque a gente passou semana passada pra cá a gente deixou organizado, só a roupa que eu não consigo colocar porque a cômoda dela tá quebrada, aí eu pedi pra ele dar uma mão pra mim ontem, minha mãe chegou e não fez mais nada. Aí ela, querendo ou não ela interfere, na edu... fora isso.

Mesmo se a gente põe de castigo ela [mãe] não gosta. Que a assistente social falou “não bate” que esse aqui se falar um não pra ele já abre a boca, o Matheus. “Põe de castigo, deixa ele chorando lá”, mas eu tenho medo dele se machucar porque ele fica se debatendo, sabe batendo os braço a mão na cama, eu tenho medo de machucar a cabeça pra falar a verdade, os braço, as perna nem tanto, mais é a cabeça. Aí ela [assistente social] falou assim “não, deixa ele lá, isso ele tá fazendo pra chamar sua atenção, deixa ele lá chorando fecha a porta deixa ele lá chorando”. Eu tento, mas ela [mãe] não deixa. Não é que ela não deixa, ela não gosta, mas ela acaba deixando. Tô dando um contorno aí, vamos ver se vai dar certo.

E quando o Matheus, quando ele te desobedece, o que você faz?  
 Ponho ele dentro do quarto de castigo, deixo lá, eu falo “você vai sair daí só quando eu mandar”, de vez em quando minha mãe tira, aí eu ponho mais um pouco. Hora que ninguém se intrometeu, hora que ele parou de chorar eu tiro, não demora muito não, mas tá bom.

Sua madrasta, atual esposa de seu ex-padrasto, também a auxilia nos cuidados aos filhos quando necessário:

***Como que fazia antes da pandemia pra buscar os dois se eles estudam em escolas diferentes e saem no mesmo horário?***

A vice diretora Gabriele da escola do Lucas eu avisava pra ela que eu ia começar a demorar um pouquinho pra chegar porque eu tinha que buscar o outro, ela entendeu um pouco, mas eu tinha medo de não conseguir chegar a tempo porque eu tenho medo de chamar o conselho tutelar, sempre tive, porque o Michel *quase* foi chamado na época. Aí eu pegava a bicicleta catava o Lucas, o Matheus na escola trazia pra cá e corria na escola do Lucas pra pegar ele. Quando eu não pegava eu pedia pra minha madrasta que aí eu via que não ia dar tempo, ligava pra ela ou minha mãe ligava, ela pegava, eu ia na casa dela e trazia ele, aí eu não quero ficar dependendo da minha madrasta que agora ela vai cuidar do Michel, não, vai ser mais eu.

Apesar disso, seu relato de que tem dificuldade em pedir ajuda e se abrir com as pessoas pode ser um dos motivos de seus níveis apenas moderados quanto às formas de apoio social:

Eu não sou de conversar com ninguém, o que acontece comigo ou deixa de acontecer. Só to conversando com você e ca assistente social. Tem coisa que eu não contei pra ninguém e contei pra vocês duas, mas assim nem pra minha mãe eu não conto. Não conto. A única coisa que a minha mãe sabe é que eu ja tentei me matar, uns anos atrás, antes de vim pra cá, mas o resto ela não sabe, de jeito nenhum.

### 8.3 Vinculação Familiar

A Tabela 3 descreve os níveis de vinculação percebidos por Marta em relação a sua família. A partir dele, é possível notar o bom nível de vinculação e uma dinâmica mais saudável entre proximidade e distanciamento entre os membros da família (dado o nível muito conectado de coesão conectado e o nível baixo nas escalas desequilibradas; desengajada e emaranhada).



Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

		Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas			
	Coesão	60	Conectado
Escalas Desequilibradas			
	Desengajada	40	Baixo
	Emaranhada	36	Baixo
Satisfação familiar			
	Comunicação	32	Baixo
	Satisfação	87	Muito alto

Em seu relato, Maria descreve muitas situações em que realiza atividades em conjunto com os filhos e, apesar de seu modo mais direto e por vezes quase bruto em demonstrar afeto, é possível perceber uma boa qualidade na vinculação familiar:

***Vocês costumam fazer alguma coisa juntos?***

Olha costumava. Quando eu fazia artesanato, pedia pra eles me ajudar, igual no ano passado, no começo do ano eu fiz um brinquedo que a prof pediu do Matheus. Como tem que mexer com estilete tesoura ou faca então eu que faço, aí eu peguei e fiz um negocio de pegar bolinha falta só a parte... A gente, a professora pediu pra cortar essa parte em duas e fazer a bolinha. Aí uma ficava jogando pro outro, ainda fiz o vídeo, mandei pra professora, lembra Matheus? aí eles me ajudaram, mas é pouca coisinha só pra falar que não fez nada né. Mas teve um saquinho de surpresa que eu fiz pra ele do Mickey ele me ajudou. A garrafinha que eu fiz pro Matheus pro Lucas ele me ajudou. Só pra Sofia que não, porque na época ela era muito pequena e mexer com cola não é muito bom pra ela não. *Era*. Não era bom. Mas assim, era mais isso. O tabuleiro de xadrez eles que me ajudou fazer de papelão, com EVA, eles que me ajudou. Assim, nois faz mesmo mesmo agora é ficar no meu celular assistindo séries ou desenhos. Coloca a mesinha no meio de nois tudo e deixa carregando e colocando o que eles gosta, aí nós fica aí.

***Você costuma brincar com eles?***

(pausa) Quando eu não quero fazer nada em casa, nós pega pra brinca, fazer cosquinha, ainda tô tentando imaginar como que eu vou fazer uma amarelinha diferente no chão com giz de lousa. Mas ainda to pensando como fazer. Tem uma outra brincadeira que eu quero fazer também que eu vi no celular, daora. Só preciso achar um tempo. A casa aqui é grande, se eu pego pra fazer tudo sozinha eu vou até a noite. Que eu não paro, igual você, você não gosta de fazer nada de manhã, eu também não, eu pego depois do almoço pra fazer, aí eu levo o dia inteiro. Eu prefiro aí eu (ininteligível). Mas tá difícil também, mas se eu quero fazer na hora nenhuma daquele certo dia, o celular, depois nós sai pra brincar, igual agora eles tão me cobrando pra levar no balão, eu não que por causa do Matheus.

***Por quê?***

Por causa da pandemia, ele tem uma resistência baixa. Por causa dele eu não saio. Então não quero levar no balão. Mas de vez em *quando* assim a gente dá uma voltinha aqui, igual ontem nós foi na rua de baixo, com a minha mãe na casa da muié ali, ela foi na lojinha então a gente já veio pra cá. A brincadeira mais é cosquinha, de assustar um ao outro. Aí a gente brinca de cosquinha, de assustá. Igual ontem a gente ficou assustando, eu e a Sofia ficamo assustando eles. Eles fingiam que assustava né. Mas

onti a gente não brincou muito porque o pai dele, ele fez sabão de soda, então a gente sova lá e eles fica pra cá, com o portão trancado. Aí então, na hora do jantar eu comecei a brincar de assustar, com ela, os dois. Aí quando nenhum que brincá comigo eu fico aqui quieta. Aí fico sozinha.

Nem aparece que eu tenho fio, quando eles não que eu. De vez em quando dexar eu quietinha também vale a pena.

*É... sobre a notificação acho que a gente já conversou sobre isso, né. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?*

Tirando que eu amo eles por mais que eles são arteiros? Não.

#### 8.4 Descrição comportamental dos filhos

As Tabelas 4 e 5 descrevem os problemas de comportamento percebidos por Maria em relação a seus três filhos. A partir dela, é possível perceber altos níveis de problemas de comportamento em todos os filhos e de diferentes tipos: Lucas apresenta um nível clínico de problemas quanto à competência social ( $t = 29$ ); quanto a problemas internalizantes ( $t = 75$ ), especialmente do tipo ansioso/depressivo e retraído/depressivo; problemas de comportamento externalizantes ( $t = 69$ ), especialmente do tipo agressivo ( $t = 73$ ); e problemas de atenção ( $t = 88$ ).

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Lucas

Escala	Itens	Lucas <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	40
	Social	29**
	Escolar	48
	Total	32**
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	78**
	Retraído/Depressivo	79**
	Queixas somáticas	61
	Total	75**
Escala externalizante	Quebra de regras	53
	Comportamento agressivo	73**
	Total	69**
Outros	Problemas Sociais	56
	Problemas de pensamento	64
	Problemas de atenção	88**
Problemas totais	Problemas Totais	73**

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Já os irmãos mais novos, apresentam ambos altos níveis de problemas de comportamento do tipo agressivo ( $t = 79$  para Matheus e  $t = 77$ ) para Sofia; além de altos níveis de problemas de comportamento totais ( $t = 72$  para Matheus e  $t = 69$  para Sofia). Sofia ainda apresenta altos níveis de comportamento internalizante do tipo ansioso/depressivo e ambos possuem níveis moderados de problemas de comportamento internalizantes do tipo emocionalmente reativo ( $t = 67$  para Matheus, e  $t = 69$  para Sofia).

Tabela 5 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Matheus e Sofia

Escalas		Matheus	Sofia
		<i>t</i>	<i>t</i>
Internalizante	Emocionalmente reativo	67*	69*
	Ansioso/Depressivo	69*	70**
	Queixas somáticas	50	50
	Retraído	51	50
	Total	63*	63*
Externalizante	Problemas de atenção	67*	62
	Comportamento agressivo	79**	77**
	Total	76**	73**
Outros problemas	Problemas para dormir	-	-
Problemas totais	Totais	72**	69**

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

Quanto a Lucas, corroborando os dados da Tabela 4, ele é descrito como mais sentimental e fechado, além de apresentar problemas de concentração na escola:

O Matheus ele é do jeito que você tá vendo aí, o dia todo. Se eu não pôr de castigo, se eu não berrar fi o bicho não acalma. O Lucas vamos dizer assim ele é sentimental, ele é igual a mim, ele guarda as coisa, ruim, de bom, ele guarda.

Se concentrar. Ele é muito avoado, fora de si, ele para, fica olhando pra um lugar fica ali e não presta atenção. Eu até achei que era problema de vista porque eu também uso óculos, eu peguei paguei exame pra ele fazer, não é, não tem, o exame dele é perfeito. Falei caralho mas o que esse moleque tem que não presta atenção então, foi onde que eu queria a psicóloga, pra descobrir, porque eu não sei mais o que fazer.

Então eu acho que o Lucas herdou isso de mim, ficar guardando as coisas, ele não é de falar, ele não consegue falar com a gente, comigo mesmo, se ele quer alguma coisa ele não fala, ele manda o *Matheus* falar comigo, você não quer assistir uma televisão? “Vai lá pede pra mãe Matheus”, se ele quer comer alguma coisa pede pro Matheus. Se ele quer desabafar, ele não fala com ninguém, ele cala a boca. Então, eu acho que os dois precisa.

Quanto a Matheus, também corroborando os dados referentes a ele, apresentado na tabela 5, ela descreve diversas instâncias de problemas de comportamento externalizantes, incluindo um episódio em que ele colocou fogo em um sofá, algo que afetou enormemente Maria:

A única coisa que mexeu  *muito* com a minha cabeça foi o Matheus. Aquela parede que cê pode olhar lá, ele jogou fogo no sofá, com a gente tudo dormindo. Aí o vizinho que trabalha aqui na borracharia ficou apertando a campainha - eu achei que era a minha mãe, acordei assustada - hora que eu vim pra cá, vi o fogo no sofá, tirei os dois - que ela [Sofia] dormia no quarto cá gente - tirei os dois do quarto e levei pro meu, liguei o chuveiro, catei o balde e comecei a jogar água. Depois disso eu não durmo direito.

***Faz pouco tempo que isso aconteceu?***

Não, foi ano passado.  *Isso* mexeu um pouco comigo. É onde eu não durmo mais. Aonde que eu acabo dormindo na parte da manhã.

***Entendi. E é até difícil né, se você está com medo de ele tacar fogo nas coisas***

Fiquei. Isso porque ele achou a caixinha de fósforo que tava em cima do aparelho, do lado da televisão. Catou a cadeira e subiu. Isso porque ele falou pra minha mãe, depois que ela ligou pro bombeiro, que ele queria me acordar.  *Sabendo* que podia ir lá no quarto mexer comigo, me cutucar, me bater, gritar pra me chamar... nada, ele preferiu jogar fogo. E ainda se, fechou a porta ainda, hora que eu vi já abri já tirei. O ventilador deles não tá nem pegando, teve que limpar tudo, tudo, tudo. Aí depois minha mãe veio, uma vizinha falou, minha mãe tem diabete, a diabete da minha mãe subiu, ela foi lá pra casa dela, levei os três pra lá, enquanto eu e o paifcou aqui resolvendo tudo. Apagando o fogo, limpando a sala, porque teve que jogar vap aí. Mas fora isso, eu acho que eu não preciso não (risos) [de atendimento psicológico].

Por quê [você acha que tem muita dificuldade com o Matheus]?

Vem a frase na minha cabeça, não consigo falar, pra obedecer,  *pra comer*, aquele ali é um... tenho que brigar, tenho vontade de catar a cinta e bater, não vou negar, é danadinho.

Só não deixa eu dormir se eu quiser. Eles não deixa. Aí eles briga. Eles vê que eu tô com sono, eles começa a briga. A Sofia e o Matheus. Aí eles briga. Eles não qué deixa eu dormi, tenho que passar o dia inteiro acordada.

O Matheus e a a Sofia [são os filhos com quem tem mai dificuldade], filha do céu esses dois...! A gente tipo, o Lucas desde pequeno, desde quando ele entende as coisa ele sempre pegou lixo pra mim, eu varro ele pega, o Matheus o Lucas pede pro Matheus ajudar, não faz. Eu tenho que ficar berrando, eu tenho que ficar berrando pra ele fazer. Peço pra arrumar a cama ele não quer, mesmo eu ensinando não quer, aí... a gente pede pra ele fazer, tomar um banho, é um não na cara, daquele jeito, 'não'  *bem* agressivo... quê mais que cê faz que eu não gosto, que eu falo pra você fazer e você não faz? ah, eu não ia falar, mas eu vou falar: eu pedi pra ele parar de fazer xixi na cama, (risos), eu conto! ele não para. Minha mãe acha que é algum problema que ela disse que do lado da família dela teve uma pessoa que teve esse tipo de problema, mas eu acho que é um pouco de sem vergonhice porque ele não fazia tanto quanto fazia agora. Se eu falo com ele 'não', esguela, parece que a gente tá batendo, eu acho que é um pouco por isso também que teve a denúncia, ele grita chorando ao mesmo tempo, então... ele é o mais difícil que a Sofia.

Aí tirando os 'não' que ela dá na nossa cara, que o Matheus responde também, pra caramba. Falei que uma hora eu vou bater na boca dele pra parar com isso

Com descrições similares, Maria cita diversas situações em que ficam visíveis os problemas de comportamento de Sofia, especialmente quanto as agressões dirigidas aos irmãos. Entretanto, diferente dos irmãos mais velhos, as punições a ela parecem ser mais lenientes, sob a justificativa de que ela é mais nova e é menina:

A Sofia ela a gente pede pra ela parar de bater que essa daí adora bater nele, mordê, o Lucas, que é uma beleza. E ela começa a gritar com a gente, pede pra gente sair. Hora que eu ameço de sair de casa ela quer ir atrás. Falei “agora tbm não quero sair”, mas o Matheus é um pouco mais que ela.

Aqui quem bate nele [Matheus] mais é essa aqui ó, ela já pegou pau pra bater na cabeça dele, pau com prego fez um arranhão na cabeça dele, ela morde, chuta, bate, de qualquer jeito. Se eu não intervir fia, ou o Lucas intervir, esse moleque já tava no hospital por causa dela.

[Uma das crianças começou a chorar muito alto e Maria foi atender, Sofia tinha batido em Matheus] Machucou?

Só ficou vermelho. Se tivesse machucado eu tinha dado um tapa nela, ish... Igual ela fez com o Matheus tadinho, ela chegou a cortar o cabelo dele com a tesoura! Eu tive que raspar a cabeça do coitado. Falei não vou arrastar você porque você é menina, se não eu tinha catado também. Mas que deu vontade deu. E ela ainda cortou o dela assim, na frente. Filha da pu... Só percebi hora que eu fui lavar o cabelo dela, que ela não gosta de lavar.

O Lucas ele sabe algumas coisas e tudo, mas por ele conversar quando a gente pegava eles pra ensinar, o Lucas perdeu um pouco o interesse, eu falo “filho vai pegar um livro, vai pegar um caderno que a mãe comprou pra você fazer lição que eu passei”, ele não pega. Não tanto por causa do moleque, mas um pouco também é por causa dela [Sofia], que ela quer pegar o caderno pra rabiscar pra rasgar, eu falo então espera ela pra dormir que você pega, mas não adianta, não pega, mesmo assim

## 8.5 *Categorias temáticas*

No momento da coleta de dados, Maria parecia bastante isolada socialmente, citando primariamente sua mãe e o marido como fontes de interação. Por duas situações diferentes, ela acabou perdendo duas importantes fontes de apoio social, e a importância aparente desse contexto demandou que este fosse considerado uma categoria temática por si só.

### 8.5.1 *Afastamento de sua rede de apoio social*

A primeira fonte de apoio social da qual Maria se afastou foi sua melhor amiga, que mora na vizinhança e com quem, após uma briga entre ela e o marido, acabou perdendo o contato. Não somente ela, mas o filho também deixou de ter contato com um coleguinha por conta dessa situação:

***E por que eles [marido e a amiga] brigaram?***

Porque eu não gosto de sair, e nesse dia ela tava com dor de dente e ela queria que eu fosse com ela no Savegnago comprar bisteca, aí eu falei “a Vanessa quer que eu vou com ela comprar a bisteca”, e ele já sabia que eu não queria. Ele sabe que quando eu to com dor eu não saio aí que eu não saio mesmo, aí eu falei pra ela “óh, ele não quer que eu vou”, ela foi atrás de mim lá na cozinha do fogão a lenha e começou a falar pra ele “é, você não é dono dela, você é o companheiro, ela tem que sair, falou assim, aí ele simplesmente olhou pra cara dela e falou “se for pra começar a brigar, pode ir embora”, aí foi onde que eu to agora. Ela não traz o filho dela, ela traz o pão que ela passa na padaria, então ela traz pão pra eles, mas trazer o filho dela aqui ela não traz mais. Fica lá na casa da minha madrasta, que é a minha madrasta que cuida agora né.

***Quem é o Michel? É um sobrinho?***

Filho de uma amiga minha, Damares. Seria madrinha do Matheus e da Sofia, mas como ela e meu marido tá brigado eu não sei se vai continuar sendo madrinha, padrinho dele, dela, deles. Você entendeu.

***Ele [Lucas] tem amigos?***

Pra vim aqui não. Não, porque nem o Michel vem aqui mais.

***Por quê?***

Depois que meu marido e ela discutiu, aí ela não ta trazendo ele mais.

Apesar disso, Maria vê vantagens no distanciamento dessa amiga, especialmente relacionado às influências que esta acabava exercendo em suas próprias práticas parentais, tornando-a muitas vezes mais agressiva com os filhos do que seria normalmente:

Num ponto pra mim foi bom porque assim eu não vou precisar batendo demais igual eu batia nos meus fio por culpa dos otro, agora a gente tá mais lidando mesmo deles, com os menino. Mas se eles faz eu posso bater, eu posso por de castigo, mas antes não eu tinha que brigar ou bater. Porque eu já perdi a paciência com o filho dela, pra não descontar minha raiva nela, eu batia neles quando eu eles fazia as coisa errada ou... parecia uma besta fingia que eu não via, aí ficava nisso, mas assim, agora é melhor pra mim. Que agora eu e meus fio se entende de vez em quando, fica mais de boa, [não] tem mais quem ficar gritando na nossa oreia também, assim é melhor.

Outra importante fonte de apoio social de Maria eram seus vizinhos diretos, com quem ela relata anteriormente ter uma boa relação. Entretanto, a desconfiança de Maria de que tenham sido eles os responsáveis pela notificação ao Conselho Tutelar afastou as duas famílias, além de ter criado uma sensação quase paranóica em Maria, que busca descobrir quem foi o responsável pela notificação:

***Você sabe quem denunciou?***

Não sei quem denunciou, mas tenho suspeitas de duas pessoas. Era 3 agora são duas, uma eu descartei. A que eu descartei é os vizinho aqui do lado a Miriam e o Itamar, os que eu suspeito ainda é aqui da frente, porque eles já foram fazer reclamação pra minha prima Renata e a mulher do senhorzinho daqui da borracharia, porque uma vez ela viu a gente cortando a árvore e ela mandou o marido filmar. Só que aí ela não teve

como fazer nada porque o cara que cortou pra gente tem a licença pra fazer isso, quer dizer, *tinha*, porque agora se tornou outra coisa da vida dele. Então por enquanto só to com essas duas suspeitas. Fora isso, nenhuma mais.

***Isso mudou a sua relação com o pessoal do bairro?***

Olha, com o borracheiro a gente voltou a falar mas é porque eu quero descobrir se foi a mulher dele mesmo. O vizinho aqui, a Meire e o Itamar conversa comigo, com o pai deles, adora ela [Sofia?], mas a mulher dele não fala mais com a gente, nem comigo, nem com meu marido, nem com minha mãe. A Miriam mesmo virou a cara pra gente, só porque a gente desconfiou dela. E eu gostava, gosto dela pra caramba porque eu faço crochê, quando eles deixam [as crianças], e ela que tava me dando uma força, eeu acabava de fazer eu mostrava pra ela, falava que tava bom, se os ponto tava ou não tava perfeito, então, por um lado me dava uma força sobre isso, e eu sinto também falta de falar com ela, sentar na calçada e ficar ali de noite com ela, meu esposo, mas vou esperar a vontade de deus.

***Vocês chegaram a conversar?***

Ela nem quis, eu tentei, sabe? Porque eu cheguei a escutar o marido dela falar que ia fazer denúncia, depois disso passou uns dias, o conselho tutelar baixou aqui em casa. Eu falei então deve ser eles, aí o meu marido ele não é igual a mim, ele já é de jogar praga, sabe? Então ele começou falar, ele alterou aqui, começou a falar pra escutar mesmo, “quem fez a denúncia vai acontecer um acidente de carro ou de moto” e depois ele foi falar com a minha mãe, o Itamar “ah então eu vou sofrer um acidente não sei o que?”, aí eu falei “mãe se ele falou isso é porque foi ele”, aí depois disso eles não conversa com a minha mãe também. Vou esperar a vontade deles, uma hora eu vou saber quem foi.

***Eu espero que você consiga reatar a amizade, ela parecia importante pra você...***

Ela era, não vou negar não. Quando a gente mudou foi ela e o esposo que cedeu a energia porque aqui não tinha, porque roubaram os fios tudo daqui, por causa da geladeira, por causa das criança, a gente precisou foi deles, eles apoiou a gente na época e tudo. Eu gosto dela pra caramba... vou esperar. A hora que ela resolver falar, hora que ela tiver bêbada aí ela fala comigo.

## 9 Caso 9: Marta

A Tabela 1 descreve os níveis de negligência em relação a seu filho Joaquim. A partir dela, é possível perceber um nível baixo, mas presente de negligência em relação à supervisão (25), alimentação (20) e saúde mental (20).

Tabela 1 – Níveis de negligência percebidos

	Idade	Nível de negligência					
		Supervisão	Alimentação	Higiene	Saúde Física	Saúde Mental	Educação/ Desenvolvimento
Joaquim	9	25	20	0	0	20	0

### 9.1 Descrição Inicial

Marta (41 anos) é mãe de um filho, Joaquim (9), de um relacionamento prévio com quem permaneceu até Joaquim completar 4 anos de idade. Joaquim tem contato próximo com o pai e há grandes conflitos de Marta com ele.

Residem na casa de sua mãe, Neide (79), para onde se mudaram quando esta teve um AVC e passou a necessitar de cuidados. A casa contém 7 cômodos: três quartos, uma sala, uma cozinha e dois banheiros, com a qual diz sentir-se satisfeita. Quanto ao bairro, relata sentir-se muito satisfeita e o vê como seguro. Relata ter acesso aos serviços de que necessita. Na vizinhança, relata poder contar com o apoio dos vizinhos que, de acordo com ela, “são muito bons”.

A renda mensal da família é formada pelo salário de Marta como assistente de logística hospitalar e o salário de pensionista de sua mãe, Neide, de um salário mínimo. A renda familiar, no valor entre três e quatro salários mínimos (3.300,00 e 4.400,00 reais), o equivalente a um máximo de 1.466,66 reais *per capita*. Recebe pensão alimentícia do pai de Joaquim.

Quanto à escolaridade, Marta completou o ensino médio e técnico. Joaquim cursa atualmente o 5º ano do ensino fundamental, sua mãe, Neide, estudou até a 5ª série.

De acordo com ela, foi notificada injustamente sob alegações de maus tratos, pelo pai de Joaquim que quer sua guarda:

***Você sabe porque você foi notificada?***

Ah porque lá tava alegando que meu filho é tem maus tratos! É. Mas é uma denúncia infundada, até a moça lá, os moço do Conselho Tutelar disse que ia averiguar a denúncia porque não condizem né, eles ligaram na escola... Se tivesse maus tratos aqui dentro de casa a escola saberia até, aí eles que não condizem a denúncia, eles disse que ia investigar né.

Ai pra mim eu tenho certeza que é o pai dele, o pai do Joaquim. Não tem outra pessoa, porque vizinho não ia denunciar não. Porque sempre, ele sempre deixou bem claro que ele queria que o Joaquim morasse com ele. O sonho dele. É a meta de vida dele. Ele fala. Quando a gente conversava, discutia, ele falava a meta de vida minha é o Joaquim morar comigo. Eu falei ué tenta então né. Vai saber, não sei. Não posso afirmar, mas não tem outra pessoa pra pensar. Entendeu?

### 9.2 Apoio Social

A Tabela 2 descreve os níveis de apoio social percebidos por Marta. A partir dele, é possível perceber que, de um modo geral, há um déficit no apoio social recebido por Marta, especialmente em relação a apoio afetivo (baixo). Os níveis de apoio material e de interação



positiva, em nível moderado, também indicam a necessidade de um aumento na oferta desses tipos de apoio social.

Tabela 2 – Níveis de apoio social percebidos

	Escores	Classificação
Material	7	Médio
Emocional/Informação	29	Alto
Afetivo	3	Baixo
Interação Social Positiva	12	Médio

De fato, de acordo com seus relatos, Marta parece bastante sobrecarregada quanto a sua rotina e não parece contar com apoio por exemplo para os cuidados ao filho. Inclusive, é por indisponibilidade dela, e aparentemente falta de apoio nesse sentido, que Joaquim não consegue fazer as aulas de futebol que gostaria:

É, eu acordava 4h da manhã, pegava um ônibus aqui 5h da manhã, Quintino II, descia ali na avenida Brasil, pegava a van que eu entrava 6h, de bater o ponto 6h. Depois saí da Santa Helena, daí minha mãe ficou doente eu fiquei um bom tempo sem trabalhar, aí em 2019 eu entrei no hospital, é, em maio, aí em julho eu fiquei doente, fiquei 3 meses afastada, eu tive que retirar o meu rim né, deu problema de saúde, aí em outubro eu arrumei outro serviço. Eu tava em dois serviço, aí eu entrava 3h da manhã num serviço, lá na DHL que é ali perto do atacadão, saía de lá 12h, e entrava no hospital 13h. Aí saía do hospital 7h, chegava aqui mais de 8h e pouco, mais de 9h. É!, fiquei nessa vida quase um ano, aí saí. Aí começou as denúncia né, aí eu tive que ficar só num serviço. Tava alegando que eu tava deixando minha mãe sozinha, o Joaquim sozinho, maus tratos, aí eu falei ai melhor sair de um serviço pra não ter mais problema.

***E eles estavam ficando sozinhos?***

Um período ficaram sim, que eu fiquei sem cuidadora né. Mas deixava tudo as coisa pronta, tudo. Mas né? Ajudar ninguém te ajuda né, mas te atrapalhar tem um monte.

Ah ele ficava aqui assistindo televisão, às vezes mexendo no celular. Quando dava assim, quando trabalhava na Santa Helena, logo que eu saí levava ele na escolinha de futebol, aí depois que eu arrumei o serviço no hospital não teve mais como levar, isso ele me cobra bastante. Pra tá indo no futebol, mas meu horário não bate pra levar. Agora vamo ver ano que vem como vai ser, porque ele sente falta de praticar esporte, né, ele gosta. Lá [na escola particular] tem, mas não tem assim que nem negócio de jogar bola, e os horário meu não dava, porque eu saía sete horas do hospital não dava pra levar e o pai dele nunca pode, o pai dele diz que viaja né, nunca pode fazer nada, então pra você pagar um pessoa pra levar no futebol aí fica complicado, então ele tá sem atividade física, mas vamos ver no ano que vem. Ou depois no segundo semestre, ver se essas coisa melhora.

### 9.3 Vinculação familiar

A Tabela 3 a seguir descreve os níveis de coesão percebidos por Marta em relação à sua família. A partir dele, é possível perceber níveis moderados (conectado) de coesão saudável, e baixos e muito baixos nas escalas desequilibradas.

Tabela 3 – Níveis de coesão familiar percebidos

	Percentil	Classificação
Escalas Equilibradas		
Coesão	67	Conectado
Escalas Desequilibradas		
Desengajada	20	Muito baixo
Emaranhada	30	Baixo

A partir de seu relato, é possível perceber que ela não parece muito atenta às necessidades emocionais de Joaquim, mas realizam algumas atividades em conjunto:

***Vocês costumam fazer coisas juntos? Você e ele?***

Não... De vez em quando anda de bicicleta, eu ando um pouco na bicicleta, ele anda de bicicleta, até preciso comprar uma bicicleta pra mim. Mas assim. Jogo bola com ele lá fora um pouco.

***O que você faz quando ele fica triste?***

Ele é tão danado, gostava do molequinho [ininteligível~]Honestamente eu nunca observei isso, quando o Joaquim fica triste, né. Assim, não sei te falar. Não sou muito de, assim, eu observo né, é que o Joaquim é bastante carinhoso, tudo. Mas dele, alguma coisa que ele fica triste eu não sei te falar, eu não percebi.

### 9.4 Descrição Comportamental

A Tabela 4 a seguir descre os problemas de comportamento observados por Marta em relação a Joaquim. A partir dele, é possível perceber maiores dificuldades de Joaquim quanto à competência, especialmente a social e a relacionada à realização de atividades (todas a níveis clínicos). Além disso, ela observa no filho níveis quase clínicos de problemas internalizantes, especialmente do tipo retraído/depressivo.

Tabela 4 – Níveis de problemas de comportamento percebidos: Joaquim

Escalas	Itens	Joaquim <i>t</i>
Escala de Competência	Atividades	27**
	Social	25**
	Escolar	53
	Total	24**
Escala internalizante	Ansioso/Depressivo	59
	Retraído/Depressivo	68*
	Queixas somáticas	53
	Total	63*
Escala externalizante	Quebra de regras	51
	Comportamento agressivo	53
	Total	51
Outros	Problemas Sociais	50
	Problemas de pensamento	50
	Problemas de atenção	50
Problemas totais	Problemas Totais	51

\*Nível quase clínico \*\*Nível clínico

De acordo com seus relatos, Joaquim é uma criança mais tímida e fechada, e não gosta de ficar sozinho:

***Você acha que você tem alguma dificuldade com ele, pra ele te obedecer ou...?***

Ai ele é bem genioso. Ixi, nossa senhora. Bota genioso nisso. Puxou um pouco a mim nisso, porque eu também sou da pá virada. Puxou um pouco, olha! (risos)

Ele é bem fechado, ele não é uma criança assim, ele é bem fechado né.

Ele não fica nem em casa sozinho! Se eu falo assim Joaquim, eu vou ali no mercado, cê fica aqui sozinho? Não fica, não fica. Tem que levar.

***O que ele gosta de fazer quando ele tá em casa?***

Ai fica batendo bola aqui na, até quebrou o vidro já aqui. (risos) O vidro daqui, o vidro de lá, jogando bola. Bicicleta, né, quando eu to em casa eu deixo ele andar de bicicleta um pouco na rua, que eu fico lá na calçada, porque sozinho ele não vai.

### 9.5 Temas

Uma importante categoria temática que emerge ao longo dos relatos de Marta se referem a seu relacionamento conflituoso com o pai de Joaquim e a aparente disputa emocional quanto a atenção do filho. Inclusive, Joaquim parece muitas vezes colocado no meio dessa disputa, o que lhe gera sentimentos negativos:

Pro pai dele o Joaquim tem que gostar mais dele do que de mim. Aí o Joaquim fala eu gosto dos dois, mas eu não tenho ciúme não, porque o Joaquim sabe o que que eu faço por ele, então não tem que ter ciúmes. Eu falo pro Joaquim, se um dia o Joaquim falar “mãe, eu quero ir morar com meu pai” eu falo “vai fio, pega suas coisa e vai” porque eu não vou ficar segurando não. Deixar a criança aqui obrigado? Magina! Tem que ficar porque gosta né. Se quiser um dia aí... Eu falo quando a gente, quando eu brigo com ele eu falo “cê quer morar com seu pai? eu pego suas coisa, já ligo pra ele pra ver se ele vai. Vai nada! Se acha que ele não vê a diferença do pai e da mãe? O jeito que ele vive aqui, o jeito que ele vive lá? É bobo nada. Vai achando que quer. Quer nada! Eu falei vai achando que a mulher do seu pai vai cuidar de você! Nem da filha dela ela cuida, vai cuidar de você? Vai achando. Aí ele arregala uns zoião.

É porque minha prima tem um irmão por parte de pai, é... parte de pai, é porque minha tia casou com outro. E o irmão dela faleceu, teve um infarto, e ele chama Rui. Aí ele tava contando pra minha mãe, mãe o irmão da Rô faleceu, o Rui. E o zoião dele, eu falei, achou que, falei, Joaquim [como] se fosse seu pai, calma seu pai ainda vai viver muito.

**Coitado.**

É.

**Ficou preocupado né?**

É, ficou preocupado. Acho que mais do pai do que da mãe.

**Ele tem uma boa relação com a filha da madrasta?**

A filha da madrasta não mora lá com ela, mora com o pai. Aí o pai pega o Joaquim de 15 em 15 dias e a mãe pega a filha de 15 em 15 dias. Por isso que eles dão certo. São pai e mãe de 15 em 15 dias né. Porque o difícil mesmo nenhum dos dois tem a responsabilidade. Entendeu?

Ah, às vezes quando eu to conversando com a minha mãe a gente fala do pai dele ele não gosta. Defende o pai dele. Defende o pai dele mais do que eu. Isso é porque mora comigo né. Às vezes eu falo “ah então quer morar com seu pai, vai”, ele “Não, eu quero morar não. Eu não gosto que fala do meu pai” Ele defende. Às vezes ele fica né quando ouve alguém falando...

Aí whatsapp ele conversa com os amiguinho da escola, que eles tem um grupo né, dos amigo da escola, e o pai dele. Enchendo o saco quando tem que encher. Aí quando ele me enche o saco eu bloqueio ele de todos os números.

**Então o pai dele fala com você através dele?**

Não, o pai dele não conversa comigo, é só com o filho dele. Entendeu? A gente não conversa. Quando tem que fazer as coisa ele fala diretamente com o Joaquim.

**Entendi.**

Entendeu? Que nem ele perguntou pro Joaquim, que ia levar o Joaquim no dentista, que quando ele tem que levar o Joaquim no dentista ou quando ele leva no convênio dele, se eu tiver que levar o Joaquim eu levo no meu convênio.

Ah sempre tem né por ser pai separado né, entendeu? então sempre tem, mas... tem que fazer o meu máximo né. Porque ele vai pra casa do pai de 15 em 15 dias, o pai pega de sábado entrega de domingo, às vezes a criança fica meia rebelde né, porque acha por estar lá dois dias acha que é mil maravilhas né, mas no dia a dia, eu que sei quando a criança tá, quando ele tá difícil, eu que sei. Mas é uma pessoa que você não pode contar, o pai, entendeu?

a gente não, não casou não, nem moramo junto. É muita coisa que a gente... Ele não concorda ele acha que a gente... Então é melhor e também agora ele mora com outra pessoa, então ele achou melhor bloquear. Porque ele tinha meu whatsapp, a gente conversava em relação ao Joaquim, aí ele foi morar com a outra moça, ele achou que ele deveria bloquear, então o que ele tinha que conversar com o Joaquim então ele conversa, o que ele tiver que conversar comigo, se eu achar que eu devo falar eu devo aceitar eu falo, eu aceito, se não tem que ser do meu jeito porque eu que cuido do

Joaquim, eu que crio o Joaquim, então tem que ser do meu jeito. Então a gente conversa quase nada. Que tinha que resolver ele resolve com o filho dele.